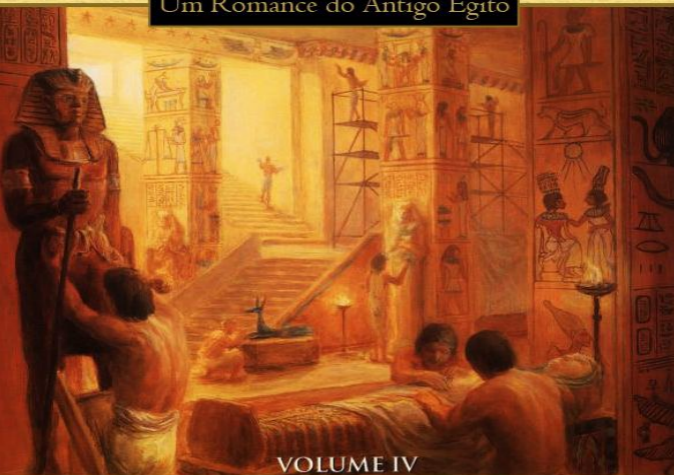


— A —
PEDRA DA LUZ
O Lugar da Verdade

Um Romance do Antigo Egito



VOLUME IV

CHRISTIAN JACQ

Christian Jacq

PEDRA DA LUZ
O Lugar da Verdade

Tradução de Maria do Carmo Abreu

B
BERTRAND BRASIL

O Lugar da Verdade está de luto... O mestre-de-obras Néfer, o Silencioso foi selvaticamente assassinado e uma sombra maléfica paira todas as noites sobre a aldeia, provocando o terror na confraria.

Em Pi-Ramsés, a atmosfera não é melhor: a Rainha Tausert faz o que pode para manter a paz, mas o seu poder é contestado pela casta militar que deseja à frente do Egito um homem forte.

A bela Tausert precisa de ajuda e vai procurar Paneb. Uma terna amizade nasce entre eles, mas pode realmente um simples mortal aproximar-se de uma divindade?

Paneb sente-se muito só, embora a sua autoridade seja finalmente reconhecida pelo Lugar de Verdade. Tem de velar por Clara, a Mulher Sábia, cuja vida é ameaçada, fazer constantemente frente aos ataques do traidor, procurando cada dia uma inspiração nova para criar as obras-primas das Moradas de Eternidade dos Faraós... Mas o desaparecimento de Néfer, seu pai espiritual, mergulha-o em tal tristeza que o desencorajamento começa a dominá-lo, assim como a conduta irresponsável do seu filho Aperti, que se vê forçado a expulsar do Lugar de Verdade.

E se Paneb, o Ardente renunciar, quem será capaz de salvaguardar a existência do Lugar de Verdade e a grandeza e força imortal do Egito? Quem irá acabar por julgar os temíveis Mehi e Serketa, e quem irá descobrir o traidor infiltrado na confraria que tanto mal causou ao longo dos anos?

Que esta história seja dedicada a todos os artesãos do Lugar de Verdade que foram depositários dos segredos da Morada do Ouro e conseguiram transmiti-los nas suas obras.

O Lugar de Verdade, a aldeia secreta dos artesãos encarregados de escavar e decorar os túmulos do Vale dos Reis, estava mergulhado em angústia. Desde o assassinato do mestre-de-obras Néfer o Silencioso, homens, mulheres, crianças e até mesmo animais domésticos como o cão Trigueiro ou Besta Terrível, a gansa de guarda, receavam o pôr do Sol.

Logo que este mergulhava na montanha para iniciar a sua viagem noturna ao coração do mundo subterrâneo, todos os aldeões se fechavam nas suas pequenas casas brancas. Em breve, uma sombra maléfica saíria do sepulcro de Néfer em busca de uma presa.

Uma adolescente escapara-lhe no último momento, mas ninguém ousava importunar Clara, a Mulher Sábia, encerrada no seu luto e desespero na sequência do desaparecimento do marido. Ela e Néfer tinham sido iniciados juntos nos mistérios de “o Grande e Nobre Túmulo dos Milhões de Anos a Ocidente de Tebas”, segundo a designação oficial da confraria, e tinham-se tornado o pai e a mãe da pequena comunidade que agrupava uma trintena de artesãos, -os que tinham ouvido o apelo-, e os seus familiares.

— Isto não pode continuar! - exclamou Paneb o Ardente, um colosso de olhos negros cuja cólera fez estacar Uabet a Pura, a sua linda e frágil esposa. - Escondemo-nos como ratos e já não temos qualquer alegria de viver!

— Esse espectro talvez acabe por se ir embora - avançou Uabet, depois de se certificar que Selena, a filhinha de dois anos, dormia serenamente na sua cama.

O seu insuportável filho de quinze anos, Aperti, desenhava caricaturas num pedaço de calcário para tentar esquecer o medo.

— Só a Mulher Sábia poderia acalmar a alma do seu esposo defunto - considerou Paneb - mas ela já não tem força para isso... E vão acabar por acusar-me outra vez, vais ver!

Filho adoptivo de Néfer o Silencioso e de Clara, a Mulher Sábia, dois seres que ele venerava, Paneb fora escolhido como “chefe da tripulação da direita” no barco simbólico que permitia à confraria dos Servidores do Lugar de Verdade vogar para o conhecimento e a realização da Grande Obra. E o pior dos seres, um traidor e um assassino oculto no próprio seio da comunidade, tentara fazer passar Paneb por assassino do seu pai espiritual. Ilibado pela Mulher Sábia em pessoa, o colosso sentia no entanto olhares desconfiados pesarem sobre ele.

— Tenho que ser eu a resolver este caso - decidi.

Tão minúscula quanto o marido era forte, Uabet a Pura lançou-se nos seus braços.

— Não corras esse risco - suplicou. - A sombra de Néfer é particularmente perigosa!

— Porque hei-de receá-la? Um pai não ataca o filho.

— Não passa de um fantasma ávido de vingança... Introdz-se nos corpos por qualquer canal e impede o sangue de circular.

Ninguém, nem mesmo tu, é capaz de o vencer!

Aos quarenta e um anos, nunca Paneb fora tão forte e até agora nunca encontrara adversário à sua altura.

— Recuso comportar-me como um prisioneiro na minha própria aldeia! Devemos continuar a circular livremente, tanto de noite como de dia.

— Tens dois filhos, Paneb, e uma bela casa de chefe de equipa!

Não traves um combate perdido de antemão.

O colosso tomou a esposa pela mão e conduziu-a ao segundo compartimento da sua casa, que Uabet soubera tornar graciosa, espiando incessantemente o mínimo grão de poeira.

— Contempla esta estela que eu próprio esculpi e que encastrei nesta parede. Representa o espírito eficaz e luminoso de Néfer, a sua alma imortal que viaja na barca do Sol e espalha sobre nós as suas bênçãos. O mestre-de-obras fez viver esta confraria, não pode provocar-lhe a morte.

— Mas esse espectro...

— O nome secreto do meu pai é Néfer-hotep. Hotep significa o poente, a paz, a plenitude... Se esta sombra se manifesta, é porque um dos seus rituais funerários não foi correctamente realizado. Estávamos todos tão transtornados pelo seu assassinato que devemos ter cometido um erro grave. E a alma de Néfer manifesta-se assim para reclamar a paz à qual aspira.

— E se se tratar apenas de um espectro ávido de sangue?

— Impossível.

Paneb verificou que trazia consigo os dois amuletos indispensáveis para se lançar numa aventura tão perigosa: um olho e um escaravelho. O olho em esteatite era um presente de Ched o Salvador, o mestre que lhe revelara os segredos do desenho e da pintura. Esse precioso talismã tinha sido animado pela força celeste e pela Mulher Sábia; graças a ele, o olhar de Ardente discernia os aspectos da realidade que escapavam aos outros homens. Quanto ao escaravelho, talhado na Pedra de Luz, o principal tesouro do Lugar de Verdade, incarnava o coração justo, o órgão de percepção do invisível e das leis eternas da harmonia.

— O meu nome está bem visível?

Uabet verificou se as palavras “Paneb o Ardente” escritas a tinta vermelha no ombro direito do colosso, estavam correctamente traçadas.

— Uma última vez - implorou ela - suplico-te que renunciés.

— Quero provar definitivamente a minha inocência e a de Néfer.

Levantara-se um vento estranho, que penetrava nas casas, embora estas estivessem bem calafetadas, e a sua voz lúgubre parecia proferir ameaças. Assustado, Aperti tentou esconder-se num cesto de roupa, mas a sua compulsão, que fazia dele o mais forte dos adolescentes da aldeia, não lhe permitiu dissimular senão o busto.

Paneb agarrou-o pelas ancas e colocou-o brutalmente de pé.

— És grotesco, Aperti! Segue o exemplo da tua irmã, que dorme tranquilamente.

Foi o momento escolhido por Selena para rebentar em soluços. A mãe acalmou-a, embalando-a.

— Eu volto - prometeu Paneb.

A noite de lua nova estava escura e o Lugar de Verdade silencioso. Bem protegida atrás de altos muros, a aldeia parecia adormecida. Mas ao passar pela artéria principal, com orientação norte-sul. Paneb ouviu farrapos de conversas, murmúrios e queixumes.

Situada a quinhentos metros dos limites das cheias mais fortes, a pequena aglomeração ocupava todo o espaço de um vale desértico, um antigo leito de torrente ladeado por colinas que //bairavam a vista.

Isolado do vale do Nilo, a igual distância do Templo dos Milhões de Anos de Ramsés o Grande e da colina de Djeme onde repousavam os deuses primordiais, o Lugar de Verdade vivia à margem do mundo profano; dispunha do seu próprio templo, de capelas, oratórios, oficinas, cisternas, silos, uma escola e duas necrópoles onde eram enterrados os artesãos e os seus próximos.

Paneb imobilizou-se.

Julgara ver alguém esgueirar-se numa ruela secundária.

Insensível ao medo, observou as Moradas de Eternidade da necrópole do oeste, a maior parte delas encimadas por pequenas pirâmides pontiagudas em calcário branco. Quando Ré estava visível no céu, cintilavam com uma luz por vezes ofuscante.

Estelas de cores vivas, jardinzinhos plantados com flores e arbustos, capelas acolhedoras com fachadas brancas, retiravam qualquer carácter funerário ao lugar sereno no qual os antepassados da confraria velavam pelos seus sucessores.

Mas naquela noite, no carreiro que levava ao túmulo de Néfer o Silencioso, Paneb detectou uma presença hostil.

E se se tratasse apenas do traidor que imitasse os fantasmas para mais facilmente o atrair a uma cilada e o suprimir? O colosso alegrou-se com esta ideia: que prazer teria em esmagar o crânio do perjuro!

A última morada de Néfer o Silencioso era tão vasta como esplêndida. Diante da entrada da capela acessível aos vivos, Clara plantara uma persea que crescia com extraordinária rapidez, como se a árvore tivesse pressa de estender a sua sombra benéfica sobre o pátio a céu aberto onde viriam fazer banquetes em honra do defunto.

Paneb franqueou o pilone semelhante ao de um templo e imobilizou-se de novo, no meio daquele pátio. A presença hostil afirmava-se e aproximava-se. Mas de onde surgiria o espectro a não ser da fenda deixada na parede da capela para dar à estátua viva de Néfer a possibilidade de olhar o mundo terrestre?

O colosso aproximou-se em passo comedido, como se descobrisse um lugar que, no entanto, conhecia melhor do que qualquer outro, visto que ele próprio decorara totalmente a Morada de Eternidade do seu pai espiritual.

Se se tivesse precipitado, como era seu hábito, Paneb não teria visto a sombra vermelha brotar do poço funerário, apesar deste estar tapado com pedras. O espectro tentou estrangular o Ardente, que se libertou no último momento e lhe bateu na face.

Mas o seu punho perdeu-se no vácuo.

Ondulando como uma serpente, a sombra vermelha procurava ângulo de ataque. Paneb correu até à capela onde uma tocha se consumia lentamente. Avivou-a e avançou a direito sobre o seu inimigo.

— Aposto que não deves gostar da luz!

O rosto da sombra vermelha não era o de Néfer. Fazia constantes esgares, como se estivesse dominado por atroztes sofrimentos. Mal o fogo o roçou, o espectro desapareceu no poço.

— Não vais esconder-te aí dentro, meu malandro!

O colosso tirou duas lajes entre as quais entalou a tocha e começou a esvaziar o poço pedra por pedra, decidido a atingir o esconderijo da sombra maléfica.

Depois de ter assumido a função simbólica de Ísis a viúva durante a celebração dos mistérios, Clara, a Mulher Sábia do Lugar de Verdade, vivia na sua própria carne essa terrível provação. Néfer o Silencioso tinha sido o seu único amor e assim permaneceria.

Desde a sua morte, Clara deixara de ter vontade de viver. Receando o pior, Trigueiro não a abandonava um instante. Vigilante como nunca, o cão negro de cabeça alongada e pêlo curto dormia com um só olho. Com o olhar, observava constantemente a dona e participava no seu luto, não reclamando brincadeiras nem passeios.

Clara realizava um mínimo de tarefas para manter a casa onde conhecera uma felicidade intensa e quotidiana em companhia de Néfer. O magnífico mobiliário era um presente dos artesãos, que assim tinham honrado o seu mestre-de-obras cuja autoridade natural, a firmeza de carácter e as excepcionais competências sempre os tinham conduzido ao sucesso.

Aos quarenta e oito anos, Clara era uma mulher encantadora, de corpo esguio e ágil, traços puros e cabeleira sedosa com reflexos louros. Emanava-lhe do rosto uma luz doce e tranquilizadora, a voz era melodiosa e os olhos azuis um deslumbramento. Os aldeões veneravam-na, tanto mais que a todos tratara, um dia ou outro, com exemplar dedicação.

Mas a Mulher Sábia já não tinha força para desempenhar a sua função. A ausência de Néfer absorvia a sua própria vida e ela deixava-se deslizar para a morte com o desejo de se lhe juntar.

O quarto era iluminado apenas por uma única lâmpada, uma obra-prima esculpida pelo carpinteiro da confraria, Didia o Generoso.-sobre uma pequena coluna em forma de papiro, fixa a uma base em calcário, estava colocado um recipiente em bronze contendo óleo que alimentava uma mecha de linho que não produzia fumo, como as utilizadas nos túmulos.

Era a última luz a que Clara se prendia, durante as suas noites sem sono; na doçura da chama julgava detectar, por vezes, o rosto do marido, mas a ilusão rapidamente se dissipava, mergulhando-a ainda mais no desespero.

Trigueiro poisou a pata no braço da Mulher Sábia, como se adivinhasse a sua terrível decisão. Clara não iria mais longe, não sofreria durante mais tempo aquela prostração; afogando-se no Além, poria finalmente termo ao seu suplicio.

O contacto da pata do cão e a ternura que leu nos seus olhos cor de avelã provocaram uma espécie de milagre: Néfer apareceu na luz e falou-lhe.

“Se eu fracassasse ou desaparecesse, disse, não deixes apagar a chama do Lugar de Verdade. Em nome do nosso amor, Clara, promete continuar.”

O mestre-de-obras pronunciava estas palavras quando estava vivo, mas ela esqueceras-as. E Néfer regressava do Além para lhe lembrar o seu dever e a sua função, sem lhe deixar a possibilidade de chorar sobre si própria.

Ressoaram na sua cabeça pancadas violentas.

Inquieto, Trigueiro correu a ladrar para a porta da casa.

Alguém batia.

— Abre, Clara! Abre, peço-te!

A viúva reconheceu a voz de Uabet a Pura. Trigueiro parou de ladrar e Clara abriu.

— Vem, é grave!

— Explica-te, Uabet.

— Paneb foi ao túmulo de Néfer... Se se obstinar em combater o espectro, morrerá. Só tu o podes convencer a desistir.

Clara esboçou um pobre suspiro.

— Achas que ainda posso ajudar alguém?

— Paneb só a ti dará ouvidos... E não quero perdê-lo!

— Espera.

A viúva do mestre-de-obras retirou-se para o seu quarto onde abriu um cofre de jóias decorado com placas de marfim. Pela primeira vez desde a morte do marido, adornou-se com um colar, brincos e pulseiras antes de se contemplar num espelho de cobre cujo cabo tinha a forma de uma haste de papiro, símbolo do desabrochamento e da força vital.

Descobriu nele o rosto de uma mulher esgotada pela dor que teve de maquilhar com cuidado para lhe devolver uma aparência de vigor e juventude.

A transformação foi tão perfeita que maravilhou Uabet a Pura.

— Nunca foste tão bela! Vem depressa...

Precedidas por Trigueiro e seguidas por Besta Terrível, as duas mulheres subiram até ao túmulo de Néfer no Silencioso. O Oriente avermelhava-se; a brisa fez estremecer Uabet, que acelerou o passo.

Depois de várias horas de esforços ininterruptos, Paneb conseguira esvaziar o poço funerário. Infatigável, acabava de alcançar a porta em madeira da câmara de ressurreição de Néfer o Silencioso, selada por um selo de argila.

Erguendo os olhos, apercebeu o rosto de Uabet a Pura que se destacava sobre o fundo do céu enrubescido.

— Sobe, Paneb!

— Nem pensar.

— Não tens o direito de violar um túmulo!

— A sombra dissimula-se aqui, quero procurá-la.

— A Mulher Sábria proíbe-te que o faças.

— A Mulher Sábria! Mas...

— Ela está aqui.

Agarrando-se às asperezas dos blocos, Paneb trepou com a velocidade de um felino. Não acreditando em Uabet, queria verificar por si mesmo.

Clara estava realmente ali, envergando o seu longo vestido vermelho de superiora das sacerdotisas de Hathor e adornada com as suas mais belas jóias.

— Tu... Tu proíbes-me de ir mais longe?

— Devo descer contigo.

— É demasiado perigoso! Vi a sombra vermelha, é temível. E não é Néfer.

— Só se pode tratar de uma força maléfica nascida de um erro de ritual durante os funerais.

— Também é a minha opinião e vou fazê-la sair do covil. Impede-a de fugir se me escapar.

Paneb voltou a descer ao fundo do poço. Sem hesitar, quebrou o selo e abriu a porta que dava para o jazigo.

Afastou as ferramentas, as arcas de roupa, os cestos contendo alimentos mumificados e as estátuas do defunto para abrir caminho em direcção ao sarcófago. A qualquer momento, a sombra vermelha podia surgir do seu esconderijo e lançar-se sobre ele. Com os sentidos atentos como um caçador na pista de uma presa tão temível que não tinha a certeza de a dominar, Paneb deslocava cada objecto com lentidão. Apesar da sua força física, o pintor sabia mostrar-se de extrema delicadeza e mover-se como um gato.

Coberto com uma mortalha muito fina, o sarcófago estava colocado sobre um leito. Em redor do pescoço da múmia, um colar de cinco voltas de flores de lótus branco e de folhas de salgueiro; sobre o peito, um ramo composto por folhas de persea e de vinha.

Um raio de luz penetrou no jazigo, cujo fundo permanecia escuro. A sombra ocultava-se ali, mas Paneb não a conseguia distinguir.

Valia sem dúvida mais voltar a sair para ir buscar tochas e iluminar o compartimento a fim de reduzir o espectro à impotência; mas se o colosso recuasse, o adversário não aproveitaria para o atacar?

De repente, a anomalia saltou aos olhos de Paneb: porque razão o disco de cobre celeste colocado por baixo da cabeça da múmia não emitia qualquer luz? Coberto com textos hieroglíficos, deveria envolvê-la numa auréola dourada que teria afastado os demónios das trevas.

O colosso aproximou-se até lhe tocar e constatou que o precioso símbolo tinha sido colocado... ao contrário! Não era um erro mas um acto de malevolência. Não contente por ter assassinado Néfer, o traidor provocara também o aparecimento de um espectro.

No instante em que Paneb poitou a mão sobre o disco, a sombra vermelha saltou dele!

Com a boca contorcida, a testa rasgada por uma ruga vertical, tentou uma segunda vez estrangular o artesão.

Em vez de lutar contra aquele inimigo que não oferecia qualquer ponto de apoio, o Ardente apressou-se a voltar o sol da múmia e colocá-lo correctamente sob a sua nuca.

O aperto do agressor era tão forte que já lhe faltava o ar.

Depois, brotou uma chama do disco e tocou a sombra vermelha cujos olhos se dilataram bruscamente a ponto de lhe devorarem a cabeça e depois todo o corpo.

Paneb conseguiu respirar, mas uma atroz queimadura no pescoço arrancou-lhe um grito de dor. Instintivamente, bateu no espectro que se reduziu a uma pequena bola de fogo antes de desaparecer no chão.

Cambaleante, o colosso tentou sair do jazigo para reencontrar o ar livre. Mas as paredes do poço funerário aproximaram-se e ele soube que ia morrer.

— Sobe, Paneb! - gritou Uabet a Pura - Sobe depressa!

Depois de ter cheirado o prato que o seu cozinheiro lhe apresentava, o general Mehi atirou-lhe à cara as costeletas de borrego.

— Demasiado grelhadas, imbecil!

— Mas respeitei as vossas exigências e...

— A tua salada de pepino estava infecta e ousaste servir-me um vinho que cheirava a rolha! Desaparece e não voltes a pôr os pés nesta casa.

A cólera de Mehi não era fingida e o cozinheiro eclipsou-se. Não se discutiam as decisões do homem mais poderoso da rica província de Tebas.

Pequeno, rosto redondo, olhos castanho-escuros, lábios grossos, cabelos negros colados ao crânio, torso largo e poderoso, mãos e pés gorduchos, Mehi tinha começado a sua carreira nos carros de combate. Seguro de si e ambicioso, tornara-se o chefe das tropas tebanas e o administrador-principal da margem oeste e uma das suas funções consistia em garantir a segurança e o bem-estar do Lugar de Verdade.

O Lugar de Verdade!... Aquela maldita confraria que tinha ousado recusar a sua candidatura quando ele era adolescente e que possuía um tesouro inestimável, a Pedra de Luz, de que ele deveria apoderar-se para se tornar o senhor do país!

Mehi vira aquela Pedra uma noite, do alto de uma colina que dominava o Vale dos Reis onde os artesãos celebravam um ritual; mas tinha sido detectado por um polícia de que se desembaraçara esmigalhando-lhe o crânio.

O seu primeiro crime, seguido de vários outros que realizara pessoalmente ou encomendara para afastar do seu caminho adversários que se arriscavam a impedi-lo de atingir o tesouro supremo.

— Lava os dedos, meu querido leão - sugeriu Serketa, apresentando ao marido um jarro de prata provido de um longo bico de onde corria uma água perfumada.

Serketa, uma falsa loura de olhos deslavados e peito opulento, sempre preocupada com o seu peso. Serketa, uma assassina nata que ele revelara a si mesma associando-a à sua progressiva conquista do poder. Aprovava a eliminação do seu próprio pai, que caíra numa armadilha organizada por Mehi a fim de lhe captar a fortuna, e depois assassinara ela própria, tirando disso um vivo prazer.

Como Serketa apenas lhe dera duas filhas, cuja sorte não lhe interessava minimamente, o general pensara em repudiá-la, mas ela adivinhara os seus verdadeiros projectos. Pressentindo que a mulher podia tornar-se perigosa, preferira torná-la sua aliada. Desde esse instante, não ocultavam nada um ao outro e agiam de perfeito acordo.

Mehi bebeu uma taça de vinho de palma, muito licoroso, saturado de aromas e que atingia os 18 graus. A bebida arrumava a maior parte dos amadores, mas o general aguentava bem o álcool e gozava de excelente saúde, com excepção de uma doença de pele que se traduzia pelo aparecimento de pequenas borbulhas vermelhas na perna esquerda quando era contrariado.

E, precisamente, começava a coçar-se...

Serketa ajoelhou diante dele para lhe beijar as coxas.

— Porque hás-de preocupar-te assim, meu terno crocodilo? - sussurrou com uma vozinha de menina pequena.

— Porque o assassinato de Néfer o Silencioso não nos está a dar os resultados pretendidos!

— Um pouco de paciência... Em primeiro lugar, o nosso principal adversário está morto e bem morto; depois, o traidor que o suprimiu por nossa ordem está definitivamente ligado a nós; por fim, as suas últimas informações confirmam que a confraria está dominada por profunda perturbação.

— Talvez, mas continua a existir...

— Em que estado? Ao inverter a posição do disco luminoso colocado sob a cabeça da múmia, o traidor provocou o aparecimento de um espectro que aterroriza a aldeia. Os seus habitantes estão persuadidos que Néfer o Silencioso quer vingar-se deles e acabarão por odiar-se uns aos outros.

— Esperemos que tenhas razão! Mas teria preferido que uma delegação me anunciasse que os aldeões abandonavam o Lugar de Verdade e o entregavam nas minhas mãos... Teríamos revistado o local com toda a legalidade e descoberto o esconderijo da Pedra de Luz.

— Os artesãos não a teriam levado com eles?

— Nesse caso, teriam sido vítimas de uma agressão que eu teria lamentado nos mais comovidos termos! Mas não cometeram esse erro... E continuam a enfiar-se atrás dos seus altos muros cuja estabilidade eu, seu inimigo figadal, devo assegurar!

— Era indispensável assassinar Néfer o Silencioso - considerou Serketa. -- Sem ele, essa confraria deixou de ter alma.

Ninguém é capaz de lhe suceder. O chefe da equipa da esquerda não passa de um técnico sem brilho, o escriba do Túmulo é demasiado velho e a Mulher Sábia não se recomporá da morte do marido.

— Esqueces Paneb, o novo chefe da equipa da direita!

— Segundo o nosso informador, é demasiado impulsivo para ser designado como mestre-de-obras. A perda do seu pai espiritual vai enlouquecê-lo, tenho a certeza. Tal como tínhamos previsto, o Lugar de Verdade destruir-se-á do interior e nós não teremos mais a fazer do que recolher as suas riquezas e segredos.

O general levou Serketa para o luxuriante jardim da sumptuosa mansão da margem oeste, uma das suas propriedades cuidadosamente mantidas por um numeroso grupo de empregados domésticos. Sentaram-se ao abrigo de um pavilhão rodeado de sicômoros e de alfarrobeiras. Mehi detestava o campo, o calor e o Sol, cujas mordeduras receava.

Um servidor trouxe-lhes imediatamente cerveja fresca que Serketa recusou.

— Encontrei esse Paneb há muito tempo, em casa de um curtidor - recordou Mehi. - Era jovem então, insolente e já forte como um touro selvagem. Evidentemente, um futuro militar! No entanto, recusou alistar-se e servir sob as minhas ordens... Como imaginar que se tornaria um dos pilares do Lugar de Verdade?

— O único pilar era Néfer o Silencioso. Orientava a obra e fazia cessar as querelas; podes ter a certeza que nunca será substituído. O espectro fará fugir diversas famílias e outras calamidades em breve cairão sobre a confraria.

Um dos guardas encarregados de vigiar a mansão veio ao encontro do casal.

— General, uma mensagem de Pi-Ramsés.

O soldado entregou o papiro selado a Mehi e depois voltou para o seu posto.

— Uma carta do chanceler Bai - constatou o destinatário. - O Faraó Siptah e a Rainha Tausert desejam ver-me para ouvir o meu relatório sobre a situação económica de Tebas e conhecer os resultados do meu inquérito sobre o assassinato de Néfer o Silencioso.

— No entanto, sabem que não tens o direito de penetrar na aldeia!

— Com certeza, mas fazem questão de verificar que faço tudo para identificar o culpado e garantir a segurança da confraria.

— E se essa Tausert te preparassem uma cilada?

— É capaz disso... Mas a sua preocupação principal não consiste em manter o poder controlando a sua alma danada, o chanceler Bai, que conseguiu fazer subir ao trono o jovem Siptah, um doente? A corte de Pi-Ramsés não passa de um ninho de víboras. Desde o desaparecimento de Ramsés o Grande, a autoridade faraónica nunca mais deixou de enfraquecer... E é a nossa hipótese, minha linda! Quando possuímos a Pedra de Luz, o país pertencer-nos-á. É pena que eu não possa mandar os meus soldados arrasar essa aldeia e matar os seus habitantes!

Face à ideia de semelhante carnificina, Serketa estremeceu de prazer.

— O que tencionas fazer para já?

— Em primeiro lugar, dirigir-me à zona dos auxiliares para me encontrar com o escriba do Túmulo e lhe perguntar se o seu inquérito interno avançou; em seguida, tomar um barco para Pi-Ramsés. Tu acompanhas-me, bem entendido.

Serketa esperava esta afirmação. Nunca deixaria o seu querido marido jogar o próprio jogo sem lhe estar associada da forma mais íntima. E se ele tivesse a ideia de lançar um só olhar sobre uma jovem beleza, estrangularia a delambida antes de castigar Mehi.

Mas o marido era um homem razoável. Tinha tomado consciência que não venceria sem o concurso activo de Serketa, que de boa vontade executava as obras mais baixas, desprovida de qualquer humanidade ou senso moral. E como essa deliciosa companheira, mais perigosa do que uma víbora de cornos, era tão ambiciosa como ele, o futuro anunciava-se risonho.

— Não deverias suprimir as entregas de abastecimentos à aldeia?

— Pensei nisso -- confessou Mehi - e faria acusar um dos meus subordinados para o substituir por um escriba mais zeloso. Mas já eliminei os incómodos e, na nossa ausência, o velho escriba do Túmulo faria um escândalo tal que as suas ressonâncias me atingiriam mesmo em Pi-Ramsés. Não esqueças que sou o protector oficial do Lugar de Verdade e que o meu comportamento deve parecer irrepreensível ao poder central. Até ao presente, esta linha de conduta valeu-me elogios e promoções.

Enquanto maquilhava os olhos com uma pintura verde de primeira qualidade que afastaria os insectos e a protegeria das poeiras, Serketa parecia preocupada.

— É a Rainha Tausert que te preocupa?

— É temível, é verdade, e espero que o clã do jovem Siptah consiga eliminá-la o mais depressa possível... Não, era em Paneb que pensava. Não te enganas... Esse colosso, dotado de um temperamento de fogo, será sem dúvida tentado a impor-se e a reinar sobre a confraria à maneira de um tirano.

— Segundo o que sabemos da regra dos construtores, é impossível! - objectou Mehi.

— Paneb não receia fazer-se detestar e espezinhará as leis da aldeia, sejam elas quais forem.

Um bafo de angústia contraiu a garganta do general.

— Mas então... o traidor terá morto Néfer o Silencioso para nada?

— Certamente que não! Supondo que Paneb tome o poder, não o exercerá com a sabedoria do seu predecessor. E se ousasse fazê-lo, interviríamos para que o seu entusiasmo rapidamente se quebrasse.

— Já tens um plano?

— Claro que sim - respondeu ela com um sorriso feroz.

Os talhadores de pedra enchiam de novo o poço funerário do túmulo de Néfer o Silencioso.

— Paneb está certamente morto - afirmou Karo o Mal-Humorado, um homem corpulento, de espessas sobranceiras, nariz quebrado e braços curtos e fortes.

— Enganas-te - retorquiu o seu colega Casá o Cordame, bem firme sobre as enormes pernas. - Está estendido na capela e tenho a certeza que a Mulher Sábia o devolverá à vida.

— Quando acabou, acabou - afirmou Fened o Nariz, que ainda não engordara desde o divórcio.

— Fui eu que o tirei do poço - lembrou Nakht o Poderoso, quase tão forte como Paneb - e ainda respirava.

Elegante, com os cabelos e o bigode bem tratados, o pintor Ched o Salvador, que não participava em nenhuma tarefa, poisava um olhar desencantado sobre os colegas.

Userhat o Leão, o chefe-escultor de imponente peitaça, assegurou-se que o preenchimento estava terminado. Renupé o Jovial, de grande barriga e cabeça de génio malicioso, assistido pelo magro Ipuí o Examinador, preparava-se para fixar as lajes de cobertura.

— O ourives vem a sair da capela! - exclamou Renupé.

Tão frágil que parecia ir partir-se a qualquer momento, Tuti o Sábio corria para os seus companheiros da equipa da direita.

— Paneb está vivo!

— Vivo... Como? - interrogou Fened. - Como uma pedra, um legume ou um homem?

— Ainda não se sabe bem.

— Vamos ver!

Talhadores de pedra e escultores dirigiram-se para a capela cuja entrada era guardada por três artesãos: Pai o Bom-Pão, de bochechas rechonchudas, cuja habitual alegria desaparecera; Gau o Exacto, de rosto feio devido ao nariz demasiado comprido e de pesado corpo um pouco mole; Unesh o Chacal, cujo físico evocava o do predador.

Quanto ao carpinteiro da equipa da direita, Didia o Generoso, um rapagão de gestos lentos, ajudava Hai, o taciturno chefe da equipa da esquerda, a manter direito o busto de Paneb para que Clara o pudesse auscultar.

Userhat o Leão empurrou Unesh e Pai.

— Fala ou não?

— Cala-te lá - recomendou Gau. - A Mulher Sábia escuta-lhe a voz do coração.

Com os olhos abertos mas totalmente inerte, Paneb assemelhava-se a uma estátua. Tinha a pele avermelhada como se acabasse de ser escaldado.

Felizmente, não perdera nem os olhos nem o coração; e Clara esfregava os dois amuletos entre os polegares a fim de lhes devolver plena eficácia.

A Mulher Sábia não pronunciara uma única palavra e não se discernia no seu olhar nenhuma luz de optimismo. Já magnetizara a nuca e os rins do colosso sem conseguir fazer circular a energia.

De repente, um enorme gato malhado de branco, preto e ruivo saltou para as pernas do Ardente, mais parecendo um lince do que um animal doméstico, aninhou-se numa bóia e ronrou.

De imediato, os olhos de Paneb perderam a fixidez e Clara deu um suspiro de alívio. Incarnando a vitória do Sol sobre as trevas, o felino absorvera os últimos vestígios dos fluidos perniciosos projectados pelo espectro na carne do pintor.

O colosso despertou por fim.

— A sombra...As paredes...As paredes que me sufocam... Onde estão?

— Não passava de uma ilusão - disse Clara com doçura - e eis-te de regresso entre nós.

— Eu bem sabia que ele era indestrutível! - exclamou Renupé o Jovial, - Não se diz que parte do ka de Ramsés o Grande passou para o de Paneb? Graças a essa energia, salvou a confraria! Glória a Paneb!

O entusiasmo do escultor revelou-se comunicativo e foi sob as aclamações dos seus confrades que o miraculado se levantou.

— Deixem-me passar - ordenou a voz guinchada e autoritária de Kenhir, o escriba do Túmulo, de setenta e sete anos.

Representante do poder central no Lugar de Verdade, renunciara a uma brilhante carreira em Karnak para se consagrar àquela aldeia e aos seus habitantes, cujos inúmeros defeitos não parava de criticar mas que amava mais do que tudo no mundo, a ponto de a administração ter tido que renunciar a pô-lo na reforma.

Corpulento, de pés grandes, Kenhir já só se deslocava com uma bengala, excepto quando tinha pressa de chegar a bom porto e se esquecia de adoptar a atitude de um velho tolhido de dores. Encarregado de manter o Diário do Túmulo, no qual registrava os grandes e pequenos acontecimentos da vida comunitária, Kenhir surgia aos artesãos como um verdadeiro guarda das galés que não tolerava o mínimo laxismo. Verificava sem complacência qualquer motivo de ausência ao trabalho e, em caso de doença, confirmava junto da Mulher Sábia que o artesão estava realmente doente e incapaz de desempenhar a sua função.

Competia-lhe igualmente velar pelo bom estado das ferramentas, propriedade do Faraó, distribuí-las, recuperá-las e mandá-las reparar. Cada membro da confraria estava no entanto autorizado a fabricar as suas próprias ferramentas para uso pessoal e podia-se contar com Kenhir para evitar qualquer confusão.

— Dizem que a sombra venceu Paneb - avançou com voz inquieta.

O escriba-assistente Imuni, com ar de roedor, estava preparado para tomar notas.

— Foi o contrário que se verificou - declarou o colosso.

Kenhir examinou longamente Paneb.

— Com efeito, tens um ar bem vivo.

— Paneb salvou a aldeia! - afirmou Nakht o Poderoso. - Se a sombra tivesse continuado a aterrorizar-nos, várias famílias teriam partido.

— Arriscou a vida por nós - constatou Fened o Nariz. - Não apenas semelhante acto o lava de qualquer acusação, como ainda o designa como o nosso único chefe.

O escriba do Túmulo consultou com o olhar a Mulher Sábia e Hai, o chefe da equipa da

esquerda. Com um sinal, deram-lhe a sua aprovação.

O traidor estava aterrado.

Já ao ver surgir Encantador fizera um movimento de recuo, pois fora aquele gato monstruoso que o arranhara quando procurava a Pedra de Luz, tão bem escondida que ainda não conseguira descobrir a sua localização; e agora, depois da sua vitória sobre a sombra vermelha, Paneb tornava-se o herói da confraria, que ia reconhecê-lo como mestre-de-obras!

Mas o essencial continuava no entanto a ser o desaparecimento de Néfer o Silencioso, amado por todos e cuja autoridade ninguém contestava. Colocando ao contrário o disco de luz sob a cabeça da múmia, o traidor tentara matar Néfer uma segunda vez; e mesmo que a intervenção do seu filho espiritual tivesse aniquilado o espectro, o Silencioso não regressaria.

O tribunal da aldeia talvez não cedesse ao entusiasmo do momento em favor de Paneb o Ardente e, depois de madura reflexão, recusaria certamente a sua candidatura. Se o elegeisse, cometeria um erro irreparável, porque Paneb seria um mestre-de-obras execrável: dividiria os artesãos e criaria múltiplos conflitos no interior da aldeia. Competia ao traidor saber aproveitar a desordem.

Era ele e nenhum outro que deveria dirigir o Lugar de Verdade há muito tempo; visto que não tinham reconhecido o seu valor, a vingança era legítima!

O general Mehi e a esposa tinham-lhe permitido acumular riquezas no exterior, em troca das informações que ele lhes fornecia. Era já um homem rico. Faltava apoderar-se da Pedra de Luz e negociá-la.

— Graças a Paneb - precisou Clara, meditativa - Néfer está finalmente em paz. A luz brilha sob a sua cabeça, o seu corpo de ressurreição recebe a força secreta do Sol e o seu nome de Néfer-hotep está realizado. Tornou-se um dos antepassados benfeitores da nossa confraria, um espírito eficaz e cintilante que veneraremos todas as manhãs em cada uma das nossas casas. Para ele, terminaram as provas; e é em sua honra e a fim de prolongar o seu ensinamento que continuaremos a lutar para que o Lugar de Verdade viva.

Todos sentiram que a tristeza nunca mais abandonaria o olhar de Clara; mas a Mulher Sábia estava de novo em funções, ultrapassava o seu desespero para se preocupar com a pequena comunidade. Com o auxílio da sua magia, nenhum obstáculo seria intransponível.

— Tenho uma terrível constipação - queixou-se Fened o Nariz. - Acedes a tratar-me?

— O meu gabinete de consulta está de novo aberto - declarou Clara com um sorriso bondoso.

— Eu - exclamou Casá o Cordame - tenho um ferimento no pé que nunca mais sara e é muito mais grave do que a constipação do Fened!

Clara examinou o doente.

— É um mal que conheço e posso curar. Tuti o Sábio dirigiu-se a Paneb.

— Quais são as tuas intenções?

— Tornei-me o servidor do ka de Néfer o Silencioso, meu pai espiritual, e proíbo a quem quer que seja que se aproxime do seu túmulo. Serei eu e apenas eu que levarei as oferendas e cuidarei da sua Morada de Eternidade.

— Como quiseres - aquiesceu Unesh o Chacal. - Mas desejas suceder a Néfer em todas as suas funções?

— Ser chefe da equipa da direita basta-me perfeitamente. Agora, afastem-se; desejo ficar só

com a Mulher Sábia para venerar a memória do ser insubstituível que amamos.

Ninguém protestou e organizou-se uma procissão.

— Paneb será um excelente mestre-de-obras - sugeriu o traidor ao escriba do Túmulo.

— Compete ao tribunal decidir- respondeu Kenhir.

Mal este franqueou o limiar da sua casa, a jovem esposa, Niut a Vigorosa, com a qual realizara um casamento branco, saltou-lhe ao pescoço.

— O general Mehi está na entrada principal da aldeia e deseja ver-vos urgentemente!

O general Mehi tivera que declinar o nome e títulos em cada um dos cinco fortins colocados no caminho que conduzia à entrada principal da aldeia. Os polícias núbios não brincavam com a disciplina imposta pelo chefe Sobek e qualquer visitante, fosse qual fosse a sua posição, tinha que respeitar o regulamento.

No quinto fortim, fora Sobek em pessoa a receber Mehi.

Incorruptível, o sólido núbio era perseguido há vinte anos por um enigma: quem matara um dos seus homens numa das colinas que dominavam o Vale dos Reis? O drama era longínquo e as investigações tinham sido interrompidas; o assassinato de Néfer o Silencioso parecia relegar esse crime para segundo plano, mas Sobek continuava persuadido que há muito que havia quem conspirasse contra a confraria e que os dois casos estavam ligados.

O núbio não gostava de Mehi. Considerava-o pretensioso, convencido e arrivista, mas não tinha qualquer razão para lhe recusar o acesso à zona dos auxiliares onde os homens do exterior, sob a direcção de Beken o oleiro, trabalhavam para o bem-estar da confraria.

— Nenhum problema a assinalar, Sobek? - perguntou Mehi com arrogância.

— No que me diz respeito, nenhum.

— Não hesites em alertar-me. Faço questão de manter a excelência da minha gestão.

— Os auxiliares recebem bons salários, apreciam as suas condições de trabalho e a aldeia não tem falta de nada, parece.

— Manda prevenir o escriba do Túmulo que desejo vê-lo com urgência.

Enquanto o polícia se desempenhava da sua tarefa, Mehi contemplou as oficinas dos auxiliares que, ao cair da tarde, regressavam às suas casas, na orla das terras cultivadas. O trabalho estava organizado com rigor, de maneira a evitar aos artesãos um máximo de tarefas e permitir-lhes concentrarem-se na sua razão de ser; fazer brilhar nas suas obras a Pedra de Luz e incarnar os mistérios da Morada do Ouro.

Em breve aquele domínio pertenceria ao general e seria ele o único a dar ordens.

Avançando com passo hesitante, Kenhir dirigia-se para o visitante. Em frente de Mehi, o velho escriba apoiou-se na bengala.

— Como vai a vossa saúde, Kenhir?

— Mal, muito mal... O peso dos anos sobrecarrega-me cada dia mais.

— Não deveríeis pensar numa bem-merecida reforma?

— Ainda tenho muita coisa para fazer, sobretudo depois do drama que nos toca.

— É precisamente por causa do assassinato de Néfer que aqui estou. O Rei chamou-me à capital e quer conhecer os resultados do meu inquérito... Mas o único autorizado a investigar na aldeia sois vós!

— Com efeito, general.

— Haveis identificado o culpado?

— Infelizmente, não.

— Suspeitas?

Kenhir pareceu incomodado.

— Vou dizer-vos a verdade, general, se me garantirdes guardar silêncio.

Mehi ficou hirto. Teria o velho escriba desmascarado o traidor?

— Exigis muito, Kenhir..., Não posso ocultar nada a Sua Majestade.

— O Rei Siptah é um adolescente que vive em Pi-Ramsés, bem longe do Lugar de Verdade que vós e eu temos o dever de proteger. Em intenção do Rei, redigirei um relatório circunstanciado sobre o inquérito em curso, e tranquilizá-lo-eis declarando que a confraria continuará a trabalhar como se nada se tivesse passado.

Os músculos do general contraíram-se e sentiu comichão na perna esquerda.

Portanto, o desaparecimento de Néfer não conseguira quebrar os rins dos artesãos!

— Entendido, Kenhir. Prometo-vos guardar silêncio.

— Estamos quase certos que o culpado é um dos membros da confraria.

— Isso significará... que há um traidor entre vós?

— Receio que sim - deplorou o velho em voz cansada.

— Tenho dificuldade em acreditar nisso... A minha hipótese parece-me muito mais plausível.

— Posso conhecê-la? - perguntou Kenhir, intrigado.

— Na minha opinião, o assassino do mestre-de-obras só pode ser um auxiliar.

— Um auxiliar... Mas é-lhes interdito o acesso à aldeia!

— O culpado deve ter conseguido entrar sem ser detectado pelo guarda, sem dúvida com intenção de roubar objectos preciosos em casa de Néfer. Este último tê-lo-á surpreendido e o ladrão matou-o.

— Um auxiliar... - murmurou o escriba do Túmulo, com um brilho de esperança no olhar cuja vivacidade permanecia intacta.

— Aconselho-vos a interrogá-los. Se os resultados forem decepcionantes, interpelá-los-ei em casa deles, fora do território do Lugar de Verdade, e os meus especialistas fá-los-ão falar E se o assassino é realmente um deles, confessará.

— Vou propor a vossa estratégia ao tribunal, - Direi portanto ao Rei que conjugamos os nossos esforços para descobrir a verdade.

— Dizei-lhe sobretudo que esperamos as suas directivas para a construção da sua Morada de Eternidade e do seu Templo dos Milhões de Anos.

— Quando eu regressar, tornaremos a ver-nos para fazer o ponto da situação; espero que tereis detectado o assassino.

— Também espero, general.

Conseguindo conter a sua raiva, Mehi subiu para o seu carro sem ter formulado a pergunta essencial: quem tinha sucedido a Néfer o Silencioso a não ser Paneb o Ardente? Apenas o colosso pudera salvar a confraria da debandada. O traidor não tardaria a confirmar-lho e Serketa tivera razão em elaborar um plano para se desembaraçar daquele sujeito incómodo.

— Um auxiliar? - espantou-se o chefe Sobek depois de ter ouvido com atenção o escriba do Túmulo.

— Porque não?

— O guarda tê-lo-ia visto introduzir-se na aldeia.

— O melhor dos guardas não pode estar atento todos os segundos... E o assassino deve ter arranjado meio de escalar um muro sem ser notado.

— No interior teria sido rapidamente detectado - objectou Sobek.

— Receando isso mesmo, redobrou de precauções.

— E um auxiliar teria sido suficientemente louco para matar o mestre-de-obras...

— Agiu sob o impulso do pânico.

— Gostaria que Mehi tivesse razão - admitiu o polícia - e que todos os artesãos estivessem inocentes, mas continuo perplexo.

— Interroga os auxiliares, Sobek, recolhe os seus testemunhos e procura descobrir um indício.

— Contai comigo.

Enquanto o velho escriba regressava à aldeia, o núbio fazia a si mesmo uma pergunta: porque razão o general Mehi, sabendo que o inquérito lhe seria inevitavelmente confiado, não lhe falara da sua hipótese?

Paneb terminara uma mesa de oferendas em alabastro que depositaria na capela do túmulo de Néfer o Silencioso, junto da porta de pedra, coberta de hieróglifos, que dava acesso ao outro mundo. No interior da forma rectangular, esculpira uma pata e costeletas de vaca, um pato, cebolas, pepinos, couves, figos, uvas, tâmaras, romãs, bolos, pães, bilhas de leite, de vinho e de água.

Magicamente animada pela Mulher Sábia, aquela mesa de oferendas funcionaria por si mesma, fora de qualquer presença humana, dando ao ka de Néfer as essências subtis dos alimentos incarnados no alabastro. Desta forma, mesmo quando os mais próximos do mestre-de-obras tivessem desaparecido, a Pedra viva continuaria a alimentá-lo.

Mas o filho espiritual do mestre-de-obras assassinado não se contentava com aquela homenagem prestada a todos os defuntos; ele, o pintor, aventurava-se em novas técnicas que aplicava depois de ter investigado o trabalho dos escultores. Como quando das suas precedentes explorações no mundo da matéria, Paneb constatava que a mão era espírito.

Guiado pelos conselhos da Mulher Sábia, o Ardente decidira fazer uma estátua de Néfer dotada de olhos excepcionais, correspondendo à realidade anatómica que a medicina egípcia decifrara ao descobrir as diversas partes do olho: uma córnea de cristal de rocha para sublinhar a acuidade do olhar, uma esclerótica em carbonato de magnésio contendo óxidos de ferro que traduziam a presença das vénulas, a pupila perfurada no cristal de rocha e a íris materializada pela resina castanha, imprimindo as dissimetrias necessárias entre a pupila e a córnea¹.

Nascia a madrugada quando Clara penetrou na oficina onde o miniaturista acabava de poisar as suas ferramentas. Um raio de sol iluminava a estátua cujo olhar contemplava a eternidade.

A esposa do defunto não conseguiu reter as lágrimas.

Graças ao génio do seu filho espiritual, Néfer estava vivo, fora do alcance da decrepitude e

da morte. Em pé, com a perna direita à frente, os braços ao longo do corpo, avançava sobre os belos caminhos do Ocidente e continuava a guiar a confraria para o Oriente.

Clara quase ajoelhou em frente da estátua, mas Paneb impediu-a.

— O seu ka subsistirá na pedra - disse-lhe ele - mas é em ti que ele vive e és tu que és depositária da sua sabedoria. Tu, que és a soberana do Lugar de Verdade, não nos abandones.

Nem Mehi nem Serketa prestaram a mínima atenção aos esplendores de Pi-Ramsés, a capital criada por Ramsés o Grande no Delta, na proximidade do corredor de invasão de nordeste. Assim, o Faraó intervinha rapidamente ao mínimo alerta. Servida por um porto que permitia a acostagem de barcos de carga, - a cidade de turquesa - era percorrida por canais orlados de pomares, jardins e mansões luxuosas; tornava-se agradável viver na cidade, embora acolhesse uma guarnição de elite e um arsenal de onde saíram as armas destinadas a equipar as tropas encarregadas de vigiar a fronteira.

O general e a esposa foram conduzidos ao palácio sobre cujas paredes se liam os nomes de Ramsés, inscritos em ovais que simbolizavam o universo para sempre percorrido pela real alma.

O chanceler Bai recebeu-os imediatamente no seu gabinete, cujos armários de papiros se curvavam sob o peso dos documentos. Pequeno, magro, nervoso, com uns olhos negros muito móveis, o queixo ornado por uma barbicha, o chanceler era um homem da sombra que mantinha com firmeza as rédeas da administração, ao serviço da Rainha Tausert, que admirava, e do jovem Faraó Siptah, que fizera subir ao trono a fim de sufocar querelas e intrigas.

— Feliz por vos ver, general... E estou igualmente encantado por poder cumprimentar a vossa encantadora esposa. Espero que a viagem não tenha sido demasiado fatigante.

— Para mim, foi um momento de repouso.

— Tanto melhor, tanto melhor... Ficareis alojados num apartamento do palácio e dei ordens para que a vossa estadia na capital seja das mais agradáveis. Suponho que a vossa esposa sente necessidade de se refrescar e repousar.

Apareceram duas criadas e foi uma Serketa despeitada que se viu convidada a segui-las.

Quando a porta do gabinete se fechou, a amabilidade forçada do chanceler esfumou-se. Mehi encontrou-se perante um chefe de governo inquisidor e severo.

— O que se passa exactamente em Tebas, general?

— A situação é perfeitamente normal, podeis estar descansado; e posso desde já anunciar-vos colheitas fabulosas e excelentes lucros fiscais.

— Ninguém duvida das vossas notáveis qualidades de gestor, meu caro Mehi, mas o que pensar do assassinato de Néfer o Silencioso?

— Esse drama terrível transtornou-me. O escriba do Túmulo e eu próprio conjugaremos os nossos esforços para identificar o culpado.

— Alegro-me com isso... Mas tendes já uma pista fiável?

— Apenas Kenhir pode conduzir o inquérito no interior da aldeia, chanceler. Se precisar da minha intervenção no exterior, fornecer-lhe-ei todos os homens que forem necessários.

— Tenho a impressão que tendes suspeitas precisas, general.

— Precisas não, mas... Mas estou persuadido que o criminoso é um dos auxiliares.

Bai consultou um papiro.

— Foi com efeito o que Kenhir me escreveu e ele não está longe de partilhar a vossa opinião.

Mehi sentiu-se mortificado. Continuando a comunicar directamente com o poder central sem

avisar o general, o escriba dirigira uma mensagem ao chanceler por barco especial.

— Kenhir garantiu-me que a confraria continuaria a trabalhar com o mesmo rigor e que o Faraó podia contar com ela para assumir a totalidade dos seus deveres.

— De acordo com a sua carta - acrescentou o chanceler - um espectro terá tentado perturbar a serenidade da aldeia, mas a coragem de Paneb, o novo chefe da equipa da direita, fez fugir essa força das trevas e restabeleceu a tranquilidade.

O mestre-de-obras Néfer repousa actualmente em paz e os artesãos preparam-se para criar os monumentos indispensáveis ao pleno esplendor do reino.

— O país inteiro se alegrará com isso -- afirmou Mehi com o máximo de convicção.

— Mas é necessário que o assassino seja castigado e que a confraria se sinta descansada quanto à sua segurança externa.

— É uma das minhas missões, chanceler, e faço o possível por desempenhá-la bem!

— Compreendamo-nos, general: vós e eu já conseguimos evitar uma guerra civil e devemos actualmente fortalecer a autoridade do Faraó Siptah e da Rainha Tausert.

— Insinuais que... estão em perigo?

— Não vos façais ingénuo, Mehi. Siptah é dotado de uma inteligência excepcional mas não possui qualquer experiência de governação e a sua saúde é frágil; sem o apoio de Tausert, seria incapaz de suportar o peso da sua função. A própria Rainha deve ter em conta temíveis adversários... Uma parte da corte não lhe perdoa que seja uma mulher, e a outra que seja a viúva de Seti II.

— Sua Majestade possui uma personalidade fascinante que impressionou muito os tebanos... Na minha opinião, tem também a envergadura de um Faraó.

— Sem dúvida nenhuma, mas a casta militar de Pi-Ramsés deseja ver à cabeça do Egito um homem forte, capaz de resistir a um eventual invasor ou mesmo de desencadear uma guerra preventiva.

— Esse homem forte... já se manifestou?

— Chama-se Sethnakht. Um dignitário idoso, é verdade, mas que conhece perfeitamente a Siro-Palestina e tem o apoio das tropas de elite.

— A ponto de... se apoderar do poder pela força?

— Ainda não, general, ainda não... Mas essa eventualidade não é infelizmente de excluir. Espero que Sethnakht seja um legalista e não ouse lançar-se numa aventura destrutiva. Ser demasiado optimista seria um grave erro, não vos parece?

Mehi demorou algum tempo a reflectir.

O chanceler Bai não destilava por acaso informações tão importantes e não o convocara portanto a Pi-Ramsés apenas para lhe falar da situação económica em Tebas e do desaparecimento de Néfer o Silencioso.

Face a tão temível estratega, o general era obrigado a correr um risco.

— A vossa confiança e as vossas confidências honram-me, mas o que esperais de mim?

— Excelente pergunta, Mehi... As minhas informações, com efeito, poderiam ser qualificadas como segredos de Estado.

Segredos de que vos tornais depositário e que fazem de vós um dos dignitários melhor informados deste país. O que eu espero de vós é uma colaboração sem pensamentos reservados. Bem entendido que poderíeis ter a ideia de prestar apoio a Sethnakht na esperança de vos tornardes seu primeiro-ministro.

— Chanceler, garanto-vos que...

— Conheço bem a natureza humana, general, e prefiro prevenir do que remediar. Se tentardes trair o Faraó legítimo, serei implacável.

Mehi e Serketa figuravam entre o número dos convidados de um faustoso banquete que a Rainha Tausert honrava com a sua presença. Consideraram-na mais bela e mais perigosa do que nunca e Serketa teve ciúmes do seu porte. Pelo clarão que lhe perturbou o olhar, Mehi compreendeu que sentia desejos de matar.

— Acalma-te, minha doçura - murmurou-lhe ao ouvido. - No seu território, a Rainha está fora do teu alcance.

Serketa sorriu a um velho dignitário que não pronunciara uma palavra desde o início da refeição. - Haveis nascido aqui? - perguntou-lhe para tentar fazê-lo descontrair.

— Tive essa sorte, bela dama, e fiz uma carreira perfeita sem cometer o menor erro. Tive também o privilégio de servir verdadeiros chefes.

— O Rei Siptah não será um deles? - espantou-se Mehi.

— Todos respeitamos o Faraó legítimo, é evidente, mas receamos a sua juventude e inexperiência. Esperemos que o tempo seja seu aliado e que ele aprenda a governar.

— Ele nunca assiste a festividades deste género? - interrogou Serketa.

— Nunca. Passa a maior parte do seu dia no templo a estudar os escritos dos Antigos depois de ter celebrado o ritual da madrugada. Semelhante fervor é de louvar, mas arrisca-se a ser inadaptable à situação actual.

— Sou uma tebana - lembrou Serketa roncando como uma garotinha - e conheço mal a corte de Pi-Ramsés... Não estais a tentar fazer-nos compreender que a Rainha Tausert é o verdadeiro senhor do país?

— Ninguém duvida disso.

— Essa certeza não parece merecer a vossa aprovação - observou Mehi.

Com as costas da mão, o dignitário afastou uma jovem criada que lhe oferecia pato assado.

— Não sejais demasiado curioso, general, e contentai-vos com o que possuíis. Tebas é uma cidade agradável que vós governais com mão-de-ferro e os vossos resultados são apreciados pelo seu justo valor. Desejar mais conduzir-vos-ia por caminhos perigosos onde não encontraríeis nenhum aliado.

— Ignorais que o chanceler Bai me honra com a sua confiança?

— Não ignoro nada do que se passa nesta cidade e aconselho-vos a partir o mais depressa possível.

Vexado, Mehi insurgiu-se:

— Quem sois vós para ousar falar-me nesse tom?

O velho dignitário levantou-se e o casal constatou que a sua potência física era surpreendente para um homem daquela idade.

— As minhas obrigações são numerosas e não estou habituado a frequentar os banquetes oficiais, mas este proporcionou-me ocasião de vos encontrar. Antes de regressar à minha casa, faço questão de vos afirmar que Sethnakht não precisa de vós e que o primeiro dever de um general consiste em obedecer ao seu Rei.

Logo que Beken o oleiro, chefe dos auxiliares, chegou à zona que lhes estava reservada, Sobek interpelou-o.

— Reúne os teus subordinados diante da forja de Obed - ordenou o polícia núbio.

Insolente, o oleiro enfrentou-o.

— O que é que se passa?

— Vais ver.

— Exijo explicações.

Sobek coçou a cicatriz que tinha por baixo do olho esquerdo, recordação de uma luta de morte com um leopardo na savana da Núbia.

Para quem conhecia bem o chefe da polícia do Lugar de Verdade, aquele gesto traía uma irritação crescente, prelúdio de uma cólera devastadora.

— Não te enerves - recomendou Beken, cuja voz vacilava.

— Desejava apenas saber se...

— Reúne os auxiliares.

Beken considerou preferível obedecer, mas teve as maiores dificuldades em reunir os do exterior, entre os quais figuravam lavadeiros, carniceiros, padeiros, cervejeiros, caldeiros, curtidores, tecelões, lenhadores, pescadores e jardineiros, todos nomeados para garantir o bem-estar dos aldeões.

Obed o ferreiro foi o primeiro a protestar com vigor.

— Tratas-nos pior do que aos bois destinados ao matadouro! O que te deu, Beken?

— Ordem do chefe Sobek.. Eu não tenho nada a ver com isso!

— Não estás encarregado de defender a nossa causa em caso de abuso de autoridade?

— Queixa-te aos responsáveis.

De origem síria, barbudo, de pernas curtas, Obed o ferreiro era um homem de carácter. Não hesitou portanto em fazer frente a Sobek, que observava a barafunda com ar impaciente.

— Somos trabalhadores livres - declarou o ferreiro - e não tens quaisquer direitos sobre nós.

— Tens falta de memória - fez-lhe notar o núbio. - Em caso de falta grave da parte de um auxiliar, tenho o dever de o prender.

Obed franziu o sobrolho.

— Então, cometemos todos uma falta grave? Troças de nós, Sobek, e vou imediatamente prevenir o escriba do Túmulo!

— Estou a agir por sua ordem, pois sois todos suspeitos de assassinato na pessoa de Néfer o Silencioso.

O ferreiro ficou de boca aberta. Como por milagre, o barulho das vozes interrompeu-se para dar lugar a um pesado silêncio.

— Colocai-vos em linha - ordenou o polícia - e permaneçei quietos. Interrogar-vos-ei um a

um no meu gabinete.

— Exijo que Beken esteja presente para me defender! - interveio o caldeireiro. - Conhecemos os teus métodos... Farás qualquer pessoa confessar!

Sobek fulminou o contestatário com o olhar.

— Tens um exemplo determinado a citar? O caldeireiro baixou os olhos.

— Não, não...

— Preciso de respostas claras e demorarei o tempo necessário para as obter. Como os inocentes têm as mãos limpas, nada têm a recear e serão rapidamente mandados embora. Não tentem sobretudo mentir-me: tenho o faro de um cão de caça.

Beken aproximou-se do polícia.

— Posso falar a sós contigo?

— Calha bem... Tencionava interrogar-te em primeiro lugar.

Os dois homens entraram na forja. O lugar agradava a Sobek, pois simbolizava de forma perfeita a antecâmara do Inferno onde arderia o assassino.

— Tu, oleiro, tens revelações a fazer-me?

— Falta um auxiliar.

— Tens a certeza?

— Libu, um lavadeiro, filho de uma líbia e de um tebano. Tem cinquenta anos e trabalha duramente para alimentar a família.

Rouba tecidos grosseiros de tempos a tempos, mas fecho os olhos.

— Estará doente?

— Nesse caso a mulher ter-me-ia prevenido. Esta ausência é perfeitamente anormal, garanto-te!

— Vou a casa dele. Enquanto esperam o meu regresso, retomem as vossas actividades.

Libu sonhava acordado.

De espírito lento, tinha dificuldade em compreender o que lhe acontecia. Quando uma camponesa o abordara no caminho que conduzia ao Lugar de Verdade, julgara que ela o tomava por outro. Mas fora realmente o seu nome que ela pronunciara e sabia tudo sobre ele, incluindo os seus pequenos roubos.

Inquieto, Libu defendera-se evocando a sua modesta situação e as necessidades da sua família.

A camponesa tranquilizara-o. Era enviada pelos seus colegas lavadeiros que acabavam de receber um lote de roupas novas saídas das oficinas do Ramesseum e tencionavam proceder a uma partilha discreta das melhores peças antes de começarem o trabalho. Uma sorte a não perder!

— Não te conheço... Saíste de onde?

— Sou uma nova sobrinha de Beken o oleiro - respondeu Serketa com voz aguda.

— Ah, bom... E ele não te aborrece?

— É tão simpático! É graças a ele que essa partilha se realiza.

Serketa saiu do caminho para se dirigir a um pequeno bosque de tamargueiras, na orla do deserto.

— É o ponto de encontro - precisou ela. - O lugar é sossegado.

— Melhor assim! Se o chefe Sobek nos apanhasse, perderíamos o nosso emprego e apanhariamos uma pesada pena de prisão.

— Não tenhas medo... Beken previu tudo.

Libu pensava já nas trocas vantajosas que a mulher realizaria graças aos belos tecidos que ele lhe levaria. Embora a profissão de lavadeiro fosse dura, tinha certas vantagens.

O olhar do auxiliar poisou sobre as formas opulentas da camponesa.

— Beken escolhe bem as sobrinhas... Mas acabou de arranjar uma! Em geral, conserva-as mais tempo.

— Neste momento, tem muita energia.

— Que velho chibo! Se tivesse sabido, não teria casado e viveria como ele.

— Sabes, não sou assim muito arisca... E o que dá para um, dá para dois.

Libu poisou uma mão calosa sobre os seios de Serketa.

— Se a minha mulher soubesse...

— Quem lhe vai dizer?

O lavadeiro inclinou a cabeça para lhe beijar os mamilos e depois desceu até ao ventre.

A sua posição era perfeita. Serketa retirou da peruca uma longa agulha embebida em veneno e cravou-a na nuca de Libu com uma precisão de cirurgião.

O corpo do auxiliar retesou-se em poucos instantes. Ela repeliu-o com violência e assistiu, excitada e feliz, à horrível agonia.

Depois, recuperou a agulha, despiu a sua vítima e vestiu-a com um soberbo saiote que trouxera por baixo da ampla túnica. Pertencia a Néfer o Silencioso e fora roubado pelo traidor.

Depois de se ter assegurado que o local estava deserto, a camponesa desapareceu nos campos de cultura.

Não havia dúvida possível: Libu o lavadeiro fugira. A esposa chorava e o chefe Sobek ordenara aos seus homens que passassem em revista o Lugar de Verdade e os arredores. Se essas investigações não dessem qualquer resultado, seria obrigado a pedir a Mehi que interviesse.

— Com certeza Libu cometeu um delito suficientemente grave para o levar a desaparecer e a abandonar a família - considerou Beken.

— Nada prova que tenha assassinado Néfer- objectou Sobek - Ele manifestou animosidade contra o mestre-de-obras?

— Não, mas trata-se com certeza de uma infeliz coincidência de circunstâncias. Libu era um ladrãozeco, como te disse, e deve ter tentado um grande golpe introduzindo-se no domicílio de Néfer, que estava em casa no momento errado.

— E ninguém o viu? E não há qualquer vestígio do roubo em casa de Libu?

As perguntas do polícia perturbaram o oleiro. Procurava respostas, quando um polícia irrompeu no gabinete de Sobek.

— Pronto, chefe, encontrámo-lo! O problema é que está morto. O núbio dirigiu-se imediatamente ao local.

— Viste o saíote? - interrogou um dos seus homens. - De grande luxo! Tem mesmo uma marca em hieróglifos...

O coração e a artéria da traqueia, por outras palavras, o sinal que servia para escrever a palavra "Néfer".

Sobek apoderou-se da peça de vestuário.

— É evidente que não há testemunhas.

— Nenhuma, chefe. De manhã cedo este lugar é deserto.

Clara examinou o saíote.

— Sim, pertencia a Néfer. Possuía dois saíotes novos a mais e acabo de verificar: falta um.

— O caso está encerrado - concluiu Kenhir. - Foi esse Libu que assassinou o mestre-de-obras. Quando soube que o chefe Sobek ia interrogar os auxiliares, decidiu fugir. Mas o destino não permitiu que ficasse impune e a morte apanhou-o antes que tirasse proveito do seu crime.

— Será esse então o teor do vosso relatório - avançou Sobek

— Do nosso relatório - rectificou o escriba do Túmulo.

— Não assinarei.

— Porquê? - perguntou Clara.

— Porque não acredito na morte natural desse lavadeiro.

— Esse saíote... Não será uma prova da sua culpabilidade? - insistiu Kenhir.

— Alguém tenta enganar-nos.

— Nesse caso, assina o relatório - recomendou Clara. - O monstro que se oculta por trás deste novo crime ficará convencido de nos ter ludibriado.

Graças à incessante actividade de Niut a Vigorosa, a morada oficial de Kenhir brilhava como uma jóia. Nem um grão de poeira ofendia um mobiliário requintado e a jovem conseguia mesmo fazer a limpeza no gabinete do escriba do Túmulo sem espalhar a desordem nos seus arquivos. Como era também uma excelente cozinheira, Kenhir deveria ser o mais feliz dos maridos e poder, fora das suas obrigações oficiais, consagrar-se à sua obra literária cuja jóia era uma Chave dos Sonhos.

Mas a atitude de Niut afligia-o.

— Senta-te um instante, por favor.

— A ociosidade não é o pior dos vícios?

— Fazes-me tonturas e gostava de te falar seriamente.

A dona de casa instalou-se numa cadeira empalhada.

— Oiço-vos.

— Sou um velho, tu és uma jovem. Casei contigo unicamente para te legar todos os meus bens, precisando bem que eras livre de ter uma existência a teu gosto. Porque razão te há-de consagrar incessantemente a esta casa e ao meu conforto, esquecendo a tua própria felicidade?

— Porque me sinto feliz desta maneira e todos os meus desejos estão satisfeitos. Preparei-vos roupa nova para o tribunal e espero que tomeis a decisão correcta. O Lugar de Verdade precisa de um verdadeiro chefe como Paneb.

“A assembléa do “esquadro e do ângulo recto”, o tribunal específico do Lugar de Verdade, reuniu-se no pátio a céu aberto do templo de Maet e Hathor. Dele faziam parte a Mulher Sábia, o chefe da equipa da esquerda, o escriba do Túmulo, Turquesa e mais quatro jurados tirados à sorte: Ched o Salvador, Nakht o Poderoso, Gau o Exacto e uma sacerdotisa de Hathor.

Oito como as forças primordiais, os membros do tribunal emitiam julgamentos que nenhuma autoridade contestava. Encarregados de distinguir a verdade da mentira e de proteger o fraco do forte, arbitravam os assuntos referentes à vida da confraria, desde as declarações de sucessão até aos conflitos entre aldeões.

— Foi-nos apresentada por vários artesãos uma proposta oficial - declarou Kenhir: - nomear Paneb o Ardente como mestre-de- -obras e sucessor de Néfer o Silencioso. Não preciso de sublinhar a importância de tal decisão, que só pode ser tomada por unanimidade. - Paneb arriscou a vida para salvar a confraria - lembrou Nakht o Poderoso. - Não aprecio o seu carácter, todos sabem, mas factos são factos. Quando tivermos que defender-nos de novo, será o nosso melhor baluarte.

— Quando o filho espiritual é fiel ao pai - interrogou a Mulher Sábia - não deve suceder-lhe?

— Paneb não é apenas um técnico excepcional - declarou Hai - como possui um temperamento de chefe. A sua maneira de dirigir não será semelhante à de Néfer e provocará muitas complicações, mas não temos escolha e proponho que confiemos nele.

— Essa atitude nem parece tua - fez notar Kenhir.

— Só interessa a confraria. E estou convencido que Paneb a servirá com todas as suas forças.

— Aprovo o chefe da equipa da esquerda - apoiou Gau com a sua voz rouca. -- Penso

também que a sua falta de diplomacia causará conflitos, mas temos necessidade da sua coragem e da sua energia.

Turquesa e a outra sacerdotisa de Hathor mantiveram-se em silêncio.

— Se bem compreendo - observou Kenhir - ninguém se opõe à nomeação de Paneb o Ardente como mestre-de-obras.

— Esqueceste-te de mim - interveio Ched o Salvador.

— Paneb foi teu aluno e sempre o apoiaste. -Justamente.

— Explica-te, Ched.

— Desde o primeiro instante soube que Paneb seria um grande pintor; mas foram necessários longos anos para o formar e permitir à sua mão expressar-se livremente, respeitando no entanto as regras da harmonia. Que ele seja hoje chefe de equipa, tanto melhor; já aprendeu a mostrar-se menos fioso e provou que sabe dirigir sem trair o espírito da confraria. Se queirmos etapas, Paneb acabará por ser consumido no seu próprio fogo. Demos-lhe o tempo de se instalar na sua função e julgemo-lo pelos seus actos.

— Não dispomos desse tempo! - afirmou Nakht o Poderoso.

— O nosso escriba do Túmulo está em excelente forma e saberá representar-nos perante as autoridades enquanto os dois chefes de equipa se consagrarão às suas tarefas. Depois, tomaremos uma decisão definitiva.

— Se faltar apenas uma opinião positiva, a tua, aceitas modificar a tua posição? - interrogou Kenhir.

— Seria uma cobardia imperdoável. Um fogo da natureza de Seth anima o coração de Paneb, um fogo tão atarrador como o raio; destrói não importa que obstáculo que se erga no seu caminho, mas aniquilará o Ardente se exigirmos demasiado dele.

Como a Mulher Sábia não retomou a palavra, Kenhir limitou-se a formular a decisão do tribunal: Paneb não seria nomeado mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

Turquesa tirou o carapuço de linho que fechava o boião bojudo contendo um precioso colírio composto por galena, pirite, carvão vegetal, cobre e arsénico. Como assistente directa de Clara, superior das sacerdotisas de Hathor do Lugar de Verdade, a deslumbrante ruiva, com uma quarentena leve como uma pluma, velava pelos objectos rituais utilizados no templo e pela preparação dos produtos de beleza que transformavam simples donas de casa em servidoras da deusa.

Nessa aldeia que não se assemelhava a nenhuma outra, todos exerciam uma função sagrada; os artesãos e as companheiras eram os seus próprios sacerdotes e sacerdotisas e nenhum celebrante exterior intervinha nas suas cerimónias. Eles próprios construíam a sua hierarquia com completa independência e apenas reconheciam como autoridade suprema o Faraó e a Grande Esposa Real.

Turquesa contou os boiões de unguentos para se assegurar que não faltava nenhum; bojudos, estáveis e estanques, fechados por carapuços de linho, eram outras tantas obras-primas talhadas em calcário, alabastro ou serpentina.

Terminado o seu inventário, a sacerdotisa enfeitou com ramos armados os altares do templo no qual em breve iria officiar a Mulher Sábia. Outrora, ela entrava ali acompanhada pelo mestre-

de-obras para celebrar o ritual da madrugada enquanto que, em cada casa, os aldeões apresentavam o fogo aos bustos dos antepassados e derramavam água sobre as flores dispostas em sua honra a fim de as fazer libertar o perfume que encantaria o seu ka. Assim era garantida a circulação da oferenda sem a qual a confraria não teria sobrevivido.

Hoje Clara estaria só, visto que o tribunal recusara a nomeação de um novo mestre-de-obras. Ela seria simultaneamente o Rei e a Rainha, o mestre-de-obras dos artesãos e a superiora das sacerdotisas.

Adornada com o colar de granadas que Paneb lhe oferecera, no regresso de uma expedição no deserto, Turquesa atravessou o pátio a céu aberto pensando na estranha ligação que a unia ao colosso.

É um facto que continuavam a proporcionar um ao outro um prazer cuja intensidade não diminuía e nenhuma nuvem empanava a sua paixão. Paneb sabia que Turquesa respeitaria o seu voto de continuar celibatária e que não seria nunca autorizado a passar uma noite em casa dela. O que ignorava é que Turquesa lhe transmitia uma força mágica que Uabet a Pura não possuía.

Desde o seu primeiro encontro, Turquesa pressentira que Paneb o Ardente desempenharia um papel decisivo na história da confraria e que ela o deveria ajudar a forjar uma alma de chefe, capaz de ir para além de si mesmo e das suas imperfeições.

Paneb ardia com um fogo que apenas a Grande Obra acalmaria. Competia a Uabet proporcionar-lhe o equilíbrio de uma dona de casa e a Turquesa manter nele o dinamismo do desejo. O que Néfer o Silencioso tivera a sorte de encontrar numa única mulher, Paneb vivia na experiência da dualidade. Não procurava nem a sabedoria nem a serenidade, como o seu pai espiritual, mas uma força criadora que não era deste mundo.

Por vezes, a própria Turquesa se sentia assustada; mas ao contrário da maior parte dos humanos, Paneb possuía a capacidade de incarnar plenamente o seu destino. A ela, a mágica, competia orientá-lo para o amor da obra e da confraria, evitando que o colosso se perdesse no pântano da ambição.

Ched o Salvador tivera razão em recusar a nomeação ao Ardente. Se fosse necessário, Turquesa tê-lo-ia apoiado.

Quando avançava pela rua principal, a aldeia dormia ainda.

Paneb o Ardente vinha ao seu encontro.

— Já levantado?

— Está tão agradável... E tinha vontade de te ver.

— É a hora dos rituais, Paneb, não do prazer.

— Justamente... Não é necessário pensar em embelezá-los constantemente? Como um chefe de equipa deve conhecer todas as técnicas, trabalhei muito com o ourives Tuti nestes últimos tempos. E pensei que, na tua função de sacerdotisa de Hathor, este adorno não seria inútil.

Os primeiros clarões da madrugada poisaram sobre uma fina tiara de ouro, de incrível leveza, ornada de rosetas coloridas e duas minúsculas cabeças de gazela maravilhosamente cinzeladas.

Estupefacta, Turquesa deixou-se coroar pelo colosso com mãos de fada que se afastou no momento em que os aldeões começavam o seu dia celebrando o culto dos antepassados.

Com a altura de um côvado e meio ², ovóides, perfeitamente estanques, bem cozidas em toda a sua espessura, pintadas de vermelho e marcadas com o nome dos seus proprietários, as ânforas de cereais figuravam no número dos objectos essenciais utilizados pelos aldeões. Fabricadas com uma argila do Médio Egito, eram simultaneamente leves e fáceis de manejar.

Instado pela esposa a encher duas, o chefe-escultor Userhat o Leão dirigia-se a passos lentos para os silos instalados a noroeste da aldeia. Os seus antecessores tinham talhado na marga paredes verticais com ângulos rectos bem marcados, tendo o cuidado de garantir a homogeneidade da argamassa que cobria o solo rochoso. Os grãos eram distribuídos por vários compartimentos, em função da sua qualidade e da data de entrega.

Graças à gestão rigorosa do escriba do Túmulo, os silos estavam sempre cheios e, mesmo em período de crise, o Lugar de Verdade tinha a garantia de não ficar sem pão.

Qual não foi a surpresa de Userhat ao encontrar Hai, o chefe da equipa da esquerda, diante do primeiro silo em grande discussão com as esposas furibundas de Pai o Bom-Pão e de Gau o Exacto!

Em termos pouco lisonjeiros, as duas donas de casa apostrofavam o imperturbável Hai que recusava deixá-las aceder às reservas de cereais.

— Qual é o problema? - perguntou Userhat, espantado.

— O vizir requisitou os silos - respondeu o chefe de equipa. - É proibido tocar neles até nova ordem.

— Esta requisição é ilegal! - tonitrou Paneb.

— É verdade - reconheceu o escriba do Túmulo - mas deixa em paz as minhas paredes e os meus móveis. Não fui eu que assinei essa carta mas sim um assistente do vizir.

— Vós é que haveis nomeado Hai como guarda!

— Enquanto esperamos para esclarecer a situação, é inútil fazer a comunidade correr o mínimo risco. Ainda temos cereal suficiente para fazer pão e cerveja durante vários dias antes de encetarmos as reservas dos silos.

— Mas estais imobilizado pela artrite e por uma crise de gota...

— Reforço o tratamento habitual - precisou Clara que acabava de auscultar o seu paciente - mas Kenhir não poderá estar a pé antes de dois dias.

— Irei então sozinho a casa do general Mehi - decidiu Paneb. - Compete-lhe acabar com esta injustiça e evitar este género de disparates no futuro.

— Tenta mostrar-te um pouco diplomata... Trata-se apenas de um erro administrativo.

— Nós, quando criamos uma pintura ou estátua - retorquiu o Ardente - não temos o direito ao erro!

Avançando a passo rápido, Paneb estava decidido a abanar o administrador-principal da margem oeste sem tolerar a menor justificação da sua parte. Rasgaria diante dele a requisição e reclamaria indemnização sob a forma de uma entrega imediata de cosméticos de primeira

qualidade.

Uma língua doce lambeu-lhe a perna. - Trigueiro! Não te pedi para me acompanhares...

Com os seus grandes olhos cor de avelã, o cão dirigiu ao colosso um olhar suplicante e cúmplice.

A meia distância entre o Lugar de Verdade e os gabinetes da administração, um quinquagenário robusto e mal barbeado barrou o caminho a Paneb.

— Olá, amigo! Lindo dia, não é verdade?

— Depende para quem.

— Gostaria de ter uma pequena conversa contigo.

— Não nos conhecemos e tenho pressa.

— Não és muito amável...

— Sai do meu caminho; repito-te que tenho pressa.

— Para ser franco, os meus camaradas gostariam de participar na nossa conversa.

Dos campos de trigo saíram vários homens que rodearam o artesão. Paneb contou nove e notou que eram parecidos: mesma morfologia, mesma atitude, mesma testa baixa.

E cada um deles brandia um cajado.

— Estás a ver - disse o mal barbeado - devíamos ficar todos calmos e não nos incomodarmos uns aos outros. Mas tu tornas-te irritante. Então, os meus camaradas e eu vamos ensinar-te a ficar quieto. Definitivamente quieto.

— E se eu pronunciasse uma palavra, uma única, que pudesse resolver a situação?

O chefe do grupo ficou surpreendido.

— Uma palavra... Mas qual?

— Ataque!

Trigueiro saltou e cravou dois dentes no antebraço do mui barbeado que deu um grito de dor. Paneb lançou-se sobre o seu acólito mais próximo, de cabeça, e bateu-lhe em pleno peito. Depois, desviando-se para o lado, evitou uma pancada de cajado e conseguiu, com os punhos juntos, quebrar a nuca do seu agressor.

Violentemente atingido nas costelas, o colosso por pouco não caiu. Só a sua excepcional resistência à dor lhe permitiu permanecer em pé e, com o joelho, quebrou o maxilar do adversário. Mas outro cajado se abateu sobre o seu ombro esquerdo e tomou consciência que aquele bando era formado por bandidos treinados no combate corpo-a-corpo.

Tocado no flanco, Paneb atirou-se ao chão, ergueu um pesado fulano agarrando-lhe os testículos e atirou-o de encontro a dois dos seus camaradas que caíram para trás. Rápido como um animal selvagem, o colosso acabava de esmagar com o calcanhar o nariz de um deles quando a ponta de um cajado o atingiu nos rins.

Abandonando a sua presa, Trigueiro mordeu a barriga da perna do que se preparava para dar cabo de Paneb. Surpreendido, este largou a arma, de que o artesão se apoderou.

Com a vista turva, coberto de sangue, o colosso conseguiu erguer-se e fazer girar o cajado.

— Vamos embora! - gritou o chefe.

Os acólitos apanharam os desmaiados e o bando dispersou-se como uma revoada de pardais. Trigueiro de boa vontade os teria perseguido, mas preferiu ficar junto de Paneb que, retomando o fôlego, o recompensou com uma longa série de carícias.

Os soldados da guarda apontaram as espadas curtas para a espécie de monstro coberto de feridas que acabava de penetrar no pátio onde se abriam os gabinetes da administração central da margem esquerda. Assustado, um escriba largou os rolos de papiros e refugiou-se em casa do seu superior.

Trigueiro rosnou e mostrou os dentes, preparado para novo combate.

— Sou Paneb o Ardente, artesão do Lugar de Verdade, e exijo ver imediatamente o general Mehi.

A reputação do colosso tinha ultrapassado os muros da aldeia e todos sabiam que podia vencer, de mãos nuas, um número considerável de homens armados.

— Vou preveni-lo - prometeu o graduado. - Espera aqui e segura no teu cão.

A espera foi de curta duração. Foi um Mehi vestido à última moda que veio buscar o seu hóspede.

— Paneb! Mas em que estado...

— Agrediram-me. Nove homens com cajados. E não eram camponeses.

— O que queres tu dizer?

— Eram profissionais que sabiam bater-se.

O rosto de Mehi ensombrou-se.

— Era o que eu receava...

Paneb insurgiu-se:

— Sabieis que iam tentar matar-me?

— Não, claro que não, mas há relatórios alarmantes referindo bandos de mercenários líbios que terão atravessado o deserto para penetrarem na região e cometerem descatos. Vou duplicar imediatamente as patrulhas a fim de que esses bandidos sejam presos o mais depressa possível. Nove homens... E conseguiste vencê-los?

— Fugiram e alguns têm ossos partidos.

— Vou levar-te à enfermaria.

— A Mulher Sábia tratará de mim. Como chefe da equipa da direita, devo apresentar-vos um problema grave... Tendo em conta a importância da minha função, sede menos familiar comigo e parai de tutear-me.

— Muito bem, muito bem... Vamos ao meu gabinete. Como Trigueiro os seguisse, Mehi imobilizou-se.

— Esse cão não deveria ficar cá fora?

— Trigueiro é um guerreiro nobre e corajoso. Acompanha-me.

— Pois sim...

Paneb detestou o gabinete de Mehi, que considerou sobrecarregado de vasos pretensiosos e pinturas mediocres.

— Sentai-vos, Paneb.

— Não vale a pena.

— Deveis ter sede?

— Sede de justiça, sim.

O general abriu os olhos, espantado.

— De que injustiça vos queixais?

— A requisição dos silos do Lugar de Verdade.

— Mas... É totalmente ilegal!

— No entanto, recebemos um documento assinado por um assistente do vizir.

Paneb colocou o documento sujo de suor e de sangue sobre a secretária de Mehi, que o leu atentamente.

— É falso - concluiu. - Este assistente não existe.

Naquela manhã, Mehi estava a fazer um verdadeiro massacre de guarda-rios, poupas e patos na floresta de papiros onde caçava com ferocidade há mais de cinco horas. Mas esta matança não bastava para lhe acalmar os nervos, que controlara com dificuldade enquanto escutava Paneb.

Nove soldados pagos a preço de ouro para se calarem, nove veteranos que já tinham partido para a fronteira líbia... Como tinha o artesão, por muito colosso que fosse, conseguido vencê-los?

O plano de Serketa funcionara perfeitamente: Atraído para fora da aldeia pela falsa requisição dos silos, Paneb caíra na cilada preparada pelo grupo que recebera ordem para interceptar um perigoso malfeitor e suprimi-lo se resistisse. A um contra nove, o Ardente não tinha qualquer hipótese!

Uma única explicação; Paneb gozava de um poder sobrenatural proporcionado pela Pedra de Luz. Alimentava-se da sua energia e desenvolvia em seguida uma força contra a qual ninguém podia lutar.

Esta certeza decuplicou em Mehi o desejo de se apoderar do tesouro supremo do Lugar de Verdade! Era a Pedra que tornava a confraria capaz de resistir à adversidade e enfrentar as piores provações sem desesperar. Enquanto a possuísse, os ataques, por mais duros que fossem, provocariam apenas desgastes mínimos.

É evidente que o protector oficial do Lugar de Verdade fora além das exigências de Paneb, apresentando desculpas oficiais ao escriba do Túmulo e oferecendo à confraria potes de unguentos e jarros de vinho para fazer esquecer o lamentável erro da administração.

A beleza e elegância da Rainha Tauserr subjugavam o chanceler Bai. A qualquer hora do dia, a soberana estava deslumbrante, maquilhada com arte e adornada por discretas jóias de ouro devidas ao talento do ourives Tuti. Fiel à memória de Seti II, Tausert não voltara a casar; com autoridade mas sem ostentação, governava o Egito evitando choques com os partidários de Siptah.

— A saúde do Faraó melhorou, chanceler?

— Infelizmente não, Majestade; mas o Rei não se queixa, de tal forma se sente feliz por ler os textos dos Antigos e conversar com os sábios do templo.

— Esqueceu definitivamente os assuntos de Estado?

— Deposita em vós plena e absoluta confiança.

— Era o que tu previras, não é verdade? Bai baixou os olhos.

— O velho cortesão Sethnakht agita-se muito, nestes últimos tempos - continuou a Rainha. - O seu nome, "Seth é vitorioso", é assaz inquietante. Controlas a situação?

— Não por completo, Majestade. A palavra desse dignitário tem muito peso e ele considera necessário prosseguir a linha sethiana interrompida por morte do vosso marido.

— Quais são os seus argumentos?

— Pensa que o Egito está a enfraquecer e que não vos preocupais suficientemente com o exército. Do seu ponto de vista, seria indispensável uma demonstração de força na Siro-Palestina.

— Não é essa a minha política, com efeito. Consideras que seja suficientemente audacioso para tentar apoderar-se do poder?

— Sethnakht é um homem ponderado mas voluntarioso; convém portanto levá-lo muito a sério.

— Portanto, o número dos meus inimigos não diminuiu...

— Infelizmente não, Majestade, e a composição actual da corte não me incita ao optimismo. Mas não lhes deixo o campo livre e reforço constantemente o meu sistema de defesa para vos permitir governarem paz.

O sorriso da Rainha fez corar o chanceler.

— Tinha-te prometido uma surpresa, lembras-te? Este mundo não passa de uma ínfima parte da realidade, Bai, e devemos pensar na nossa Morada de Eternidade, A Mulher Sábia ainda não determinou a localização da minha no Vale das Rainhas, mas tomei uma decisão no que se refere à tua.

A garganta do chanceler contraiu-se. Tudo o que desejava era ficar perto de Tausert para além da morte aparente.

— Residirás no Vale dos Reis, não longe de Seti II que serviste fielmente.

O chanceler por pouco não teve um chelique.

— Eu, no Vale dos Reis, mas...

— Devido à tua dedicação ao serviço do país, mereceste essa honra excepcional. Amanhã, partirás para o Lugar de Verdade e confiarás a sua nova missão à confraria: construir o Templo dos Milhões de Anos de Siptah e dois túmulos, o do Rei e o teu.

— Majestade, como... Como posso agradecer-vos?

— Continuando a ser tu mesmo, Bai.

Trémulo de emoção, o chanceler ousou murmurar o pedido que o sufocava:

— Quando os deuses vos coroarem Faraó, Majestade, possa a minha Morada de Eternidade ficar próxima da vossa.

— O templo será construído entre o de Tutmés III e o Ramesseum - anunciou Hai, o chefe da equipa da esquerda, na presença da Mulher Sábia, de Paneb e do escriba do Túmulo. - Quanto ao túmulo de Siptah, detectámos uma boa localização, um pouco a norte do de Seti II.

O chanceler Bai aprovou com um sinal de cabeça.

— Visto que sois o servidor desses dois Reis - continuou Hai - o vosso será escavado perto do de Siptah, portanto no mesmo sector do Vale.

— Suponho que se trata de um simples jazigo não decorado, não é verdade?

— É esse o costume no que diz respeito às personalidades não reais, com efeito, mas não é esse o desejo da Rainha Tausert, de acordo com o Faraó Siptah - precisou Kenhir. - Eis o plano que elaborámos.

Vários corredores de enfiada, uma sala do sarcófago, paredes para decorar... Bai estava estupefacto.

— Mas... Dir-se-ia um túmulo real!

— É esse o desejo da Rainha - confirmou a Mulher Sábia. - Esta Morada de Eternidade não

será consagrada como a de um Faraó, mas evocará a vastidão da tarefa realizada pelo seu ocupante.

Pela primeira vez desde que trabalhava ao serviço do Egito, o chanceler Bai sentiu-se perdido.

Fened o Nariz verificou uma última vez a localização escolhida, da qual a Mulher Sábia, munida de um malho e do cinzel em ouro de Néfer o Silencioso, se aproximou com respeito. Dando o primeiro golpe na rocha, não a feria mas relevava a sua vida secreta, preservada no silêncio. E, esta vida tomaria a forma da Morada de Eternidade do Faraó Siptah.

Inquieto, Sobek duplicara a guarda à entrada do Vale dos Reis e inspeccionara pessoalmente as colinas que dominavam "a grande planície" onde, dia após dia e noite após noite, se operava a transmutação da alma dos reis que ali repousavam. A agressão de que Paneb fora vítima preocupava-o no mais alto grau; se se tratavam de mercenários líbios, não hesitariam em atacar as necrópoles na esperança de aí encontrar ouro e o Vale dos Reis deveria ser objecto de precauções especiais.

Seria no entanto possível acreditar nas declarações de Mehi? É certo que o polícia núbio não correria qualquer risco, mas não podia impedir-se de pensar que aquele general demasiado ambicioso ocultava a verdade.

Graças aos unguentos da Mulher Sábia, os ferimentos de Paneb não passavam de uma má recordação. E foi com a energia intacta que o colosso brandiu a grande picareta sobre a qual o fogo do céu traçara o focinho e as duas orelhas do animal de Seth.

Com aquele simples gesto, transmitiu à sua equipa entusiasmo e desejo de realizar com êxito uma nova obra-prima. Os talhadores de pedra secundaram-no, os outros artesãos prepararam uma oficina para preparar o programa de escultura, pintura e ourivesaria.

E o milagre repetiu-se: graças ao canto das ferramentas, à comunhão dos pensamentos e à coordenação dos esforços, a alegria reinou no estaleiro. Para surpresa geral, Paneb não manifestou qualquer autoritarismo; velou pelo trabalho de cada um com serenidade, resolveu as dificuldades sem impaciência e deu o exemplo em todas as circunstâncias.

— - Néfer não se enganou ao escolhê-lo como filho espiritual -admitiu Karo o Mal-humorado.

— Não nos alegremos demasiado cedo - recomendou Unesh o Chacal. - De momento, Paneb contém-se, mas a sua natureza não tardará a vir ao de cima.

— Enganas-te - objectou Gau o Exacto. - Como chefe de equipa, está consciente dos seus deveres.

— Tens muitas ilusões - considerou Fened o Nariz.

— De maneira nenhuma - cortou Nakht o Poderoso. - Eu, que fui o adversário declarado de Paneb, constato que as responsabilidades o transformaram e que tivemos razão em confiar-lhe o lugar.

Quando Kenhir se instalou no assento escavado na rocha de onde observava o desenrolar dos trabalhos, estava com um humor terrível. Atormentado por um pesadelo, passara mal a noite e

receava que o dia fosse uma sucessão de catástrofes.

A primeira verificou-se a meio da manhã, quando Casá o Cordame foi incapaz de se endireitar.

— Lumbago - queixou-se com uma careta.

Paneb interveio imediatamente. Utilizando a técnica que lhe ensinara a Mulher Sábia, manipulou o talhador de pedra para restabelecer o alinhamento correcto das vértebras a fim de que a circulação da energia fosse garantida ao longo da coluna, a árvore da vida.

— Vai ter necessidade de vários dias de repouso - disse Paneb ao escriba do Túmulo.

Alguns minutos mais tarde, foi a vez de Pai o Bom-Pão parar de trabalhar.

— Pulso esfolado - afirmou. - Preciso de uma ligadura.

Kenhir constatava a realidade do ferimento que começava a inchar quando o berro de Ipui o Examinador o fez sobressaltar; o pé direito do artesão acabava de ser esmagado pela grande picareta que escapara da mão de Nakht o Poderoso.

Os colegas rodearam o infeliz e estenderam-no sobre uma padiola.

— É razão para nos interrogarmos se este estaleiro não está amaldiçoado - resmungou Karo o Mal-humorado.

Na sua morada oficial, situada no ângulo sudeste da aldeia, Paneb acabara de tratar os móveis de madeira envernizando-os com óleo de cedro, umas vezes translúcido, outras escuro para imitar o ébano, e embalava ternamente Selena, a filhinha de olhos verdes, tão frágil nos braços do seu colossal pai.

O chefe da equipa da direita estava enfim descansado. Na sequência do entorse de Userhat o Leão e do ferimento na face de Fened o Nariz, atingido por um estilhaço de pedra, pedira a intervenção da Mulher Sábia. No final de uma noite de esconjuros, esta expulsara o mau-olhado do estaleiro.

Embora receando novos incidentes, os Servidores do Lugar de Verdade tinham aceitado retomar o trabalho. Mas à excepção de um cesto de restos de calcário voltado, nenhum novo drama se verificara; e quando Renuapé o Jovial entoara uma canção empolgante à glória do fundador da confraria, a felicidade de trabalhar animara de novo a mão dos artesãos.

A Mulher Sábia fizera uma imposição a Paneb: terminar o mais depressa possível a Morada de Eternidade de Siptah. Sem dar explicações, pressentia que aquele estaleiro seria de curta duração. Como o colosso começara igualmente a escavar o túmulo do chanceler Bai, tinha que exigir muito da sua equipa sem alterar a qualidade do trabalho e sem roubar ao tempo de repouso.

Apenas solicitara portanto voluntários para sacrificarem os seus dias de descanso regulamentares, com prémios a apoiar: Nakht o Poderoso, Userhat o Leão, Casá o Cordame e Unesh tinham-se empenhado, apesar dos protestos das suas companheiras, que Uabet a Pura conseguira acalmar.

Pela primeira vez desde ha alguns meses, Paneb repousava algumas horas em casa e saboreava a beleza da sua habitação decorada com pinturas representando lótus e folhas de vinha.

Furibunda, Uabet saiu do quarto.

— Faltam-me duas agulhas de desembaraçar os cabelos! -queixou-se. - Não terás sido tu que as tiraste?

Uabet prezava muito essas pequenas varinhas de madeira e osso, com o comprimento de cerca de vinte centímetros e uma das extremidades pontiaguda. Elas permitiam-lhe tanto coçar o couro cabeludo como desfazer os emaranhados cabelos sem desmanchar as tranças. Além disso, Paneb decorara-as com uma cabeça de falcão esculpida com minúcia que fazia a inveja da maior parte das suas amigas.

— Bem sabes que não toco nas tuas coisas.

— Então foi o Aperti!

— Onde está ele?

— Não sei. Desde que aprendeu a trabalhar com gesso, já se julga mestre-de-obras e tornou-se incontrolável.

Selena sorriu ao pai, que a beijou docemente na testa.

— Vais ficar toda a vida comigo?

— Claro que sim... Mas por agora, tenho que ir procurar o teu irmão.

— Fez disparates outra vez?

— Esperemos que não.

— Aperti? Saiu do estaleiro há mais de uma hora - disse a esposa de Pai o Bom-Pão a Paneb. - Trabalha bastante bem e vamos ter uma bela fachada toda feita de novo, mas que feitió! A mínima censura, fica com a mosca e torna-se ameaçador. Se não lhe puseres freio, vais ter muito que penar!

O colosso interrogou várias donas de casa, mas nenhuma sabia onde tinha ido Aperti. A esposa de Userhat o Leão tremia pelo seu mais velho, que nessa mesma manhã discutira com o filho do chefe da equipa da direita.

Foi em vão que Paneb percorreu a aldeia e os arredores. Se Aperti tinha abandonado o território do Lugar de Verdade, não seria melhor alertar a polícia? Faltava ainda dar uma vista de olhos ao vazadouro, escavado a sul, depois do abandono dos de este e de oeste. Ali eram queimados os vários detritos, reduzidos a uma massa compacta purificada pelo sol e depois enterrada numa cavidade orlada de muros de pedras ligadas com argamassa.

Paneb não quis acreditar no que viam os seus olhos.

No topo de um monte de detritos, Aperti torturava o filho mais velho de Userhat o Leão, ameaçando enterrar-lhe nas palmas das mãos as agulhas de desembaraçar o cabelo roubadas à mãe.

— Sai daí! - berrou o colosso.

Aperti ficou paralisado durante um longo momento e a sua vítima aproveitou para fugir.

— Esse patife tinha-me insultado - explicou o rapaz de dezassete anos cuja envergadura prometia igualar a do pai.

— Porque roubaste essas agulhas?

A pergunta apanhou Aperti desprevenido.

— Para me divertir...

— Não passas de um pequeno ladrão sádico, Aperti, e utilizas de forma deplorável a força que os deuses te deram.

Foi a tremer que o adolescente saiu do vazadouro.

— Tu... tu não me vais castigar, pois não?

— Antes de mais nada, dá-me as agulhas! Aperti ajoelhou.

— Toma... mas não me batas! A mamã não te perdoaria e...

A bofetada foi tão violenta que Aperti foi atirado ao chão.

— Esta aldeia tem as suas leis, meu rapaz, e debes respeitá-las. Não haverá mais nenhum aviso. Ou estás a trabalhar amanhã de manhã bem cedo, ou abandonas o Lugar de Verdade.

— Eu... eu posso voltar para casa?

— Esta noite vais dormir à porta e sem comer. Com o estômago vazio, as pessoas reflectem melhor nos seus erros.

Ultrapassada a crise de gota, acalmada a artrite, Kenhir tinha dores actualmente no meio das costas e já não podia passar uma parte da noite a redigir a sua Chave dos Sonhos; a conselho de Niut a Vigorosa, encontrara uma posição que lhe permitia esquecer a dor: sentado sobre uma almofada, com uma perna estendida, alongava o braço para escrever sobre uma tabuinha de madeira pendurada de um prego cravado na parede do seu gabinete. Os seus hieróglifos eram cada vez mais ilegíveis, mas o velho escriba nada perdera das suas capacidades intelectuais e não cedia a ninguém o cuidado de manter o Diário do Túmulo.

— Deveríeis desconfiar do vosso assistente - recomendou Niut.

— Imuni é um técnico competente e sério. Graças a ele, os inventários são de uma exactidão absoluta.

— Tanto melhor, mas cobiça o vosso lugar e o seu coração não é bom.

— Terá feito alguma coisa?

— Ele que não se arrisque a isso! Não, é em vós que eu penso...

— Tranquiliza-te, Imuni ainda não está preparado para me suceder. Talvez nunca esteja.

— Não se tornará azedo?

— Se assim for, mandá-lo-ei continuar a sua carreira numa província tranquila. Ou Imuni percebe a sorte imensa que tem de viver aqui, ou tornar-se-á um banal funcionário.

— O vosso pequeno-almoço está pronto.

Cereais torrados no ponto certo, figos doces como mel e um bolo recheado de tâmaras... Todas as manhãs Kenhir se regalava, e o mesmo acontecia ao almoço e ao jantar. Quanto a Imuni, não tinha o prazer da mesa e esse grave defeito impedia-o de se alegrar.

O pequeno escriba com rosto de fuinha solicitava audiência. Niut fê-lo esperar até o marido ter terminado a refeição.

— Um relatório do chefe Sobek!

— Porque gritas assim, Imuni?

— Porque a reputação do Lugar de Verdade está em causa! Temos de intervir imediatamente.

— A que propósito?

— O desaparecimento de uma vaca.

— Em que é que isso nos diz respeito?

— Pertencia ao Ramesseum e devia incarnar Hathor na próxima festa da deusa no templo de Deir el-Bahari.

— É efectivamente aborrecido, mas o que podemos nós fazer?

— A vaca fugiu por culpa de um artesão e portanto a responsabilidade da confraria está envolvida! O relatório do chefe Sobek precisa que houve testemunhas e que entrincheirarmo-nos no silêncio não bastará para abafar o escândalo.

— Qual é o artista acusado?

— O relatório é mudo nesse ponto.

Em pleno escavar de um túmulo real e do do chanceler Bai, era uma verdadeira catástrofe!

— Dá-me a minha bengala.

Sentado num tamborete ao fundo do seu gabinete do quinto fortim, Sobek parecia acabrunhado.

— É mesmo sério? - interrogou Kenhir.

— Oh se é! Foi por isso que fui obrigado a redigir aquele texto e instigar-vos a fazer toda a luz sobre este caso.

— Esqueceste-te de indicar o presumível culpado.

— Não suporto a calúnia.

— Falas de testemunhas...

— As testemunhas compram-se! Sobretudo quando se trata de acusar um chefe de equipa do Lugar de Verdade, no caso Paneb o Ardente.

— Se permaneceres no território do Lugar de Verdade, estarás fora de alcance - confirmou Kenhir a Paneb. - Vou iniciar um processo para tentar demonstrar a nulidade dos testemunhos.

— Não aceito ser limitado nos meus movimentos por uma falta que não cometi! Travar a minha acção não será enfraquecer a confraria?

— Receio que sim, mas o teu primeiro dever é terminar a Morada de Eternidade do Faraó Siptah.

— Não basta encontrar essa vaca?

— A vaca com certeza nunca existiu!

— Não é essa a opinião de Sobek, que conduziu um inquérito exacto sobre esse ponto.

— Escapaste a nove agressores, Paneb, e não deves desafiar a tua sorte.

— Não aceito viver como um prisioneiro, mas submeter-me-ei à opinião da Mulher Sábia.

— Acompanha-me ao templo - exigiu Clara.

Toda a aldeia sabia já que fora desferido um novo ataque contra ele e Paneb sentiu-se feliz por receber sinais de encorajamento. Pelo seu andar, todos compreenderam que o colosso se preparava para lutar, tendo a inteligência de se deixar guiar pela Mulher Sábia.

— Quando Néfer tinha que tomar uma decisão vital para o futuro da companhia, vinha aqui - revelou ela ao franquear o pilone cuja fachada era adornada com grandes estelas dedicadas ao ka do Faraó assim como cenas de oferendas a Maet e à soberana da colina do Ocidente, representada sob a forma de uma serpente com cabeça de leoa.

Clara e Paneb purificaram-se, ungiram-se com mirra, envergaram trajes de fino linho, calçaram sandálias brancas e penetraram no santuário onde reinava uma paz que não se assemelhava a nenhuma outra.

— Tu és o templo e vives - disse a Mulher Sábia na penumbra. - Acalmas o vento do Sul, colocas a sombra benfeitora no lugar do Sol ardente, as tuas duas paredes são as montanhas do Ocidente e do Oriente, a tua abóbada é o céu e somos alimentados pela tua luz.

Aqui, o sagrado realizava-se por si próprio, sem a participação do homem que, no entanto, reunira as pedras, esculpira as cenas e traçara os hieróglifos. Participando assim na harmonia do Universo, a confraria oferecera uma morada à força divina que celebraria para sempre os rituais inscritos nas paredes.

— O incidente é muito mais grave do que parece - considerou a Mulher Sábia. - Se essa vaca fugiu é porque a protecção de Hathor se afasta de nós, E sem ela a nossa magia será inoperante.

— Não acreditas que se trata apenas de uma nova armadilha? Assassinaram Néfer e procuraram suprimir-me!

— Estás em perigo, é verdade, mas este animal faz-nos um aviso. Se o negligenciarmos, as nossas defesas ficarão enfraquecidas e sucederá o pior. É preciso encontrar essa vaca e conduzi-la junto de Hathor.

— Está bem... Vou tratar disso.

Apoiado à sua bengala, Kenhir olhou a direito nos olhos do responsável pelo gado do Ramesseum, um jovem alto funcionário recém-saído da escola dos escribas.

Este recebia-o num gabinete abobadado e agradavelmente ventilado graças à disposição astuciosa de pequenas janelas que garantiam uma boa circulação do ar. Os papiros estavam impecavelmente arrumados e os assentos eram confortáveis.

— É uma grande honra... Não esperava a vossa visita.

— Colocais em causa um Servidor do Lugar de Verdade e não esperáveis a minha visita! Esqueceis que sou o representante do Estado no interior da aldeia e que atacando um dos seus habitantes é a mim que atacais?

— Vós... Vós desejais sem dúvida sentar-vos, não?

— De maneira nenhuma, meu rapaz. As minhas pernas trouxeram-me até aqui e espero que me transportarão ainda durante muito tempo.

Vários colegas tinham prevenido o responsável pelo gado: Kenhir não era fácil de manipular mas, com a ajuda da idade, talvez se mostrasse menos beligerante e mais conciliador.

Era evidente que se tinham enganado.

— Então, as vossas testemunhas?

— O termo talvez seja excessivo...

— Excessivo... O que significa isso?

— "Testemunha" implica um aspecto jurídico exacto e eu não desejava...

— Ides ou não mostrar-me essas testemunhas?

— São simples camponeses sem instrução e de palavra bastante confusa. Um juiz poderia considerar que as suas observações são imprecisas e...

— Viram Paneb o Ardente roubar uma vaca dedicada a Hathor ou não?

— Eu daria uma opinião mais moderada, tanto mais que existe um boieiro de grande envergadura que seria possível confundir com Paneb.

O olhar do escriba do Túmulo tornou-se cortante.

— Estais a tentar explicar-me que a vossa pasta de acusação está vazia?

— Pois... com efeito não está muito cheia e podeis crer que eu não tinha em vista propriamente um processo.

— E mesmo assim haveis causado toda esta confusão! Porquê?

O responsável pelo gado desviou o olhar.

— Uma espécie de oportunidade... Vós, um escriba experiente, deveríeis compreender que é difícil subir os degraus da hierarquia. Portanto, supus que...

— Pertenceis a essa categoria de jovens predadores que procuram fazer falar de si por todos os meios para obterem a benevolente atenção dos seus superiores, sem se preocuparem com a Lei de Maet!

— Escutai, Kenhir, essa vaca desapareceu realmente e...

— Por vossa culpa, é evidente! E tentais fazer um outro pagar pelo vosso erro, usando a calúnia para melhor limpardes o vosso nome.

— Devíamos... encontrar um ponto de entendimento, entre escribas. O Lugar de Verdade não é afinal a vossa família.

— Aprendei, meu rapaz, que o escriba do Túmulo não é um funcionário como os outros e que vive uma fraternidade de que não fareis nunca a menor ideia. Apresentai a vossa demissão e abandonai a margem oeste o mais depressa possível. Caso contrário, ocupar-me-ei pessoalmente do vosso caso.

Aniquilado, o responsável pelo gado deixou-se cair pesadamente num assento baixo.

— E... a minha vaca?

— Encontrai-a vós mesmo!

Tranquilizado, Kenhir regressou à aldeia. A caminhada fatigara-o um pouco, mas sentia-se satisfeito com a ideia de anunciar excelentes novidades.

Quando Clara saiu do seu gabinete de consulta, o velho escriba sentiu uma emoção comparável à provocada pelo seu primeiro encontro: apesar do luto, continuava a resplandecer como um suave sol de Primavera e a sua simples presença bastava para fazer acreditar na felicidade.

— Está tudo arranjado - informou ele. - Era um arrivista que estava a arranjar uma complicação para nos fazer ficar com as culpas de um dos seus erros. Tencionava mesmo associar-me à sua medíocre manipulação! Paneb pode dormir descansado.

— Ele partiu - revelou Clara.

— Partiu... Mas onde foi?

— Procurar a vaca de Hathor.

— Esse assunto já não nos diz respeito!

— Creio que sim, Kenhir. O funcionário do Ramesseum foi apenas o instrumento do destino; julgando incriminar-nos, traduziu o apelo da deusa.

— Já tentaram matar Paneb, Clara! Mandá-lo assim para o desconhecido não será fazê-lo correr riscos imprevisíveis?

— Do ponto de vista das sacerdotisas de Hathor, esta missão é essencial.

Kenhir apoiou-se na bengala.

— Começo a compreender... Estais a impor-lhe uma das provas que talvez o conduzam ao cume, não é verdade?

Clara contentou-se em sorrir.

— Essa vaca sagrada está realmente em perigo.

— E se Paneb não for capaz de a trazer, ele também não regressará.

— Compete à deusa julgar.

A função de escriba do Túmulo não é uma sinecura, pensou Kenhir, mas ainda é preferível à de chefe de equipa do Lugar de Verdade.

— Recebi uma mensagem do traidor - anunciou Serketa passando a língua pelos lábios gulosos. - A confraria continua a escavar os túmulos do chanceler Bai e do Rei Siptah e a construir o templo deste último na margem oeste. Mas sem Paneb...

Mehi sobressaltou-se.

— Estás a brincar?

— Paneb abandonou a aldeia e ninguém sabe onde foi.

— Não nos alegremos demasiado cedo...

— O traidor afirma que não se trata de uma viagem oficial. E se os nervos de Paneb tivessem cedido? Depois da agressão que por pouco não lhe custou a vida, talvez tenha optado por se afastar definitivamente dessa aldeia que só lhe causa problemas.

— Estranha atitude..., Mas esse rapaz não me parece do género de renunciar assim tão facilmente.

— Todo o homem tem as suas fraquezas, meu terno leão - murmurou Serketa.

Graças às indicações de um boieiro, Paneb pudera seguir o caminho que levava a vaca até à orla da floresta de papiros com a altura de mais de seis metros.

Instalado num assento de palha, um pescador devorava um bolo.

— Viste passar uma vaca? - perguntou-lhe o colosso.

— Lá isso vi! Era magnífica, com grandes olhos doces e uma pelagem que parecia de ouro.

— Porque não a detiveste?

— Em primeiro lugar, não é esse o meu trabalho; depois, essa vaca não se assemelha às outras... Por aqui diz-se que a deusa Hathor a protege e que ninguém lhe deve tocar. Se queres um conselho, não te aventures aí dentro. Muitos caçadores experientes não voltaram a sair.

Paneb afastou os primeiros mactiços para penetrar num mundo hostil onde cada passo era um perigo. Mas a Mulher Sábia confiara-lhe uma missão vital para o futuro da confraria e o chefe da equipa da direita preferia desaparecer a não a cumprir.

Sanguessugas, mosquitos e outros insectos enormes não pararam de o atacar, enquanto pequenos carnívoros e inúmeros pássaros, perturbados pelo intruso, provocavam uma inquietante algazarra, fazendo vibrar as hastes dos papiros.

Uma serpente de água roçou-lhe as pernas, mas Paneb não abandonou o andamento.

Se lhe tivessem armado uma cilada, os seus agressores não estariam em melhores condições do que ele. Como o medo não o entravava, fundiu-se pouco a pouco naquele meio tenebroso onde a vida e a morte travavam uma luta sem tréguas.

Quando começava a desesperar, o colosso viu-a.

Uma vaca de incrível beleza, formas perfeitas, focinho delicado e olhar de extrema ternura.

Permanecia sobre uma ilhota coberta de ervas e rodeada de água glauca. Não fugiu quando ele se aproximou, mas Paneb sentiu que estava inquieta e que um perigo próximo a impedia de penetrar num mactiço cerrado de papiros.

Uma forma escura, semelhante a um tronco de árvore, traçava um sulco na direcção da ilhota. Dentro de alguns segundos, o crocodilo fecharia os maxilares sobre as patas traseiras da vaca!

Paneb saltou para as costas do sáurio no momento em que ele atacava. O animal teve um sobressalto de tal violência que o colosso julgou ter ficado com os ossos quebrados mas não abandonou a sua presa. A força do monstro decuplicou a de Paneb, feliz por enfrentar semelhante adversário que o obrigava a ultrapassar-se.

Soltando um berro que poderia ser grito de vitória ou de derrota, reuniu as suas últimas forças para afastar os maxilares do sáurio a ponto de os rasgar.

Purificada por fumigações de incenso, com os olhos maquilhados de negro e verde, coroada com duas plumas enquadrando um disco de ouro, uma coluneta de faiança ao pescoço, a vaca penetrou no pátio do templo de Hathor.

As sacerdotisas prestaram homenagem à encarnação da sua deusa protectora e cantaram hinos ao amor misterioso que ligava entre si os elementos do Universo e permitia aos humanos compreender a mensagem das estrelas.

Depois de se ter afastado do Lugar de Verdade, Hathor regressara, abandonando os pântanos para reencontrar o seu templo e revelar às suas servas a harmonia da origem antes de regressar à sua cerca de Deir el-Bahari.

Quando a Mulher Sábia ungiu com óleo santo a fronte da vaca, esta sorriu-lhe.

E apesar da ligadura coberta de unguento que amparava as suas costelas doridas, Paneb tinha também o sorriso nos lábios.

A pedido de Hai, o chefe da equipa da esquerda, a totalidade da tripulação do Lugar de Verdade trabalhava nos acabamentos do Templo dos Milhões de Anos do Faraó Siptah. De dimensões modestas, o edifício ficava ao lado do ilustre Tutmés III, autor do Livro da Matriz Estelar que os desenhadores da confraria utilizavam para decorar as Moradas de Eternidade do Vale dos Reis, e gozava da protecção do imenso Ramesseum.

— Aquele pequeno Rei Siptah tem muita sorte - considerou Fened o Nariz. - Uma localização como esta é maravilhosa!

— Esperemos que o Além lhe seja mais favorável do que cá em baixo - resmungou Karo o Mal-Humorado. - Segundo se conta, está sempre doente e não viverá muito tempo.

— Foi Tausert que insistiu para que o seu templo fosse construído aqui e o mais depressa possível - insistiu Userhat o Leão. - Esta Rainha tem grandeza de alma.

— Isso pensas tu! - protestou Unesh o Chacal. - Ela aplica uma estratégia, nada mais. Cuidando desse adolescente enfezado e incapaz de governar, atrai a simpatia dos seus partidários.

— Esqueçamos a política - recomendou Pai o Bom-Pão. - Eu gostaria que o Faraó Siptah viesse visitar a nossa aldeia.

— Não há hipótese - observou Nakht o Poderoso. - Não sai do templo de Amon, em Pi-Ramsés, e a sua única alegria é a leitura dos velhos autores.

— Mas como sabem vocês tudo isso? - perguntou Gau o Exacto.

— Pelas nossas esposas! - respondeu Renupe o Jovial. - Elas conversam com os guardas que, por sua vez, falam com o carteiro e os auxiliares, e estamos tão bem informados como os habitantes da capital.

— Bebamos um copo e regressemos ao trabalho - preconizou Tuti o Sábio.

Apesar de alguns pormenores a concluir, o santuário estava pronto a funcionar e os sacerdotes permanentes poderiam residir lá a partir do dia seguinte.

Cumprindo as suas obrigações tal como os seus colegas, o traidor observava o mínimo movimento que se verificava no estaleiro. Na véspera, com os Servidores do Lugar de Verdade, transportara lápis-lazúli, turquesas, mirra, incenso fresco, linho fino, cornalina, jaspe vermelho, alabastro e outros materiais necessários à vida do templo. Abrindo a reserva, não teria o escriba do Túmulo retirado igualmente a Pedra de Luz, dissimulada no pesado cofre de madeira que Paneb, apesar dos seus ferimentos, fizera questão de transportar ele próprio aos ombros?

Dissimular a Pedra no templo de Siptah... Excelente ideia! O traidor teria continuado a procurá-la em vão no interior da aldeia. Mas Hai cometera um erro ao solicitar a ajuda de Paneb e da equipa da direita para uma tarefa que deveria ter realizado sozinho. E fora esse erro que atraíra a atenção do traidor. O colosso só viera àquele local para ali ocultar o inestimável tesouro.

Em que lugar exacto? Até ao fim dos trabalhos, os artesãos podiam circular à vontade no edifício e o traidor aproveitou para se dirigir à cripta escavada sob o pavimento onde estavam armazenadas estátuas e objectos rituais. Abriu os cofres, sem resultado, e não tardou a reunir-se aos seus confrades.

— Os escultores escavaram ligeiros sulcos nas paredes do santuário - afirmou Hai. - Delimitarão as zonas de pedra sobre as quais colocaremos placas de ouro que acompanharão o relevo e que fixaremos com cavilhas de cabeça dourada.

Foi Kenhir que distribuiu as placas. O traidor participou na colocação, persuadido de ter descoberto o estratagema concebido pela Mulher Sábia e pelos dois chefes de equipa: uma das placas dissimularia uma cavidade profunda na qual seria introduzida a Pedra de Luz cujo brilho se confundiria com o do ouro. Mas como descobrir a localização certa?

A sorte sorriu-lhe: viu Paneb e Hai dirigirem-se para a parte traseira do templo transportando uma placa de ouro mais larga e mais pesada do que as outras. Desconfiados, os dois chefes de equipa desempenhavam a sua tarefa ao abrigo dos olhares estranhos.

Terminado o trabalho, os artesãos do Lugar de Verdade tinham-se reunido sob uma velha acácia onde saboreavam uma refeição trazida por camponesas ligadas ao Ramesseum. As cebolas frescas estavam agradavelmente estaladiças e a cerveja bem fresca.

— Este pequeno templo é esplêndido - considerou Casá o Cordame. - E como o seu túmulo não o será menos, o Faraó Siptah deve estar satisfeito.

— Temos uma grande sorte! - constatou Didia o Generoso. - Ao construir, vivemos o mistério da criação e realizamos na terra a obra do arquitecto dos mundos.

— Com a condição de lhe oferecermos esta morada que é a sua e não a nossa - precisou Unesh o Chacal.

— Quando a luz do poente doira as pedras que reunimos - murmurou Ipui o Examinador - o mínimo dos nossos esforços adquire todo o seu sentido.

O Sol entrou na montanha do Ocidente, o campo serenou e os artesãos fizeram silêncio.

Alguns destacaram-se do grupo para se isolarem e meditar. O traidor dirigiu-se para a parte de trás do templo.

Sentou-se junto do muro, mesmo por baixo da grande placa de ouro. Ninguém o podia ver, mas esperou um longo momento para ter a certeza de não ter sido seguido.

Com um cinzel de cobre, levantou a placa.

Nenhuma luz brotou da cavidade.

O que os dois chefes de equipa lá tinham colocado não era a Pedra mas sim uma estatueta da deusa Maet, encarnação da rectidão.

O calor daquele fim de Abril era sufocante. O escriba do Túmulo ordenara que fossem duplicadas as entregas de água e, a fim de preservarem um pouco de frescura, os artesãos tinham coberto as ruelas com grandes palmas.

Karo o Mal-Humorado bateu à porta de Paneb. Foi a pequena Selena que abriu.

— Queres ver o meu papá?

A agressividade natural do talhador de pedra desapareceu.

— Ele está?

— Está a acabar a sua toilette, com a mamã. Queres entrar?

— Bem... quero.

— Então, vais contar-me uma história de génios bons e maus.

A garotinha agarrou o Mal-humorado pela mão e convidou-o a sentar-se numa sólida cadeira empalhada.

— Sabes, eu e as histórias...

— Com certeza que sabes histórias porque trabalhas nos lugares interditos, como o meu papá. É lá que os génios se escondem, não é?

Karo apalpou o nariz quebrado para ter tempo de reflectir.

— Pois há, é verdade...

O aparecimento de Paneb, barbeado e perfumado, tirou o Mal-humorado de um momento difícil.

— Alguma urgência, Karo?

O talhador de pedra levantou-se. - Saíste esta manhã?

— Ainda não.

— Esta noite, o calor não diminuiu. O dia anuncia-se tórrido.

— Sem dúvida, mas porque te revoltas contra a natureza?

— Os camponeses não trabalham nos campos, ninguém anda a pé, todos só pensam em proteger-se desta canícula... E nós temos de arruinar a saúde na fornalha do Vale dos Reis! Os meus camaradas pediram-me para ser o seu porta-voz: permite que a equipa fique na aldeia até ao fim desta vaga de calor.

Karo o Mal-humorado esperava uma reacção violenta e estava pronto para requerer a intervenção do tribunal a fim de resolver o diferendo entre o chefe da equipa e os artesãos.

— Entendido, Karo.

— Entendido, como...? Isso quer dizer...

— Isso quer dizer que aceito o teu pedido. Mais nada?

— Ah, não, nada, realmente nada...

— Preparem o mobiliário funerário nas oficinas da aldeia, sob a vigilância de Ched e de Userhat.

— Claro, claro... Mas tu...

— Eu vou cumprir o meu dever.

Pesadamente carregado com sacos contendo pães de cor e pincéis, Paneb saiu da aldeia sob o olhar espantado do guarda, sentado ao abrigo de um tecido espesso estendido entre estacas.

— Vais para o Vale?

— Claro que sim - respondeu Paneb. -- O trabalho espera-me.

— Os condutores de burros queixaram-se do calor ainda mal o Sol se erguera e só regressarão ao poente. Arriskas-te a morrer na montanha!

— Descansa, estou no meu elemento.

O colosso dirigiu-se à estrebaria onde Vento do Norte, o seu burro que só a ele obedecia, mastigava luzerna. Na véspera, Paneb talhara-lhe os cascos de uma dureza excepcional e, como era seu hábito, o burro deitara-se gemendo para simular uma dor intolerável. Como o seu carrasco lhe oferecera uma boa quantidade de casca de salgueiro, uma gulodice de primeira qualidade, Vento do Norte deixara-o trabalhar.

O quadrúpede de focinho e ventre brancos tornara-se um verdadeiro gigante, de impressionante musculatura. Pesando mais de trezentos quilos, gostava que Paneb o beijasse delicadamente nas largas narinas antes de lhe acariciar a cabeça.

— Aceitas acompanhar-me até ao Vale dos Reis?

O olho amendoado despertou, as orelhas levantaram-se.

— Tenho muito material e o trajecto vai ser duro.

O burro saiu da estrebaria, farejou o ar ardente e imobilizou-se em frente do carreiro que conduzia à "grande planície". Paneb equipou-o com dois cestos que encheu até meio, sem esquecer odres de água. Vento do Norte tomou a dianteira e marcou o ritmo.

Vento do Norte e Trigueiro, o chefe da equipa da direita tinha pelo menos dois amigos de fidelidade inabalável, sem contar com Besta Terrível, a irascível gansa que se ocupava do domínio da guarda e Encantador, o monstruoso gato que afastava de sua casa as ondas más.

É um facto que os artesãos da equipa da direita tinham razão: fazia realmente demasiado calor para trabalhar. E Paneb não recusara nenhum motivo de ausência invocado por um ou por outro no decurso dos últimos meses: doença, fadiga, problema familiar ou qualquer outra dificuldade momentânea.

Ele, o chefe de equipa, devia em qualquer circunstância privilegiar a obra.

Ao subir a encosta que conduzia ao desfiladeiro de onde seguiria pelo caminho que descia para o Vale dos Reis, Paneb sentiu o peso da solidão. No entanto, de Ched o Salvador a Karo o Mal-humorado, gostava de todos eles, esses seres de elite que devotavam a sua existência ao Lugar de Verdade, e sentia por eles um profundo e sincero sentimento fraternal. Mas nenhum deles se encontrava a seu lado e estava com certeza bem assim. Competia-lhe assumir a função sem gemer sobre a sua sorte e sem se queixar das insuficiências de outrem.

Os dois guardas núbios do Vale dos Reis ficaram espantados por verem chegar um burro e um homem apenas um pouco cansados. A lenda que referia a força inesgotável do colosso iria certamente enriquecer-se com um novo capítulo.

Paneb e Vento do Norte penetraram na fornalha, passaram diante da Morada de Eternidade de Ramsés o Grande e tomaram a direcção do estaleiro. O artesão apressou-se a descarregar o companheiro a quem deu de beber antes de estender, à sombra, uma esteira sobre a qual o burro poderia deitar-se.

Paneb começou pelo túmulo do chanceler Bai, cuja temperatura, que não ultrapassava os trinta graus, lhe proporcionou uma agradável frescura. A equipa tinha terminado apenas a sala de pilares; para além dela, o que deveria formar a Morada do Ouro permaneceria no estado de salas grosseiramente talhadas na rocha. O sarcófago do fiel servidor do Faraó ali repousaria no entanto em paz.

No primeiro corredor, Paneb terminou a cena que representava o chanceler por trás do Rei Siptah e depois traçou um deus sol com cabeça de falcão que Bai venerava. Este não era um soberano, mas vira a luz presente na pessoa simbólica do monarca e seria ela que o guiaria pelos belos caminhos da eternidade.

Dominado por uma febre criadora que apagava toda a fadiga, Paneb dirigiu-se em seguida ao túmulo de Siptah, onde acendeu uma dezena de tochas triplas cujas mechas não produziam qualquer fumo. Preparou um branco-brilhante e um ocre-cintilante como ouro a fim de evocar a pureza da alma real e a sua transmutação alquímica.

Utilizando, como Ched o Salvador, pães de cor de dezanove centímetros, obteve pigmentos inalteráveis ao ar, insolúveis na água e resistentes ao fogo; e a paleta, que lhe fora dada por Gau o Exacto, tornou-se o seu terceiro olho onde se misturavam as tintas que fixava com óleos de linho e de papoila e essência de pistácia.

Lembrando-se da regra que lhe revelara Ched, pintou situando-se em vários pontos de vista ao mesmo tempo, sem ceder a perspectivas enganadoras. Transmitindo simultaneamente momentos de graça e movimentos imóveis, os seus pincéis faziam surgir a realidade oculta, enaltecendo a harmonia das formas.

Nasceram assim uma deusa Maet com toucado azul e vestido vermelho, um sol adornado por Ísis e Néftis ajoelhadas, o Faraó recebendo a vida do deus da luz e um Anúbis mumificante.

Siptah seria eternamente jovem e o seu rosto sereno iluminado para sempre pelas forças criadoras que trabalhavam na sua última morada. No tecto, abutres vermelhos transportando uma coroa branca levavam o seu espírito para o seio da mãe celeste, ao abrigo de qualquer corrupção.

Graças à cor, as personagens animavam-se e os hieróglifos falavam; fosse qual fosse o destino do pequeno Rei coxo, encontraria aqui uma realização digna dos maiores faraós.

Dado o toque final de branco no vestido de uma Ísis protectora, Paneb saiu do túmulo quando o Sol se punha.

Sentado num tamborete, com as mãos juntas e poisadas sobre a bengala, Kenhir saboreava os derradeiros momentos do dia.

— Mas... O que fazeis aqui?

— Como tu, o meu trabalho. Dir-me-ás o número de mechas e de pães de cor que utilizaste.

— Não contei.

— Já desconfiava! Mais uma tarefa que me é imposta... Sabes pelo menos quanto tempo passaste naquele túmulo?

— Não faço ideia.

— Três dias! Se eu não tivesse vindo alimentar o teu burro e dar-lhe de beber, este pobre animal estaria morto. Às vezes, a tua negligência é indesculpável.

— Vieste até aqui, com esta canícula...

— Na minha idade, gostamos do calor. E depois, está fora de questão que um artesão trabalhe no Vale dos Reis sem eu exercer o controlo regulamentar. Não tens sede?

— Um pouco.

Kenhir estendeu uma cabaça ao colosso.

— Mostra-me as tuas pinturas.

O escriba do Túmulo constatou que Paneb se tinha esquecido de apagar as tochas. Mas como dirigir-lhe a mínima censura quando descobria as maravilhas nascidas dos seus pincéis?

Foi um milagre que o cavalo de Mehi, lançado a todo o galope, não derrubasse uma garotinha que brincava na beira do caminho. Louco de raiva, o general avançava sempre a direito em direcção à sua mansão.

Abandonou a montada esgotada a um palafreireiro e penetrou como uma tromba na sala de recepções onde Serketa conversava com as ricas tebanas que diziam o pior possível do Rei Siptah e não poupavam elogios a Sethnakht.

Mehi resmungou uma fórmula de delicadeza e depois retirou-se para os seus aposentos.

— Deixamo-vos, minha cara - disse uma das convidadas.

— Não vos apresseis!

— O vosso marido tem um ar muito preocupado.

— A reparação das casernas é muito menos fácil do que ele imaginara, pois esbarra com uma grande quantidade de obstáculos administrativos, As grandes damas esboçaram um sorriso compreensivo.

— Amanhã à noite é organizado um banquete em honra do novo ano de reinado do Rei - lembrou a esposa do governador. - É óbvio que estareis presente.

— Com prazer - respondeu Serketa, requebrando a voz como uma gata.

Logo que as pretensiosas saíram da mansão, precipitou-se para o quarto onde Mehi descarregava a sua cólera nos lençóis de linho, que rasgava com os dentes.

— Basta! - ordenou Serketa. - Essa atitude é indigna de um futuro senhor do Egito.

— Queres que descarregue em ti os meus nervos?

— Se isso te traz à razão, não hesites.

O general espezinhou os pedaços de lençol e deixou-se cair sobre a cama.

— Parece que o assassinato de Néfer foi inútil! A sua morte tornou Paneb invencível e a confraria saiu reforçada dessa prova. O Lugar de Verdade anuncia que o Templo dos Milhões de Anos de Siptah está acabado e que o seu túmulo, tal como o do chanceler Bai, estão quase terminados. Um verdadeiro triunfo para os artesãos! E esse maldito traidor que não consegue descobrir o esconderijo da Pedra de Luz...

— Não desesperes - disse Serketa massageando-lhes os ombros. - Admito que Paneb surge como um vencedor, mas o que seria ele sem a magia da sua comunidade? E quem é a criadora dessa energia senão uma viúva enfraquecida pela morte do marido?

— Sabes bem que a Mulher Sábia está fora do nosso alcance!

— Não tenho assim tanto a certeza, meu doce chacal.

Clara tratara dos passarinhos de Fened o Nariz, ou seja, os seus brônquios, e do celeiro de Pai o Bom-Pão, quer dizer, os seus intestinos. Depois as urgências dentárias tinham-se sucedido: um grave abcesso que fora necessário drenar, uma úlcera da gengiva tratada com uma pasta formada com leite de vaca, alfarrobas secas e tâmaras frescas para mastigar durante nove dias, obturações a efectuar com farinha de espelta, mel e pó de pedra de amolar, e até mesmo uma

cárie, afecção rara na terra dos faraós. Nenhum daqueles males necessitava da intervenção de um especialista mais qualificado e a terapia recomendava a todos os aldeões uma rigorosa higiene bucal, baseada na utilização de água desinfectada com natrão e massa desengordurante. Mastigar rebentos de papiro ligeiramente açucarados revelava-se também excelente.

— Uma carta para vós - anunciou a esposa de Renuapé ojovial, que distribuía as missivas trazidas pelo carteiro.

Sentindo a cabeça a andar à roda, Clara sentou-se e fechou os olhos. A multiplicidade de intervenções delicadas esgotara-a e já não recuperava tão facilmente como outrora, quando falava do seu dia de trabalho com Néfer e partilhava com ele o peso das suas respectivas tarefas.

As recordações da sua felicidade apertaram-lhe o coração e lamentou não poder entregar-se a um sonho que a conduzisse junto dele. Mas, até se lhe esgotarem as forças, devia permanecer naquela aldeia a que Néfer consagrara a sua vida.

Ao ler a carta enviada pelo médico-chefe da província tebana, Clara julgou que o céu lhe caía na cabeça.

— Tendes a certeza? - espantou-se Kenhir.

— Lede vós mesmo: o médico-chefe recusa-me os fornecimentos de aromas, incluindo benjoeiro! Sem esses produtos, há muitas doenças que deixarei de poder combater.

— É a primeira vez que se verifica um incidente deste género!

Mas por quem se toma este incapaz?

— Afirma que a sua decisão é ditada por "motivos graves e indiscutíveis". De que se tratará?

— Vou imediatamente ao palácio para fazer com que se restabeleçam esses fornecimentos - declarou o escriba do Túmulo.

Gordo, com as pernas curtas, pequenos olhinhos pretos brilhando muitas vezes de maldade, Daktair alisava e perfumava todas as manhãs a sua barba arruivada. Filho de um matemático grego e de uma química persa, beneficiara do apoio secreto de Mehi para conseguir a direcção do laboratório central e da classe dos médicos. Durante muito tempo julgara poder impor a sua visão de uma ciência puni, mas a tradição impedira-o de pôr os seus projectos em execução.

Daktair sonhara com um Egito liberto das crenças inúteis e decididamente empenhado na via do progresso, mas tivera que perder as ilusões e adormecera no conforto de postos oficiais que lhe proporcionavam bem-estar e respeitabilidade. Há já muito tempo que não acreditava na existência da Pedra de Luz, cuja conquista ainda fascinava o general Mehi.

E ele, o conquistador decidido a tudo para reinar, o que se tornara senão um simples senhor da rica província tebana, sem ir até ao limite das suas ambições?

Ácido, Daktair divertia-se a criar desentendimentos entre os médicos especialistas ligados ao palácio e comia cada vez mais, preferindo a boa carne do seu cozinheiro às raparigas de prazer que já só muito raramente frequentava.

Quando Serketa lhe propusera desferir um golpe fatal no Lugar de Verdade atacando a Mulher Sábia, o sábio sentira um prazer que julgara perdido para sempre. Ele, que o Egito e o mundo inteiro deveriam ter considerado como um génio e que se encontrava reduzido a um banal lugar de administrador, tinha a possibilidade de uma vingança que saboreava com prazer.

E, como é evidente, o escriba do Túmulo vinha pessoalmente pedir-lhe contas.

A antipatia foi imediata e total entre os dois homens.

Para Kenhir, Daktair era o exemplo perfeito do arrivista transformado em alto funcionário inútil, incompetente e arrogante.

Para Daktair, Kenhir incarnava a detestável tradição dos escribas, alimentada por uma "sabedoria ultrapassada".

— O que significa esta estúpida carta? - interrogou Kenhir.

— Esqueceis com quem falais?

— Infelizmente, não: com um indivíduo repugnante que se enfeita com um título imerecido e deve ter perdido a razão para infringir as leis que regem o Lugar de Verdade.

A violência do assalto deixou Daktair sem voz alguns instantes, mas a cólera permitiu-lhe retomar a iniciativa.

— Conheço tão bem como vós essas famosas leis!

— Então sabeis que vos é proibido interromper o fornecimento das substâncias medicinais ao Lugar de Verdade.

Daktair teve um sorriso feroz.

— Excepto num caso em que o meu dever me obriga a intervir.

A atitude satisfeita do seu adversário inquietou o escriba do Túmulo.

— Sede mais preciso.

— Tomais-me por um medíocre, não é verdade? Pois bem, enganais-vos, meu caro Kenhir! Como médico-chefe do palácio, exerço uma vigilância constante sobre os meus subordinados e não tolero nenhum laxismo no seu comportamento e ainda menos uma falta grave.

— Só sois perito em papelada e completamente incapaz de tratar da doença mais benigna!

Daktair ficou rubro.

— Proíbo-vos de me falardes nesse tom!

Foi a vez de Kenhir sorrir.

— Se vos restasse um pouco de dignidade, pediríeis de imediato a demissão; mas sois demasiado covarde e demasiado apegado aos vossos privilégios. É por isso que vou enviar a Sua Majestade um relatório no qual evocarei o vosso abuso de autoridade, que será sancionado com a demissão, há muito esperada por todos os médicos sérios.

— No vosso lugar, não me arriscaria a isso - ameaçou Daktair.

— É melhor que vos confesse: não me impressionais.

— Fazeis mal em tratar levemente a minha carta, Kenhir. Se vos restasse um pouco de inteligência, cessaríeis de apoiar a Mulher Sábida.

— Ora essa... E por que razão?

— Clara, a viúva de Néfer o Silencioso, foi encarregada pela confraria de tratar dos doentes no interior da aldeia?

O escriba do Túmulo aquiesceu.

— Quando detecta um caso grave que não é capaz de tratar, não deve enviá-lo a um especialista exterior?

— É o dever de uma Mulher Sábia, com efeito.

Os pequenos olhos de Daktair brilharam com uma maldade triunfante.

— Pois bem, meu caro Kenhir, Clara não cumpriu esse dever. Pôs um doente em perigo de morte e será portanto condenada com a mais extrema severidade. Considerando a sua incompetência, interrompi a entrega dos produtos medicinais a uma pessoa incapaz de se servir deles.

— Falais sem saber o que dizeis!

— A importância da minha função não mo permite - ironizou Daktair. - Nunca ajo sem prova.

— Que prova?

— A queixa do artesão doente e tão mal cuidado.

Com as costas a doer, Kenhir sentou-se lentamente numa cadeira de encosto alto. À sua direita, a Mulher Sábia-, à sua esquerda, Paneb.

Em frente deles, Casá o Cordame, cujo rosto quadrado parecia paralisado numa expressão de desespero.

— Queremos toda a verdade - exigiu o escriba do Túmulo.

— Está bem, está bem - concordou o talhador de pedra - mas não é nada do que imaginam.

— A semana passada foste à margem Oeste, não é verdade?

— Fui... Para encontrar um eventual cliente desejoso de adquirir estatuetas funerárias.

— E ficaste durante muito tempo a beber, no cais?

— Estava calor e eu tinha sede.

— Bebeste muito, não foi?

— Estava cheio de sede.

— Falaste demoradamente com várias pessoas sobre o abcesso que te fazia sofrer.

— É possível - admitiu Casa.

— E esqueceste-te de explicar que a Mulher Sábia te trataria.

— Para ser franco, já não sei muito bem o que contei.

— Segundo testemunhos recolhidos pelo médico-chefe Daktair, queixaste-te de horríveis sofrimentos e da falta de interesse dedicada ao teu caso.

— Não me lembro...

— As testemunhas acharam que estavas em perigo e alertaram as autoridades sanitárias.

— Não exigi nada disso!

— Tens a certeza? - perguntou Paneb.

— O mais possível!

— Quem era o teu cliente?

— Não havia ninguém na direcção indicada... Tinha bebido demais, concordo, mas tenho a certeza de não me ter enganado.

— Cometeste um grave erro - constatou Kenhir - porque não devias ter saído da aldeia sem informar a Mulher Sábia desse abcesso.

— Ela estava ocupada com uma miúda e eu não queria perder tempo.

— Hoje, por tua causa, ela é acusada de negligência e arrisca-se a nunca mais poder exercer a sua arte.

Casá o Cordame baixou os olhos.

— Explicar-me-ei diante dos juizes e esse mal-entendido ficará esclarecido.

— Daktair já iniciou um processo de exoneração por incapacidade no exercício da medicina, O talhador de pedra apertou os punhos.

- Vou quebrar-lhe a cabeça!
- Acima de tudo, não cometas esse género de idiotice - recomendou Kenhir.
- Resta-me uma única solução - considerou Clara: - provar as minhas capacidades ao médico-chefe e aos especialistas do palácio.

O general Mehi esvaziou de um gole a taça de vinho branco. - Sei que só bebes água, meu querido Daktair, mas devias abrir uma excepção! Não se deve celebrar uma bela vitória?

- A exoneração da Mulher Sábia ainda não foi proclamada.
- Não escolheu a pior das soluções? Deveria ter-se batido diante dos tribunais... Vai ser a sua pretensão a perdê-la.
- Não consegui subornar a totalidade dos especialistas - confessou Daktair, - Alguns são-me hostis, outros absolutamente honestos. E para não abalar a minha credibilidade, não serei eu a escolher o doente que a Mulher Sábia terá que tratar diante dos seus colegas, mas um deles, tirado à sorte.

— Um caso difícil, espero, - Podeis ter a certeza! A reputação da Mulher Sábia desagradou à maior parte dos especialistas, mas ela poderia conseguir se eu não interviesse de forma decisiva.

- O que tencionas fazer?
- Quando eu tiver conhecimento da identidade do doente, envenenarei os seus alimentos ou a sua bebida. Sejam quais forem os talentos da Mulher Sábia, não conseguirá salvá-lo. E será um cadáver que apresentará aos colegas.

O peito de Mehi dilatou-se de satisfação.

- És um sábio notável, meu amigo!
- No entanto, permaneço imobilizado num lugar sem interesse onde as minhas faculdades intelectuais estiolam pouco a pouco!

Porque haveis abandonado os vossos grandes projectos?

Bruscamente chamado à realidade, o general levantou-se.

- O que imaginaste, Daktair?
- O Lugar de Verdade está triunfante, o país inteiro mergulha em crise e vós contentais-vos em reinar sobre Tebas? Quanto às velhas tradições que sufocam o Egipto, ninguém as combate. O que podemos esperar hoje a não ser o fim das minhas ilusões?

— Não renunciei a nada, Daktair, e não esqueci quem eras.

Graças a mim, ocupas uma posição de primeiro plano; e o único a ficar adormecido és tu! Há vários anos que travo uma guerra e desferi duros golpes num adversário mais temível do que um exército de elite, porque possui a Pedra de Luz.

— Pura ilusão, general!

— Lembro-te que a vi e que conheço a sua força! A confraria só sobrevive por causa dela, sem ousar utilizar os seus verdadeiros poderes. Para nos apoderarmos dela, é necessário em primeiro lugar destruir as defesas que a rodeiam e a primeira delas é a Mulher Sábia. Por isso a tua intervenção é essencial.

O calor de Maio era sufocante. Por isso, Dakair e os médicos tinham partido cedo a caminho do Lugar de Verdade, utilizando carros do exército conduzidos pelos homens de Mehi. Tinham seguido de perto o cortejo de burros encarregados de entregar a água à aldeia.

O chefe Sobek em pessoa recebeu os visitantes no primeiro fortim. Embora um inquérito aprofundado lhe tivesse permitido verificar as palavras de Casá o Cordame, o núbio permanecia céptico. Se fosse o traidor, o talhador de pedra não tinha conseguido enganar todos?

Dakair dirigiu-se ao policia com arrogância.

— Manda chamar a Mulher Sábia.

— Estais autorizados a penetrar na zona dos auxiliares onde ela vos espera.

Envergando um vestido vermelho de mangas curtas e adornada com um fino colar de ouro, Clara impressionou os seus colegas e, sobretudo, o decano, especialista dos intestinos, que se curvou diante dela.

— Espero que saíreis vitoriosa desta prova - declarou com emoção.

— Chega de conversa - cortou Dakair. - Estais preparada para examinar o doente?

— Conduzi-o ao gabinete reservado ao escriba do Túmulo.

O paciente era um homem curvado, de cerca de cinqüenta anos, com rosto cinzento e olhos profundamente encovados nas órbitas. Visivelmente esgotado, deixou-se guiar sem pronunciar uma palavra.

— Exijo a presença de uma testemunha para ver como procedeis - declarou Dakair.

— Não vejo qualquer inconveniente nisso.

Um cirurgião ofereceu-se. Assistiu a um longo exame médico no decurso do qual Clara ouviu a voz dos diferentes órgãos, observou a pele, estudou o fundo do olho e apalpou o abdómen.

Preocupada, analisou a urina e o sangue do paciente, retirado do lóbulo da orelha.

— Haveis terminado? - perguntou o cirurgião.

Com um olhar, Clara fez compreender ao colega que não desejava expressar-se na presença do doente.

Sentindo a sua perturbação, este ousou tomar a palavra.

— Disseram-me em Tebas que me ajudaríeis...

— É verdade, vou prescrever-vos remédios.

— Estou extenuado, gostava de me deitar.

Depois de ter confiado o paciente a Obed o ferreiro, que lhe emprestou a sua cama, a viúva de Néfer o Silencioso compareceu diante dos juizes.

— Não há anomalias a assinalar? - perguntou Dakair ao cirurgião.

— Nenhuma. O exame foi conduzido com perfeito rigor.

— Qual é o vosso diagnóstico, Mulher Sábia?

— Grave afecção cardíaca, mas é um mal que conheço e que posso curar. Infelizmente, há algo muito mais grave.

— Explicai-vos - pediu o decano, espantado.

— Circula um veneno no corpo deste paciente.

— É impossível - protestou um cardiologista. - Examinei-o esta manhã e teria notado isso!

— Tornai a examiná-lo - insistiu Clara - e chegareis à mesma conclusão que eu.

Os especialistas estavam perturbados e encetaram-se discussões.

— É uma desprezível manobra de diversão - exclamou Daktair.

Com calma, a Mulher Sábia indicou os remédios que considerava necessários.

— Nada tenho a acrescentar - concluiu o cardiologista. - É evidente que as qualificações da nossa irmã são notáveis.

— Eu própria as considero insuficientes - declarou Clara. - O paciente que me haveis trazido está prestes a morrer e sou incapaz de o salvar.

— Anotai todas estas palavras! - exclamou Daktair. - A Mulher Sábia do Lugar de Verdade reconhece diante de vós que não possui as competências indispensáveis para tratar! As acusações dirigidas contra ela são portanto absolutamente fundamentadas e proponho a destituição imediata.

Os especialistas a soldo de Daktair aprovaram vigorosamente as afirmações do médico-chefe, mas o decano e o cardiologista contestaram-nos com igual determinação.

A Mulher Sábia não abandonara a sua calma e esperou que a discussão abrandasse.

— Segui-nos ao palácio - ordenou Daktair. - Tendo em conta o carácter perigoso das vossas práticas e para evitar fazer com que os habitantes da aldeia corram o mínimo risco, considero indispensável colocar-vos sob vigilância.

— Sois vós que me ides seguir, na companhia dos vossos colegas.

Daktair insurgiu-se.

— Não nos ameaceis e obedecéis! Caso contrário, chamarei os soldados do general Mehi.

— Não profiro qualquer ameaça e a minha única intenção é curar este doente.

— Acabais de declarar publicamente que éreis incapaz de o fazer!

— Apenas com a minha ciência, é verdade. Mas existem outros meios.

O decano entrevistou uma escapatória.

— Devemos compreender que, uma vez o vosso exame terminado, o teríeis confiado a especialistas?

— De maneira nenhuma - respondeu a Mulher Sábia com doçura.

— Estão a ver! - entusiasmou-se Daktair. - Não apenas persiste, como ainda faz troça de nós!

— Tanto os especialistas como eu própria somos impotentes neste género de casos - continuou Clara sem se perturbar - porque este veneno já provocou muitos danos. Só existe um último recurso cujo resultado é infelizmente incerto. Por isso vos peço que me sigam.

— Inútil - considerou Daktair.

— Indispensável - decidiu Kenhir batendo no chão com a bengala. - Se o médico-chefe recusa a proposta da Mulher Sábia, mandá-lo-ei acusar por não-assistência a pessoa em perigo.

Daktair sabia que a queixa poderia vingar e que Clara se arriscava a ser ilibada.

— Está bem... Vamos, mas depressa!

— Que o doente seja transportado numa maca - ordenou a Mulher Sábia - e lhe humedeçam constantemente os lábios e a testa.

Era a época da ceifa, o momento em que a cevada se transformava em ouro comestível, revelando o segredo da alquimia da natureza a quem tinha olhos para ver.

Por causa da canícula, o cortejo avançava lentamente. A Mulher Sábia e o escriba do Túmulo avançavam à frente, Paneb e Nakht o Poderoso transportavam a maca, Daktair suave em grossas gotas e pedia constantemente de beber, irritado com aquela expedição campestre. Tal como Mehi, detestava o campo e nem sequer concedia um olhar às espigas, grãos de ouro da terra e carne de Osiris ressuscitado.

No extremo de um campo magnífico erguia-se um oratório onde se encontrava a estátua em granito de uma cobra coroada com um disco solar. À sua frente, um pequeno altar.

— Veneremos a deusa das ceifas - pediu Clara. - Que ela proteja a colheita e os celeiros, ela que alimenta os seres de luz no outro mundo e aleita o que renasce quando se verifica a iniciação aos mistérios. Possam as nossas oferendas acalmá-la e convencê-la a dispensar-nos o seu fogo que cura.

Alagado em suor, com a respiração entrecortada, Daktair encolheu os ombros. Então era isso, o último recurso, uma estátua de serpente cristalizando as superstições dos camponeses!

Turquesa e Uabet a Pura aproximaram-se do altar transportando as oferendas que entregaram uma a uma à sua superiora para que as apresentasse à deusa.

— Ofereço-te a primeira gota de água - declarou Clara - a primeira gota de cerveja, a primeira gota de vinho, a primeira espiga de trigo e o primeiro pedaço de pão. Recebe também esta alface e este lótus e concede-nos a tua magia.

Dispostas as oferendas sobre o altar, recolheram-se todos com exceção de Daktair, que não suportava aquela mascarada.

— Sois ou não capaz de curar este doente? A Mulher Sábia voltou-se.

— O que respeitais, Daktair?

— A ciência, não estúpidas crenças!

— Tendes razão e partilho sem reservas a vossa opinião. O médico-chefe ficou espantado.

— Mas no entanto, vós...

— Não creio nem nesta deusa nem nesta estátua, mas aprendi que o mundo visível era apenas uma ínfima parcela do invisível onde agem as forças criadoras. E apenas uma delas, incarnada nesta pedra viva, pode curar o doente.

Daktair rebentou a rir.

— Julguei um instante que havíeis renunciado finalmente a essas estupidezes! A prisão far-vos-á colocar as ideias no lugar.

Empunhando o bastão venerável, de madeira preciosa recoberta de folha de ouro, Paneb avançou para a estátua. Tocou-lhe docemente nos olhos com a extremidade.

Os que assistiam à cerimónia fizeram um movimento de recuo. Durante um segundo, pareceu-lhes que o olhar da deusa de pedra tinha flamejado.

— Tira a estátua do oratório e coloca-a à luz - ordenou a Mulher Sábia ao chefe da equipa da direita.

Com precaução, o colosso obedeceu. A pedra estava quente, como se a vida lhe corresse nas veias.

— Envenenaram este doente - acusou a Mulher Sábia - e os remédios vulgares não bastarão para o curar. Nem um especialista nem eu própria poderemos impedir um desenlace fatal. É por isso que me entrego à divindade que faz nascer as espigas de ouro e alimenta os seres humanos.

Clara deixou cair lentamente água sobre os textos hieroglíficos que cobriam o pilar dorsal da estátua. Tratavam-se de fórmulas muito antigas contra as serpentes, os escorpiões, os insectos venenosos e outras criaturas visíveis e invisíveis que procuravam fazer mal.

Impregnada pela magia dos textos, a água foi recolhida numa taça em diorito que datava da época das pirâmides e que apenas servia para aquela finalidade.

— Bebei - recomendou a Mulher Sábia ao doente, que respirava com dificuldade.

Paneb ajudou o homem a soerguer-se e este bebeu lentamente antes de se estender de novo, com a pele acinzentada e os olhos semicerrados.

— Não tendes mais nada a propor-nos? - troçou Daktair.

— É o meu último remédio - admitiu Clara.

— É inútil demorarmo-nos mais tempo aqui. Conduzamos este doente ao palácio onde tentaremos atenuar o seu sofrimento. A vossa incompetência está demonstrada e ser-vos-ão aplicadas as sanções justas.

Paneb colocou-se entre a Mulher Sábia e o médico-chefe.

— Afastai-vos! - arrotou Daktair. - Esta tentativa de intimidação é tão gratuita como inútil. Se insistirdes, sereis também preso!

— Olhai - exclamou o decano dos especialistas. - Olhai, está a levantar-se!

Com a tez rosada, como se um novo sangue lhe irrigasse o rosto, o doente conseguiu pôr-se em pé. Ainda vacilante, apoiou-se no ombro de Nakht o Poderoso.

— O meu coração... Está a bater! Tinha a impressão que o meu fôlego desaparecera, mas respiro de novo!

O cardiologista auscultou-o de imediato. Quanto a Clara, tomou o pulso do estômago.

— O efeito do veneno está a desaparecer - concluiu. - A água curativa triunfou.

Os olhares dos médicos convergiram para um Daktair embaraçado que, nervoso, mordiscava os pêlos da barba arruivada.

— Graças ao número e à qualidade das testemunhas presentes - declarou Kenhir, radioso - vou redigir um relatório circunstanciado dirigido a Sua Majestade, Estou convencido que o palácio de Tebas terá em breve um novo médico-chefe digno desse título.

Daktair batia com os pés no chão.

Há mais de uma hora que percorria de um lado para outro a sala de espera da administração central da margem oeste, impaciente para ser recebido por Mehi. Como o sábio não tinha entrevista marcada, o secretário particular do general mandara-o entrar depois de dois oficiais superiores e um escriba dos celeiros.

— O general Mehi aceita receber-vos - avisou-o finalmente o secretário.

Foi um Daktair furibundo que se precipitou para a grande mesa sobre a qual o homem forte da província de Tebas desenrolava um papiro.

— Tendes de intervir em meu favor, Mehi!

— Em primeiro lugar, não tens que me ditar a minha conduta; a seguir, baixa o tom e acalma-te. Caso contrário, mando-te expulsar.

— Acabo de receber o decreto que põe fim às minhas funções de médico-chefe!

— Eu sei. Se o tivesses lido melhor, terias constatado que o assinei depois de ter aprovado sem reserva a decisão de Sua Majestade.

Estupefacto, o sábio deixou-se cair num assento baixo que gemeu sob o seu peso.

— Então, abandonais-me?

— Considerando o teu lamentável fracasso, não tive escolha.

Eu, o administrador-principal da província, poderia apoiar um notável incompetente que, é evidente, procurava criar erradamente problemas com a Mulher Sábia do Lugar de Verdade?

Teria sido necessário vencer, Daktair. Hoje já não és ninguém.

— Como poderia acreditar que aquela ridícula estátua tivesse o poder de curar? Tinha envenenado o alimento do homem e ele deveria morrer sob os olhos dos especialistas... Não é possível compreender!

— Desprezaste demasiado a velha ciência dos faraós e ela vingou-se. Pelo menos, resta-te ainda a direcção do laboratório. Mas se o novo médico-chefe ta retirar, não me oporei. Não deve existir qualquer vestígio de ligação entre nós.

Daktair choramingava.

— Não tendes o direito de me tratar assim... Posso ser-vos útil!

— É possível, com efeito, mas compete-me a mim decidir. Sai daqui, esta entrevista já durou demasiado.

Ao ver o abatimento do sábio desacreditado quando saiu do gabinete do general, todos compreenderam que Mehi se mostrara intransigente e que, como de costume, seguira o caminho da justiça.

Os ecos do triunfo da Mulher Sábia tinham chegado à corte de Pi-Ramsés, fervilhante de rumores sobre o estado de saúde do Faraó Siptah e sobre a inevitável tomada do poder pela Rainha Tausert. À custa de incessantes esforços, o chanceler Bai conseguia manter uma aparência de consenso, mas até quando?

Quando descobriu na sua antecâmara o velho cortesão Sethnakht acompanhado por um homem maduro, de elevada estatura e olhar de impressionante profundidade, o chanceler pensou que graves problemas o esperavam.

— Eu não tinha solicitado audiência - atacou Sethnakht - mas desejo ver-vos imediatamente.

— Esta manhã tenho um número considerável de pastas a tratar e...

— Esperarei o tempo que for preciso.

Recusar ouvir o cortesão, chefe de um clã rico e influente, teria conseqüências desastrosas para o futuro de Tausert.

— Entrai - concedeu Bai, acariciando a barbicha.

O homem que acompanhava Sethnakht permaneceu imóvel. A força da sua personalidade era tal que Bai não se lembrava de ter encontrado outra semelhante.

— O meu filho mais velho esperará por mim - declarou Sethnakht. - Devemos falar a sós.

Sem ser convidado, o visitante instalou-se num assento de madeira preciosa decorado com lótus estilizados. Esta pequena obra-prima de Didia o carpinteiro proporcionava uma sensação tão agradável de conforto que os convidados do chanceler perdiam a agressividade.

— Desejais uma taça de leite fresco com aromas?

— Façamos trégua de mundanidades, Bai. Estou aqui para obter informações exactas e para as dar também, porque o Egito está em perigo. Ninguém vê o Faraó Siptah, que permanece enclausurado no templo de Amon e há mesmo quem afirme que está agonizante. É exacto?

— É falso.

— Pretendeis portanto que está de boa saúde?

Até que ponto Bai podia dissimular a verdade? Sethnakht era inteligente e, se verdadeiramente o desejasse, acabaria por saber tudo. O chanceler decidiu portanto não mentir.

— Não, está gravemente doente. Recebe cuidados quotidianos e dedicados, mas a sua esperança de vida é fraca.

Sethnakht poisou as mãos sobre os apoios dos braços.

— Surpreendeis-me, chanceler! Não esperava uma tal franqueza da vossa parte. Por outras palavras, o verdadeiro Faraó é a Rainha Tausert?

— Assim é desde a coroação de Siptah, que não sente qualquer gosto pela arte de governar. Tem vivido anos felizes no templo, em companhia dos sábios e dos seus escritos; quanto ao Egito, permanece unido e bem governado.

— Brilhante estratégia, Bai, mas tem limites! Não nego os vossos sucessos económicos, mas tapais os olhos, tal como Tausert, aos perigos de invasão. É por isso que, por morte de Siptah, me oporei à nomeação da Rainha como Faraó. Seria incapaz de defender as Duas Terras e

sofrieríamos uma nova ocupação que, desta vez, poderia destruir a nossa civilização.

— De que informações fiáveis podeis dispor?

— Haveis aceitado dizer-me a verdade, Bai; vou fazê-lo também! O vosso ministro dos Negócios Estrangeiros é um incapaz e o vosso serviço de informações é composto por imbecis que aceitam tudo o que lhes fazem engolir os palestinianos, os sírios e os líbios. Acreditais por exemplo que a Siro-Palestina e a Líbia se tornaram nossas aliadas e que pensam em desenvolver connosco relações de amizade... Grosseiro erro, chanceler! O seu único objectivo, e que nunca mudou, consiste em apoderarem-se das nossas riquezas depois de terem posto o nosso país a ferro e fogo. E há ainda algo mais grave; os principados da Ásia estão a sofrer importantes alterações e o equilíbrio obtido por Ramsés está comprometido. Povoações guerreiras incontroláveis tentarão impor-se e abater-se-ão sobre o Egipto sem que os vossos estúpidos diplomatas se tenham apercebido!

Bai parecia um lutador vencido e espancado, mas retomou um segundo fôlego.

— A vossa análise repousa em factos precisos?

— Conheceis-me mal, chanceler. Sou um homem pragmático que deixa para outros o sonho e a fantasia. Foi o meu filho mais velho que realizou uma longa investigação com o auxílio de informadores locais, fora da hierarquia diplomática, tão fácil de enganar. Como é prudente e céptico, avaliou as informações, separou o trigo do joio e chegou a inquietantes conclusões que vos revelo porque não procuro o poder mas a salvaguarda do Egipto. Compreendeis finalmente a gravidade da situação?

— Alem de vós e do vosso filho, quem está ao corrente?

— Vós, chanceler. Ninguém a não serdes vós.

— Podeis desestabilizar a corte, e mesmo o governo, espalhando essas notícias.

— Repito-vos que a minha única preocupação é a salvaguarda do Egipto. Por isso impedirei Tausert de se tornar Faraó.

— Nesse caso, cometereis um grave erro.

— Por muito corajosa que seja, uma mulher não terá a autoridade necessária para defender o território e conduzir os nossos exércitos à vitória.

— Não estamos nessa situação, parece-me; mesmo que a vossa visão seja justa, Sethnakht, não há a previsão de uma guerra iminente...

— Os nossos adversários não estão preparados para nos atacar, admito.

— Nesse caso, tenciono apresentar à Rainha a seguinte proposta: nomear o vosso filho ministro dos Negócios Estrangeiros e a vós general-chefe, encarregado de supervisionar o conjunto das nossas tropas e do seu armamento.

— Mas... Não tenho de forma alguma intenção de colaborar com Tausert!

— Será o Faraó Siptah a assinar os decretos que homologarão as vossas nomeações e será perante ele e a Rainha que sereis responsáveis pelos vossos actos. Visto que conheceis essas pastas melhor do que eu e que deveremos trabalhar juntos para a felicidade das Duas Terras, não entravarei de forma alguma as vossas iniciativas. E reunir-nos-emos em conselho restrito de cada vez que a situação o exigir.

— Que espécie de armadilha me estendeis, chanceler?

Bai ergueu ligeiramente os olhos, como se pudesse adivinhar o futuro.

— É bizarro, Sethnakht, mas tenho confiança em vós e confesso que desconhecia este sentimento até ao presente. Desde que ocupo um posto importante, não tenho tido outra ambição a não ser fazer subir a Rainha Tausert ao trono do Egito. Mas hoje ergueis-vos no meu caminho e sois um adversário de respeito. Por sorte, não procurais o vosso proveito pessoal e anima-vos uma convicção profunda. Se tiverdes razão, o Egito dever-vos-á muito. Preciso portanto de vos escolher como aliado, ser leal convosco e tirar proveito das vossas competências. Além disso, servindo fielmente a Rainha Tausert, tomareis consciência que ela é digna de se tornar um novo Hórus. Nada vos ocultei das minhas intenções, Sethnakht, compete-vos decidir.

— Preciso falar com o meu filho mais velho sobre a vossa surpreendente proposta e ter tempo para reflectir.

— Falarei com a Rainha mesmo sem esperar pela vossa resposta.

— E se eu recusar?

— O Egito será o grande perdedor. Continuareis o vosso combate e eu não trairi Tausert. Inevitavelmente, enfrentar-nos-emos num duelo de que o próprio vencedor sairá enfraquecido.

— Obrigado pela vossa sinceridade, chanceler.

— Possam os deuses permitir-nos trabalhar juntos para a grandeza deste povo e desta terra que amamos tanto, vós e eu.

Roubando uma hora a uma absorvente ocupação do tempo, Bai dirigira-se ao grande templo de Amon a fim de conversar com o Faraó Siptah. Receava enfrentar um jovem acabrunhado pelo sofrimento, sem saber que termos utilizar para o reconfortar; mas o monarca exibia um franco sorriso que contrastava com um rosto minado pela doença.

— Trago-vos boas notícias, Majestade. As colheitas foram abundantes, a cheia excelente, e os governadores de província enviaram-me relatórios positivos sobre a economia das suas regiões. Nem um filho do Egito tem a barriga vazia e as divindades podem permanecer entre nós com toda a tranquilidade.

— A minha Morada de Eternidade está terminada?

— Estão a acabar as pinturas e só falta descer os sarcófagos.

— Estudei demoradamente o simbolismo de cada corredor e de cada, compartimento, li e reli as Ladainhas do Sol, o Livro da Matriz Estelar e o Livro das Portas. Os nossos sábios viram o Além com tanta precisão que o caminho da alma pode ser traçado pelos nossos desenhadores. Que maravilha. Bai! Por vezes, sinto pressa em deixar esta terra para viver essa viagem onde o corpo mortal já nos não impõe os seus limites. A minha curta existência terá sido apenas solidão, mas não lamento nada, visto que tive a sorte de conhecer a serenidade deste templo e de me preparar para uma outra vida.

— Majestade...

— Nada de palavras inúteis, meu amigo; adquiri a sabedoria suficiente para não alimentar qualquer ilusão sobre o meu estado. Transmite toda a minha gratidão à Rainha Tausert, que tão bem soube assumir as mais elevadas responsabilidades em meu lugar e que será, tenho a certeza, um grande Faraó.

— Majestade, eu...

— Desculpa, Bai, mas falar esgota-me. Rever-te foi uma imensa alegria.

O ataque de tosse que rasgou o peito de Bai quando subia os degraus do palácio não o assustou mais do que os precedentes. Acalmavam-se por si mesmos e ele não tinha tempo para consultar um médico que lhe prescreveria remédios que se esqueceria de tomar.

Nessa noite deveria dar o último retoque ao projecto de preparação de novos canais nas províncias do Sul e garantir que a produção vinícola fosse correctamente distribuída.

Tausert estava deslumbrante. Não bastava contemplá-la para compreender que tinha vocação para reinar?

— Estás com má cara, Bai.

— Uma fadiga passageira, Majestade. Devo falar-vos de uma proposta que fiz a Sethnakht e ao filho mais velho.

— É inútil, chanceler.

— Vós... recusais qualquer acordo com eles?

— Por correio confidencial que acabo de receber, aceitam a tua proposta.

Como se a vitória da Mulher Sábia tivesse libertado forças benéficas, o Lugar de Verdade pudera saborear com toda a serenidade as alegrias da inundação. Como os grandes trabalhos estavam muito avançados, Kenhir mostrara-se generoso concedendo descansos suplementares à tripulação. Alguns artesãos ficaram em casa, outros aproveitaram para visitar membros afastados da família, outros ainda fabricaram camas, sarcófagos ou estátuas destinadas a serem vendidas no exterior.

Sentado num murinho de pedras soltas, Kenhir contemplava o seu túmulo, inundado de Sol.

— O jardim cresceu bem - observou Paneb.

— Não tanto como a persea de Néfer o Silencioso... Não é realmente uma árvore vulgar.

— Todos os dias penso no mestre-de-obras.

— Está sempre presente entre nós - afirmou o velho escriba - e protege-nos. Quando celebramos o culto dos antepassados, o seu espírito inunda-nos com a sua luz.

— Mas o seu assassinato permanece mergulhado nas trevas - lembrou Paneb. - Também nisso penso todos os dias. E não terei paz enquanto permanecer impune.

— Partilho o teu desgosto e espero um sonho que nos coloque na pista certa... Mas não chega! Por vezes, pergunto a mim mesmo se o culpado não seria o auxiliar que foi encontrado morto. Desde esse drama, tudo permanece calmo.

— Sobek está mais do que céptico.

— Um polícia é desconfiado por natureza. Mas factos são factos: ou o traidor está morto, ou renunciou a prejudicar-nos.

Duvidoso, Paneb gostaria de acreditar que Kenhir tinha razão.

— O carteiro pergunta por vós - avisou a esposa de Pai o Bom-Pão, ocupado a pintar o interior da sua casa.

O chefe da equipa da direita auxiliou o escriba do Túmulo a levantar-se; naquele belo dia de Outubro em que os raios de sol se tornavam acariciadores, Kenhir acusava a sua idade.

— Esperemos que não se trate de uma má-notícia... Pretendem os rumores que o Rei Siptah se extingue lentamente e que a sua sucessão originará uma luta encarniçada entre os partidários da Rainha Tausert e os de Sethnakht. Isso é mau, muito mau... Ah, como estão longe os anos abençoados do reinado de Ramsés o Grande! Com ele, não havia qualquer inquietação quanto ao futuro. Aproveitemos este doce fim de Verão, Paneb... O futuro arrisca-se a ser bem menos suave.

Possuidor do bastão de Tot, o carteiro Uputi continuava a ter as pernas sólidas. Nunca abria uma carta, de acordo com as obrigações da sua profissão, e a reputação de que gozava valia-lhe ser encarregado de missões confidenciais.

Uputi tirou do saco um enorme papiro.

— Este pesa bem!

— De onde vem? - perguntou Kenhir.

— Do cadastro de Tebas.

— Tens a certeza que nos é destinado?

— Não tenho dúvidas. Assinaí nesta tabuinha para acusar a recepção.

Kenhir colocou o seu selo e Paneb transportou o papiro até ao gabinete do escriba do Túmulo que Niut a Vigorosa acabava de limpar.

— Achas que já não há aqui arquivos que cheguem - exclamou ela. - Em breve Kenhir vai invadir outro compartimento.

O colosso não respondeu. Quebrou o selo e desenrolou o documento.

Uma leitura rápida deixou os dois homens estupefactos.

— O cadastro ousa contestar a dimensão das nossas terras! - constatou Kenhir, indignado.

A água retirara-se, eram colhidas as tâmaras e começavam as sementeiras, excepto nos campos que pertenciam ao Lugar de Verdade ou aos seus Servidores que, como Kenhir e Paneb, os tinham herdado dos seus predecessores.

Vento do Norte transportava o material de que Paneb teria necessidade para rectificar os erros dos escribas do cadastro.

Esquecendo as suas dores, Kenhir adoptara um ritmo nervoso que o seu assistente Imuni, carregado de papiros, pincéis e paletas, tinha dificuldade em seguir.

Como todos os anos, a cheia apagara os limites dos campos e deslocara as marcações. Projecção terrestre do rio celeste, a água do Nilo fecundara a terra que renascia como na primeira manhã. Mas alguns espíritos perversos trocavam dessa grandiosa repetição da criação e só pensavam em aproveitá-la para roubar algumas parcelas ao vizinho. Os agentes do cadastro intervinham então para restabelecer a equidade e punir os transgressores.

Kenhir não conhecia o chefe da delegação de Tebas oeste, um homem magro, de cerca de trinta anos, com o queixo proeminente. Este acabava de ser nomeado pelo general Mehi com instruções precisas.

— Sois vós, o escriba do Túmulo?

Kenhir observou o adversário e o que viu nos seus olhos não o tranqüilizou.

— Sou realmente eu.

— Sou o novo superior do cadastro e não tenho intenção de conceder privilégios seja a quem for, nem mesmo ao Lugar de Verdade.

— Só podeis ser felicitado por essa atitude.

— Além disso, não permitirei a ninguém que se considere superior aos meus técnicos.

— Ai, estais enganado! Todos se podem enganar. Inclusivamente vós.

— Cuidado, Kenhir; estou pronto a acusar-vos de difamação.

— E eu de incompetência! Como ousais diminuir um quarto as terras que nos pertencem e privar assim a aldeia de uma parte importante desses recursos?

— Porque é esse o resultado das nossas avaliações.

Em redor deles, os especialistas aprovaram o seu chefe abanando a cabeça.

— Vamos então proceder a uma contra-avaliação - decidiu Kenhir.

— Mas... não sois qualificado!

— Pesado erro, caro colega, O cadastro não passa de uma aplicação da ciência dos construtores e o escriba do Túmulo está habilitado a fazer qualquer tipo de medição no território do Lugar de Verdade.

Paneb traçou um plano no chão com as cotas indicadas nos papiros que Kenhir desenrolava. Fez um rápido cálculo das superfícies que o superior do cadastro não pôde contestar. Depois, dos sacos confiados a Vento do Norte, retirou os elementos de um instrumento de medida que reuniu. Este compunha-se de dois pedaços de madeira que colocou horizontalmente um sobre o outro, em ângulo recto para formar uma cruz. O conjunto, que se chamava seba, “estrela”, foi colocado sobre uma haste. Na extremidade dos braços da cruz, Paneb suspendeu pesos para formar outros tantos fios de prumo. Bastava que dois deles fossem vistos em sobreposição para obter ou verificar um alinhamento.

Em seguida, o colosso pegou numa corda com nós de cem côvados, que o burro transportara sem reclamar. Ornada numa das extremidades com uma cabeça de carneiro, era a réplica exacta da primeira corda de agrimensur legada aos humanos por Khnum e conservada no seu templo de Elefantina. Servira para “medir a cabeça da criação”, a primeira província do Alto Egito.

Tendo em conta as indicações que datavam dos anos anteriores e repetidas nos papiros administrativos, o colosso procedeu à medição completa das terras da aldeia sob o olhar espantado dos escribas do cadastro. Todos pensaram que Paneb cederia à fadiga, mas ele completou a sua tarefa.

— Eis a verdade restabelecida - considerou Kenhir.

— Contesto-o formalmente! - exclamou o superior do cadastro. - Utilizai os mesmos instrumentos que Paneb e chegareis aos mesmos resultados.

— Bastam-me as minhas avaliações.

Kenhir observou o alto funcionário com um olhar severo.

— A princípio, julguei que se tratasse de uma dessas monumentais aberrações em que a administração é pródiga...

Agora, penso que sois o autor de uma fraude.

— Divagais!

— Esperáveis obter uma vitória fácil, pois não sabíeis que dispúnhamos de meios para vos contradizer.

— Tenho a prova do que afirmo!

— Mostrai-ma então.

O superior do cadastro fez sinal a um dos seus subordinados, que trouxe imediatamente um pequeno marco coberto de hieróglifos.

— Encontrámo-lo junto ao bosquezinho de acácias que vedes além e delimita exactamente o vosso terreno como nós calculamos.

Como estava profundamente enfiado na terra e bloqueado por pedras, não foi deslocado pela cheia. Os meus escribas serão testemunhas.

— Em primeiro lugar, não o deveríeis ter deslocado; depois, trata-se de uma falsificação.
— Este marco tem o nome do Lugar de Verdade!
— Está bem, mas falta-lhe a marca específica do artesão que o fabricou.
— Deve ter-se esquecido, foi o que aconteceu! Diante de um tribunal, esta prova derrotar-vos-á.

— E se nos submetêssemos ao julgamento do agrimensor celeste?

A voz doce da Mulher Sábia fez com que os participantes no debate se voltassem.

Embora nunca a tivesse visto, o superior do cadastro soube imediatamente quem ela era e não sentiu o menor desejo de lhe desagradar.

— Pretendeis falar... do deus Tot?

— Do seu íbis - precisou Clara - cujo passo mede um côvado e cuja exactidão apaga as disputas humanas. Aceitaríeis o seu julgamento como nós o aceitamos?

— Sim, com certeza, mas não podemos esperar que essa ave desça do céu e...

— Possa o mensageiro de Tot passar sobre as terras do Lugar de Verdade.

Um grande íbis branco, de voo majestoso, pousou tão perto do alto funcionário que este recuou, assustado, esbarrou com um dos seus subordinados e se estatelou a todo o comprimento numa poça de lama.

Realizando o mesmo trabalho de percorrer o terreno que Paneb realizara, a ave de Tot, passo a passo, confirmou os limites traçados pelo colosso.

— Estou aterrado - declarou o general Mehi. - Como poderia imaginar, meu caro Kenhir, que esse novo superior do cadastro perderia a cabeça logo que entrasse em funções? As suas informações de serviço eram impecáveis, a sua carreira sem mácula. Posso mostrar-vos a sua pasta que foi, para mim, o elemento determinante depois da passagem à reforma do seu antecessor.

— É inútil - respondeu o escriba do Túmulo. - O mais importante é evitar, no futuro, esse género de incidentes.

— Eis o duplicado do plano cadastral com o selo real. Conservá-lo-eis na aldeia e a partir de agora, será impossível qualquer contestação. Estais satisfeito com os camponeses que trabalham nas vossas terras?

— Não tenho nada a dizer.

— Sinto-me feliz por isso! O patife que tentou prejudicar-vos foi transferido para a Palestina onde passará longos anos a expiar o seu erro, sem esperança de conseguir um posto importante. O Egito não é meigo com os seus funcionários incompetentes, e ainda bem que assim é. E posso confiar-vos que o Faraó Siptah tem o Lugar de Verdade em tão elevada conta que não tolerará qualquer atentado à sua integridade.

— Os rumores alarmantes sobre o seu estado de saúde cada vez aumentam mais.

— Receio que sejam exactos. Mas a Rainha Tausert é uma excelente gestora que segura o leme com mão firme. E creio que também ela tem o maior apreço pelo vosso trabalho. Posso pedir-vos um favor, Kenhir?

O escriba do Túmulo ficou em guarda.

— Dizei.

— O mobiliário da minha mansão da margem oeste já não me agrada. Gostaria de encomendar à confraria várias cadeiras de grande qualidade, camas e cofres para jóias. Não importa o preço.

— Vindes em boa altura, general; estamos num período calmo em que os artesãos têm tempo para se ocupar desse género de tarefas.

— Fico encantado, Kenhir!

Acompanhando o escriba do Túmulo até à entrada dos edifícios administrativos, Mehi conseguiu mostrar-se um homem descontraído e satisfeito. No entanto, o correio recebido nessa manhã enraivecia-o; o Rei acabava de nomear Sethnakht general-chefe de todos os exércitos do Egito e Mehi devia remeter-lhe o mais rapidamente possível um relatório completo sobre as tropas tebanas e o seu armamento.

Esta precipitação deixava pressagiar um ataque ao país, quer pelos líbios, quer pelos sírios ou outros povos vindos do norte, e satisfazia Mehi, que saberia tirar proveito de um caos no Baixo Egito; em contrapartida, a personalidade de Sethnakht inquietava-o. Rico, incorruptível, teimoso e trabalhador, tinha sido suficientemente influente para fazer nomear o filho mais velho ministro dos Negócios Estrangeiros.

Depois de ter encontrado Sethnakht em Pi-Ramsés, Mehi sabia que seria difícil, mesmo impossível, manipular-lo. Restava desejar que a Rainha Tausert, apoiada pelo chanceler Bai, lhe

fizesse uma guerra acesa e criasse também grandes perturbações no topo do Estado, que Mehi saberia aproveitar.

Mais do que nunca, precisava da Pedra de Luz. E aquele maldito traidor que, apesar das suas investigações, continuava a não descobrir a sua localização!

Mehi e Serketa haviam-se concentrado na Mulher Sábida e em Paneb, mas os dois tinham conseguido vencer o confronto. No entanto, nem todos os membros da tripulação podiam dispor da mesma força de carácter. Tinha que haver inevitavelmente um elo fraco na cadeia, elo que era necessário quebrar para desacreditar a confraria.

Foi portanto um Mehi animado que regressou a casa para se encontrar com um sacerdote de Karnak que, em certos períodos do ano, se encarregava da administração. Segundo o relatório feito a seu respeito, o homem era divorciado e tinha que pagar uma pesada pensão alimentar à mulher, o que o obrigara a endividar-se. Em troca de um pequeno serviço que prestaria ao infeliz, o general tornar-se-ia o seu benfeitor.

Casá o Cordame preparava um vaso de alabastro para a esposa de um escriba real; Fened o Nariz, Unesh o Chacal, Pai o Bom-Pão e Didia o Generoso fabricavam móveis de luxo para o general Mehi; Karo o Mal-humorado e Nakht o Poderoso consolidavam os murinhos de pedra no interior da aldeia; Userhat o Leão criava uma estátua de ka para o túmulo de Kenhir; Ipui o Examinador, Renupé o Jovial, Gau o Exacto e Ched o Salvador restauravam túmulos de artesãos que datavam dos primeiros anos da aldeia. Quanto a Tuti o Sábido, aplicava folhas de ouro sobre os cofres destinados à Morada de Eternidade de Siptah.

A vida era doce, o trabalho alegre, o Lugar de Verdade feliz. Queriam esquecer a interminável agonia do Faraó e o período de instabilidade que se seguiria à sua morte. Apenas Paneb e o chefe Sobek permaneciam de prevenção. Segundo o seu ponto de vista, esta quietude seria apenas temporária, pois o assassino de Néfer o Silencioso não renunciaria a atacar.

Quando Paneb entrou na oficina do ourives, Tuti pensava no filho desaparecido cuja ausência continuava a roer-lhe o coração.

— Trabalho para ti no exterior.

— Não me apetece.

— Nem mesmo em Karnak?

Antes de ser iniciado no Lugar de Verdade, o ourives trabalhara para a cidade santa do deus Amon onde recobriria de ouro portas, estátuas e barcas.

— Karnak é diferente... De que se trata?

— De uma missão pontual e delicada: dourar uma porta interior do templo de Maet.

— Karnak dispõe de excelentes ourives.

— Estão todos ocupados noutra parte e o intendente tem pressa.

O tribunal terá em breve a sua sessão naquele santuário e ele deseja que a justiça seja honrada como convém. Quem melhor o conseguirá do que o ourives do Lugar de Verdade?

— Preciso do acordo de Kenhir.

— Já o obtive.

Tuti não podia ter sido melhor acolhido por parte do intendente que velou pelo seu conforto e

alimentação. O ourives recusou as ferramentas propostas, pois apenas utilizava as suas, que ele próprio fabricara. Para Tuti, colocar placas de ouro sobre os batentes da porta de um pequeno templo como o de Maet era uma brincadeira de criança, mas no entanto encarou a sua tarefa com extrema seriedade.

Em menos de uma semana, o trabalho estava terminado e Tuti já se aborrecia longe da aldeia. É certo que Karnak era um lugar grandioso onde a força divina impregnava cada pedra, mas sentia a falta do espírito da confraria, incluindo o mau feitiço de Kenhir.

Enquanto Tuti metia as ferramentas no saco, o intendente extasiava-se:

— É magnífico... E acabaste muito mais cedo do que o previsto! Compreende-se por que razão o Lugar de Verdade te escolheu... Sabes que o posto de superior dos ourives de Karnak estará vago em breve? Se apresentasses a tua candidatura, ninguém se oporia.

— Esse posto não me interessa.

— No entanto, que belo final de carreira!

— Sou artesão, não carreirista.

— Perdoa a minha curiosidade, mas como faz o Lugar de Verdade para reter um ourives tão talentoso como tu?

— É simples: contenta-se com existir. E sou eu que lhe agradeço todos os dias por me aceitar no seu seio.

— Antes de partires, faz-me um favor: verifica se as placas de ouro mais antigas estão bem presas. Caso contrário, dá indicação à oficina. Deixo-te porque tenho de me ocupar de uma entrega. Que os deuses te protejam, Tuti.

Quando Paneb entrou em casa de Turquesa, pouco depois dos rituais da madrugada, ela untava o pescoço com uma pomada composta por mel, natrão vermelho, leite de burra, grãos de alforva e pó de alabastro.

Com delicadeza, o colosso poitou as mãos sobre os seios nus da amante e beijou-lhe a nuca. Turquesa tentou conter o seu desejo:

— Não te esperava...

— É assim que gostas de mim, não é verdade?

— E se eu tivesse uma tarefa urgente a realizar?

— Para que serve essa pomada?

— Para impedir a formação de rugas.

— Não precisas disso, Turquesa, porque não envelheces. Hathor ordenou aos anos que te esquecessem.

— Dir-se-ia que tentas conquistar-me!

— As tuas intuições fascinam-me... Deixa-me continuar esse delicado trabalho.

O colosso apoderou-se do boião de alabastro e, com o dedo mínimo, retirou um pouco de creme que espalhou docemente sobre o delicioso umbigo da amante.

Em breve as defesas de Turquesa foram vencidas.

Nua, estendeu-se de costas e Paneb continuou a fazê-la estremecer de prazer graças ao unguento odorífero que tornava a pele macia e acetinada.

— O boião está vazio - lamentou o colosso.

— Então, oferece-me outra espécie de unguento.

Como resistir a um convite formulado com um sorriso tão feiticeiro? Paneb deitou-se sobre Turquesa e os seus corpos amaram-se com o entusiasmo inesgotável que marcava cada um dos seus encontros.

Turquesa acabava de se vestir colocando, em torno do pescoço um colar cujo pendente tinha a forma do fruto da mandrágora, quando bateram nervosamente à porta.

— Quem está lá?

— Renupé o jovial... É o escriba do Túmulo que me manda, abre depressa!

A sacerdotisa de Hathor entreabriu a porta.

— Paneb está ainda em tua casa?

— Estava para sair.

— Ele que vá imediatamente a casa de Kenhir... Passa-se algo de grave.

— Não acredito nem por um instante! - encolerizou-se Paneb.

— O Tuti não... De certeza que o Tuti não! Viajámos juntos, no deserto, e conheço os mais íntimos recessos da sua alma. É um homem recto e rigoroso. Desde a morte do filho, só vive para a sua profissão. Esta aldeia é a sua pátria e a sua família.

— Também é a minha opinião - aprovou Hai, o chefe da equipa da esquerda.

— E a minha também - corroborou a Mulher Sábia.

Irritado, Kenhir amarrotou um papiro de qualidade média enrolando-o demasiado depressa.

— Estou de acordo com vocês, mas a acusação é formal: Tuti teria roubado duas placas de ouro no templo de Maet, em Karnak Como estava em missão oficial, em nome do Lugar de Verdade, é a honestidade de toda a confraria que é posta em causa.

— Quem é o acusador? - perguntou Paneb.

— Um intendente encarregado de supervisionar os trabalhos de reparação do templo.

— Quero saber tudo sobre esse fulano!

— O chefe Sobekestá já a tratar disso, mas não tem autorização para investigar no interior de Karnak Tenho medo que as suas investigações sejam interrompidas rapidamente.

— E se Tuti fosse o traidor e o assassino de Néfer o Silencioso?

— avançou Hai, embaraçado por formular tão atroz hipótese.

— Porque tiveste essa ideia? - espantou-se Kenhir.

— Fazendo com que o acusem, é o Lugar de Verdade que mancha, sem dúvida de maneira definitiva, em troca de um julgamento clemente, ou seja, aldrabado.

— O que implicaria cumplicidades no topo da hierarquia de Karnak.. Imaginas a vastidão da conspiração?

— Espero estar enganado, Kenhir; mas o traidor não provou já a sua capacidade de fazer mal e manobrar na sombra?

— Devo encontrar-me com o Sumo Sacerdote de Karnak -anunciou Kenhir. - Decidiremos juntos o procedimento a seguir.

— Antes de mais nada - cortou Paneb - asseguremo-nos da inocência de Tuti.

— Quem se encarregará do inquérito?

— Eu, como chefe da equipa da direita. E juro-vos que, se for culpado, falará.

Paneb julgou que o ourives, cuja sensibilidade estava à flor da pele, ia estoirar em soluços.

— Eu, um ladrão? Como é possível alguém ser tão vil que me arraste assim na lama?

— Conhecias esse intendente?

— Não, era a primeira vez que o via.

— Não te pareceu estranho?

— Estranho, não; condescendente, sim. Propôs mesmo que me candidatasse a ourives-chefe

de Karnak, mas a minha resposta desiludiu-o.

— Acusa-te de teres roubado duas placas de ouro antigas.

— Verifiquei-as todas, a seu pedido, e não faltava nenhuma quando abandonei o templo!

— Quem pode testemunhar isso?

Tuti ficou com um olhar de cão batido.

— Ninguém, infelizmente.

— Tenho que revistar a tua casa.

Como se sufocasse, o ourives levou a mão à garganta.

— Tu julgas-me culpado?

— De maneira nenhuma, mas preciso de fornecer elementos indiscutíveis ao tribunal que te vai julgar. Testemunharei que uma revista rigorosa não deu nada.

Tuti encostou-se à parede.

— Procura, Paneb, procura por todo o lado!

Colocando o seu selo no relatório redigido pelo chefe da equipa da direita, o escriba do Túmulo deu um suspiro de alívio.

— Felizmente, não encontrei nada.

— Tuti está destruído e a Mulher Sábia cuida dele.

— O que te disse?

— Caiu numa armadilha.

— E nós com ele! A confraria está à beira do precipício, Paneb.

— A justiça reconhecerá a nossa inocência.

— Não sejamos demasiado optimistas... Enquanto não me encontrar com o Sumo Sacerdote de Amon, recearei o pior.

Disse-lhe por escrito que estávamos a fazer o nosso próprio inquérito e espero a sua resposta. Se recusar uma entrevista, a nossa sorte estará lançada. - De maneira nenhuma! - objectou o colosso. - Irei eu próprio procurar esse intendente e fá-lo-ei confessar!

— Principalmente, nada de iniciativas desse género! - ordenou Kenhir. - Possa Maet protegê-los.

Kenhir não esperou muito pela resposta do Sumo Sacerdote e esta surpreendeu-o: a poderosa personagem desejava encontrar-se com o escriba do Túmulo no posto de controlo do Ramesseum.

Os dois homens tinham escolhido a sobriedade: saiote à antiga e túnica de linho vulgar. O Sumo Sacerdote de Amon e Kenhir fecharam-se no gabinete do chefe do posto, ao abrigo de ouvidos indiscretos.

— Há muito tempo que não vinha à margem oeste - constatou o chefe da hierarquia de Karnak - e teria gostado que esta curta viagem se verificasse em circunstâncias menos dramáticas. Como vai a tua saúde, Kenhir?

— Degrada-se dia-a-dia, mas o trabalho permite-me esquecer isso.

— Ouvi dizer que uma jovem esposa te era muito dedicada... - É uma excelente dona de casa, embora um pouco fanática da limpeza... Considero-a como minha filha e herdará todos os meus bens. Mas tu, Sumo Sacerdote, resistes melhor do que eu ao desgaste dos anos.

— Não passa de aparência, meu amigo; dentro em pouco, retirar-me-ei para uma das pequenas casas próximo do lago sagrado a fim de dar o meu lugar a um sacerdote mais novo, se o Rei mo permitir.

— Que Rei dá as directivas em Karnak, Siptah ou Tausert?

— Tausert decide, Siptah assina ainda os decretos. Não receio a Rainha; desde a sua estadia aqui e graças à intervenção dos Servidores do Lugar de Verdade, não considera Tebas como uma inimiga potencial. Fica a saber que a minha hierarquia e eu próprio temos consciência daquilo que vos devemos.

— Mas hoje, um dos Servidores do Lugar de Verdade é acusado de roubo e, o que é pior, no templo de Maet, nossa soberana e nossa guia, e será a confraria inteira a ser considerada culpada!

— É essa a realidade - confirmou o Sumo Sacerdote.

— Que género de homem é esse intendente que acusa o ourives Tuti?

— Um administrador próximo do governador. Trabalha dois ou três meses por ano em Karnak, vela pela manutenção dos edifícios e sempre nos satisfaz. Depois da partida de Tuti, inspeccionou o templo e constatou a ausência de duas placas de ouro muito finas datando da XVIII dinastia. Chamou imediatamente os membros do serviço de segurança e levantou um auto. Uma única pessoa trabalhava no santuário, uma única pessoa pôde roubar as placas: o ourives do Lugar de Verdade.

— Revistamos a sua casa e não encontramos nada.

— O argumento é insuficiente - considerou o Sumo Sacerdote.

— O tribunal do Lugar de Verdade julgará Tuti.

— O roubo foi cometido em Karnak, Kenhir, e será o tribunal de Karnak que julgará o acusado no templo de Maet, no próprio local onde realizou a sua odiosa iniquidade.

— Com uma considerável repercussão contra nós, bem entendido, sobretudo se for pedida a pena de morte.

— E será, num caso tão grave. Talvez houvesse uma solução...

— Sou todo ouvidos.

— Deixa os investigadores de Karnak entrar no Lugar de Verdade e revistar todas as casas da aldeia. Se não descobrirem as placas de ouro, talvez Tuti seja absolvido.

Kenhir ficou carrancudo.

— Impossível! Seria violar pela primeira vez uma das nossas regras fundamentais. Depois disso, no mínimo pretexto, qualquer dignitário exigiria o livre acesso à aldeia. E tenho obrigação de privilegiar a colméia em detrimento da abelha.

— Tens razão, meu amigo; no teu lugar, agiria como tu. Mas condenas Tuti e arruinas a reputação da confraria.

— Concede ao chefe Sobek a possibilidade de investigar acerca desse intendente e permite-

lhe que o interrogue.

— Enquanto este residir no templo, está fora do alcance de um polícia que, além do mais, não está habilitado a trabalhar no meu território. E essa manobra irritaria de certeza o júri perante o qual vai comparecer Tuti; acusariam o Lugar de Verdade de ter realizado uma manobra de diversão para tentar ilibar um dos seus.

— Uma armadilha perfeita - resmungou Kenhir.

— Não tens outra coisa a fazer senão acusar Tuti e expulsá-lo da aldeia -- aconselhou o Sumo Sacerdote.

— Mas ele está inocente! Abandonar assim um dos nossos seria uma cobardia imperdoável.

— Gosto de te ouvir falar assim, Kenhir.

— Esse intendente foi comprado por um demónio que quer a nossa perda - afirmou o escriba do Túmulo.

— Quem seria suficientemente louco para atacar assim o Lugar de Verdade? - espantou-se o Sumo Sacerdote.

— Não sei, mas acabaremos por descobrir.

— Será com certeza tarde de mais para Tuti, Kenhir.

— Visto que os humanos não poderão pronunciar-se de forma equitativa, porque não havemos de dirigir-nos aos deuses?

— Pensas consultar o oráculo de Amen-hotep I... Mas ele não salvará Tuti, visto que os factos se verificaram em Karnak.

— Não esqueço isso. Lembras-te que sou um especialista dos sonhos?

— Começo a compreender... Desejas tentar a prova da aparição em sonhos para obter o nome do culpado!

— Exactamente.

— É muito perigoso, Kenhir, e sem qualquer garantia de resultado.

— Na minha idade, já nada tenho a temer.

— Tendo em conta as tuas competências nesse campo, o tribunal recusar-te-á como cobaia. Também não aceitará a Mulher Sábia, cujas capacidades de vidência são conhecidas. Se insistes, arranja um candidato suficientemente despreocupado para arriscar a vida.

— Em nome dos teus dois filhos, Paneb, suplico-te que não corras semelhante risco!

Delicadamente perfumada, linda como um lótus azul, Uabet a Pura abraçou o marido.

— Sou o chefe da equipa da direita e devo salvar Tuti da armadilha para a qual o atraíram.

— Não és responsável por esta situação! E se sucumbires durante essa prova desumana, a confraria ficará enfraquecida.

— Se não nos defendermos, a sua reputação será destruída e a aldeia não sobreviverá muito tempo.

— Não quero perder-te, Paneb!

O colosso apertou nos braços a esposa, tão delicada e frágil.

— Uabet, ocupas uma posição elevada na hierarquia das sacerdotisas de Hathor. Como eu, deves pensar prioritariamente no Lugar de Verdade.

— É demasiado perigoso!

— Porque me consideras vencido de antemão?

— Ninguém te obriga - afirmou Nakht o Poderoso. - E se renunciáres, ninguém to censurará.

— Bem dito - aprovou Pai o Bom-Pão.

— Sois verdadeiramente unânimes? - perguntou Paneb encarando os artesãos da equipa da direita reunidos diante da sua porta.

— Somos - confirmou Gau o Exacto.

— Não vejo Ched o Salvador.

— Ora, esse! - exclamou Karo o Mal-humorado -- É sempre o mesmo! Não disse nada, mas está com certeza de acordo conosco.

— Mesmo assim, gostaria de o ouvir.

— Está a trabalhar na oficina.

Graças ao tratamento descoberto por Clara depois de múltiplas experiências, os olhos de Ched tinham sido salvos; mas a sua energia diminuía e entregara a parte essencial do trabalho ao seu discípulo Paneb, transformado em seu patrão. O Salvador contentava -se em aperfeiçoar alguns pormenores e avivar uma cor aqui ou além com notável precisão. Dedicava-se à manutenção dos túmulos antigos, como se a companhia dos antepassados da confraria lhe interessasse mais do que a dos vivos.

— Ah, Paneb... Disseram-me que ias partir para Karnak, não é?

— Não deste a tua opinião.

— Que importância teria? Quando tomas uma decisão, é definitiva.

— Opões-te à minha iniciativa, não é verdade?

— O que arriskas, no fundo? Cair numa armadilha armada pelos sacerdotes de Amon ou enlouquecer durante a prova da aparição... Não vale a pena privares-te disso, com efeito...

— E se eu conseguisse?

— Eis o autêntico Paneb, puro e sem mácula! Quando não existe o caminho, tu traça-lo. E, até agora, nunca te enganaste na direcção, Mas se privares o Lugar de Verdade de um dos maiores pintores que ele conheceu, não te perdoarei.

Paneb e a Mulher Sábia recolheram-se demoradamente num dos oratórios da confraria dedicado à deusa do silêncio, a soberana da colina. A meditação proporcionou ao colosso forças novas que ele prometeu a si mesmo não desperdiçar antes de enfrentar as trevas.

Quando Clara e Paneb saíram do oratório, o Sol iniciava a descida para o Ocidente.

— Em breve - disse ela - será o momento do *hotep*, a paz do poente que Néfer tinha no seu nome secreto. Implorei-lhe que estivesse presente na tua alma e que te apoiasse.

— Se tu me aconselhares a não correr esse risco, ouvir-te-ei.

— Nunca me recomporei do desaparecimento de Néfer. Se morresses, também tu, já não teria filho e nem mesmo a alegria profunda da confraria conseguiria dilatar o meu coração. Mas é-me impossível pensar apenas em mim própria... A condenação de Tuti arrastaria a do Lugar de Verdade e só tu o podes salvar. Quando entrares na câmara dos sonhos, não faças o vazio no teu espírito, mas pensa sobretudo em Tuti. Fixa sem cessar o seu rosto, exige a verdade e só a verdade. Luz e trevas travarão um terrível combate no interior de ti próprio, mas não te preocupes senão com o ourives. A partir desta noite, subirei ao cume e invocarei a deusa para que ela te alimente com o seu fogo.

A Mulher Sábia e o chefe da equipa da direita abraçaram-se e em seguida ele dirigiu-se para a porta principal, diante da qual se tinham reunido todos os aldeões.

Não foi pronunciada uma só palavra e Paneb afastou-se pelo caminho de saída que passava ao lado do Ramesseum.

— O teu nome? - interrogou o sacerdote de crânio rapado.

— Paneb, Servidor do Lugar de Verdade.

— Tens plena consciência do perigo?

— Não estou aqui para conversar.

— É a tua vida que está em jogo, Paneb.

— Não, é a da minha confraria.

— Depois da purificação, franquearás aquela porta. Do outro lado, serás obrigado a ir até ao fim da prova.

O chefe da equipa da direita estendeu as mãos, com as palmas para o céu, a fim de que o ritualista as purificasse com a água fresca proveniente do lago sagrado. Depois, o sacerdote lavou-lhe os pés e Paneb calçou sandálias brancas no limiar do templo com o nome de “Ramsés que ouve as orações”, construído a oriente de Karnak Ali se erguia um grande obelisco onde incarnava, todas as manhãs, o primeiro raio de luz saudado por quatro babuínos de pedra cujas aclamações apenas os deuses ouviam.

Paneb seguiu um outro sacerdote de crânio rapado até uma sala de colunas cujo chão de prata evocava as águas primordiais onde nascera a vida.

Imobilizou-se em frente de uma pequena porta diante da qual se encontrava o Sumo Sacerdote de Karnak.

— O meu amigo Kenhir falou-me muito de ti, Paneb. Consideram-te como um condutor de homens e um pintor notável. Néfer o Silencioso, teu pai espiritual, ficaria orgulhoso de ti. Mas não te faria observar que a conjugação de talentos como os teus é tão rara e tão preciosa para a confraria do Lugar de Verdade que seria pena arriscá-la numa prova destas?

— Julgara compreender que já não era tempo para argumentar.

— Também não me mentiram sobre o teu carácter... A título excepcional, desejo conceder-te uma última hipótese de reflectir antes de penetrares na câmara de incubação.

— Estou aqui para ilibar Tuti. O Sumo Sacerdote afastou-se.

— Que o teu corpo adormeça se a fadiga o vencer, mas o teu espírito não. Caso contrário, perder-te-ás para sempre. Que possas atingir o deus, Paneb, e recordar-te das tuas visões.

O colosso descobriu um pequeno compartimento recentemente lavado com água e natrão. No centro, um pedestal sobre o qual repousava uma barca de acácia. Na barca ardia uma lâmpada de uma só mecha; semelhante às que os artesãos utilizavam nos túmulos, não fazia fumo.

A porta fechou-se.

Paneb sentou-se à maneira de escriba e concentrou-se na chama, pensando no seu irmão Tuti que, graças aos remédios da Mulher Sábia, dormia um sono reparador.

De repente, a mecha torceu-se e o fogo dançou, como se tentasse escapar ao controlo de Paneb. O pintor aproximou-se e, com as mãos, sem receio de se queimar, conseguiu acalmá-lo para formar um espelho avermelhado no qual distinguiu o rosto do ourives.

— Conta-me, Tuti, conta-me tudo...

Paneb teve a sensação de que o seu corpo ardia, mas ignorou-o porque surgiu uma cena no círculo de fogo.

O ourives percorria o templo de Maet e demorava-se em cada uma das placas de ouro fixas à parede. Uma delas retinha mais particularmente a sua atenção.

— Não, Tuti, não... Tu não fizeste isso!

Depois de ter verificado que estava bem presa, o ourives afastou-se. Transportando ao ombro o saco que continha as suas ferramentas, saiu do templo.

A chama lambeu a testa de Paneb que nem sequer teve um movimento de recuo, pois outra personagem aparecia no círculo: o intendente que Tuti lhe descrevera com precisão.

Depois de ter lançado olhares para trás de si a fim de verificar que ninguém o observava, o intendente despegou uma placa com a ajuda de um fino cinzel de cobre. Uma segunda placa teve a mesma sorte e o ladrão abandonou o local.

Uma bruma invadiu os olhos de Paneb e sentiu vontade de dormir. Resistir exigia-lhe um esforço tão intenso que o seu corpo se cobriu de suor.

— Onde estão... as placas de ouro? - perguntou com voz entrecortada.

O rosto de chacal de Anúbis surgiu no centro da chama.

— Dorme, Paneb, dorme... E encontrarás a resposta a todas as tuas perguntas.

— Ajuda-me, Tuti... Combate comigo, meu irmão!

As feições do ourives substituíram as do deus e depois sucederam-se imagens confusas: o

Nilo, barcos, um cais, mulheres sentadas, cestos cheios de vitualhas.

— O mercado! - berrou Paneb.

Tentou levantar-se para empurrar a porta, mas estava paralisado.

A chama extinguiu-se, mergulhando o compartimento no escuro. O colosso tentou resistir ao sono mortal onde o seu espírito se afogaria.

Quando os olhos se iam fechar, a porta abriu-se.

Terminado o seu serviço no templo, o intendente dirigiu-se ao mercado como combinado. Seria ali que trocaria as placas de ouro, impossíveis de vender, por um lingote de prata que lhe permitiria pagar finalmente as suas dívidas e ter uma existência mais desafogada. É verdade que tivera de cometer um roubo e deixar acusar um artesão que seria pesadamente condenado em seu lugar, mas não lamentava nada. Não tinha cada um que travar o seu próprio combate?

No saco de cabedal que trazia às costas, vinham as duas placas de ouro envoltas em papiros.

Ainda faltava passar o posto de guarda principal.

— Terminou o teu serviço? - perguntou-lhe o chefe do posto.

— Voltarei daqui a alguns meses.

— Suja história, este roubo...

— Felizmente, é muito raro. E depois, o culpado foi detido.

— Abre o teu saco.

Com as mãos húmidas, o intendente obedeceu.

— O que levas aí?

— Como é costume, as listas das reparações efectuadas e aquelas de que terei de me encarregar quando regressar. É apenas um duplicado, como é evidente. Entreguei esta manhã o original ao meu superior.

— Trabalhas sempre com o governo?

— Por agora, sim.

— Bem, até à próxima.

Envergando o seu disfarce de camponesa que tanto a divertia, Serketa instalara-se entre as vendedoras de frutos e legumes com as quais trocara banalidades antes da chegada de uma clientela numerosa e decidida a discutir os preços. Várias criadas das suas amigas tebanas não lhe tinham concedido mais do que olhares desdenhosos e Serketa conversara mesmo alguns instantes com uma rica proprietária de terrenos, tão avarenta que ia ela própria fazer as compras.

Seguindo o exemplo das suas colegas, a esposa do general mostrava-se ora conciliadora ora intransigente e não vendia muita mercadoria para não exasperar a concorrência.

Nervoso e pouco à-vontade, apareceu o intendente. Abriu dificilmente caminho na multidão dos basbaques para se aproximar das vendedoras.

Como estava previsto, os figos de Serketa estavam dispostos em três cestos de um verde-gritante. O intendente não podia enganar-se de interlocutora.

De repente, todos os sentidos de Serketa ficaram alerta.

Em geral, dois babuínos polícias vigiavam o mercado e saltavam às pernas dos ladrões. Hoje havia quatro. E vários guardas armados de bastões os acompanhavam.

Ou o intendente falara, ou tinham-no seguido. Fosse como fosse, Serketa arriscava-se a ser apanhada na rede.

Ele imobilizou-se em frente dos cestos verdes.

— Vendes melancias?

— Apenas figos bem maduros - respondeu ela, de acordo com o código combinado. - Prova este.

O intendente apreciou o fruto.

— Leva uma cesta em troca dos teus papiros - murmurou ela. - A polícia vigia-nos.

— A polícia, mas...

— Depressa.

Feliz por se desembaraçar do seu fardo, o intendente obedeceu.

— O lingote está escondido no fundo da cesta - precisou Serketa. - Compra outros frutos à minha vizinha e continua as tuas compras. Sobretudo, mantém o sangue-frio.

Com a garganta contraída e as mãos trémulas, o intendente perguntou o preço das uvas. Quando ia voltar a cabeça para ver se a cúmplice continuava ali, perturbou-se-lhe a vista. Um jacto de ácido queimou-lhe o tubo digestivo, o coração disparou e não conseguiu retomar o fôlego.

Vendo que o seu cliente se sentia mal, a vendedora levantou-se.

— Não estás bem?

— Eu... Ela...

Com os olhos revirados, o intendente caiu sobre uma pilha de cebolas frescas.

— Socorro! - gritou a mulher.

Os polícias precipitaram-se. O chefe Sobek afastou-os.

— Este homem está morto - constatou.

Um início de pânico apoderou-se do mercado, mas os babuínos de dentes ameaçadores restabeleceram a calma.

— Para onde foi a tua vizinha? - perguntou Sobek

— A vendedora de figos? Não sei... Nunca a tinha visto antes e desapareceu depois de ter falado com o homem que acaba de morrer.

— Ele comprou-lhe fruta?

— A que estava nessa cesta aí voltada. Sobek examinou-a.

Continha apenas figos.

— Como lhe pagou?

— Com papiros, creio.

Ao acaso, o polícia inspeccionou o lugar onde estivera sentada a assassina. Encontrou os papiros e, dentro deles, as duas finas placas de ouro roubadas no templo de Maet. Receando os babuínos, a falsa vendedora não ousara levá-las.

— Como está ele? - perguntou Kenhir a Uabet a Pura.

— Depois do que aconteceu esta noite - respondeu ela com um sorriso malicioso - parece-me em excelente forma.

— Bom, bom... Posso vê-lo?

O rosto da bonita loura endureceu.

— Não são más notícias, espero?

— Pelo contrário!

— Então, entrai.

Paneb brincava com a pequena Selena para a qual fabricara uma boneca articulada e pintada representando uma sacerdotisa de Hathor que fazia oferenda de um espelho. Com delicadeza, a garotinha manobrava o braço sob o olhar atento do pai.

— Perfeito, querida... Ela também pode andar, sabia?

Admirativa e concentrada, Selena seguiu os movimentos da boneca como se a sua existência dependesse disso.

— Eu também vou ser uma sacerdotisa?

— Gostavas de um lindo espelho como este?

— Não só.

— O que mais?

— Quero conhecer o segredo da montanha. E só uma sacerdotisa de Hathor pode perguntá-lo à deusa. Interroguei a mamã, mas ela recusa-se a dizer-mo.

— É normal, Selena.

— Tu também recusas dar-me o segredo?

— Eu sou um artesão, não uma sacerdotisa.

Esta afirmação mergulhou a garotinha num abismo de perplexidade de onde não demorou muito a sair.

— Mesmo assim, podias levar-me ao cume! Forte como tu és, não receias nenhum demónio.

— Tem um pouco de paciência.

O escriba do Túmulo tossiu.

— Lamento interromper-vos, mas acabo de saber que o tribunal de Karnak absolveu Tuti por completo. O Sumo Sacerdote convidou o nosso ourives para terminar a decoração do pequeno templo de Maet e vai entregar-lhe o equivalente às duas placas de ouro em unguentos e vestuário.

— Como está ele?

— Muito melhor. A Mulher Sábia pensa que ele retomará o trabalho nos próximos dias. Saber-se ilibado de qualquer acusação devolveu a Tuti o gosto de viver. E tu, como te sentes?

— Não desejo reviver aquele género de experiência - confessou o colosso pegando na filha ao colo. - Quando o sono me venceu, julguei que a visão que eu tinha tido do mercado seria inútil. Depois houve um raio de luz e recuperei pouco a pouco o controlo dos meus membros sem nunca deixar de pensar em Tuti... Será a fraternidade mais forte do que a morte?

Para disfarçar a sua emoção, Kenhir tossiu de novo.

— O intendente estava muito endividado - revelou. - Foi essa a razão pela qual roubou as duas placas de ouro, com a certeza de poder trocá-las no mercado. A intervenção da polícia foi infelizmente demasiado evidente e a sua cúmplice, uma vendedora de figos, conseguiu fugir,

abandonando o seu espólio.

— Uma vendedora de figos? - espantou-se Paneb.

— Sim, uma camponesa da qual não possuímos qualquer descrição exacta.

— Isso não tem pés nem cabeça!

— Segundo o chefe Sobek, não passava de uma intermediária cuja missão consistia em receber as placas de ouro, com certeza para as fundir.

— Por outras palavras, existe um verdadeiro bando cujo objectivo consiste em destruir o Lugar de Verdade! E um de entre nós, um homem que se finge nosso irmão, faz parte dele!

A pequenita aninhou-se de encontro ao pai.

— Isso quer dizer que as trevas vão comer a luz? - perguntou ela, inquieta.

— Isso quer dizer que nos bateremos para que a obra continue e que a traição acabe por sufocar o traidor.

Reunido sob a autoridade da Rainha Tausert, o grande conselho, onde se encontravam a partir de agora Sethnakht e o seu filho mais velho, apenas esperava o chanceler Bai.

— Ele nunca chega atrasado - murmurou o responsável dos canais. - Sua Majestade não apreciará...

A Rainha trocou algumas frases com o seu ministro das Finanças e depois dirigiu-se à assembléia.

— Algum de vós sabe onde está o chanceler? Ninguém respondeu.

— Que o camareiro vá aos aposentos de Bai enquanto nós iniciamos o trabalho. Começamos pelo relatório do responsável dos canais.

O camareiro saiu da sala do conselho e correu ao gabinete do chanceler.

Vazio.

Faltava o seu quarto, cuja porta estava fechada. O camareiro bateu.

Não obtendo resposta, atreveu-se a empurrá-la. O ferrolho não estava corrido.

— Chanceler... Estais aí?

Junto do leito, Bai jazia numa poça de sangue.

Quando o chanceler abriu os olhos, julgou ter atingido os campos paradisíacos do outro mundo. Um perfume de lótus misturado com jasmim encantava as suas narinas e o maravilhoso rosto da Rainha Tausert inclinava-se para ele.

— Bai... Podes falar?

— Eu... eu não estou morto?

— Vários médicos estão a tratar-te. O que se passou?

— Estou-me a lembrar! Um ataque de tosse, mais violento do que os outros... E depois sangue, uma onda de sangue, e desmaiei... Mas agora penso! O grande conselho, faltei ao grande conselho!

Bai tentou levantar-se.

— Fica deitado, chanceler, é uma ordem.

— Está bem, Majestade, está bem... Mas os debates correram bem?

— Foram tomadas boas decisões.

— Tanto melhor... Mas ainda há tanto a fazer!

Tranquilizai-vos, sofro apenas de uma fadiga passageira. A partir de amanhã estarei a pé.

— Tens direito a um pouco de repouso.

— É outra ordem, Majestade?

— Com certeza.

— Estou desolado pela minha ausência ao grande conselho...

Isso não se repetirá.

— Seguimos as tuas directivas, o Tesouro está satisfeito.

— Majestade, queria dizer-vos...

A voz do chanceler mal era perceptível. A Rainha segurou-lhe na mão.

— Majestade... Tende cuidado com o Egito.

Durante longos minutos, Tausert permaneceu imóvel. Um médico aproximou-se.

— Majestade, o chanceler morreu.

— Não, doutor, repousa finalmente.

Caminhando cada vez com mais dificuldade por causa do seu pé boto, o Rei Siptah saiu do quarto austero que ocupava no templo de Amon para ir ao encontro da Rainha.

Tausert ficou chocada com o envelhecimento do jovem monarca cujo rosto, apesar do sofrimento, exprimia no entanto uma real serenidade.

— Desejais ver-me, Majestade? - interrogou Siptah.

— Tenho más notícias.

— Gostaria de dar alguns passos no grande pátio a céu aberto... Há vários dias que não vejo o Sol. Graças à minha bengala, ainda me posso deslocar.

Com uma coragem digna de admiração, o monarca conseguiu esquecer as dores que o roíam há vários meses para sair do templo coberto e respirar ao ar livre.

— Como este céu é esplêndido! É lá em cima que vivem as almas dos reis... Mas referíeis más-notícias?

— O chanceler Bai morreu.

Siptah dobrou-se em dois como se tivesse recebido um soco no estômago.

— Bai, o meu amigo e o meu benfeitor... Esgotou-se a trabalhar.

— A sua múmia repousará no Vale dos Reis, junto da vossa Morada de Eternidade.

— Que magnífica viagem Bai vai empreender! Tenho a certeza que me acolherá no Vale.

O Rei sentou-se num banco de pedra.

— Que triste monarca eu sou! Falais-me do Egito e eu só penso em mim mesmo.

— Será impossível substituir Bai. Ocupava um lugar à parte que preparara para si mesmo com esforços constantes e todos os membros do governo o respeitavam. Actualmente, eis-nos nós, vós e eu, diante deles e dos cortesãos.

— Sou incapaz de vos ajudar, Tausert; estais ainda mais isolada do que pensais. Tudo o que vos posso oferecer é o meu apoio incondicional face aos abutres que não deixarão de cobiçar o trono. Assinarei os decretos que fizerdes, pois sei que para vós apenas conta a salvaguarda do nosso país.

A Rainha inclinou-se diante do Faraó.

Tausert penetrou numa imensa gaiola onde viviam aves multicores que tinham sido

oferecidas ao palácio por exploradores do grande Sul. A própria Rainha encheu de grãos os comedouros e deitou água fresca nos bebedouros. Uma poupa de crista negra e amarela poisou-lhe no ombro e observou-a inclinando a cabeça.

— Desejas a liberdade? - perguntou-lhe ela mostrando a porta completamente aberta.

A poupa levantou vôo, permaneceu alguns instantes em vôo estacionário e depois regressou ao fundo da gaiola.

— Eu também não consigo escapar - murmurou a Rainha vendo avançar na sua direcção, com um andar ainda mais decidido do que o habitual, o áspero Sethnakht.

— Concedeis-me uma audiência privada, Majestade, ou devo solicitar uma audiência oficial.

— Visto que não vos haveis certamente deslocado por futilidades, falemos.

— Estes pássaros são barulhentos... Vamos para o quiosque.

Este apresentava a vantagem de ser simultaneamente sombreado e isolado; nenhum jardineiro ouviria a conversa.

A Rainha e Sethnakht sentaram-se frente a frente, em volta de uma mesa baixa sobre a qual se encontrava uma corbelha de uvas.

— Com a morte de Bai, Majestade, perdeis o homem que conseguia jugular as diversas facções.

— Ninguém tem mais consciência disso do que eu.

— Na minha opinião, ninguém está à altura para o substituir.

— Tendes razão.

— Tencionais assistir aos seus funerais?

— Realizar-se-ão em Tebas e é-me impossível abandonar Pi-Ramsés.

— Sinto-me feliz por vos ouvir dizer isso.

— Teríeis tentado impedir-me de partir?

— Visto que ficais, Majestade, a questão não se coloca. Na situação actual, qualquer outra atitude teria sido uma falta grave. Todos sabem que o Rei Siptah está a morrer e confiou-vos sem dúvida a responsabilidade de reinar em seu lugar. Se o Faraó tivesse partido para o estrangeiro, teríeis sido encarregada de governar e a vossa posição não tem portanto nada de anormal. Não sois a primeira regente das Duas Terras e incarnais hoje a estabilidade de que elas têm necessidade, desde que não vos afasteis da capital. O meu filho mais velho e eu obedecer-vos-emos sem hesitar.

— Sinto-me feliz por vos ouvir dizer isso - pontuou a Rainha com um ligeiro sorriso.

— Mas fazia questão de afirmar mais uma vez que esta obediência tem limites. Por morte de Siptah, a regente deverá afastar-se do trono.

— Para o entregar a quem?

— A um homem de experiência que restaurará finalmente o poder faraónico na sua potência máxima. Tivemos reinados de inquietante fraqueza nestes últimos anos e não será uma mulher que poderá pôr fim a esta deriva.

— Porque vos considerais capaz de o fazer?

— Porque tenho uma vontade firme.

— Mesmo à custa de uma guerra civil, Sethnakht?

— Seria fazer o jogo dos nossos inimigos e condenar o Egito à morte. Quando chegar o momento, Majestade, retirai-vos e deixai-me agir.

Quando os aldeões tomaram conhecimento da convocação dos membros do tribunal do Lugar de Verdade, muitos fizeram má cara. Com que nova provação seriam confrontados? Não podia tratar-se do caso Tuti, definitivamente resolvido, e ninguém tinha ouvido falar de um conflito recente entre dois artesãos.

Espalharam-se múltiplos boatos, indo da condenação da esposa de Pai o Bom-Pão por abuso de bolos até à de Karo o Mal-humorado por excesso de palavras, mas nenhum pareceu fundamentado.

— Há com certeza uma relação com a morte do chanceler Bai - considerou Unesh o Chacal. - As autoridades decidiram reduzir os nossos fornecimentos!

— Eu - afirmou Nakht o Poderoso - estou convencido que os artesãos de Karnak têm ciúmes de nós e que nos querem impedir de trabalhar para o exterior.

— Aconteça o que acontecer - anunciou Fened o Nariz - não nos deixaremos manipular.

Para surpresa geral, a sessão do tribunal foi de curta duração; Kenhir recusou-se a fazer qualquer declaração e a aldeia ficou na expectativa, - É assim tão grave? - interrogou Niut a Vigorosa.

— Tomamos uma decisão capital para o futuro da confraria - respondeu o Escriba do Túmulo - e espero que não nos tenhamos enganado.

Agindo como sacerdote do ka, o chefe da equipa da esquerda pronunciou as últimas fórmulas de ressurreição sobre o sarcófago do chanceler Bai. Depois, apagou as lâmpadas e regressou à superfície onde o esperavam os Servidores do Lugar de Verdade que tinham trazido tecidos, unguentos, mobiliário, papiros e alimentos mumificados para a Morada de Eternidade do chanceler.

Estranhos funerais no Vale dos Reis, em favor de um homem que não tinha sido faraó e que o Faraó reinante, incapaz de viajar, não honrara com a sua presença. Desconfiados, os dignitários tebanos tinham preferido abster-se, deixando aos artesãos o encargo de se ocuparem da múmia de Bai.

Paneb fechou a porta do túmulo sobre a qual colocou o selo do Lugar de Verdade.

— Nem sequer a Rainha Tausert veio...

— Não pode deixar a capital - considerou Hai. - Sem o apoio do chanceler, imaginas em que tormentos se deve debater?

— Se é capaz de reinar, eis o momento para prová-lo.

— Segundo as informações recolhidas por Kenhir, a posição da Rainha fragiliza-se cada vez mais. Siptah é o seu último baluarte; quando morrer, será um clã guerreiro a tomar o poder.

— Um clã para o qual a nossa confraria não contará nada!

— É de rezear - reconheceu Hai.

Os artesãos abandonavam lentamente o Vale dos Reis. Passaram pelo desfiladeiro, não sem terem admirado, uma vez mais, o cume do Ocidente e as colinas queimadas pelo sol, ao abrigo das quais repousavam os reis e as rainhas, bem como os seus fiéis servidores.

Quando Paneb ia franquear a porta da aldeia, o escriba do Túmulo barrou-lhe o caminho com a bengala.

— Lamento mas não voltas para casa.

— Porquê?

— O teu comportamento fez-nos decidir.

— Decidir... a quê?

— O tribunal do Lugar de Verdade designou-te como mestre-de-obras da confraria, encarregado de prolongar a obra de Néfer o Silencioso.

Estupefacto, o colosso permaneceu mudo.

— Para desempenhar esta função e ter acesso aos mais altos mistérios - continuou Kenhir - deves viver uma nova iniciação. Entrega-te à mão que te guia.

Sem mais explicações, o escriba do Túmulo voltou as costas a Paneb.

— Segue-me - ordenou-lhe Hai, que enveredou pelo caminho de saída que passava pelo Ramesseum.

Paneb julgou que a cerimónia se realizaria no interior do Templo dos Milhões de Anos de

Ramsés o Grande, mas o chefe da equipa da esquerda continuou a andar até ao embarcadorio.

— Vamos passar para a margem este?

— Vamos, mas não com a barca habitual.

Os dois homens seguiram ao longo da margem até um lugar isolado onde os esperava um barco. No leme, um curioso marinheiro com o crânio rapado e dois olhos pintados na nuca, como se fosse capaz de ver atrás dele.

— Tendes com que pagar? - perguntou.

— O preço da passagem é a Novena dos deuses que contém e revela a unidade - respondeu Hai, mostrando os seus dez dedos.

A travessia efectuou-se em silêncio até ao desembarcadorio de Karnak, vazio de qualquer presença humana. A cidade santa estava mergulhada em silêncio.

— Abre-se aqui o olho do senhor do Universo - declarou Hai - e este santuário é o local onde o seu coração se manifesta. Aqui é reconstituído o que estava espalhado.

Depois de terem seguido ao longo da cerca do recinto, Hai conduziu Paneb até ao templo do Oriente. O colosso pareceu reticente.

— Tenho que enfrentar outra vez a câmara dos sonhos?

— Recuarias perante essa prova?

Paneb olhou a direito à sua frente.

— Contempla a colina primordial - recomendou Hai -, a ilha nascida do oceano das origens aquando da primeira vez. Contém a energia luminosa que permite à pedra viver e à mão dos construtores construir. O Sol levanta-se por cima dela todas as manhãs, ilumina os que erravam nas trevas e o caminho sob os seus passos torna-se mais seguro.

Paneb avançou e a porta do templo abriu-se.

— Os teus laços são retirados - anunciou a voz grave do sacerdote. - As portas do céu abrem-se para ti, tudo te é dado, tudo te pertence. Entras como falcão, sairás como fénix. Que a estrela da manhã te abra o caminho e te permita contemplar o senhor da vida.

Paneb seguiu um ritualista que ritmava a sua marcha batendo no solo com uma longa bengala de madeira dourada e passou em frente dos colossos de Ramsés antes de venerar o obelisco cujo piramídon de ouro reflectia a luz do Sol.

— Eis-te chegado ao lugar de origem do sopro de Ré, rico em milagres para salvar o que enfrenta o vazio. Alimenta-te do seu fulgor e penetra na oficina divina.

O pintor não foi introduzido na câmara dos sonhos mas sim numa pequena sala onde dois sacerdotes, com máscaras de íbis e de falcão, o purificaram antes de o conduzir ao santuário de

Tutmés III, “Aquele cujos monumentos cintilam de luz”³.

Ali eram iniciados os grandes sacerdotes de Karnak, ali também os mestres de obra recebiam a iluminação necessária para que o espírito e a mão ficassem indissoluvelmente unidos.

— Para orientar a obra - disse a máscara de falcão - deves entrar na luz e ver como ela vê. O que pedes, neste dia onde o Sol brilha no coração da noite?

— Venho até ti, soberano do espaço sagrado, porque pratiquei a regra de Maet. Permite-me que faça parte daqueles que se encontram no teu séquito e que conheça o teu esplendor, tanto no

céu como na terra.

— Para aceder ao estado de ser luminoso, transforma o perecível em eterno, reúne os materiais que formarão um corpo novo e inalterável, sê o artesão que dá a vida. A tua mão conhecerá os designios de Deus e a tua boca pronunciará as fórmulas de transfiguração. Deslocar-te-ás então como uma estrela no ventre da tua mãe, o céu, brilharás como o ouro e realizarás a obra. E lembra-te que Maet é luz fecundante para quem a pratica.

Paneb avançou no interior de uma vasta sala com pilares decorados por admiráveis pinturas representando o Faraó em comunhão com as divindades. Dos tons quentes emanava uma claridade que perturbou o colosso.

— A luz está no céu, a força na terra - declarou o Sumo Sacerdote de Amon apresentando a Paneb uma estatueta de Amon em ouro, com a altura de um côvado. Se fores capaz, completa a obra do teu antecessor, Néfer o Silencioso.

O Sumo Sacerdote eclipsou-se, deixando o Ardente só perante o deus.

Paneb não dispunha de nenhuma ferramenta e considerou a escultura tão perfeita que não podia modificar-lhe nenhum aspecto. No mínimo pormenor, Néfer atingira tal beleza que lhe dilatou o coração.

Então ele, o colosso, inclinou-se diante da frágil estatueta e venerou a força de que ela era portadora.

Sobre os pilares, as representações do Faraó pareceram animar-se, as oferendas multiplicar-se e concentrar-se num só raio que penetrou na cabeça da estatueta. E esta deslocou-se para deixar aparecer uma pedra semelhante à Pedra de Luz que o Lugar de Verdade utilizava para dar às suas obras a eficácia plena.

Paneb compreendeu que os elementos que compunham um material podiam dissociar-se e reunir-se de outra maneira, e que os artesãos eram capazes de realizar essas transmutações desde que soubessem utilizar a pedra.

A razão ter-lhe-ia recomendado que fechasse os olhos e cobrisse a face para evitar um clarão de uma tal intensidade que iluminou o templo inteiro; mas o pintor saboreou com todo o seu ser aquela energia vinda do fundo do universo.

— Pega-lhe - disse a voz do Sumo Sacerdote de Amon - e terás a luz entre as tuas mãos.

O colosso ergueu a pedra, simultaneamente pesada e leve.

— O iniciado é uma pedra bruta - afirmou o pontífice. - Quando penetra no templo, aperfeiçoa-se como o mineral nascido no ventre da montanha e sobe das profundezas para nascer para o dia e se integrar na Pedra de Luz. Viste o segredo, Paneb, e deves agora construí-lo e transmiti-lo. Aqui, neste templo, construíram os teus antecessores o país da luz onde os rituais se realizam: no Lugar de Verdade, a presença dos antepassados, almas luminosas, mantém a eficácia da Pedra das origens. E tu, mestre-de-obras, deves preservar a coerência da confraria.

Uma paz profunda encheu o santuário, semelhante à que irradiava o poente no final de um dia de trabalho. Mas Paneb sentiu que, para ele, não chegara ainda a hora de saborear essa felicidade.

Quando saiu do edifício, um imenso pássaro azul, uma fénix vinda do Oriente, voava em direcção ao Lugar de Verdade.

O anúncio da nomeação de Paneb como mestre-de-obras do Lugar de Verdade e sucessor de Néfer o Silencioso confundiu-se com a grande festa celebrada em honra do Rei Amen-hotep I, fundador e patrono da aldeia, no vigésimo nono dia do terceiro mês da estação das sementeiras. Os aldeões transportaram em procissão a estátua do seu protector antes do banquete monumental no decurso do qual saborearam codornizes assadas, guisado de pombo, rins, costeletas de vaca, várias espécies de peixes, queijos, bagas de jujubeira, compota de figos e bolos com mel e licor de tâmaras.

Os artesãos tinham-se encarregado da carne, as mulheres dos outros pratos; e tinham ido buscar as panelas de serpentina e a loiça preciosa oferecida pelos faraós, ou seja, taças e pratos de alabastro, copos de ouro nos quais eram deitados os vinhos excepcionais que Kenhir mandara tirar da sua cave.

Quando Userhat o Leão brandiu o bastão com cabeça de carneiro, simbolo do deus Amon ao qual eram dirigidas as reclamações, ninguém tomou a palavra.

— Não há irmão para o que é surdo à voz de Maet nem dia de festa para o ambicioso - lembrou o escriba do Túmulo. - Temos a sorte de viver um período de harmonia e de ter à nossa frente Paneb o Ardente, que continuará a obra e nos defenderá dos nossos inimigos. Juntos, façamos um dia feliz.

Juntos era juntos. Por isso o cão Trigueiro, à frente do seu clã formado por Besta Terrível, a gansa guardiã, o macaco verde e Encantador, o enorme gato de Paneb, teve direito, tal como os seus companheiros, às mesmas vitualhas que os humanos. A título absolutamente excepcional, Vento do Norte, o burro do colosso, foi autorizado a penetrar na aldeia para participar também nos festejos.

E as suas grandes orelhas ficaram encantadas com o concerto dado por três sacerdotisas de Hathor. Uma tocava um duplo oboé, formado por dois tubos longos e finos talhados em junco, a outra um clarinete e a terceira uma harpa arqueada esculpida num tronco de acácia. A harpista era Turquesa, cuja beleza e os adornos atraíram alguns remouques azedos da parte das donas de casa menos favorecidas pela natureza; Mas a música apenas se preocupava com o seu instrumento e, com os olhos fechados, deixava correr os dedos pelas sete cordas.

— Não tens um ar muito alegre - disse a Paneb Renupé o Jovial, cuja pança ameaçava rebentar.

— As responsabilidades só alegram os inconscientes - afirmou Unesh o Chacal.

— Muito bem dito - confirmou Gau o Exacto, cujo longo nariz começava a ficar vermelho.

— Veremos isso amanhã - propôs Didia o Generoso. - Por agora, façamos honra a estes alimentos de festa e a estas ânforas de vinho velho.

Casá o Cordame de boa vontade teria aprovado o carpinteiro, mas já não distinguia o que o rodeava e não conseguia articular palavra.

Obrigado a ser relativamente sóbrio por causa dos olhares carregados que lhe lançava Niut a Vigorosa, Kenhir notou que as sacerdotisas de Hathor apenas bebiam água. Não havia dúvida que a Mulher Sábia teria muito que fazer para aliviar os estômagos e libertar os fígados sobrecarregados!

Durante toda a noite Paneb pareceu ausente, como se a festa não lhe dissesse respeito.

— Pensas em Néfer, não é verdade? - perguntou-lhe Clara.

— Era ele que deveria presidir a este banquete, não eu. Vi a sua obra-prima em Karnak e não posso acrescentar-lhe nada.

— Na mesma situação, ele pronunciou as mesmas palavras. E só pensava em retirar-se para a sua oficina para ficar só com as ferramentas e os materiais.

— Por outras palavras, é impossível renunciar a uma missão confiada pelo Lugar de Verdade...

— Era o que o teu pai espiritual tinha compreendido, com efeito. Mas não tem cada um a liberdade de escolher o seu destino?

— Um só desejo me animou sempre: pertencer a esta confraria, pintar o fogo da vida, atingir a luz imutável... Mas não pensava em dirigi-la!

— Néfer também não... No nosso caminho, é quando nos desligamos do poder que ele nos é dado. E é nessa altura que avaliamos o seu peso. Raramente alguma festa foi tão feliz.

Visto que a aldeia tinha novamente um mestre-de-obras, dissipavam-se as inquietações.

Esvaziada a última ânfora, foram distribuídas tochas aos convivas. Iluminaram o Lugar de Verdade que cintilou durante muito tempo na noite estrelada.

Uabet a Pura utilizara a sua concha de pintura, perfeita imitação de uma concha do Nilo talhada em alabastro, para compor uma maquiagem requintada. Envergando o seu mais belo vestido, de um verde-tenro, estava finalmente pronta. Selena impacientava-se.

— Vens, mamã?

Uabet lançou um último olhar à casa a fim de se assegurar que não ficava ali o mínimo objecto.

Os artesãos já transportavam o mobiliário até à nova casa do mestre-de-obras, quase tão grande como a do escriba do Túmulo. Uabet devia indicar-lhes a localização de cada móvel e dar às criadas as directivas indispensáveis. Rapazes e raparigas da aldeia tinham-se atropelado na esperança de entrar ao serviço da esposa de Paneb, que ficara com cinco, insistindo nas suas exigências, a começar por uma rigorosa higiene.

— Onde está Paneb? - perguntou a Nakht o Poderoso, que transportava uma arca de madeira cheia de roupa.

— No templo, para a entrega das ferramentas. - Tem cuidado! É a minha mais bela arca.

Uabet estava simultaneamente enervada e encantada. Desde o seu primeiro encontro, sentira que Paneb possuía o estofo de um chefe e felicitava-se pelo êxito devido à sua coragem e talento. Ao amor que sentia pelo colosso misturava-se uma profunda admiração e a sua única preocupação era ser uma esposa digna dele.

— Onde ponho os cestos de costura? - interrogou Karo o Mal-humorado.

— Segue-me.

Selena já tomara posse do seu quarto, onde brincava com a boneca. Quanto a Aperti, preferira exercitar-se na luta com os seus camaradas. Receando que ele quebrasse os objectos frágeis, a mãe não se opusera a esta nova manifestação de preguiça.

Uabet alegrara-se com a atitude de Turquesa. Nem uma única vez no decurso do banquete a

sua irmã em espírito dirigira a palavra a Paneb, abandonando à esposa legítima o centro da cena. Uabet receara que a nomeação do marido desencadeasse exigências incongruentes da parte da soberba ruiva, mas esta soubera manter-se no seu lugar.

— Que bela casa! - exclamou Pai o Bom-Pão. - Como deves estar feliz, Uabet... Viste as coisas correctamente: o Ardente não é realmente um homem como os outros.

— Eis o còvado do mestre-de-obras - disse a Mulher Sábia, confiando a Paneb a ferramenta de ouro sobre a qual estavam gravadas as divisões em palmos e polegadas. - É o còvado real, sacralizado por quatro deuses: Hórus a oriente, Osíris a ocidente, Ptah a norte e Amon a sul. Em todas as tuas obras, invocarás estes ângulos da criação e incarnarás estes pilares. Graças ao còvado que nos legou Tot, o senhor do Universo, respirarás o sopro da origem. Pelo còvado agirás como um ser útil, eficaz, poderoso, de voz justa e portador de vida.

Depois, a Mulher Sábia entregou a Paneb o seu còvado de estaleiro em madeira de ébano sobre o qual estava gravada uma invocação a Osíris e a Anúbis.

— Servir-te-á para fazer viver as proporções correctas, mas a medida que imprimirás nas tuas construções será o teu próprio braço. Assim se unirão o còvado eterno e a sua encarnação.

A Mulher Sábia ofereceu em seguida ao mestre-de-obras as três outras ferramentas fundamentais da sua função: o esquadro de que um dos nomes era "a estrela" e que correspondia

ao triângulo $3/4/5$ ⁴, o nível e o fio de prumo, estes dois últimos marcados pela presença de uma espécie de dinamómetro em forma de vaso selado, o hieróglifo do coração.

— Que Ptah, o patrono dos construtores, torne estas ferramentas eficazes. Com elas, reconstituirás o olho reunindo as suas partes esparsas e verás o que deve ser visto, tanto no visível como no invisível, tanto no aparente como no oculto. Para o conseguires, o teu primeiro dever consiste em preparar a tua Morada de Eternidade, onde viverás fora do tempo.

A Mulher Sábia aproximou-se do colosso e cingiu-lhe os rins com o avental de ouro que usara Néfer o Silencioso.

— Realiza o que é correcto e justo, Paneb, sê coerente e calmo, apresenta um carácter firme capaz de suportar tanto a infelicidade como a felicidade, um coração vigilante e uma língua capaz de ser cortante. Visto que viveste os grandes mistérios, és actualmente capaz de praticar o ritual do despertar da força criadora e de officiar no santuário do templo, onde se realiza todas as manhãs o trabalho primordial, a ressurreição da luz que torna vivo tudo o que existe.

Paneb teve a sensação que dezenas de enormes pedras lhe caíam sobre os ombros, mas não vergou sob a carga, ele, o filho de camponês que apenas desejava tornar-se desenhador a fim de saciar a sua paixão.

Guiado pela Mulher Sábia, o mestre-de-obras penetrou no santuário do templo principal do Lugar de Verdade e, tal como o seu pai espiritual antes dele, percorreu os dois caminhos, o de Maet, a regra eterna do Universo, e o de Hathor, o amor criador, para perceber que constituíam apenas um.

A criada núbia espalhou um excesso de unguento emagrecedor sobre as coxas de Serketa.

— Idiota! - berrou ela esbofeteando-a. - Vais queimar-me a pele!

A jovem negra, cuja beleza provocava os ciúmes das amigas da sua patroa, reteve as lágrimas. Mal paga, tratada com insuportável brutalidade, desejava no entanto manter o emprego naquela luxuosa mansão, apesar de ficar tão longe da sua aldeia natal. Decidira não permanecer camponesa e saborear os prazeres de Tebas, e não seria a sua odiosa patroa que a desencorajaria.

— Apresento-vos as minhas desculpas.

Serketa encolheu os ombros.

— Traz-me os meus bastõezinhos de maquiagem.

Receando o primeiro cabelo branco e a primeira alteração da pele, Serketa consumia cada vez mais produtos de beleza: pintura verde e preta para os olhos, ocre vermelho para os lábios, pós e cremes suaves para o rosto, tintas regeneradoras e óleos para os cabelos. A sua casa de banho transbordava portanto de boiões, mais caros uns do que os outros, cujo troféu era um vaso de perfume em vidro de perfeita transparência.

— O meu pequeno-almoço - exigiu.

A núbia amimava a patroa, gulosa de nata fresca e de uma manteiga misturada com alforva e chicória e que, barrada em pão quente, contribuía para aumentar as suas protuberâncias, mas Serketa não resistia.

Envergando uma esplêndida túnica plissada, Mehi irrompeu nos aposentos privados da mulher.

— Fora - ordenou à núbia, que saiu correndo. - Já estás pronto, querido? - espantou-se Serketa.

— Reuni os meus oficiais superiores para dar a última mão ao relatório que Sethnakht exigiu.

— Nada de aborrecido, espero.

— Um banal trabalho administrativo. O que conta é o inevitável confronto entre esse velho cortesão e a Rainha Tausert.

— Em quem apostas?

— Desejemos que se destruam mutuamente. Serketa pendurou-se ao pescoço do marido.

— Se soubesses como estava excitada no mercado! Aqueles imbecis dos policia mesmo ao pé de mim, estás a imaginar?

— Corres demasiados riscos, minha querida.

— Claro que não, meu terno leão! Eles nunca me capturarão.

Sinto a presença do perigo melhor do que um animal selvagem.

— A policia compreendeu no entanto que estava uma mulher implicada no caso.

— Não sabem nada, a não ser que uma rede bem organizada actua na sombra.

— Tens notícias do traidor?

— Paneb foi nomeado mestre-de-obras do Lugar de Verdade. Mais cedo ou mais tarde

utilizará portanto a Pedra; é por isso que o nosso aliado não lhe tira os olhos de cima. E tem uma ideia para perturbar o bom funcionamento da confraria e o começo do reinado de Paneb.

— E eu tenho outra que vai no mesmo sentido... Não podemos deixar esse colosso em repouso! Como está longe de ser tão ponderado como Néfer o Silencioso, acabará por explodir como uma pedra quebrada à marretada.

Pela primeira vez, Paneb presidia ao tribunal da aldeia a fim de fazer o ponto sobre as condições de trabalho e de responder às angústias de alguns artesãos.

Karo o Mal-Humorado não deixou de atacar a questão essencial.

— Corre o boato que pretendes aumentar o ritmo.

— Incorrecto - respondeu Paneb. -- Oito dias nos estaleiros, das oito às doze horas e das catorze às dezoito, seguidos de dois dias de repouso, sem contar os feriados e os descansos especiais. É essa a tradição da aldeia, que não tenho intenção de modificar. Em caso de urgência, tentarei fazer-lhe face com Hai e um mínimo de voluntários, cujas horas suplementares serão generosamente pagas.

— Falemos disso, do pagamento! - avançou Unesh o Chacal. - Dizem que tens intenção de reduzir os salários.

— Outra vez incorrecto. A distribuição realizar-se-á sempre a vinte e oito de cada mês: cinco sacos de espelta e dois de cevada para o escriba do Túmulo, o chefe da equipa da esquerda e eu próprio; quatro de espelta e um de cevada por artesão, como salário mínimo.

— Um inteiro em vez de metade de um... Aumentas-nos?

— Kenhir recebeu o acordo da administração.

— Isso não significa que o resto das rações será diminuído? - inquietou-se Renupé o Jovial.

— De maneira nenhuma. Todos os dias, pão, legumes frescos, leite, cerveja e pelo menos trezentos gramas de peixe por pessoa.

— E de dez em dez dias, sal, sabão, óleos e unguentos?

— Com certeza.

— Então - exclamou Userhat o Leão - nada muda!

— Porquê modificar o que convém a todos?

— Para ser franco - confessou Nakht o Poderoso, embaraçado - tínhamos apostado um pouco que irias alterar os hábitos...

— A rotina parece-me perigosa, tanto para a mão como para o espírito; mas há muitos hábitos construtivos que nos foram legados pelos antepassados e fazem parte dos nossos tesouros que desejo preservar, com o vosso apoio.

A calma do discurso surpreendeu os artesãos.

— Eu ganhei a minha aposta - afirmou Ched o Salvador, irónico.

— Ninguém acreditava que Paneb fosse verdadeiramente o sucessor de Néfer o Silencioso. Como um mestre-de-obras só tem uma palavra, podeis dormir tranquilos.

Sethnakht lia o último relatório enviado pelo filho mais velho, que percorria a Siro-Palestina a

fim de instalar uma rede de informadores sérios, capazes de alertar a capital à mínima perturbação.

— A Rainha Tausert pede para vos falar - avisou o intendente.

— A Rainha aqui, em minha casa?

O intendente abanou a cabeça afirmativamente.

Estupefacto, Sethnakht saiu do gabinete e apressou-se a ir ao encontro de Tausert, confortavelmente instalada numa cadeira de transportadores.

— Majestade, não pensava que...

— Não me haveis prometido obediência?

— Sim, nas circunstâncias actuais e como...

— Faltais muitas vezes à vossa palavra?

Sethnakht sentiu-se insultado.

— Nunca, Majestade! E arranjarei dezenas de testemunhas para o confirmar.

— Nesse caso, porque não me haveis comunicado o último relatório sobre a Siro-Palestina?

— Foi o meu filho mais velho que o redigiu e...

— Antes de mais nada, é o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Compete ao Faraó e a mim mesma tomar conhecimento do seu trabalho e mantê-lo secreto, se necessário, mesmo para vós.

Legalista, Sethnakht teve de admitir que a Rainha tinha razão.

— Mas o Rei Siptah é incapaz de apreciar a importância desse documento!

— Desenganai-vos. Todas as manhãs vou até junto do seu leito e lhe comunico o essencial das informações a fim de que ele me dê a opinião esclarecida de um homem desligado do mundo. Eu, Sethnakht, respeito os meus compromissos.

Vexado, o velho cortesão curvou-se.

— Entrego-vos imediatamente o relatório do ministro dos Negócios Estrangeiros, Majestade.

— Visto que o haveis lido - disse a Rainha com um ligeiro sorriso - referi-me o seu conteúdo.

Sensível a essa demonstração de confiança, Sethnakht não ocultou nada.

— A Siro-Palestina está calma, mas formam-se aqui e além numerosos grupúsculos protestando contra o protectorado egípcio que, no entanto, garante a prosperidade da região.

Tratam-se apenas de perturbações menores e habituais que a polícia local saberá reprimir. Em contrapartida, a situação na Ásia permanece inquietante: desmoronam-se reinos, dinastias guerreiras assumem o poder e ninguém pode saber o que sairá desse caldeirão. Em todo o caso, nada de bom para o Egito, que permanece, por excelência, o país a conquistar.

— O que preconizais?

— Exercer uma vigilância de todos os instantes sobre o corredor de invasão de nordeste, manter guarnições poderosamente armadas e bem pagas, consolidar os fortins que formam a nossa primeira linha de defesa, construir novos barcos de guerra e ordenar aos arsenais de Pi-Ramsés que produzam mais material.

— E a ameaça Líbia?

— Convém levá-la muito a sério. Os clãs ainda estão divididos, mas bastará um chefe de guerra mais excitado do que os outros para os lançar à conquista do Delta, sobretudo se a agressão vier de Este.

— Temos suficientes agentes infiltrados?

— Infelizmente, não, e a tarefa é muito perigosa. Muitos voluntários já perderam a vida por isso. Segundo as informações fragmentárias de que dispomos, as tribos líbias em breve estarão super armadas.

— Haveis determinado o estado exacto das nossas forças?

— Os generais responderam-me com rapidez e precisão e penso que saberemos defender-nos. Mas conheceis a minha posição: seria melhor atacar de forma preventiva.

— Não é a minha, Sethnakht. O exército tebano?

— O general Mehi dispõe de tropas numerosas e bem treinadas.

Graças a ele, o Alto Egito e o grande Sul estão sob controlo.

— Quando regressará o ministro dos Negócios Estrangeiros a Pi-Ramsés?

— Só daqui a alguns meses, Majestade, porque quer verificar tudo pessoalmente.

— Doravante, ele que enderece directamente os seus relatórios ao Faraó.

Uma segunda vez Sethnakht se curvou.

O chefe Sobek consultava a Mulher Sábia pela primeira vez. Ignorando A doença, o poderoso núbio decidira-se no entanto a pedir-lhe conselho, porque acumulava noite em branco sobre noite em branco, - Estás de excelente saúde - concluiu Clara depois do seu exame.

— Não consigo dormir - confessou o polícia.

— Considerando a qualidade do teu sangue, consegues no entanto repousar com os olhos abertos. Não serão os remédios a expulsar os pensamentos que te obcecaram.

— Garanto a segurança da aldeia, mas há um assassino que continua a circular com toda a impunidade! É o mesmo homem, tenho a certeza, que suprimiu um dos meus guardas e Néfer o Silencioso, e esta sombra maldita é um dos artesãos da equipa da direita.

— Porquê essa certeza?

— Faro, apenas faro... E fico furioso por não ter qualquer pista séria!

— Não desesperes, Sobek

— Vós... vós suspeitais de alguém? A Mulher Sábia ergueu os olhos.

— Sei simplesmente que tens razão e que o traidor se envolveu em tantas trevas que nenhum pensamento, seja qual for a sua força, as pode actualmente penetrar. Mas esta situação não será eterna...

— Ele não cometeu qualquer erro, durante tantos anos! Porque há-de baixar a guarda?

— Existe uma vaidade do mal, Sobek; e aquele que procuramos acabará por succumbir a ela.

— Nem sequer fomos capazes de identificar a camponesa! Dezenas de interrogatórios para nada, descrições mais fantasistas umas do que outras, nem um único indício... E nos campos, nem um só rumor que nos dê um início de pista. Dir-se-ia que essa vendedora de figos nunca existiu.

— É certamente a conclusão correcta. Sobek contraiu-se.

— Seria... uma criatura maléfica do Além?

— Não, mas provavelmente não é uma camponesa.

— Um disfarce... É nisso que pensais?

— Que melhor meio de passar despercebida? Se se tratasse de uma verdadeira vendedora de figos vivendo numa aldeia vizinha, terias encontrado a sua pista.

— Um disfarce... Mas não posso colocar um polícia atrás de cada mulher para descobrir a nossa suspeita! E quem se esconde assim? Uma cidadina, uma estrangeira?

Perplexo, o polícia estava no entanto satisfeito por ter um fio, mesmo ténue.

Os ecos de uma violenta discussão perturbaram as suas reflexões.

— Parece que a chegada dos produtos frescos se está a processar mal... Posso ir embora?

— A consulta terminou - disse Clara. - Se desejas uma decocção de plantas calmantes, eu receito-ta; mas tu bebes?

— Obrigado por tudo... Sinto-me melhor e compete-me restabelecer a calma!

Sobek descobriu um começo de desordem entre aldeões e peixeiros, à cabeça dos quais

batalhava um Nia hirsuto e desbocado. Apesar da sua robustez, revelava tendência para recuar diante dos assaltos de Niut a Vigorosa, que brandia o cabo de uma vassoura com a nítida intenção de espancar o auxiliar.

O grande núbio interpôs-se.

— Olá! O que se passa?

— Nia é um bandido! - exclamou a esposa do escriba do Túmulo.

— Entreguei os meus peixes, como é hábito!

— Falemos dos teus peixes! Não há nem sargo, nem carpa! E olha para a perca que ousaste trazer-nos!

De um cesto de vime, a Vigorosa tirou um peixe de olhos baços, guelras abertas e odor suspeito.

— Qualificas este nojo como peixe fresco? Confessa que procuras envenenar-nos!

— Entreguei o que me mandaram entregar... e depois, tendes peixe seco em abundância.

Niut abriu outro cesto e empurrou-o com o pé para espalhar o conteúdo no solo, - Mal preparado e intragável! De quem fazes tu troça?

— Eu não passo de um auxiliar e recebo ordens!

— Ordens de quem? - interrogou Paneb que acabava de chegar junto deles.

O peixeiro Nia ocultou-se atrás dos seus empregados.

— Não me toques! - suplicou ele, receando a cólera do colosso que já sofrera.

— Responde à minha pergunta e tudo correrá bem.

— Ordens da administração.

— Leva essa mercadoria estragada, Nia, e entrega-nos hoje mesmo peixe fresco e seco de primeira qualidade. As ordens, sou eu que as dou. E não te demores pelo caminho, senão eu vou-te buscar!

Carregados com os seus cestos, os peixeiros abandonaram a zona dos auxiliares. Mas Paneb não teve tempo de franquear de novo a porta da aldeia, porque a esposa de Paí o Bondoso saiu por ela, furibunda.

— Os sacos de cereal não contêm a quantidade habitual!

— Tens a certeza?

— Eu tenho olho, acredita! Podes verificar.

O mestre-de-obras confiou a tarefa a Gau o Exacto, que utilizou a medida oficial da aldeia.

— Falta um décimo da quantidade habitual - constatou. - Os que encheram os sacos utilizaram outra medida.

— Vou imediatamente à administração central - decidiu Paneb. - Que Nakht o Poderoso me acompanhe.

Embora em excelente condição física, Nakht sentia grande dificuldade em seguir o andamento do colosso. De muito mau humor, este parecia ainda mais escultural do que antes da sua nomeação.

— Lamento por ti, Paneb... Com todos esses aborrecimentos, o teu início de funções não está a ser muito agradável.

— Os aborrecimentos fazem parte do cargo.

— Mas isto é demais... Se quisessem prejudicar-te e desencorajar-te, não procederiam de outra forma.

— Em quem estás a pensar?

— Em ninguém em particular,.. Desde que és chefe de equipa, a competição entre nós terminou, E estou convencido que o tribunal teve razão em nomear-te mestre-de-obras.

— Não merecerias este título?

— Eu? Com certeza que não! Amo esta confraria e o meu trabalho, sou feliz nesta aldeia e conheço os meus limites.

Dirigir não é o meu forte. Não apenas não te invejo, como te lamento! Agora, todas as preocupações, pequenas e grandes, caem sobre os teus ombros.

Como era hábito, os guardas dos edifícios da administração central mostraram-se desconfiados.

— O mestre-de-obras do Lugar de Verdade deseja ver o general Mehi - declarou Paneb com a maior calma. - É muito urgente.

Um graduado correu até às cavalariças onde Mehi examinava dois cavalos que acabava de adquirir para puxarem o seu carro de combate.

— Não têm interesse - considerou. - Palafreneiro, dá-os a um condutor de carros principiante e arranja-me animais sólidos.

Sem pressa, serenamente, o administrador-principal da margem oeste dirigiu-se aos dois artesãos.

— Não me tinham prevenido da vossa visita...

— Não me tinham prevenido que iriam entregar à aldeia peixes podres e sacos de cereal que não continham a quantidade certa - retorquiu Paneb.

Mehi pareceu surpreso.

— Tendes a certeza, mestre-de-obras? Porque é assim que vos devo chamar, não é verdade?

— A certeza absoluta. Visto que se trata de um erro grave da vossa administração, exijo uma reparação imediata.

— Quereis seguir-me até ao meu gabinete?

Mehi consultou tabuinhas de madeira.

— Vamos ver... De acordo com o último relatório da intendência, as entregas de peixe foram efectuadas por Nia e os sacos de cereal entregues a horas pela padaria do Ramesseum.

— Peixe podre e uma quantidade insuficiente de cereal - lembrou Paneb, - É evidente que mudaram de medida com toda a ilegalidade.

O general esboçou um sorriso astuto.

— Dizei-me, Paneb... Dirigeis realmente o Lugar de Verdade?

— Qual a razão dessa pergunta?

— A minha administração não é de forma alguma responsável pelos vossos aborrecimentos e, além disso, pareceis ignorar o que se passa na vossa própria aldeia.

O colosso sentiu a cólera subir nas suas veias.

— Explicai-vos, Mehi!

— Os meus serviços receberam uma ordem escrita com o selo do Lugar de Verdade. Ordenava ao peixeiro que vos entregasse o seu material nessas condições e ao responsável pelos silos do Ramesseum que modificasse a medida e o conteúdo dos sacos. É evidente que essa ordem foi executada.

— Mostrai-me esse documento.

— Com certeza.

A tabuinha de madeira era autêntica.

Ao lado do selo do Lugar de Verdade, havia outro: o do artesão que dera essa ordem em vez do mestre-de-obras.

— Então - concluiu Kenhir, aterrado - era ele... Ele, o traidor e o assassino!

— Não vamos assim tão depressa - recomendou Paneb.

— É mesmo a sua marca pessoal, aqui, nesta tabuinha!

— De momento, não o podemos acusar a não ser de abuso de autoridade.

— Não compreendes que ele tentou desacreditar-te para tomar o teu lugar e obter assim vantagem dos seus crimes? É preciso convocar imediatamente o tribunal.

— Interroguemos em primeiro lugar o suspeito - propôs a Mulher Sábia.

— Esta prova não te basta?

— Vou buscá-lo - decidiu Paneb.

Clara estava serena, Kenhir impaciente.

Quando o mestre-de-obras regressou com o artesão suspeito dos piores malefícios, o escriba do Túmulo levantou-se e cravou o seu olhar no dele.

— Então, Userhat o Leão, o que tens a dizer em tua defesa? O chefe-escultor pareceu estupefacto.

— Em minha defesa... Mas de que sou acusado?

— A cabeça e o peitoral do leão é a tua marca, não é?

Com uma cólera fria, Kenhir mostrou a Userhat a tabuinha de madeira.

— Sim. é a minha.

O acusado leu rapidamente o texto.

— Nunca escrevi isto! De onde vem este documento?

— Como se tu não soubesses!

— Mas claro que não sei! - insurgiu-se o chefe-escultor de torso impressionante. - E não permito a ninguém que duvide da minha palavra!

— Foi o general Mehi que ma entregou - revelou Paneb.

— Não freqüento os gabinetes da administração. Não é o papel do escriba do Túmulo e dos chefes de equipa?

— Mehi recebeu esta tabuinha pelo correio.

A perturbação de Userhat durou apenas um instante.

— Alguém imitou a minha marca.

— Podes provar isso? - pediu Kenhir, acerbo.

— Em primeiro lugar, há a minha palavra de Servidor do Lugar de Verdade. Se fosse necessário, juraria perante Maet e o tribunal que não escrevi essa tabuinha. Depois, quando imprimo a minha marca pessoal, é sempre na pedra e nunca em madeira.

Os escultores podem confirmar-vos isto. Precisam de mais?

Kenhir fez má cara.

— É suficiente - considerou Paneb.

— Alguém tentou desacreditar-nos, a ti e a mim - afirmou Userhat o Leão.

Quando o chefe-escultor saiu, de cabeça erguida, o escriba do Túmulo deixou explodir o seu descontentamento.

— É necessário falar a Sobek deste incidente para que ele vigie de muito perto as idas e vindas de Userhat o Leão.

Pensativo, o mestre-de-obras concordou.

Naquela manhã, Kenhir acordara antes de Niut a Vigorosa, que devia iniciar uma fumigação completa da moradia, incluindo o gabinete. Resignado, preferira sair de casa sem lavar os cabelos para ir contemplar o seu túmulo, iluminado pelos raios do Sol nascente.

Talhado numa rocha bastante pobre, no extremo do cemitério em terraços, comportava uma capela austera mas dotada de um nicho onde o escriba do Túmulo, eternamente jovem, era representado em face de Osíris, Hathor e Ísis. Aquele privilégio fabuloso fazia-lhe esquecer não ter ainda terminado a sua Chave dos Sonhos.

Contemplando o piramídon pontiagudo que dominava a sua Morada de Eternidade, de acordo com a tradição arquitetural reservada aos membros importantes da confraria, o velho escriba pensou que a sua melhor obra era o Diário do Túmulo, onde relatara os grandes e os pequenos acontecimentos que iam marcando a existência do Lugar de Verdade.

A luz animou um após outro os piramídon, fazendo reviver as estelas de frontão arqueado inscritas nas locarnas; mostravam o defunto adorando de joelhos a barca solar, rodeada de cinocéfalos aclamando o nascimento do dia. Em breve Kenhir iria reunir-se aos antepassados, com a esperança de ser julgado sem muita severidade pelos vivos.

— Já levantado, Kenhir?

A voz forte do mestre-de-obras fez sobressaltar o velho.

— Com a idade, dormimos cada vez menos... E gostaria de saborear cada uma das manhãs que me restam ainda nesta aldeia onde conheci tantas felicidades.

— Desejas que eu embeleze a vossa Morada de Eternidade?

— Por mim, está tudo pronto há muito tempo; seria em breve necessário ocupares-te da tua. O túmulo de um mestre-de-obras deve fazer honra à sua categoria.

— Pois é... Mas tenho de mandar uma equipa ao Vale dos Reis para arranjar os acessos dos túmulos reais.

— Excelente ideia, Paneb. Sinto-me demasiado fatigado para lá ir... Imuni substituir-me-á.

O mestre-de-obras sorriu.

— Um pouco de exercício fará muito bem a esse pequeno escriba.

De tanto permanecer fechado com os seus papiros, arrisca-se a ficar mumificado antes da hora.

Celibatário empedernido, receando mais as mulheres do que uma doença enviada pela deusa leoa Sekhmet, o escriba-assistente Imuni encarregava-se pessoalmente da manutenção da sua

modesta casa do bairro oeste, situada ao lado da do chefe da equipa da esquerda. Considerando a sua posição, teria direito a várias horas de trabalho doméstico a um preço vantajoso, mas o pequeno bigodudo com cara de roedor preferia manter o seu salário intacto.

Há vários meses que Imuni sofria de acidez de estômago cuja causa conhecia demasiado bem: Kenhir parecia imortal e Paneb tornara-se o chefe da confraria. A situação não podia ser pior e não era limpando os pincéis quinze vezes por dia e raspando a paleta até a gastar que encontraria uma solução para se tornar escriba do Túmulo e meter Paneb na ordem.

Por que razão o velho Kenhir não se reformava depois de ter designado o seu assistente como sucessor? Imuni realizava a sua tarefa na perfeição, mantinha uma contabilidade sem falha e não autorizava a mínima batota. Graças a ele, a gestão da confraria era inatacável- E como sabia observar uns e outros sem se fazer notar, aprendera muito sobre as técnicas dos artesãos; um dia, seria capaz de ser não apenas escriba do Túmulo mas também superior das duas equipas. Precisava ainda de se desembaraçar legalmente de Paneb, que sempre se oporia às suas legítimas ambições.

Bateram-lhe violentamente à porta. Imuni largou o pincel.

— A caminho! - ordenou Nakht o Poderoso. O pequeno escriba abriu.

— A caminho para onde?

— O Vale dos Reis, operação limpeza.

— Mas é o escriba do Túmulo que...

— Kenhir está cansado, tu vais substituí-lo. Nós estamos prontos e não gostamos de esperar.

Imuni reuniu à pressa o material indispensável e correu atrás da equipa restrita que partia para o Vale.

— Tens a certeza... Não é o coração? - Interrogou Pai o Bom-pão angustiado.

— A certeza absoluta - respondeu a Mulher Sábia. - A voz está clara, a energia que emites circula sem dificuldade nos canais do teu corpo.

— Mas afinal ele disparou!

— Reconheço que é um sintoma alarmante, mas uma causa sem gravidade. Nada mais do que um excesso de nervos.

— E... isso vai-se repetir?

— Tudo depende de ti, Pai; suponho que caíste sob o efeito de uma violenta cólera cujos efeitos dificilmente se dissiparam.

O desenhador olhou os dedos dos pés.

— Lá isso é verdade...

— Qual a razão dessa falta de controlo?

— É por causa da minha mulher... Queixou-se das dificuldades da existência na aldeia, sobretudo da vigilância exercida sobre nós por Sobek e os seus policias.

— Ela tem vontade de partir?

— Mais ou menos... Eu pus as coisas em pratos limpos, o tom subiu e bati com o punho na nossa arca da roupa.

— Se a tua esposa sente realmente desejo de abandonar o Lugar de Verdade, é livre de o

fazer - lembrou Clara - e não serão as tuas cóleras que a poderão reter.

— Eu sei - admitiu Pai - mas a razão desta querela não era assim tão séria... De facto, a minha mulher censurava-me por beber um pouco a mais com os outros desenhadores e de não me ocupar suficientemente dos arranjos indispensáveis na nossa casa... Há mais de um ano que lhe prometo uma cozinha nova, mas há tantas festas a celebrar e banquetes a organizar!

A Mulher Sábia sorriu.

— Quando um artesão funda uma família, não deve garantir a sua harmonia?

— Se eu fizer o que é necessário, o meu coração andarà melhor?

— Sem dúvida nenhuma.

Apesar do esforço físico, Imuni sentia-se orgulhoso por substituir o escriba do Túmulo e vigiar sozinho a actividade dos artesãos. Arranjar os acessos dos túmulos reais e transportar para fora do Vale dos Reis os restos de pedra que os atravancavam não era um trabalho simples; mas a equipa composta por Casá o Cordame, Fened O Nariz, Karo o Mal-Humorado, Nakht o Poderoso e Didia o Generoso não tinham falta de energia. Como os outros artesãos da equipa da direita estavam afectos à construção do túmulo de Paneb, os cinco homens tinham pressa de levar a sua tarefa a bom termo para poderem juntar-se aos outros.

— Aquele aborto enerva-me - confiou Casa a Fened. -- Se lhe deixássemos cair um bloco em cima de um pé, deixar-nos-ia em paz.

— Não lhe prestes atenção.

— Quando vou urinar, ele anota na tabuinha! Kenhir não é agradável, mas ele, pelo menos, conhece os limites que não deve ultrapassar.

— Imuni é inofensivo - considerou Karo o Mal-Humorado. -Desde que, evidentemente, não tente intervir na nossa maneira de trabalhar.

— Detesta o nosso mestre-de-obras - notou Didia.

— Achas que é capaz de lhe fazer mal? - interrogou Nakht.

O carpinteiro abanou a cabeça.

— Não divaguemos - recomendou Fened, - Esse pequeno bigodudo nunca se atreverá a atacar o nosso colosso. Tudo o que Imuni deseja é o posto de escriba do Túmulo. E aposto que o velho Kenhir lhe fará uma partida à sua maneira para lhe barrar o caminho.

— Atribuis a Kenhir muito más intenções - considerou Casá o Cordame, passando a mão pelos cabelos negros.

Imuni aproximou-se do grupo.

— Quando pensais terminar? - interrogou em voz untuosa.

— Mais depressa do que previsto se nos deres uma mãozinha - respondeu Didia.

— Não é esse o meu papel! - protestou o escriba.

— Acabamos quando acabarmos - afirmou Nakht em voz de baixo.

— A temperatura está bastante agradável, podiam apressar o ritmo.

Nakht o Poderoso opôs a sua massa ao escriba-assistente.

— Vigias mas não aconselhas... De acordo?

Imuni recuou um passo, os artesãos voltaram-lhe as costas e continuaram a encher os cestos com pedaços de calcário que utilizavam para consolidar os murinhos de protecção, impedindo eventuais torrentes de lama de afectar as portas dos túmulos reais.

Acabaram com os acessos da sepultura do Faraó Merenptah onde Fened descobriu alguns belos blocos de calcário que, cortados, mereceriam ser reutilizados.

— E se fizéssemos uma surpresa ao nosso mestre-de-obras? - propôs aos companheiros.

Todos aprovaram.

— Isto vai ser pesado de transportar - observou Casá o Cordame.

— Não somos uns fracalhões - cortou Nakht. Quando saíram do Vale transportando o seu fardo, ninguém notou o sorriso irónico de Imuni.

Paneb e a esposa ouviam a pequena Selena contar um lindo sonho no decurso do qual se transformara em íbis para sobrevoar a montanha.

Karo o Mal-Humorado interrompeu o relato.

— Tens que vir - disse ao colosso. - Segundo o chefe dos auxiliares, um dos teus bois está doente e as codornizes não tardarão a atacar o teu campo. Se não tomares nenhuma medida, verás a tua plantação devastada.

Como esta fornecia um complemento não negligenciável para certas famílias da aldeia, Paneb levou o assunto a sério e dirigiu-se imediatamente a casa de Kenhir que, devido a uma forte dor no cotovelo, era obrigada a ditar a Imuni o Diário do Túmulo.

— Tenho que sair da aldeia com, pelo menos, dois homens da equipa da direita - anunciou ele, explicando a situação.

O velho escriba pareceu pouco satisfeito.

— Sabes que é proibido utilizar os artesãos do Lugar de Verdade em tarefas desse género.

— Não se trata de um trabalho, mas de uma simples ajuda para colocar redes a fim de proteger o trigo e apanhar o máximo de codornizes que comeremos assadas.

Kenhir resmungou uma vaga aprovação com que o mestre-de-obras se contentou, sem ver o ricto satisfeito do seu auxiliar.

— O que podíamos nós fazer? - queixou-se um dos cinco camponeses ao serviço de Paneb. - Prevenimo-vos de imediato, já não foi mau!

Acompanhado por Nakht o Poderoso e Didia o Generoso, Paneb preferiu não responder e examinar o boi que respirava com dificuldade.

— Leve-o até à zona dos auxiliares - ordenou o colosso a Nakht - e pede à Mulher Sábia que o trate. Depois, volta depressa para aqui.

Alguns vigias tinham anunciado às autoridades tebanas os primeiros ataques de codornizes, tão numerosas que escureciam o Sol antes de se abaterem sobre os campos de cultura. Paneb, Didia e os camponeses estenderam uma rede de malhas apertadas presa em hastes profundamente enterradas no solo. Para evitar ferir os pés, tinham calcado grosseiras sandálias de papiro.

— Ei-las! - berrou um dos camponeses.

Uma nuvem de pássaros precipitava-se, com um ensurdecedor ruído de asas. Os caçadores brandiram pedaços de pano e a sua agitação bastou para perturbar a colónia de codornizes, grande número das quais se precipitou para a rede onde prenderam as patas sem possibilidade de se libertarem.

— Que festim em perspectiva! - alegrou-se Didia, no momento em que Nakht o Poderoso regressava da aldeia.

— A Mulher Sábia vai salvar o teu boi - anunciou ele a Paneb.

O vento quente acariciava o corpo nu de Turquesa, estendida no seu terraço, oferecida ao sol da manhã. Embora ele tivesse subido a escada como um gato, ela detectara a sua presença.

— Aproxima-te, Paneb.

— Pensava encontrar-te no oratório da deusa do silêncio, com as outras sacerdotisas de Hathor, para preparar a festa.

— Mas foi aqui que vieste.

— Esperavas-me, não é verdade?

Turquesa contentou-se em sorrir, E, como sempre, Paneb sentiu-se inflamado por um desejo irresistível que o arrastava para aquela mulher soberba sobre a qual os anos não tinham qualquer domínio. Pelo contrário, o tempo embelezava-a, acrescentando à beleza selvagem da sua juventude um encanto onde se misturavam doçura e ternura.

Quando o colosso ia estender-se sobre ela, Turquesa repeliu-o.

— Tu, Paneb o Ardente, que te tornaste o mestre desta confraria, que marca tencionas imprimir-lhe e que destino lhe oferecerás?

Durante longos instantes, os amantes desafiaram-se com o olhar. Paneb já não tinha à sua frente uma mulher apaixonada, mas uma criatura do Além, bela de morrer, mas que não lhe devolveria a liberdade enquanto ele não tivesse respondido.

— Esta confraria não me pertence, Turquesa. Escolhi-a, ela escolheu-me, e apenas o amor total que nos une pode permitir-me dirigi-la. O seu destino está gravado desde a eternidade e não tem outro sentido a não ser construir a obra e o homem no mesmo acto e no mesmo sopro. Mas é verdade que imprimirei nela a minha marca, pois quero um Lugar de Verdade sem tibieza nem frivolidade, um Lugar de Verdade cujo coração não cesse de bater para incarnar as palavras dos deuses com sabedoria, força e harmonia. Fracassarei, talvez, mas não renunciarei nunca. E quando eu morrer, um novo mestre-de-obras tentará conseguir.

Turquesa agarrou ternamente na mão do colosso. - Do meu terraço vejo o teu túmulo, essa morada mágica onde a tua força te sobreviverá. Visto que o poder não te perverteu, faz amor comigo.

Graças ao trabalho intensivo dos artesãos da equipa da direita, a construção do túmulo de Paneb progredira a uma velocidade surpreendente. Userhat o Leão, o chefe-escultor, incitava os irmãos a dar o melhor deles mesmos para escavar o poço, talhar na rocha a câmara funerária abobadada, construir o pilone e as salas acessíveis aos vivos, sem esquecer o pequeno lago lembrando a presença da água primordial onde tudo nascia e a que tudo regressava, e o jardim onde a alma do defunto viria repousar ao Sol poente.

Quando o mestre-de-obras inspeccionou o estaleiro, no fim de um doce dia de Outono, encontrou-o deserto e silencioso.

À entrada, quatro poderosas colunas; depois, um vasto terraço que precedia a capela encimada por um piramídon muito pontiagudo, do qual cada face comportava uma estela dedicada às fases da corrida do Sol. À esquerda da porta, um altar para o culto dos antepassados; à direita, uma bacia de purificação. Um corredor conduzia a uma grande sala decorada com baixos-relevos consagrados aos trabalhos dos artesãos e ao encontro do ka de Paneb com as divindades. Este último, transformava-se em falcão e em fénix, dava a palavra de passe aos guardas das portas do Além e percorria de barca os paraísos aquáticos.

Através de uma estreita fenda feita na parede do fundo, o mestre-de-obras contemplou a sua estátua cujo olhar, ligeiramente erguido para o céu, distinguia outros universos.

Paneb tornava-se um outro ele próprio, simultaneamente idêntico e diferente, que nem o envelhecimento nem as imperfeições conseguiam afectar. E pensou que Néfer o Silencioso passara por uma prova semelhante.

Entrando vivo na morte, o seu predecessor separara-se das realidades deste mundo para melhor as assumir e abrir o caminho ao seu sucessor. Actualmente, habitado pela sua presença luminosa, Paneb recebia plenamente a sua herança.

Todos os membros da equipa da direita estavam sentados na última capela da Morada de Eternidade, decorada com admiráveis pinturas em que Ísis a mágica, Osíris o ressuscitado e Ptah o patrono dos construtores eram os principais actores.

Ched o Salvador foi o primeiro a levantar-se, rapidamente imitado pelos seus companheiros. Juntos, formaram um círculo em redor do mestre-de-obras, cujo olhar se demorava nas rosáceas, nos losangos e nas espirais que adornavam o topo das paredes e o tecto para evocar, em termos geométricos, as etapas do caminho iniciático.

— Possas tu respirar para sempre o sopro da vida - declarou Userhat o Leão em nome dos escultores.

— Os desenhadores oferecem-te o lótus de onde brota o Sol todas as manhãs - disse Unesh o Chacal.

— Voga eternamente na barca comunitária - desejou Nakht o Poderoso, porta-voz dos talhadores de pedra.

A vela simbolizando o sopro da vida, o lótus, a barca... Estavam presentes, pintados nas paredes daquela Morada de Eternidade onde se desdobrava o ser essencial de Paneb o Ardente.

No centro do círculo, sentiu o fulgor da fraternidade, mais intenso do que um sol de Verão.

Mas como teria o mestre-de-obras podido esquecer que, entre as mãos estendidas para lhe transmitir a sua energia, estavam as do traidor?

O traidor estava convencido que, de um momento para outro, a Pedra de Luz seria dissimulada no túmulo de Paneb. Mas o estaleiro estava a terminar sem que o tão cobiçado tesouro tivesse aparecido.

Didia o Generoso apresentou a Paneb um soberbo sarcófago em acácia, destinado a receber o seu corpo de luz.

— Com uma barca desta qualidade - afirmou - atravessarás a eternidade sem problemas!

— Não há pressa - considerou Pai o Bom-Pão. - Kenhir tirou da cave duas ânforas de vinho tinto do primeiro ano do reinado de Seti II que esperam com paciência ser bebidas!

Todos se vergaram à sábia decisão do desenhador, que foi o primeiro a provar o néctar.

— Encorpado e alegre - afirmou, com as faces já coradas. - Está à altura do acontecimento.

— Seti será honrado - acrescentou o ourives Tuti - porque eis um tecido com palmas douradas que eu previra para o seu equipamento funerário sem o conseguir terminar a tempo. Que seja o véu de cabeceira do sarcófago de Paneb.

Os artesãos ergueram uma saúde ao seu chefe, e cada um deles levantou a sua taça cheio de ardor.

— A decoração do teu túmulo será a minha última obra - confiou Ched o Salvador a Paneb.

— Porque te mostras tão pessimista?

— Porque sofro o assalto de um inimigo que tu não conheces: a fadiga do corpo. A partir de agora, consagrar-me-ei à realização dos esboços para as tuas futuras obras e a nossa equipa de desenhadores servir-te-á com fidelidade. Todos sabemos que o Rei Siptah está a morrer e que se prepara uma ampla crise; só tu saberás fazer-lhe frente.

— Tecer esse género de cumprimentos não está nos teus hábitos!

— Com a idade, vou ficando mais brando.

Completamente embriagado, Karo o Mal-Humorado bateu no ombro de Paneb. Ched lançou-lhe um olhar carregado.

— Comete qualquer loucura - recomendou-lhe o pintor -mas não faltes ao respeito ao mestre-de-obras.

Cambaleante, Karo afastou-se.

Encantado com os incidentes aos quais acabava de assistir, o escriba-assistente Imuni acreditava cada vez mais no seu triunfo e na derrota de Paneb o Ardente, de tal forma a sua pasta ia engrossando.

Sethnakht trabalhava com paciência e meticulosidade. No maior segredo, decidira convocar um a um os ministros de Tausert e persuadi-los da incapacidade da Rainha para governar o país e comandar o exército em caso de crise grave. Alguns tinham-no aprovado sem reserva, outros mostraram-se reticentes, dois francamente hostis. O velho cortesão não se desencorajou por isso e continuara as suas consultas até decidir os indecisos a balançar para o seu campo e obter pelo menos a neutralidade dos seus adversários.

O resultado fora conseguido: no próximo conselho que reunisse o conjunto dos membros do governo, Sethnakht proporia que fosse adoptada uma moção de desconfiança em relação à Rainha, primeira etapa para uma destituição sem atritos.

O futuro Faraó não sentia qualquer animosidade em relação a Tausert; pelo contrário, admirava-a cada dia mais pela sua inteligência e reais aptidões de mulher de Estado. Mas persistia em acreditar que ela não teria autoridade suficiente para defender o Egipto contra uma vaga de invasão que o novo ministro dos Negócios Estrangeiros considerava inevitável. Como único dignitário consciente do terrível perigo que corria o país, Sethnakht considerava que devia agir de forma conseqüente.

O seu secretário anunciou-lhe o visitante que ele esperava: o tesoureiro do grande templo de Amon.

O homem demorara a deixar-se convencer a informar Sethnakht sobre o estado de saúde do Faraó Siptah.

Para espanto geral, o jovem Rei resistia à morte com uma energia que se extinguia ao poente e renascia ao amanhecer, depois de ter dirigido o ritual do despertar da força divina no santuário. Deitado durante o resto do dia, alimentava-se pouco mas continuava a ler as obras dos sábios do Império Antigo, sem deixar de consultar o relatório de síntese que lhe era transmitido pelo palácio real. E sentia-se sempre feliz por receber a Rainha, na qual depositava uma confiança total.

O tesoureiro inclinou-se diante de Sethnakht.

— Uma notícia importante, senhor: o Faraó Siptah não deixou o quarto esta manhã. O Sumo Sacerdote de Amon celebrou o ritual em seu lugar e o médico pessoal do Rei pensa que ele está a agonizar.

— Hipótese ou certeza?

— A ausência do monarca não deixa subsistir qualquer dúvida quanto à gravidade do seu estado.

Sethnakht dispensou o tesoureiro. O que acabava de saber, menos de uma hora antes do grande conselho, reforçava ainda mais a sua posição.

Espantados, os ministros entraram um a um na grande sala de audiência do palácio real, sob o olhar vigilante dos soldados da guarda pessoal do Faraó.

— Porque não nos reunimos na sala do conselho? - perguntou Sethnakht, descontente.

— Ordem da regente - respondeu um graduado.

O velho cortesão hesitou em franquear o limiar. E se Tausert tivesse decidido fazer suprimir todos os seus opositores? Não, era impossível. Apenas os tiranos agiam assim, e a Rainha submetia-se, como os seus súbditos, à Lei de Maet. Nunca ousaria recorrer à violência e ao crime para governar.

Sethnakht penetrou por sua vez no vasto compartimento iluminado por janelas altas e estreitas. Vários ministros o consultaram com o olhar e a sua calma tranquilizou-os.

Permaneceram todos de pé até à entrada da regente, envergando um longo vestido turquesa. Um fino diadema e brincos em ouro valorizavam a nobreza dos seus traços.

Quando Tausert se sentou num austero trono em madeira dourada, conquistara já o coração de vários dignitários que pensavam traí-la em benefício de Sethnakht.

— Fiz questão de vos reunir neste ambiente solene para fazer o ponto da situação sobre as tarefas que vos confiei. Em caso de fracasso, serão nomeados outros responsáveis. Servir o Egito é exaltante; quem não o tiver compreendido não merece qualquer indulgência.

— Todos o compreendemos, Majestade - declarou Sethnakht - e não encontrareis entre nós nem preguiçosos nem irresponsáveis. Antes de examinar o estado do país, podemos conhecer o do legítimo Faraó?

— Durante a última hora da noite, o Rei Siptah foi vítima de uma indisposição que quase o venceu. Foi por essa razão que não pôde celebrar o ritual da manhã. Acaba de recuperar a consciência e a sua alma permanece ligada ao corpo. Falei-lhe desta audiência excepcional, cujos resultados espera. Começemos pela exposição do ministro da Agricultura.

O interpelado desenrolou um papiro e, província por província, pormenorizou as quantidades de cereais colhidos, comparando-os com os do ano anterior.

Os comentários de Tausert foram exactos e cortantes. Apontou os pontos fracos do relatório, exigiu a verificação de alguns números de que duvidava e propôs melhorias para a gestão de algumas províncias. A seguir, a regente demonstrou a mesma competência nos outros sectores da administração.

Faltava apenas a política externa.

— Como o ministro dos Negócios Estrangeiros está ausente, Sethnakht pode evocar os perigos que nos ameaçam?

O velho cortesão levantou-se.

— Segundo as últimas informações provenientes da Ásia, que se encontram obviamente na posse de Sua Majestade, é necessário esperar profundas alterações que modificarão as nossas alianças e nos trarão novos e poderosos inimigos. Mais do que nunca, o Egito surge como um país próspero a conquistar e os invasores não deixarão de avançar pelo corredor siro-palestiniano. Os que me considerarem pessimista estarão profundamente enganados; apenas descrevo a realidade, porque a ameaça está longe de ser ilusória.

— Os vossos conselhos foram ouvidos, Sethnakht, e o nosso sistema de defesa continua a ser reforçado.

— Cada um dos vossos súbditos vos ficará grato por isso, Majestade, mas não seria conveniente ir mais longe e, seguindo o exemplo de gloriosos faraós, desencadear um ataque preventivo?

— Contra quem e com que dimensão? A situação é demasiado flutuante para nos lançar

numa aventura de resultado tão incerto. Graças a vós e ao vosso filho, a nossa rede de espionagem foi reconstituída e fornece-nos as informações de que temos necessidade. Segundo os dados actuais, é o aspecto defensivo que deveremos privilegiar.

Sethnakht esperava que alguns ministros voassem em seu socorro, mas a autoridade e os argumentos de Tausert tinham conquistado a adesão de todos.

Vencido, o velho cortesão não tinha outra coisa a fazer senão curvar-se.

Enquanto os seus colegas deixavam a sala de audiências. Sethnakht aproximou-se da Rainha.

— Felicitações, Majestade; tal como os outros, fiquei deslumbrado. Ninguém poderá contestar a vossa aptidão para governar as Duas Terras.

— Nesse caso, porque tentais erguer os meus ministros contra mim?

Com que então, os cobardes tinham falado! Sentindo o chão fugir-lhe debaixo dos pés, Sethnakht teve no entanto a coragem de enfrentar a Rainha.

— Sempre pela mesma razão, Majestade: o Egito entrará inevitavelmente em conflito com os povos decididos a conquistá-lo e vós sereis incapaz de ficar à cabeça dos nossos exércitos. Além disso, recusais a única política possível.

— Que as nossas opiniões divirjam e que expresseis a vossa não me choca; mas deveis-me obediência e conspirar contra mim é enfraquecer o Egito. Não o esqueçais, Sethnakht.

Mais subjugado do que queria admitir pela personalidade da Rainha, o velho cortesão compreendeu que esta formulava um último aviso.

Depois de ter saudado, retirou-se.

Fatigada pelo duro combate que acabava de travar, Tausert não teve no entanto oportunidade para repousar, pois o seu secretário particular abordou-a antes de chegar aos seus aposentos.

— Majestade, más notícias!

— O Rei Siptah?

— Não, não, um correio proveniente de Tebas.

— Agitação na província?

— Não, tranquilizai-vos, mas um grave escândalo em perspectiva... O vizir de Tebas recebeu uma pasta comprometedora sobre o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, Paneb o Ardente.

— Comprometedora... a que ponto?

— É acusado de toda a espécie de coisas. Se os factos forem verificados, e visto que em parte dizem respeito ao Vale dos Reis, Paneb deverá ser preso e julgado. Será sem dúvida pronunciada uma severa condenação e é de recear que a confraria se revolte e pare de trabalhar. O caso ultrapassará a região tebana e espalhará a perturbação no país. A importância do Lugar de Verdade...

— Eu conheço-a - cortou a Rainha, irritada. - Quem é o autor da pasta com as acusações contra Paneb?

— O documento é anónimo.

— Nesse caso, não o tenhamos em consideração!

— Seria desejável, Majestade, mas este documento passou por várias mãos antes de chegar ao vizir do Sul e receio que a confidencialidade já não possa ser garantida. Se não agirmos, vão

circular rumores, o poder judicial será acusado de inércia e a vossa reputação ficará manchada.

O Rei Siptah moribundo, Sethnakht pronto para se apoderar do trono, o Lugar de Verdade à beira do abismo... Os perigos tornavam-se tão prementes que Tausert teve, por instantes, vontade de deixar cair o seu fardo. Mas nunca a poderiam acusar de deserção.

— Esse vizir é-me fiel?

— É uma personagem apagada que fez toda a sua carreira na administração dos celeiros antes de ser nomeado para aquele posto por recomendação do general Mehi e com a aprovação do chanceler Bai.

— Ele que realize um inquérito rápido e discreto sobre Paneb o Ardente e que os resultados me sejam comunicados imediatamente.

— É o teu fígado que funciona mal - afirmou a Mulher Sábia.

— Tendes a certeza? - espantou-se Renupé o Jovial. - No entanto, o meu regime alimentar é um dos mais razoáveis!

— Então, não é ele o responsável pelos teus problemas. Não me parece que a minha medicação possa resultar.

O artesão perdeu toda a alegria.

— Tereis de ir consultar um especialista à margem este?

— O único médico capaz de te curar és tu próprio.

— Não compreendo...

— Ignoras que o fígado é a residência de Maet? Não sofres de uma afecção física mas de uma falta de verdade. Não estarás a ser roído por uma mentira, Renupé?

O Jovial ficou carrancudo.

— Não, claro que não... Enfim, não por completo. Mas é tão difícil de dizer...

— Terás ocultado uma falta grave? - perguntou Clara com doçura.

— Uma recordação, uma simples recordação que me obceca há várias semanas! É tão terrível... Se eu falar, denuncio um colega e comporto-me como um delator!

A Mulher Sábia permaneceu imperturbável.

— Que o teu coração te dite a decisão, Renupé. O artesão inspirou profundamente.

— Muito antes da nomeação de Néfer como mestre-de-obras, discutíamos a capacidade de uns e de outros para dirigir a confraria. O Silencioso obtinha quase a unanimidade, com excepção de Unesh o Chacal, indeciso, e de Gau o Exacto, que me fez as suas confidências. Tal como Ched o Salvador, considerava-se digno de comandar a tripulação. Compreendei! Gau ficou certamente furioso e não me atrevo a imaginar que desforra quis tirar...

Na sala de colunas do templo reinava uma profunda paz.

— Porque me haveis convocado aqui? - interrogou Gau o Exacto face a Clara e Paneb.

— Porque Maet reina neste lugar - respondeu a Mulher Sábia - e nenhuma mentira aqui pode ser pronunciada, sob pena de ver a alma do seu autor condenada à segunda morte. Desejavas ocupar o lugar de mestre-de-obras, Gau, no lugar de Néfer o Silencioso?

O desenhador concedeu a si mesmo um longo tempo de reflexão.

— É verdade, tinha esse desejo... Naquele momento, apenas Ched o Salvador me parecia apto para orientar a confraria, mas ele recusava esse fardo. Quanto a Néfer, não possuía a experiência necessária. Enganei-me... enganei-me profundamente.

— Detestaste Néfer ao ponto de...

— Nunca detestei Néfer. Subestimei-o, invejei-o, depois admirei-o... como a maior parte de nós, aliás. Mas eu não dissimulo as minhas opiniões. E tanto pior se elas me são prejudiciais; prefiro merecer o meu apelido de Exacto.

— Fiz um colar de ouro destinado à estátua de Maet - declarou a Mulher Sábia. - Estão as tuas mãos suficientemente puras para o depositares em frente da sua capela?

Gau não hesitou um instante.

— Olhai as minhas mãos! - exigiu em voz alterada pela indignação. - São as de um Servidor do Lugar de Verdade e aceitarão todas as tarefas que lhe confiardes.

O desenhador realizou o ritual.

Tranquilizados, Clara e Paneb permaneciam no entanto perturbados. Porque razão fora tão lenta a memória de Renuapé?

O chefe Sobek contemplava com um olhar sombrio o trabalho dos auxiliares coçando a cicatriz sob o olho esquerdo. Pela primeira vez desde há anos, levantara-se tarde e ouvira distraidamente os relatórios dos seus vigias que não tinham detectado nada de anormal durante a noite.

Nada de anormal... Uma série de assassinios cujos autores permaneciam impunes!

Quando o mestre-de-obras penetrou no seu pequeno gabinete do quinto fortim, o chefe Sobek manteve a cabeça baixa.

— Estás doente?

— Pergunto a mim mesmo se ainda sirvo para qualquer coisa - confessou o polícia núbio. - Sou incapaz de identificar um criminoso, o meu balanço é desastroso. Ou me substituis ou eu peço a demissão.

— Saíamos deste reduto e caminemos pela colina. Precisas de ar puro e de sol.

Resmungando, o grande núbio aceitou.

Quase tão colossal como Paneb, parecia no entanto abatido e envelhecido. Obrigando-o a preparar a bom ritmo, o Ardente conseguiu devolver-lhe energia.

— Como adoro este lugar - murmurou Sobek - Ao queimar o deserto, o Sol dá-lhe uma outra vida, tão diferente da do Vale. Aqui, nem trapaça nem fingimento. É preciso enfrentar a realidade na sua selvajaria e não rezear nem serpentes nem escorpiões. Mas, apesar disso, uma sombra conseguiu ocultar a luz e eu sou incapaz de a dissipar!

— Observaste as idas e vindas de Userhat o Leão! - Com certeza que sim, tal como as dos outros, e não obtive nenhum resultado.

Sobek sentou-se numa pedra ardente.

— Chego a interrogar-me se não é um demónio que se diverte a assumir qualquer forma humana para atacar as suas vítimas e melhor nos enlouquecer... A Mulher Sábia que utiliza a magia e que outro polícia se encarregue deste caso. Eu, falhei.

Paneb agarrou num pouco de areia que deixou deslizar por entre os dedos.

— A tua missão consiste em garantir a segurança da aldeia e dos seus habitantes. Considero que é cumprida.

— Com essa sombra assassina que nos espreita?

— A confraria chocou uma serpente no seu seio; compete-lhe desembaraçar-se dela com a tua ajuda.

— Fazes mal em confirmar-me nas minhas funções, Paneb.

— Não será nem o meu primeiro nem o meu último erro. Levanta o moral aos teus homens, Sobek, e convence-te que ainda não perdemos o combate.

Quando Paneb se instalou no assento de mestre-de-obras que Néfer o Silencioso ocupara, fechou os olhos e implorou ao seu pai espiritual que o ajudasse a dirigir a confraria.

Na sede da confraria estavam presentes os membros da equipa da direita e Hai, o chefe da

equipa da esquerda, cujos artesãos trabalhavam na reparação dos túmulos do Vale das Rainhas.

Depois do ritual de purificação, Paneb lançara um vibrante apelo aos antepassados e todos tinham sentido que a função de mestre-de-obras começava a tomar posse do colosso.

Ocupando os assentos encastrados nos bancos de pedra, os Servidores do Lugar de Verdade estavam inquietos. Observando o rosto preocupado de Paneb, sabiam que as novidades não eram boas.

— De momento - declarou o mestre-de-obras - não temos estaleiro em curso no Vale dos Reis. Considerando a sua saúde periclitante, a morte do Rei Siptah é anunciada como iminente, mas os meses passam e, na realidade, o escriba do Túmulo não dispõe de qualquer informação séria. Foi por isso que decidi aceitar várias encomendas exteriores a fim de preservar o renome da confraria e provar a sua perícia nos mais diversos campos.

— Não vais aumentar a cadência do trabalho, pois não? - inquietou-se Karo o Mal-Humorado.

— O nosso regulamento será respeitado e beneficiareis de prémios excepcionais se corresponderdes ao meu apelo.

— Quem os pagará? - interrogou Unesh o Chacal, duvidoso.

— Os comanditados, e serão integralmente atribuídos aos que respeitarem os prazos.

— É verdadeiramente necessário dar tanta importância ao exterior? -- protestou Gau o Exacto. - Vários oratórios da aldeia mereciam ser reparados, bem como alguns túmulos.

— Tenciono encarregar a equipa da esquerda dessas tarefas, com o acordo do seu chefe.

Hai abanou a cabeça afirmativamente.

— Se bem compreendo - avançou Ched o Salvador com um sorriso irónico - estás a pôr-nos à prova.

— Que prova? - inquietou-se Pai o Bom-Pão.

— O mestre-de-obras receia que soçobremos na vaidade e na rotina - explicou Ched.

— Trégua de discurso - interveio Casá o Cordame. - Quais são essas famosas encomendas do exterior?

— Uma série de armadilhas - precisou Paneb. Um silêncio pesado seguiu-se àquela declaração.

— Estás a fazer troça de nós? - interrogou Unesh o Chacal.

— É evidente que o poder central está dominado por convulsões cuja natureza e gravidade ignoramos. Se se desmoronar, a própria existência do Lugar de Verdade ficará ameaçada. O meu primeiro dever consiste em preservá-la, mesmo em caso de perturbação. O afluxo dessas encomendas não é por acaso; o exterior quer saber se, para além da construção das Moradas de Eternidade, somos realmente úteis. É por isso que nos lançam esses desafios que vamos aceitar.

— E se formos incapazes? - inquietou-se Gau o Exacto.

— Não há nenhuma razão para duvidarmos de nós mesmos - afirmou Userhat o Leão. - E, além disso, possuímos a Pedra de Luz: de cada vez que lhe foi colocada uma questão vital, ela sempre soube responder iluminando o nosso caminho.

— Por outras palavras - concluiu Tuti o Sábio - somos todos voluntários, visto que só podemos vencer em equipa.

Ninguém contestou o argumento.

— Então- interveio Fened o Nariz - o que devemos fazer?

— Primeiro, um grande número de ex-voto para os templos da região tebana - respondeu o mestre-de-obras. - Vai ser preciso trabalhar pequenos fragmentos de calcário muito finos e esculpi-los em forma de pequenas placas que serão depositadas nos oratórios ou inseridas nas paredes das capelas. Falta escolher o tema da gravura.

— Há um que se impõe - considerou Ipui o Examinador. - o deus Ptah, patrono dos construtores, protegido pelas asas da deusa Maet. Só ela pode dar o sopro da vida ao grande arquitecto que recria cada dia um universo harmonioso.

— Podia encontrar-se uma coisa mais simples - objectou Renupé o Jovial.

— A ideia parece-me excelente - afirmou Paneb. - Transmite o ideal do Lugar de Verdade sem o trair.

— É evidente - avançou Karo o Mal-humorado - que o nosso trabalho não será interrompido.

— É evidente - aprovou o mestre-de-obras com um largo sorriso.

— Também devemos fornecer a Karnak estátuas e estelas, sem esquecer exemplares do Livro do sair para a Luz, com um máximo de desenhos destinados a ilustrar as transformações da alma.

— Que capítulos deveremos reproduzir? - interrogou Gau o Exacto.

— Compete-nos escolher. Mas há muito mais difícil... Os olhares concentraram-se no mestre-de-obras.

— A administração central pede-nos vasos em faiança de um azul-perfeito para adornar os aposentos reais.

Casá o Cordame emitiu um assobio desaprovador.

— Somos capazes de os fabricar?

— Penso que sim - respondeu Tuti - mas precisaremos de consultar os arquivos dos nossos mestres da faiança.

— O meu iniciador era um deles - lembrou Hai - e não esqueci nada dos seus ensinamentos; mas necessitaremos de ajuda se a quantidade de vasos exigida for importante.

— É - precisou Paneb. - A partir de amanhã, abriremos uma oficina consagrada ao seu fabrico.

— Dispomos de suficiente areia contendo uma forte percentagem de quartzo? - interrogou o chefe da equipa da esquerda.

— Certamente que não - respondeu o ourives Tuti - mas sei onde a encontrar.

— Não é tudo - continuou Paneb.

— Mas o que nos impões é já esmagador! - protestou Casá o Cordame.

— O vizir do Sul em pessoa faz-nos uma encomenda urgente.

— Esse velho jarreta? - espantou-se Fened o Nariz - Contenta-se em despachar os assuntos correntes enquanto espera ser substituído. Nunca pôs os pés na aldeia!

— O vizir precisa de dois sarcófagos de madeira.

— Os marceneiros de Karnak podem fazer-lhos - considerou Didia o Generoso.

— É a nós que ele se dirige. Tu, o carpinteiro, vais fazê-los.

— Se isso é assim, talvez seja melhor pararmos de falar, bebermos um bom gole e começarmos a trabalhar.

A proposta do carpinteiro recolheu uma concordância unânime.

A convite do mestre-de-obras, os artesãos juntaram as mãos para sentirem a energia que circulava na tripulação.

Quando a porta do lugar da confraria foi fechada, Paneb ficou só sob o céu estrelado.

— Não te afastes de mim, Néfer, e que o teu silêncio se torne palavra. Oíço a tua voz, vivo a tua vida, a minha mão prolonga a tua mão e eu continuo-te.

Kenhir consultara os arquivos dos mestres de faiança da XVIII dinastia, autores de um número incalculável de obras-primas. Mas a sua utilização revelara-se decepcionante.

Os primeiros vasos saídos da nova oficina pareciam no entanto soberbos, de um azul deslumbrante, mas como era medíocre o resultado face ao modelo, saído da casa-forte, que Paneb segurava entre as mãos!

— A areia com quartzo foi esmagada suficientemente fina? - perguntou ele.

— Duas vezes em vez de uma - respondeu Hai. - Como fundente, acrescentei soda e cinzas vegetais, de acordo com a técnica que me foi ensinada. Os componentes aglomeraram-se bem numa massa simultaneamente sólida e porosa, aqueci e apliquei o vidrado. Mas ao lado do modelo de referência, a cor parece desmaiada.

— Que temperatura atinges?

— Não menos de novecentos graus. Variamos, mas é essa que dá os melhores resultados.

— Falta-nos um elemento... Eu volto com a Mulher Sábia.

Clara assistiu ao processo de fabricação de um vaso. E o seu veredicto foi sem apelo. — Falta um elemento essencial, com efeito. Deixem-me só com o mestre-de-obras.

Fechada a porta da oficina com o ferrolho, Paneb abriu um grande saco cheio de areia... pelo menos até metade. Por baixo encontrava-se a Pedra de Luz.

— Ninguém te viu tirá-la do esconderijo?

— Fui buscá-la a meio da noite, acompanhado por Trigueiro e Besta Terrível. Nenhum seguidor teria escapado à sua vigilância.

— Qualquer ceramista seria capaz de obter o azul que conseguimos; o dos antepassados era de outra natureza. Por consequência, só pode provir da Pedra de Luz. Ela irradiará os materiais a cada etapa da sua fabricação.

Paneb compactou cuidadosamente uma pequena porção, utilizando a areia com forte percentagem de quartzo que ele próprio esmagara, acrescentou-lhe cinzas e soda, deu-lhe uma forma simples que envolveu numa camada de massa de cor mais clara do que a utilizada por Hai e depois aqueceu.

À medida que a temperatura se elevava, a luz que emanava da Pedra tornava-se mais intensa. Maravilhados, Clara e Paneb assistiram à eclosão de um azul de uma pureza extraordinária que revestiu todo o conjunto do vaso como uma indumentária preciosa.

Terminado o trabalho, o fulgor diminuiu e a Pedra pareceu quase inerte.

Numa taça de largos bordos, colocada perto do vaso, tinham-se depositado pigmentos.

— Azul de cobalto - constatou a Mulher Sábia. - Os papiros falavam dele mas julgava-o inacessível. É ele que dá esta cor inimitável⁵.

O traidor tinha a certeza: se se tinham fechado na oficina, era para utilizar a Pedra de Luz longe dos olhos e dos ouvidos! E visto que ela entrara naquele local, tinha que sair, forçosamente transportada por Paneb. Competia-lhe estar lá no momento certo para seguir o colosso até ao

esconderijo.

Com os outros artesãos da equipa da direita, o traidor viu a Mulher Sábia surgir no limiar da oficina. Mostrou-lhes um vaso azul de gargalo largo.

Durante alguns instantes ficaram todos sem respiração. O azul era simultaneamente intenso e doce, animado por uma luz sobrenatural.

— Haveis conseguido! - exclamou Tuti, deslumbrado.

— Dispomos de pigmentos suficientes para fabricar numerosos vasos e alguns amuletos - afirmou Paneb. - Esta colecção será digna dos nossos antepassados.

— Tal êxito merece um banquete - considerou Pai o Bom-Pão. - Servir-vos-ei espetadas e filetes de perca.

— Prepara tudo - aceitou Paneb. - Eu vou arrumar as coisas e apagar os fornos.

O traidor era obrigado a ajudar os camaradas, mas estes tiveram a boa ideia de dispor mesas e assentos não longe da oficina, cuja porta ele não perdeu de vista.

Terminada a refeição, Paneb fechara-se de novo na oficina.

Em vez de regressar a casa como os outros confrades, o traidor dissimulara-se numa casa desocupada e, do terraço, continuara a observar o local onde se encontrava a Pedra de Luz.

A espera pareceu-lhe interminável mas de bom augúrio. Se Paneb deixava assim a noite avançar, era para ter a certeza que toda a aldeia estaria a dormir quando ele devolvesse a Pedra no seu esconderijo.

Quando uma nuvem ocultava o delgado crescente do segundo dia da lua nova, a porta da oficina abriu-se.

Com um saco ao ombro, Paneb olhou em volta.

Um saco contendo areia... Era essa então a artimanha que o mestre-de-obras utilizara para trazer a Pedra! Sem ela, não teria podido obter o azul dos antepassados. Pois não conseguia a Pedra iluminar toda a matéria, levando-a ao seu ponto de perfeição?

Assassinando Néfer o Silencioso, o traidor matara em si toda a emoção. Era um sangue gelado que corria nas suas veias e lhe dava o controlo dos seus impulsos. Desceu pois a escada sem pressa para iniciar uma perseguição prudente, dissimulando-se no canto de uma casa e depois atrás de uma jarra de água.

Por causa do peso, Paneb avançava lentamente em direcção ao templo.

O templo... O esconderijo era ideal! Durante o dia, celebravam-se ali os ritos, eram queimados perfumes, limpos os objectos rituais... E à noite, a força divina repousava lá por trás da porta selada do naos. Nem um dos aldeões podia imaginar que um artesão ousasse quebrar o selo e violar o lugar sagrado no qual o traidor já tinha pensado.

Paneb franqueou o pilone, atravessou o pátio a céu aberto e penetrou no edifício.

Oculto atrás de uma estela, o traidor esperou que ele voltasse a sair. O mestre-de-obras tinha certamente preparado pedras amovíveis que bastava fazer bascular para descobrir um escaninho onde estava dissimulado o tesouro da confraria. Um pormenor insólito alertou-o: nem Besta Terrível nem Trigueiro patrulhavam os arredores. Isso significava que o colosso guardara em casa a gansa e o cão e que lhe preparava uma cilada.

Portanto, quando Paneb saiu finalmente do templo sem o seu fardo, o traidor regressou a casa rente às paredes. Mal acabara de fechar a porta, ouviu Besta Terrível grasnar e Trigueiro ladrar.

Paneb ficaria desiludido porque a sua presa lhe escapava, uma vez mais... Mas o traidor rejubilava: a Pedra de Luz estava bem escondida no templo de Maet e de Hathor.

Devido às dores no cotovelo, Kenhir aceitara deixar friccionar os cabelos por Niut a Vigorosa, deplorando semelhante dependência. Graças às massagens de Clara, o velho escriba podia pelo menos redigir ele próprio o Diário do Túmulo sem a ajuda de Imuni que, nestes últimos dias, se mostrara um pouco lisonjeador em excesso para o seu superior, como se esperasse uma recompensa.

Imuni não compreendia nada do espírito da confraria e comportava-se como qualquer pequeno escriba desejoso de fazer carreira, sem sentir a dimensão da aventura à qual estava associado.

Kenhir conhecia a única ambição de Imuni: tornar-se escriba do Túmulo e impor a sua autoridade às duas equipas de artesãos. Aquele género de fuinha não era isento de habilidade e não devia ser subestimado.

— Vou até ao templo - disse Kenhir a Niut.

— Não é razoável! Deveríeis repousar.

— Esta manhã sinto-me melhor.

— Vou começar a preparar o almoço... Não vos atraseis.

Tendo em conta a qualidade do pombo grelhado com especiarias que a jovem preparava, não havia perigo de tal acontecer. Considerada com razão como a melhor cozinheira da aldeia, Niut a Vigorosa não se cansava de aperfeiçoar receitas que excitavam a gula de Kenhir.

O velho escriba meteu pela rua principal, respondendo com resmungos aos cumprimentos dos aldeões.

O mestre-de-obras colocava uma nova pedra de soleira.

— O traidor caiu na armadilha? - perguntou Kenhir.

— Infelizmente, não.

— É incrível! Parece que alguém o informa das nossas intenções.

— Esperemos que ele tenha apenas um grande faro. A ausência da gansa e do cão deve tê-lo intrigado.

— Conseguiremos apanhar esse demónio algum dia?

— A nossa estratégia não é assim tão má.

— Mas ele continua livre e impune!

— Pode alguém continuar livre quando é escravo da sua própria ambição? A Pedra de Luz obceca-o e ele só pensa em apoderar-se dela. Continuemos a aplicar o nosso plano.

— Teria preferido que esse monstro estivesse na prisão já esta noite.

— Não haveis sido vós, Kenhir, a ensinar-me a paciência?

Depois de ter partido a machado dois troncos de sicômoro bem secos, Didia o Generoso, com a serra, transformara-os em tábuas com a precisão do artesão que tinha no olho e na mão as medidas da obra nascente. Servindo-se de uma enxó de cabo longo como plaina, Didia utilizara em seguida uma pua de arco para perfurar buracos destinados às cavilhas.

E quando Paneb entrara na oficina do carpinteiro, os dois sarcófagos destinados ao vizir tinham já um belo aspecto.

— Não há dificuldades? - perguntou o mestre-de-obras.

— Nenhumas. E se estiveres de acordo, estou a pensar numa tampa de deslizar ligeiramente arqueada. As ligações serão todas feitas com cavilhas de madeira e utilizarei cunhas de cedro para assegurar a ligação da tampa com o corpo do sarcófago.

Paneb verificou o perfeito ajustamento das tábuas das paredes com os pilares de canto e a qualidade dos entalhes, em forma de meios-rabos-de-andorinha, presos com lingüetas. Algumas junções que determinavam o encaixe da armação de base com a armação inferior permaneciam em ângulo fechado.

— O que dirias de um rosto osiriano em madeira de acácia?

— Excelente ideia - aprovou Paneb. - Na tampa, pintarei o vizir como Osiris, rodeado das deusas íbis e Néftis; aos pés, Anúbis deitado sobre a capela de mumificação.

— O nosso vizir é um sortudo! Tendo em vista a sua existência inodora de alto funcionário, interrogo-me se merece semelhante presente.

— Tranquiliza-te, pagará caro.

— Um belo sarcófago negocia-se em troca de uma camisa, um saco de espelta, uma porta em madeira, quatro esteiras, uma cama e três potes de gordura... Estes dois então, estás a ver!

— Conseguiremos muito melhor, tanto mais que estás no apogeu da tua arte.

— Não digas isso que traz azar!

— Desculpa, Didia, mas estes dois sarcófagos são verdadeiras obras-primas.

— Há sempre um pormenor a melhorar, sabes tão bem como eu...

Nisso reside a nobreza da profissão, esse mistério que une a mão e o espírito num acto de amor. Vigiar a sua realização é o primeiro dever de um mestre-de-obras e, por sorte, tu compreendeste isso.

— Tens algumas suspeitas sobre a identidade do traidor?

— Nem sequer consigo conceber que ele existe - confessou Didia.

Imuni entregou o papiro ao escriba do Túmulo. - Correio urgente proveniente do gabinete do vizir. Kenhir quebrou o selo.

— Convoca o mestre-de-obras para amanhã de manhã... Mas por quem se toma este velho inútil?

— Como expressão da vontade do Faraó, o vizir está no seu pleno direito - fez notar Imuni em voz untuosa.

- Exacto - reconheceu Kenhir - mas posso fazer oposição solicitando a intervenção do Rei.
- Sua Majestade reside em Pi-Ramsés... Antes de o poderes avisar, o vizir poderia usar a força para obrigar o mestre-de-obras a comparecer perante ele.
- E eu ordenarei a Sobek que repila os seus esbirros!
- Mais valia evitar um confronto desastroso - sussurrou Imuni.
- Vai buscar Paneb.

O mestre-de-obras permaneceu imperturbável.

— O nosso vizir está impaciente por ver os seus dois sarcófagos - considerou. - Explicar-lhe-ei que ainda não estão terminados e que qualquer precipitação afectaria a sua qualidade. A fim de o tranquilizar, levar-lhe-ei um dos vasos destinados ao palácio real.

— Tenho realmente vontade de te acompanhar - disse Kenhir.

— Não deveis fatigar-vos inutilmente.

— Ouve o que essa mediocre serpente te dirá. Paneb, e não te irrites! Sobretudo, nem uma palavra a mais. Se ele te sobrecarregar com intrigas administrativas, eu é que vou ter de as resolver.

— Descansai que serei bem-comportado como uma estátua.

Lançado a pleno galope, o cavalo de Mehi percorreu num tempo recorde a distância que separava os edifícios da administração da mansão do general. O porteiro mal teve tempo de se atirar para um bosquezinho de tamargueiras a fim de evitar ser espezinhado, e uma criada, assustada, deixou cair duas bilhas de leite que se quebraram no chão.

Indiferente a esses dramas domésticos, Mehi saltou em terra e precipitou-se para a sala de água de Serketa onde ela se fazia depilar pela cabeleireira.

— Tenho excelentes notícias - anunciou ele, radiante.

— Os meus sofrimentos estão quase terminados, meu doce querido. Pede que te sirvam vinho fresco que já vou ter contigo.

Conhecendo as exigências do "seu senhor", o intendente trouxe um bom vinho dos oásis e filetes de perca envolvidos em molho de pimenta.

Mehi acabava de devorar os petiscos e esvaziar a sua primeira ânfora quando a esposa surgiu, sumariamente vestida com um véu e não dissimulando nada das suas opulentas formas.

— Não sou a tua deliciosa garotinha?

— Vem cá!

Depois de ter amassado as coxas de Serketa com a sua rudeza habitual, Mehi forçou-a a sentar-se-lhe nos joelhos.

— Em breve estaremos livres de Paneb o Ardente - anunciou.

— Decidiste suprimi-lo?

— Vai ser o vizir de Tebas a encarregar-se disso e da maneira mais legal possível! Aquele velho incapaz que fiz nomear acaba de receber uma pasta comportando graves acusações contra

o mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

— É obra do traidor?

— Se for, trabalhou bem. Os tópicos de acusação são formulados à maneira de um escriba, os factos são exactos e pormenorizados. Paneb não tem qualquer hipótese de sair em liberdade do gabinete do vizir.

— Ele mostrou-te essa pasta?

— Esse medíocre não me oculta nada! Por uma vez, vai ser útil. E nem sequer tive necessidade de o estimular, porque o caso é um dos mais simples. Basta-lhe aplicar a lei e o Lugar de Verdade ficará decapitado. Depois de Néfer o Silencioso, Paneb o Ardente... Kenhir está demasiado velho para resistir à tormenta que arrasará a confraria. Ou o traidor consegue colocar-se à frente dela ou eu a dissolvo. Tanto num caso como no outro, a Pedra de Luz pertencer-nos-á! E, com ela, o poder absoluto.

Serketa não se mostrou nada entusiasmada.

— Paneb deve ter preparado a sua defesa.

— Ele não está ao corrente de nada! Pensa com certeza que o vizir o convoca por causa da sua encomenda de sarcófagos.

— O Ardente vai pressentir a cilada e não virá.

— Nesse caso, o vizir poderá recorrer à força. E a força é o meu exército.

— A confraria defender-se-á.

— Não terá força para isso.

Serketa abandonou os joelhos do marido e passou de um lado para outro do compartimento com nervosismo.

— Um confronto directo ser-te-á prejudicial... Acusar-te-iam de violência e a tua reputação de gestor prudente e comedido ficaria destruída! É necessário evitar essa catástrofe.

— Ainda não chegamos a isso, terna pombinha. Paneb não tem qualquer razão para desconfiar, irá a casa do vizir e será atirado para a prisão.

Completamente dominado por Mehi, ao qual devia a sua nomeação, o velho vizir do Sul adoptara a mesma atitude que o governador da cidade: nenhuma iniciativa, obediência absoluta às directivas do general e gestão dos assuntos correntes com recurso ao general à mínima dificuldade.

Seguindo aquela linha de conduta, o dignitário garantia para si mesmo uma perfeita tranquilidade e refastelava-se comodamente na sua confortável mansão oficial, à beira do Nilo.

Numa cidade tão segura como Tebas, onde a criminalidade era quase inexistente, Mehi assegurara uma reputação de general íntegro, capaz de fazer reinar a ordem em quaisquer circunstâncias, para grande satisfação da população. Há muito tempo portanto que o vizir não convocava o supremo tribunal onde eram julgados os assassinos e os culpados de faltas graves.

Quando recebera a pasta anónima acusando o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, o velho cortesão assustara-se. É evidente que o seu primeiro reflexo consistira em mostrá-la ao general.

Mehi aconselhara-o a aplicar a lei depois de ter prevenido o poder central por correio oficial.

O velho esperava que o mestre-de-obras não respondesse à sua convocatória porque lhe tinham descrito Paneb o Ardente como uma fera irascível. Em caso de insubordinação, competiria ao general intervir pela força. E ele, o vizir, ficaria livre de toda a responsabilidade.

— Há gente com solicitações esta manhã? - perguntou ao seu secretário, um escriba magro e pálido.

— Ninguém de importante; os vossos assistentes ocupam-se deles.

— Não há assuntos urgentes a tratar?

— Tebas goza de uma calma ideal. Graças aos babuínos policiais, não temos o mínimo roubo a lamentar nos mercados...

Apresentou-se um plantão.

— Paneb o Ardente, mestre-de-obras do Lugar de Verdade, deseja ver o vizir.

O velho engoliu a saliva com dificuldade ante a ideia de receber essa personagem violenta e vingativa, capaz de vencer nove adversários sozinho, como lhe tinham contado.

— Está tudo pronto?

— Tranquilizai-vos - prometeu-lhe o secretário - estareis em segurança.

— Bem, bem... Trá-lo.

Quando o colosso apareceu, o vizir sentiu-se bruscamente mais fraco e mais velho. Encaixou-se no seu assento, tendo o cuidado de evitar o olhar do Ardente, tão intenso como uma chama.

— Os vossos dois sarcófagos ainda não estão completamente terminados - anunciou Paneb - mas posso desde já garantir-vos que serão peças excepcionais. As outras encomendas estão em vias de acabamento e aqui está uma amostra do nosso trabalho.

Segurando o vaso azul como se transportasse uma oferenda, o mestre-de-obras deu um passo na direcção do alto magistrado.

— Não vos aproximeis!

Surpreendido, Paneb imobilizou-se.

— Estais preso - disse o vizir em voz trémula no momento em que uma dezena de guardas irromperam no gabinete para cercar o acusado, apontando-lhe as suas lanças.

— É um estúpido equívoco!

— Sois um perigoso criminoso e disponho de um testemunho arrasador. Ao menor sinal de revolta, sereis abatido.

Os soldados que ameaçavam Paneb não eram franganotes e tinham beneficiado do efeito de surpresa. Cercado de perto, o colosso não tinha a mínima liberdade de movimentos.

— Posso pelo menos saber de que sou acusado?

— Sabê-lo-eis muito em breve! Conduzi esse criminoso para a prisão.

Um soldado pôs-lhe algemas de madeira, outro travou-lhe os tornozelos, enquanto a ponta das lâminas se lhe enterravam no pescoço, peito e rins.

Mehi agarrou no seu arco, esticou-o até quase quebrar e visou um falcão-peregrino que cometera a imprudência de sobrevoar a sua mansão traçando grandes círculos no céu. Nenhum caçador atacava aquela ave de rapina, incarnação de Hórus, o protector da realeza, mas o general troçava dessas superstições.

Um pequeno grito de susto perturbou Mehi, que soltou a flecha um pouco cedo demais. A visão aguda da ave de rapina permitiu-lhe detectar o perigo mortal e afastou-se no último instante subindo em direcção ao sol com um poderoso bater de asas.

Voltando-se, Mehi viu a criada núbia que Serketa já corrigira. Pusera-se de joelhos e choramingava.

— Perdoai, senhor, mas tive medo pela ave!

O general esbofetou-a. Com a violência da pancada, a rapariga estatelou-se na álea arenosa.

— Pequena idiota, fizeste-me falhar o tiro! Desaparece da minha vista e nunca mais me contraries, senão...

Esquecendo a dor, a linda núbia levantou-se e fugiu a correr. Mehi de boa vontade a teria violado, mas receava Serketa. Se a enganasse, acabaria por saber de uma maneira ou de outra e não lhe perdoaria. Na véspera de uma grande vitória, não era o momento para cometer um erro tão estúpido. Quando a esposa estivesse realmente demasiado gorda e incapaz de o ajudar, seria altura de tomar providências.

— Ainda nada? - perguntou Mehi ao intendente.

— O correio habitual, mas ainda nada do gabinete do vizir.

Um cavalo a galope.

Mehi correu para a entrada da mansão. Era realmente um enviado do vizir, portador de uma mensagem urgente.

O começo deliciou o general: Paneb fora detido e aprisionado!

Mas a continuação perturbou-o: um visitante de peso acabava de chegar a Tebas. E Mehi não sabia como interpretar esse inesperado acontecimento.

Ao cair da noite, Paneb continuava sem regressar.

— Não tendes fome? - perguntou Niut a Vigorosa a Kenhir, que não tocara numa apetecível tainha grelhada, acompanhada com lentilhas.

— Passa-se qualquer coisa de anormal.

— O vizir reteve com certeza o mestre-de-obras para jantar.

— Paneb ter-nos-ia prevenido...

Niut estava tão inquieta como o escriba do Túmulo e não tentou retê-lo quando se levantou para agarrar na sua bengala. Antes dele sair, pôs-lhe uma capa sobre os ombros.

— Está um vento fresco, cuidado para não vos constipardes.

Kenhir dirigiu-se ao quinto fortim.

— Sobek está aqui? - perguntou ao polícia núbio de serviço.

— Não, levou o carro de serviço para se dirigir ao embarcadero. Também o núbio se alarmara a ponto de partir em busca de informações.

— Dá-me um tamborete que eu espero por ele.

— Não tenho nada muito confortável...

— Pouco importa.

Então Paneb caíra numa cilada. Preparada por quem? Não seria esse velho imbecil do vizir que se atreveria a atacar o mestre-de-obras do Lugar de Verdade! A ordem vinha portanto do verdadeiro senhor de Tebas, o general Mehi. Mas como administrador-principal da margem oeste, estava encarregado de garantir a protecção da confraria! Não havia, aliás, nenhuma razão para ele a atacar.

Acima de Mehi só havia o senhor supremo da confraria, o Faraó do Egito. O infeliz Siptah não estava evidentemente em causa; a responsabilidade de tal iniciativa só podia pertencer à Rainha Tausert.

Kenhir estremeceu.

Se o seu raciocínio estava certo, a regente, por um motivo que ele ignorava, assinara a sentença de morte da confraria.

Primeiro, decapitá-la mandando prender o mestre-de-obras pelo vizir, depois...

— Sobek está de volta! - preveniu o polícia.

O núbio parou brutalmente o carro, não se esqueceu de acariciar o cavalo e veio direito ao escriba do Túmulo.

— Paneb está encarcerado no palácio - revelou.

— Por que motivo?

— Foram apresentadas numerosas acusações contra ele, mas ignoro a sua natureza.

— Mas... por quem?

— Ignoro igualmente. O vizir parece ter recebido um relatório pormenorizado que não deixaria qualquer dúvida sobre a culpabilidade de Paneb.

— O traidor, certamente... Vou pedir audiência ao vizir.

A ossatura do velho escriba suportou mal os solavancos da estrada, mas Kenhir esqueceu as suas dores para pensar apenas no mestre-de-obras. Precisava de convencer o vizir que se tratava de um golpe montado e que Paneb devia ser libertado imediatamente.

Sobek acordou um passador que, de má vontade, aceitou atravessar o Nilo depois de ter caído a noite. O tom imperioso do núbio e a sua envergadura tinham-no dissuadido de discutir muito tempo.

Os aposentos do vizir eram contíguos ao palácio real de Karnak e foi necessária a força da convicção do escriba do Túmulo para persuadir o responsável pela segurança a despertar o alto dignitário.

Apanhado desprevenido, o vizir aceitou receber Kenhir na antecâmara onde, em geral, esperavam os seus visitantes. Receando o escândalo que não deixaria de provocar aquele escriba de carácter irascível, preferiu não adiar o inevitável confronto.

— O nosso mestre-de-obras está aqui preso?

— Assim é.

— Quais são os temas de acusação?

— Não tenho nada que vos revelar isso.

— Claro que sim! Como escriba do Túmulo, tenho acesso a todos os documentos oficiais referentes à confraria.

— Trata-se de um caso excepcional...

— É o mínimo que se pode dizer!

A cólera de Kenhir impressionava o vizir, mas já não tinha a possibilidade de recuar.

— Para um caso excepcional, procedimento excepcional - afirmou em voz trémula.

— Por muito vizir que sejais, e precisamente porque o sois, deveis respeitar a Lei de Maet.

— Escutai, Kenhir...

— Mostrai-me a pasta da acusação e libertai imediatamente o mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

— Impossível.

— Vou escrever imediatamente a Sua Majestade para lhe referir o vosso comportamento e reclamar o vosso despedimento.

— Estais no vosso direito, Kenhir.

— Faríeis melhor em satisfazer as minhas exigências!

— Repito-vos que é impossível.

— Visto que quereis a guerra, tê-la-eis.

Paneb poderia ter rebentado a porta do pequeno compartimento, enfrentado os guardas e tentado sair do palácio. Mas teria sido entrar na ilegalidade e a sua função proibia-lhe tal procedimento. Além disso, desejava conhecer os motivos da sua detenção e saber quem, por intermédio das acusações apresentadas contra ele, tentava destruir a confraria.

Estendera-se portanto no sumário leito para passar uma noite tranquila e preparar-se para comparecer perante um tribunal onde teria toda a oportunidade para se exprimir, enquanto Kenhir travaria uma luta encarniçada para fazer com que o libertassem. O Egito era um país onde a Lei de Maet era respeitada, a começar pelo vizir, que se apresentava como seu garante.

Mas o despertar foi brutal: duas pontas de lança picaram o flanco do colosso.

— Segue-nos - ordenou um guarda.

Paneb foi conduzido até uma pequena sala com duas colunas que não parecia um tribunal.

Sentado num assento baixo, com um papiro desenrolado sobre os joelhos, o vizir não ousava olhar o prisioneiro de frente.

— Paneb o Ardente, chegou a hora de responderdes pelos vossos crimes.

— Trata-se de uma conversa privada ou de uma audiência oficial - perguntou o mestre-de-obras.

— Conduzo a instrução do processo como entendo - respondeu o velho vizir - e intimo-vos a responder às acusações apresentadas contra vós.

— Quem é o acusador?

— Não precisais de saber.

— A lei obriga-vos a fornecer-me o seu nome. Se recusardes, a instrução do processo, seja ela qual for, será ferida de nulidade.

O vizir pareceu embaraçado.

— De facto, trata-se de um documento... anónimo.

— Não tem portanto qualquer valor jurídico.

— Os factos que vos são atribuídos são tão graves que passo por cima desse pormenor.

— É inaceitável. Ou me dizeis esse nome ou eu saio desta sala.

— Este documento é verdadeiramente anónimo e não tenho qualquer meio de identificar o seu autor. Aceitais no entanto tomar conhecimento dos factos que vos são atribuídos?

— Como tenho a consciência em paz, porque não?

O vizir tossicou para clarear a voz.

— Começemos pelo menos grave, embora se trate já de uma falta imperdoável: haveis feito com que o vosso boi fosse tratado por um artesão da confraria e com que trabalhassem no vosso campo dois Servidores do Lugar de Verdade, o que é rigorosamente interdito.

— Acusação infundada. Dois artesãos ajudaram-me, com efeito, mas por sua própria vontade e sem qualquer retribuição. Bastará que os interrogueis para conhecer a verdade, e os cinco camponeses que trabalham para mim com toda a legalidade confirmarão as minhas palavras.

— Ah... Mas há algo mais delicado. Sois acusado de ter seduzido várias mulheres casadas e espalhar a perturbação nas famílias da aldeia.

O colosso rebentou a rir.

— Quais foram as mulheres que se queixaram?

— O documento não dá esse género de precisão... Negais os factos?

— A minha esposa testemunhará por mim e explicar-vos-á que o meu comportamento não compromete de maneira nenhuma a harmonia da aldeia.

— Bom, bom... Passemos ao que vem a seguir: tendes uma picareta de que sois o único a servir-se, o que é contrário ao regulamento.

— O escriba do Túmulo explicar-vos-á que essa picareta é minha propriedade pessoal, reconhecida por todos, e que está marcada com um selo tão particular que não é possível confundir com qualquer outra. Em consequência disso, esta ferramenta não deve ser restituída ao tesouro da confraria depois de ser usada.

— Essa exceção devia ser referida à administração!

— Está consignada no Diário do Túmulo que Kenhir tem à vossa disposição.

— Perfeito, perfeito... Mas haveis roubado uma cama num túmulo da aldeia!

— Se assim fosse - retorquiu Paneb - teria sido julgado e condenado pelo tribunal da confraria. Nunca foi cometido qualquer roubo nas Moradas de Eternidade dos nossos antepassados, que velam por nós e que nós veneramos todos os dias. Foi-me oficialmente oferecida uma cama com o acordo do escriba do Túmulo, e esse donativo está anotado no Diário.

— Vamos às acusações mais graves, passíveis de pena de morte.

Paneb franziu os olhos.

— Estais a falar a sério?

— Os factos são: violações de sepulturas no Vale dos Reis!

Desta vez o colosso perdeu a calma.

— Tereis endoidecido?

— Respeitai a minha função! - implorou o vizir com a garganta apertada. - O meu papel consiste em estabelecer a verdade e...

— Então, explicai-vos!

Continuando a não se atrever a olhar o colosso nos olhos, o velho enfiou o nariz no papiro.

— Haveis roubado um tecido precioso no túmulo do Faraó Seti II e, para festejar a façanha, apanhaste uma bebedeira em pé sobre o seu sarcófago.

— É verdade.

O vizir levantou um pouco a cabeça.

— Vós... vós reconheceis os factos?

— Reconheço que me embriaguei. Quanto ao resto, o delator fabricou uma trama de grosseiras mentiras! O tecido em questão não se encontrava no túmulo de Seti II e o sarcófago junto do qual eu e os meus companheiros saboreamos um excelente vinho não era o seu. Em relação a todos esses pontos disponho de testemunhas que destruirão essas afirmações tão grotescas como infamantes.

— Tendes realmente testemunhas?

— Deporão sob julgamento perante o tribunal da aldeia presidido pelo escriba do Túmulo, depois perante vós, se o exigirdes. E o tecido, tal como o sarcófago, estarão à vossa disposição.

— Bem, bem... Mas resta ainda um ponto de excepcional gravidade.

— Oiço-vos.

Como o colosso recuperara a calma, o vizir sentiu-se com mais segurança.

— Blocos pertencentes ao túmulo do Faraó Merenptah foram deslocados do Vale dos Reis até à aldeia e serviram para construir quatro colunas da vossa própria Morada de Eternidade.

— Exacto - reconheceu Paneb.

— Vós, o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, haveis portanto degradado o túmulo de um rei que vós próprio escavaste e decoraste!

— Falso.

— Mas... Acabais de admitir o vosso crime!

— Não há qualquer delito, porque os blocos em questão são materiais de recuperação. Tinha pedido a uma pequena equipa que limpasse o Vale dos Reis, desembaraçando-o de detritos acumulados nos nossos estaleiros. Esta trouxe para a aldeia pedras utilizáveis para a construção do meu túmulo, visto que os meus companheiros decidiram oferecer-me esse magnífico presente.

— Também esses estão prontos a testemunhar?

— Sem qualquer dúvida.

O velho vizir enrolou o papiro.

— Haveis reduzido as acusações a nada, mestre-de-obras.

— Não tendes mais nada a censurar-me?

— As culpas não vos pareceram suficientemente numerosas?

— Se bem compreendo, renunciáis a qualquer acusação.

— As vossas explicações convenceram-me... Mas talvez um juiz supremo tenha uma opinião diferente da minha.

A Rainha Tausert apareceu.

O vizir e o mestre-de-obras levantaram-se imediatamente para cumprimentar a soberana.

— Ouvi tudo - afirmou ela - e cheguei às mesmas conclusões que o vizir. O mestre-de-obras soube dissipar as sombras e fornecer as explicações que destroem essa pasta anónima, obra de um odioso caluniador.

Curvado, o velho retirou-se.

Paneb contemplava a regente cuja beleza quase igualava a de Turquesa. A mesma orgulhosa nobreza, a mesma delicadeza de feições, a mesma lucidez, no olhar, mas mais solidão e sofrimento controlado na Rainha, Tausert estava surpreendida com a força de Ardente e a energia que emanava de todo o seu ser. Por instantes, pensou que daria um Faraó digno dos maiores e que um homem daquela ténpera saberia dirigir o país.

— A tua culpabilidade parece ter desencadeado uma crise tão profunda que a minha regência foi abalada - declarou a Rainha.

— Sou inocente, Majestade, e a reputação do Lugar de Verdade, tal como a vossa, permanece intacta.

— Preferi verificar pessoalmente, porque circulavam os rumores mais alarmantes em relação a ti e não tinha a certeza da imparcialidade do vizir do Sul, que será substituído a partir de amanhã. Esse velho cortesão não teria sido capaz de distinguir a verdade da mentira e não quero que esse género de incidente se reproduza.

— Perdoai a minha impudência, Majestade, mas porque razão não ouvir as testemunhas que dissipariam qualquer equívoco?

A Rainha esboçou um sorriso deslumbrante.

— Porque confio em ti, Paneb. Esse sentimento ser-te-á desconhecido?

— Quando se dirige uma confraria ou um país, não deveria ser excluído?

— É a recomendação de vários grandes faraós, com efeito... Mas eu sou apenas uma regente e tenho a fraqueza de acreditar em ti. Exercendo o poder, aprendi a decifrar as pessoas e tenho a certeza que és incapaz de mentir.

Comovido, o Ardente não encontrou resposta.

— Alguém procura destruir-te, mestre-de-obras, e deves identificá-lo.

— Está feito, Majestade. E solicito-vos o favor de o julgardes de acordo com as leis da nossa confraria.

— Lembro-te que o castigo supremo pertence ao tribunal do vizir.

— Tranquilizai-vos, o caluniador sairá vivo do nosso... Enfim, se se pode chamar "vida" ao destino que o espera.

— Age de acordo com a Lei de Maet, mestre-de-obras.

— Dar-nos-eis a honra de uma visita, Majestade?

— Devo partir imediatamente para Pi-Ramsés. Sabeis que a saúde do Rei Siptah declina de forma irremediável... Que tudo esteja preparado para os seus funerais.

— Comprometo-me a isso, Majestade.

Na sua qualidade de mestre-de-obras do Lugar de Verdade, Paneb presidia ao tribunal reunido diante do pilone do templo de Maet e de Hathor.

Faziam parte do júri a Mulher Sábia, o escriba do Túmulo, o chefe da equipa da esquerda, Ched o Salvador e duas sacerdotisas de Hathor. Todos os aldeões assistiam àquela audiência que se anunciava excepcional.

Desde o seu regresso, Paneb não fizera qualquer declaração oficial e todos se perdiam em conjecturas sobre os motivos da sua detenção.

Assim, fez-se um profundo silêncio quando o mestre-de-obras tomou a palavra.

— Foram formuladas acusações mentirosas contra mim por um habitante da aldeia que nem sequer teve a coragem de assinar o documento que entregou ao vizir. Fui preso como malfeitor, mas tive a possibilidade de me defender graças à intervenção da Rainha Tausert e provei a minha inocência. Faltava identificar o delator, o homem que procurava estabelecer o seu domínio sobre a aldeia por meio de uma traição, o homem que sempre me detestou e cujo único alimento é a ambição.

Murmúrios desaprovadores percorreram a assembleia.

— Que esse verme se denuncie imediatamente! - exigiu Nakht o Poderoso.

Foi aberto caminho para o tribunal, mas ninguém se apresentou.

Fened o Nariz interpelou o mestre-de-obras.

— Conheces realmente o culpado?

— Foram as suas próprias acusações que o denunciaram. Só ele podia formulá-las e disfarçar a realidade com tanta mesquinhez e ódio.

Os artesãos entreolharam-se, mas nenhum podia crer que um dos seus companheiros se tivesse comportado com tanta baixeza.

Paneb o Ardente dirigiu-se a Imuni, que se ocultava por trás de Didia o Generoso.

— Tem pelo menos a coragem de confessar -- recomendou-lhe o mestre-de-obras.

O pequeno escriba de olhar falso e rosto de roedor tentou recuar, mas Karo o Mal-Humorado e Casá o Cordame bloquearam-no no lugar.

— Não compreendo - balbuciou Imuni com o seu tom meloso, que sempre exasperara Kenhir. - Fiz o meu trabalho correctamente e eu...

— Aproxima-te - ordenou o mestre-de-obras.

O escriba-assistente obedeceu. Em frente de Paneb, da Mulher Sábia e do escriba do Túmulo, fingiu a princípio humildade.

— Talvez tenha cometido alguns erros, mas sem intenção de prejudicar... Foi um infeliz concurso de circunstâncias que me fez desconfiar que Paneb fosse culpado de faltas que não cometeu.

— Foste realmente tu que enviaste esta pasta ao vizir? - perguntou o mestre-de-obras, - Senti-me obrigado a informá-lo a propósito de certos incidentes...

— Sem passar por mim? - trovejou Kenhir.

— Eu... eu não vos queria importunar.

— De quem estás a troçar, Imuni? Traíste a minha confiança, caluniaste o mestre-de-obras e tornaste-te inimigo da aldeia inteira!

Mudando de atitude, o pequeno bigodudo deixou extravasar a sua raiva.

— Não haveis compreendido nada das minhas qualidades e dos meus direitos! - exclamou ele. - Era eu que devia desempenhar há já muito tempo a função de escriba do Túmulo, sou eu o mais qualificado de todos vós! Porque recusais admiti-lo?

Paneb olhou Imuni a direito nos olhos.

— Foste tu que assassinaste Néfer o Silencioso?

— Não, não... claro que não... Juro que estou inocente!

Paneb sentiu que o escriba tinha demasiado medo dele para mentir.

— Esmaguemos este aborto! - propôs Karo o Mal-humorado.

— Calma - exigiu o mestre-de-obras. - Que nenhum gesto deslocado venha alterar a dignidade deste tribunal.

Kenhir estava abatido. Nunca apreciara o carácter do seu assistente, mas como imaginar que a inveja e o ódio lhe tinham devorado a alma?

— A traição de Imuni é um facto estabelecido - considerou Hai, vivamente aprovado pelos outros membros da confraria.

— O castigo impõe-se portanto por si mesmo - concluiu Paneb: - exclusão definitiva da aldeia.

Os jurados aprovaram. Imuni tornara-se muito pálido.

— Vós... vós não tendes o direito!

— Não atravessarás mais a porta do Lugar de Verdade - anunciou Paneb - e nem sequer serás admitido na zona dos auxiliares. Será apresentada ao vizir uma queixa contra ti por injúria a magistrado e denúncia caluniosa. Adeus, Imuni.

Cãsá o Cordame e Karo o Mal-humorado agarraram na franzina personagem pela gola da túnica e, seguidos de todos os outros artesãos, arrastaram-no ao longo da rua principal.

Imuni recebeu ser molestado, mas os dois talhadores de pedra contentaram-se em conduzi-lo até ao limiar da grande porta que Renupé o jovial abriu.

A equipa da direita e a equipa da esquerda dispuseram-se em duas colunas.

— Vai-te embora, aborto! - ordenou Userhat o Leão.

Imuni hesitou.

— Não sabeis o que perdeis! Eu teria...

Fened o Nariz agarrou numa pedra e visou as nádegas do pequeno escriba, que deu um guincho de dor. - Desaparece ou nós lapidamos-te!

Imuni deu com os pés no rabo e abandonou o Lugar de Verdade sob as vaias da tripulação.

O banquete organizado por Mehi e Serketa na sua mansão da margem oeste figuraria entre os mais bem sucedidos do ano. O administrador-principal via-se obrigado a honrar assim a

nomeação do novo vizir escolhido pela Rainha Tausert, um obscuro sacerdote de Karnak.

O alto magistrado não apreciara nada as evoluções das bailarinas nuas, jogando com o véu rosa preso ao colar e que flutuava em redor delas. Nem sequer se embriagara, apesar de qualidade dos grandes vinhos, e abandonara a recepção muito antes do seu final.

Sem deixar de sorrir aos seus convidados e partilhar as suas confidências, Serketa martelara a mensagem que fazia questão de transmitir: ela e Mehi formavam um casal feliz e generoso, todos os seus desejos tinham sido agraciados pelo destino e não tinham outra ambição que não fosse servir o seu país. A vigorosa saúde da economia tebana não provava as capacidades de gestor do marido, homem honesto por excelência?

No decurso de uma breve entrevista com Tausert antes dela embarcar para Pi-Ramsés, Mehi aprovara calorosamente a substituição do velho vizir que, aliás, ele próprio tencionava propor, e felicitara-se pela rápida reabilitação de Paneb o Ardente, um mestre-de-obras notável, apesar do seu carácter por vezes agreste. E, bem entendido, o general garantiria à Rainha a sua total dedicação.

Graças a diversas conversas privadas com os dignitários da província, Mehi verificara que a sua reputação e influência permaneciam intactas.

Depois dos convidados partirem, Serketa mandou a criada núbia massajar-lhe os pés.

— Falta-nos ainda consultar um convidado - disse-lhe Mehi.

— Chega de estúpidos por hoje, meu terno querido.

— Este deveria interessar-te mais do que os outros.

— Excitas-me... Quem é?

O general mandou entrar um pequeno escriba com cara de fuinha e olhar falso.

— Apresento-te Imuni, ex-assistente do escriba do Túmulo.

Serketa arvorou um ar preocupado.

— Não haveis sido vítima de uma terrível injustiça?

— Infelizmente, assim foi, e não sei como me defender.

— E se nos contásseis em pormenor esses dolorosos acontecimentos? - sugeriu Mehi. - Como protector do Lugar de Verdade, devo recolher o máximo de informações para evitar cometer erros.

Imuni não precisou de mais insistência. O general e a esposa ouviram-no com atenção.

— Considerais-vos portanto espoliado - concluiu Mehi -visto que vos sentis capaz de dirigir a confraria.

— Haveis-me compreendido perfeitamente, general!

— A vossa situação é delicada, muito delicada... Paneb foi inocentado, as vossas acusações consideradas infundadas e o novo vizir não está disposto a reabrir o caso. No entanto...

O olhar do pequeno escriba brilhou de cobiça.

—... no entanto - continuou Mehi - sou um homem apaixonado pela justiça e a vossa sinceridade comove-me. De momento, a vossa carreira está interrompida e não posso opor-me ao tribunal da confraria. Mas se me contardes tudo o que sabeis sobre o Lugar de Verdade, compreenderei melhor este doloroso caso e talvez vos possa ajudar.

Imuni alisou com o indicador os pêlos do bigode.

— Informações desse gênero são tão confidenciais que valem caro...

— Tudo tem um preço, é verdade; mas só a mimas podeis vender. Porque se vos tornardes demasiado tagarela, o vizir mandar-vos-á prender por alta traição. O que quer dizer que esta conversa deve permanecer secreta. Em troca da vossa amizade, instalo-vos numa mansão do Egito Médio, de cuja gestão vos encarregareis, esperando período mais favorável.

Imuni falou longamente, encantado por ter encontrado um aliado tão poderoso que lhe oferecia o futuro com que ele sonhava: correr com Paneb e tornar-se o patrono da confraria. Bastar-lhe-ia apenas paciência e esta não faltava ao escriba.

Serketa não ficou a saber nada de realmente novo acerca da aldeia e do seu funcionamento, mas apreciou o rancor do pequeno escriba, que seria um brinquedo divertido entre as mãos do seu marido. E alegrou-se sobretudo com a ingenuidade da confraria, persuadida que, com a expulsão de Imuni, se desembaraçara finalmente do traidor que a roía por dentro.

Ora o traidor era outro.

Niut a Vigorosa colocara o tecido húmido entre duas pranchas de madeira com ranhuras que serviam de prensa. Obteria assim um soberbo plissado e o escriba do Túmulo vestiria uma camisa de cerimónia digna desse nome.

Muito abalado pela conduta de Imuni, Kenhir reencontrara no entanto o sono graças aos sedativos prescritos por Clara e não tinha falta de apetite.

Apesar disso, quando regressou do conselho restrito no qual tinham participado a Mulher Sábia e os dois chefes de equipa, estava com expressão sombria.

— Mais aborrecimentos?

— Não exactamente... O que pensavas de Imuni?

— Dei-vos várias vezes a minha opinião: quando alguém tem cara de roedor, rói; quando alguém tem uma voz melosa, bajula; e quando bajula, mente. Mas nunca ouvis nada!

— Ouvi-te, Niut, mas não podia acreditar que ele fosse tão mau...

— E ainda não acreditais, porque não imaginais o monstro produzido pela união da mesquinhez com a ambição.

— O conselho decidiu nomear um novo escriba-assistente.

— Ainda bem! Na vossa idade, bem precisais de ajuda.

— Propus um candidato que foi aceite por unanimidade.

— Tanto melhor. Para a sua nomeação oficial usareis uma bela camisa plissada.

— Antes, queria pedir a tua opinião.

— Para quê, se já votaram?

— Ainda é preciso que o assistente designado aceite a sua nomeação... Devia dizer, a assistente.

— Uma mulher escriba?

— Tu, Niut. Não és apenas uma dona de casa e uma cozinheira excepcionais, visto que sabes ler e escrever. Todos conhecem o teu rigor e a tua capacidade de trabalho e o conselho considera, tal como eu, que não há melhor candidato para este lugar.

Niut a Vigorosa examinou a camisa.

— Posso fazer melhor, mas preciso de um tecido mais fino. Bem, ao trabalho: quereis ditar-me o texto do dia para o Diário do Túmulo?

Filha de um escultor da equipa da esquerda, a linda moreninha de quinze anos chorava copiosamente.

— O que se passa? - perguntou-lhe Uabet a Pura.

— Eu queria... eu queria dizer-vos, mas não me atrevo... E depois...

— Entra.

Decorada com coloridas pinturas por Paneb, que tinha prazer em reavivá-las logo que uma

cor começava a deteriorar-se, a casa de Uabet era um deslumbramento. Figuras geométricas, parras, folhas de lótus, aves esvoaçando nos papiros compunham um palácio em miniatura de que a dona de casa se sentia orgulhosa, Uabet fez com que a rapariguinha se sentasse nas almofadas alaranjadas que tinha bordado.

— Era mesmo comigo que querias falar?

— Sim... Não... Deixai-me ir embora, peço-vos!

— Acalma-te, pequena, estou pronta para te ouvir, tenhas tu o que tiveres para me dizer.

A moreninha levantou olhos cheios de lágrimas.

— É verdade?

— É verdade.

— Tendes um pouco de água?

A jovem bebeu com avidez, como se acabasse de atravessar um deserto.

— Vós... vós não me censurareis nada?

— Prometo.

A moreninha apertou os joelhos.

— Eu e as minhas amigas espicaçamos os rapazes ontem à noite, depois do pôr do Sol... Dançamos, com os seios nus, como é costume, mas não ficamos por aí... Como tínhamos bebido um pouco de cerveja forte e estava muito calor, tiramos também os saíotes para melhor nos lançarmos em figuras acrobáticas.

— E os rapazes também tiraram os deles, suponho?

— No fim da dança, sim... Mas olhamos uns para os outros, a rir, e depois cada um foi para sua casa. Mas eu não pude...

— Porquê?

— Por causa do vosso filho, Aperti. A moreninha rebentou em soluços.

— Ele violou-te?

— Sim e não... Quando ele se aproximou de mim, não tinha voltado a pôr o saíote e eu também não... Pensei primeiro que ele queria apenas uma carícia e depois, é tão bonito, tão forte... Eu devia ter gritado, ter-me debatido, chamar por socorro.

— Não o fizeste?

— Não - confessou a rapariguinha, envergonhada.

— Portanto, vocês fizeram amor e tu já não és virgem. A moreninha abanou nervosamente a cabeça.

— Estás apaixonada pelo Aperti?

— Não sei... Acho que sim. Mas não me atrevo a dizer nada aos meus pais!

— Tornaste a ver o meu filho?

— Não, oh não!

O punho de Aperti atingiu no queixo o filho do carpinteiro da equipa da esquerda que se

estatelou de costas.

— Ganhei! - exclamou o jovem atleta de dezanove anos que ninguém ainda vencera na luta com mãos nuas.

— A existência não é apenas uma luta - disse Paneb com gravidade.

Surpreendido, o rapaz não se atreveu a olhar o pai de frente.

— Tornaste-te um bom gesseiro, Aperti. Já é altura de ocupares a tua própria casa e casares com a mulher que seduziste e que amas.

— Mas... eu não amo nenhuma!

— Claro que sim, lembra-te, uma linda moreninha a quem provaste a tua virilidade.

— Estávamos a brincar, nada mais!

— Para ela, não era uma brincadeira; para ti, também já não é. Ou restauras a pequena casa que o escriba do Túmulo te atribui para lá viveres com a tua esposa, ou abandonas a aldeia.

Como todas as noites depois das consultas, Clara enfrentava a solidão. Levantando-se antes de nascer o Sol, vivia com intensidade os rituais da manhã e depois ocupava-se dos seus pacientes preocupando-se permanentemente com o estado sanitário da aldeia. Feliz por ter conseguido estabilizar a vista de Ched o Salvador, não tinha a lamentar qualquer doença grave que tivesse exigido a transferência do doente para Tebas.

Depois do último paciente ter saído do gabinete, tinha que de novo viver a ausência de Néfer o Silencioso, consciente que o vazio não seria preenchido. Apesar do amor que dedicava à confraria, desejava ardentemente reunir-se com ele o mais depressa possível, de tal forma era cruel a tristeza da separação.

Ao cair da noite, Clara sentiu uma imensa lassidão. Não tinha vontade de jantar e sabia que o próprio sono não lhe proporcionaria qualquer reconforto.

Decidiu portanto subir à colina, na esperança de que a deusa do silêncio a aceitasse no seu seio e lhe abrisse as portas do Além.

No limiar estava sentada Selena, que tinha sete anos. A filha de Paneb o Ardente e de Uabet a Pura apertava nas mãos três saquinhos de pano contendo grainhas de uva, tâmaras e cevada.

— O que fazes tu aqui, Selena?

— Preparei eu própria oferendas para as oferecer à colina. Lembras-te que prometeste que me levarias lá? Estou pronta.

Nos olhos da garotinha brilhava uma claridade de ouro. Naquele instante, Clara soube que o destino escolhera a futura Mulher Sábia do Lugar de Verdade e que, a partir de agora, deveria consagrar uma boa parte do seu tempo a formá-la.

— Concede-me alguns instantes.

Quando Clara reapareceu, envergava um vestido de linho plissado branco e rosa e estava adornada com um largo colar e pulseiras de ouro. Um círculo do mesmo metal prendia a sua peruca encimada por um lótus.

— Como és bela, Clara!

— É para honrar a deusa. Tenho a certeza que ela apreciará as tuas oferendas.

A Mulher Sábia e a criança iniciaram uma lenta ascensão com a última luz do poente. Selena

segurava com força a mão de Clara, sem deixar de fixar o alto da colina.

— Venera a deusa do silêncio, u que reside no cimo da montanha - recomendou-lhe a Mulher Sábia. - Por vezes assume um aspecto assustador, mas vive nela o fogo da criação. Quando eu me juntar ao Ocidente, que ela se torne o teu guia e o teu olhar.

Quando atingiram o cimo, a cobra real fêmea saiu do seu antro.

Selena apertou ainda com mais força a mão de Clara.

— Põe-te atrás de mim e imita todos os meus gestos.

A dança ritual da serpente e da Mulher Sábia foi celebrada em perfeita harmonia. Serenada pelos presentes, a cobra regressou ao reino do silêncio.

Para saborear a frescura do crepúsculo, Clara e Selena sentaram-se lado a lado.

— Vamos percorrer juntas as horas da noite, Selena. Um dia tocarás na grande serpente, a incarnação da deusa, e ela transmitir-te-á a sua energia.

Nem um instante a garotinha teve vontade de dormir. Precisamente antes do nascer do Sol, Clara fê-la beber o orvalho que escorria da pedra mais alta do cume, a água regeneradora vinda das estrelas.

Depois, a mulher e a criança desceram para a aldeia.

Na beira do carreiro estava Paneb.

A garotinha correu para o pai, que a tomou nos braços onde ela imediatamente adormeceu.

Os olhares da Mulher Sábia e do mestre-de-obras cruzaram-se e nem um nem outro tiveram necessidade de pronunciar uma só palavra.

E, pela primeira vez, Clara viu o colosso chorar.

Todas as encomendas do exterior tinham sido executadas e entregues, para satisfação do templo de Karnak e mesmo do velho vizir demitido, que pagara a preço de ouro os seus dois - sarcófagos.

Depois daquele excesso de esforços coroados de êxito, a aldeia saboreava um período de descanso. O calor do fim de Maio era esmagador e todos viviam ao retardador.

Clara passava longos momentos ao pé da persea plantada sobre o túmulo de Néfer o Silencioso. A árvore crescia a olhos vistos e, através dela, a Mulher Sábia sentia a presença apaixonada do homem que continuava a amar com o mesmo fervor.

Os artesãos entretinham-se a jogar aos dados com cinco pedras às quais tinham dado formas particulares. A primeira era uma pirâmide de base triangular e com quatro faces, símbolo do fogo; a segunda comportava vinte faces formadas por vinte triângulos equiláteros para evocar a água; a terceira, com oito faces, incarnava o ar; e a quarta, um cubo com as suas seis faces, a terra. Quanto à quinta, com as suas doze faces, evocava a quinta essência, o universo de onde eram provenientes os quatro elementos.

Nakht o Poderoso preparava-se para lançá-la quando o enorme gato de Paneb se colocou diante dele com os pêlos do dorso eriçados e as unhas todas de fora.

— O que se passa, Encantador?

À laia de resposta, a pequena fera miou.

— Está a tentar prevenir-nos de um perigo - afirmou Fened o Nariz.

Os artesãos poisaram os dados e seguiram o gato que se deslocava como um caranguejo, com a cauda tufada e os bigodes frementes.

Encantador conduziu-os até à grande porta, sobre a qual se lançou com furor.

— Este animal enlouqueceu - considerou Pai o Bom-Pão. - Vou procurar Paneb. Acima de tudo, não se aproximem: ele pode arranhar-vos cruelmente.

De repente, foram desferidas pancadas violentas.

— É o guarda - constatou o desenhador.

— De louco não tem nada, este gato! - comentou Casá o Cordame. - Previne o mestre-de-obras.

Dentro de instantes, todos os aldeões se amontoaram diante da grande porta.

— Deixem-me passar - ordenou Paneb. Ao lado do guarda estava o carteiro Uputi.

— Tenho duas mensagens para vos transmitir - disse ao mestre- -de-obras. - A primeira é oral, a segunda escrita. Fui encarregado de vos anunciar que a alma do Faraó Siptah se evoluiu para penetrar no paraíso celeste e se unir à luz de onde saiu. Eis agora a mensagem escrita - continuou o carteiro, entregando a Paneb um papiro com o selo da regente.

O que Paneb leu contrariou-o a ponto de o fazer convocar de imediato um conselho restrito formado pela Mulher Sábia, o escriba do Túmulo e o chefe da equipa da esquerda.

— Para honrar a memória de Siptah - revelou o mestre-de-obras - a Rainha ordena-nos que

ampliemos o seu túmulo.

— Quando muito, podemos prolongá-lo - sugeriu Hai.

— Considero que o nosso trabalho está terminado. O desenho deste túmulo respeita as leis da harmonia, tal como a sua decoração.

— Trata-se de uma ordem da regente - lembrou Kenhir. - Não podes ignorá-la.

— Siptah morreu, a mumificação durará setenta dias e será inumado na sua Morada de Eternidade. Num tão curto espaço de tempo, como podemos escavar, esculpir e pintar de forma correcta?

— Os Servidores do Lugar de Verdade são capazes de trabalhar depressa e bem, a começar por ti - objectou o chefe da equipa da esquerda.

— Não são as capacidades técnicas da confraria que te preocupam - afirmou a Mulher Sábia. - Por que razão te revoltas contra essa decisão?

— Porque corremos para a catástrofe. Tocár naquele túmulo seria um erro.

— Saberás tomar as medidas de precaução necessárias - considerou Kenhir.

— Não deveríeis escrever à Rainha para lhe expressar o vosso desacordo?

— A ideia não me parece famosa... Em Pi-Ramsés começou inevitavelmente a guerra da sucessão e não me parece que Tausert gostasse de ser contrariada pela desobediência do Lugar de Verdade. O que sabemos do seu carácter leva-me a pensar que não mudaria de opinião.

— Mesmo assim, escrevei e preveni-a que eu tenho sérias reservas em relação ao aumento do túmulo de Siptah.

Kenhir começava a estar inquieto.

— Aceitas mesmo assim reabrir o estaleiro?

— Tenho outra opção?

Logo após o anúncio oficial da morte do Rei, a regente convocara o grande conselho para o informar que o ritual de mumificação iria começar e que ela ordenara ao Lugar de Verdade que embelezasse a última morada de Siptah.

Sethnakht espantara-se com aquela decisão, que se arriscava a atrasar a cerimónia dos funerais, mas a Rainha insistira na sua posição, pretextando que o monarca, respeitador da Lei de Maet durante toda a sua demasiado breve existência, merecia bem aquela última homenagem.

Ao regressar a casa, Sethnakht ainda não tinha acalmado.

— O vosso filho mais velho acaba de chegar - preveniu-o o intendente.

O ministro dos Negócios Estrangeiros tinha uma expressão inquieta.

— Circulam cem rumores, pai! O Rei Siptah alcançou realmente os paraísos celestes?

— Com efeito, deixou-nos. Que novidades me trazes?

— Nada de bom, mas ainda nada de desastroso. No entanto, apesar da actividade dos nossos diplomatas, não acredito no seu êxito. O Egito surge cada vez mais como uma terra luxuriante a conquistar.

— Tausert recusa-se a admiti-lo.

— Quem sucederá a Siptah?

— A regente pode tornar-se Rei... Mas seria um desastre para o país!

— Devo compreender que estais preparado para a combater?

Sethnakht tardou a responder.

— É uma decisão tão grave que hesito ainda em tomá-la... A guerra civil horroriza-me porque só provoca miséria e desolação. Mas como evitá-la, se a Rainha se obstina na sua cegueira? Não é o meu futuro que me preocupa, mas o do Egito. Sou o único capaz de reunir os opositores de Tausert a fim de evitar o desmoronar dos nossos exércitos.

— A regente está dentro da legitimidade, meu pai.

— Até à inumação de Siptah, com efeito. Mas quando a porta do seu túmulo se fechar, será necessário designar um novo Faraó.

Os dois homens fitaram-se longamente.

— Estarás comigo ou contra mim, meu filho?

— Convosco, meu pai.

Muito afectada pela morte do jovem monarca, Tausert assistira ao início do ritual de mumificação, confiado aos especialistas do templo de Amon. Face ao sacerdote que usava a máscara de Anúbis, afirmara que o monarca se tinha comportado como um homem justo, exemplo de falta grave, e que merecia ser reconhecido como tal pelo tribunal de Osíris.

Durante o conselho de ministros, a Rainha sentira pesar sobre ela olhares críticos, como se fosse responsável pela morte do Faraó. Contentara-se portanto com uma breve declaração, remetendo para mais tarde a leitura dos relatórios.

A pedido da Rainha, apenas o vizir ficou no compartimento. - O que pensas da minha decisão relativa ao embelezamento do túmulo de Siptah?

— O que todos pensam, Majestade: desejais prestar uma última homenagem a um monarca pelo qual sentis grande estima.

— Agora, sê sincero.

— Pois bem... Digamos que alguns consideram esta honra como excessiva em relação a um reinado bastante apagado e atribuem-vos a intenção de ganhar tempo alongando o período dos funerais.

— Têm razão - reconheceu Tausert.

— O vosso ministro dos Negócios Estrangeiros acaba de regressar a Pi-Ramsés, Majestade. Dirigiu-se imediatamente a casa do pai, que não cessa de receber dignitários.

— Sethnakht já nem sequer se oculta... Também te convocou a ti?

Pouco à vontade, o vizir não se atreveu a mentir.

— Convidou-me apenas para jantar, Majestade.

— Recusa!

— Majestade... Não será bom criar tensões suplementares. E depois, essa entrevista privada talvez se revista de um carácter diplomático que poderá ser-vos útil. Tentarei convencer Sethnakht a não cometer qualquer imprudência.

— O que me aconselhas, vizir?

— A não pensar senão no Egito e na sua felicidade, Majestade.

Voltando as costas ao seu primeiro-ministro, Tausert dirigiu-se ao jardim do palácio, povoado por cantos de aves.

Como se sentia só, naquele dia em que o calor, mesmo no Norte, prometia ser esmagador! Se o chanceler Bai estivesse a seu lado, teria sabido elaborar uma estratégia para impedir Sethnakht de a prejudicar. E Paneb o Ardente não se teria contentado com fórmulas ocas e conselhos insípidos.

Mas Bai tinha morrido e o mestre-de-obras do Lugar de Verdade exercia a sua função sagrada, longe de Pi-Ramsés.

Tausert só podia contar consigo própria para tomar uma decisão capital: ou renunciar ao trono deixando o campo livre a Sethnakht, ou enfrentar o seu adversário num combate sem tréguas.

Na caserna principal de Tebas, os rumores corriam depressa: guerra civil, golpe de Estado, morte violenta de Tausert, ataque libio... A colocação das tropas em alerta confirmava que acabavam de verificar-se graves acontecimentos e que a estabilidade das Duas Terras estava ameaçada.

Todos os soldados esperavam com impaciência a vinda do general Mehi que, num carro puxado por dois cavalos, penetrou no grande pátio a meio da manhã. Depois de os oficiais terem posto as fileiras em ordem, dirigiu-se aos regimentos de elite.

— Soldados, o Faraó Siptah regressou ao Sol e a Rainha Tausert continua a exercer a regência até ao fim dos funerais. As guarnições do Norte e as das fronteiras foram colocadas em pé de guerra para desencorajar qualquer tentativa de invasão durante o período de luto de setenta dias. No que diz respeito ao vosso soldo, nenhuma inquietação. Acabo de encontrar o Sumo Sacerdote de Amon que me garantiu que o templo de Karnak substituiria o governo de Pi-Ramsés se este faltasse aos seus deveres para convosco. Sabei que tendes à vossa disposição o armamento mais recente e mais eficaz; graças a ele, graças à vossa competência e à vossa coragem, Tebas está protegida e nada tem a recear do futuro. Aconteça o que acontecer, esta província permanecerá próspera. E tenho a alegria de vos anunciar que, da minha fortuna pessoal, vos atribuo um prémio de treino insívivo.

Clamores satisfeitos saudaram a boa notícia. Aquela mentira não custava caro a Mehi que, por meio de um passe de mágica contabilística, transferiria alguns dinheiros da cidade para a caserna sem tocar nos seus próprios bens.

Terminadas aquelas patranhas, o general reuniu o seu estado-maior. Era composto por militares de carreira que comprara e fizera enriquecer; todos lhe obedeciam ao mínimo gesto, além de que se vigiavam uns aos outros, prontos a denunciarem-se para manter a confiança de Mehi. E todos sabiam que a mínima falha lhes seria fatal.

— Desta reunião não será feito qualquer relatório - declarou de imediato o general. - Uma única certeza actual: a guerra civil é inevitável e os dois adversários exigirão às tropas tebanas, mais cedo ou mais tarde, que tomem partido.

— Dispomos de informações fiáveis? - perguntou um oficial superior.

— Vamos ouvir um dos nossos agentes que acaba de chegar da capital.

O viajante estava estoirado, mas Mehi nem lhe dera tempo para repousar.

— Quem reina em Pi-Ramsés? - perguntou-lhe este.

— A situação é muito complexa, general. A regente continua a exercer o poder e Sethnakht ainda não tentou nada contra ela. Mas o filho mais velho entregou a sua demissão de ministro dos Negócios Estrangeiros para trabalhar com o pai, que está à cabeça de um poderoso clã. Sethnakht nunca escondeu que não permitiria a Tausert tornar-se Faraó.

— Portanto, a Rainha está isolada e vai ser obrigada a retirar-se a breve trecho.

— Não é assim tão certo... Tausert é considerada como uma excelente gestora, bem superior a Sethnakht, e subsiste um partido de legitimistas que desejavam ver a regente assumir o poder supremo. Os argumentos de Sethnakht não os convenceram e não têm intenção de abandonar a Rainha, porque pretendem evitar um golpe de Estado que poderia ser seguido de muitos outros. E

a sua posição parece fortalecer-se.

— O exército?

— Está muito dividido, general. Alguns oficiais desejam lançar com Sethnakht uma ofensiva na Siro-Palestina e na Ásia a fim de quebrar as veleidades dos nossos inimigos; mas outros são favoráveis a Tausert, que defende o reforço das linhas de defesa.

— Por outras palavras, o resultado do combate entre Tausert e Sethnakht é incerto.

— Supondo que haja um combate... - O que queres dizer?

— Sethnakht hesita em provocar uma guerra civil e Tausert julga-se demasiado fraca para conseguir a vitória. Um e outro olham-se como feras que defendem o seu território sem saber quem atacará primeiro.

— Em quem apostarias?

— Hoje, general, em ninguém.

— O que pensam de mim em Pi-Ramsés?

— Consideram-vos como um homem poderoso, honesto e respeitador da legalidade. Todos conhecem o valor das tropas tebanas e apreciam a vossa gestão da província. Seja ele quem for, o próximo Faraó não reinará sem o vosso apoio.

Uma lufada de satisfação invadiu o general, mas o reconhecimento das suas qualidades não lhe bastava. Num clima tão confuso, precisava de impor-se como último recurso.

— Regressa imediatamente a Pi-Ramsés - ordenou ao seu agente - e organiza um sistema de correio rápido e confidencial que me informará dia após dia da evolução dos acontecimentos.

Uma vez mais, Serketa fingiu ter prazer, esmagada sob o peso do marido que, nos últimos meses, engordava a olhos vistos.

Embora Mehi fosse um amante deplorável, ela sabia-o capaz de varrer os obstáculos que o separavam ainda do poder absoluto. Encontraria consolações junto de verdadeiras bestas, tomando precauções para que o general, tão imbuído da sua virilidade, não duvidasse de nada.

Saciado, Mehi estendeu-se de costas.

— Estou inquieto, meu doce amor.

Serketa acariciou-lhe os pés gorduchos, de que era tão orgulhoso.

— Não podes tirar proveito destes tempos incertos?

— Julgava isso antes da chegada do meu informador... Mas a quem hei-de dar oficialmente o meu apoio?

— A Sethnakht, sem dúvida!

— Não é assim tão evidente...

— Porquê?

— Porque Tausert e Sethnakht são dois predadores, qual deles o mais temível. Julguei que a Rainha, por morte de Siptah, não tivesse mais força para lutar, mas enganei-me; exige a ampliação do túmulo do Rei defunto. Por outras palavras, tenciona prolongar o luto oficial de setenta dias para fortalecer as suas alianças com os dignitários influentes, tanto civis como militares, e tentar aniquilar Sethnakht. Se não tomarmos o seu partido e ela triunfar, Tausert far-

nos-á pagar muito caro o nosso erro. No melhor dos casos, mandar-me-á para a reforma; no pior, fará com que me condenem por alta traição. Mas nada prova que vencerá Sethnakht... Há anos que ele se prepara para o assalto definitivo a fim de se apoderar do trono, e estou convencido que não renunciará no último momento. Tal como a Rainha, ele não poderia passar sem Tebas e sem o meu apoio. Que campo escolher?

— De momento, nenhum - preconizou Serketa. - Como é sabido que Tausert e Sethnakht não mantêm nenhum contacto directo, garante, tanto a um como a outro, a tua perfeita fidelidade. Será em Pi-Ramsés e não aqui que o confronto decisivo terá lugar. De acordo com aquilo que sabemos, o próprio vencedor sairá dele muito enfraquecido. Nessa altura, atacaremos.

— Queres dizer que...

— Sim, será necessário partir para o Norte com o grosso das tropas tebanas e fazer-te coroar Faraó. Surgirás como o reconciliador cuja autoridade ninguém contestará.

Mehi sentiu uma espécie de vertigem.

— Achas realmente...

— Aproxima-se a hora, meu terno amor. Tausert é apenas uma mulher, Sethnakht um velho... Nunca as circunstâncias nos foram tão favoráveis.

O general saltou para fora da cama e deu um soco na almofada.

— Quem se atravessa ainda no meu caminho? O Lugar de Verdade! É graças a ele que Tausert pode prolongar a duração dos funerais... Caso contrário, Sethnakht tê-la-ia afastado sem dificuldade. Tens pelo menos notícias do nosso aliado?

— Segundo a sua última carta, tem a certeza que a Pedra de Luz está escondida no templo principal da confraria.

— O que espera para se apoderar dela?

— É o lugar mais vigiado da aldeia, depois da casa-forte! Existem certamente blocos móveis nas paredes do santuário.

— Uma espécie de cripta...

— Quer subterrânea, quer numa parede.

Mehi serviu-se de uma taça de vinho.

— Desta vez, estamos próximos, sinto-o! O nosso aliado tem um plano?

— Precisa de se mostrar prudente. Paneb tentou de novo atraí-lo para uma cilada e só a sua desconfiança lhe permitiu escapar.

— Se possuíssemos a Pedra de Luz, Tausert e Sethnakht não passariam de fantoches!

Serketa abraçou o marido.

— Um pouco mais de paciência, meu terno leão... Até agora, não cometemos qualquer erro e o teu prestígio tem crescido cada vez mais.

Mehi agarrou a esposa pelos cabelos.

— Também tu queres o poder, não é verdade?

— Apenas através de ti, meu doce amor.

Era mais temível do que um escorpião, mas era de uma fêmea daquela raça que o futuro senhor do país tinha necessidade.

Como introduzir-se no templo de Hathor e de Maet sem ser visto por ninguém e dispor de tempo suficiente lá dentro para descobrir o esconderijo da Pedra de Luz? Era essa a questão que obcecava o traidor e para a qual não encontrava resposta.

Ao vê-lo perder o apetite e o sono, a esposa por várias vezes tentara persuadi-lo a renunciar àquele projecto demasiado perigoso. E naquela noite insistia:

— Mesmo sabendo onde o mestre-de-obras dissimulou a Pedra, não poderás chegar a ela. Porque te hás-de obstinar?

— Porque não temos qualquer futuro nesta aldeia! Espera-nos no exterior uma fortuna considerável, mas temos de cumprir a nossa parte do contrato.

— Se fores preso, o tribunal será de uma severidade exemplar!

— Pára de ter medo e vê se compreendes que estamos a atingir o objectivo. Em vez de ir com os outros para o Vale dos Reis, vou fingir-me doente. Não, esta ideia não é boa... Clara perceberia. Dá-me a comer um alimento nocivo, tenho que estar realmente doente.

— Acreditas que o templo ficará sem vigilância? Se fores o único artesão da equipa da direita na aldeia e se se verificar o mínimo incidente, serás imediatamente suspeito!

— Tens razão... Tenho que procurar melhor.

Despeitada, ela serviu-lhe favas demasiado cozidas.

— Acabo de saber uma notícia interessante - disse -, mas não sei se te servirá para alguma coisa.

— Diz lá.

— A esposa do ourives da equipa da esquerda contou-me, sob segredo, que o mestre-de-obras encomendara ao marido uma gansa em ouro.

— Uma gansa... Tens a certeza de ter compreendido bem?

— Claro que sim! Ao restaurar o túmulo de uma filha de Ramsés no Vale das Rainhas, um escultor notou que essa peça do seu mobiliário funerário estava danificada. Paneb decidiu então mandar fabricar outra.

— Uma gansa de ouro... Uma gansa guardiã suficientemente grande para dissimular a Pedra de Luz... E não aqui, na aldeia, mas no Vale das Rainhas! Podes saber mais sobre esse túmulo?

— A esposa do ourives da equipa da esquerda é tão pretensiosa como tagarela... Não vai ser difícil.

A corte fervilhava de rumores que se orientavam todos no mesmo sentido: a Rainha Tausert admitira que não tinha envergadura para se opor a Sethnakht e ao filho mais velho. Dias consecutivos, de manhã à noite, a regente falara com as mais altas autoridades civis e militares e ouvira muito.

Portanto, quando surgira a convocação para um conselho excepcional para o qual Sethnakht também estava convocado, este não tivera a mínima dúvida em relação ao resultado do conflito que o opunha à viúva de Seti II.

— À inteligência, Tausert alia a lucidez - confiou ao filho. - Acompanhas-me?

— Desde a minha demissão, não desempenho nenhuma função oficial. É inútil provocar a Rainha.

— Tu aprendeste bem diplomacia! Chama a minha cadeira de transportadores.

O reumatismo de que sofria o velho cortesão quase o impedia de andar e não tinha portanto ilusões quanto à duração do seu reinado, que se resumiria a uma vigorosa intervenção militar na Siro-Palestina antes que o filho mais velho lhe sucedesse.

Quando Sethnakht chegou ao palácio, os cumprimentos que lhe dirigiram foram mais acentuados do que o habitual. Os cortesãos reconheciam nele o novo senhor do Egito e felicitavam-se por essa transferência de poder sem atritos.

Quando a Rainha apareceu, envergando um vestido dourado e com a coroa vermelha, Sethnakht não conseguiu impedir-se, uma vez mais, de a admirar. Quantos homens se deveriam ter apaixonado por ela, sem conseguirem quebrar o seu juramento de fidelidade para com um marido defunto!

Tausert sentou-se no trono.

— A mumificação do Rei Siptah começou há vinte dias - declarou ela. - Embora estejamos num período de luto carregado, é preciso continuar a governar. Fui por isso levada a tomar uma decisão essencial para o futuro do país.

A regente podia ter esperado pelo fim da mumificação para se retirar, pensou Sethnakht. Mas não seria melhor assim? Conhecido o nome do futuro Faraó, as tensões diminuirão e o Egito ficará assim mais forte.

— Escolhi um novo vizir - continuou a Rainha.

Se tivesse caído um raio na sala do trono não teria provocado maior efeito do que aquelas palavras. Nomeando um novo primeiro-ministro, a regente afirmava claramente as suas pretensões a tornar-se Faraó.

Sethnakht compreendeu: era ele que ela ia nomear, para melhor o manietar! Mas Tausert cometia assim um grave erro. Recusaria com veemência, o que provaria à regente que ele não tinha nada a recear dela.

— Que o vizir Hori venha prestar juramento pelo nome do Faraó e face à regra de Maet - exigiu a Rainha.

Hori, um dos sacerdotes do templo de Amon que iniciara o jovem Siptah na leitura dos textos sagrados, foi introduzido na sala do trono.

Tausert levantou uma pluma de ouro, símbolo de Maet, e o novo vizir jurou que desempenharia sem fraquejar a sua função "amarga como fel", de acordo com a expressão dos sábios.

Dois ritualistas vestiram-no com uma pesada túnica engomada e passaram-lhe em redor do pescoço um colar adornado com dois pendants, um em forma de coração, o outro representando a deusa Maet.

A cólera de Sethnakht fora digna do deus cujo nome usava. Rebentara na sua mansão tebana como uma verdadeira tempestade.

Vermelho de indignação, o velho dignitário estava quase sem fôlego.

— Visto que ela quer guerra, terá guerra! Essa regente imaginará que me vou curvar assim: Não vai ser o fantoche do seu vizir que me dará ordens!

— Recomendo-vos prudência, pai.

Esta chamada de atenção espantou Sethnakht.

— Terás intenção de te aliar a Tausert?

— Apenas me informei sobre o vizir Hori. Por um lado, deveria agradar-vos: é íntegro, trabalhador, desprovido de ambição, rigoroso e pouco influenciável; por outro, a sua nomeação significa que a escolha da Rainha foi judiciosa e que o seu novo primeiro-ministro não será um homem de palha nem um fantoche. Já se instalou no gabinete do chanceler Bai a fim de estudar os decretos que a regente tenciona proclamar.

Sethnakht ficou carrancudo.

— Não passa de uma manobra grosseira para tentar impressionar-nos!

— Não acredito, pai; Tausert quer tornar-se Faraó e prepara meios para o conseguir.

— Meios... Um pequeno vizir sem experiência!

— Um homem novo que não é embaraçado nem por compromissos nem por relações privilegiadas com um clã.

Sethnakht apreciava a análise do filho mais velho.

— Hori tem menos de cinqüenta dias para se impor! Seja qual for o seu talento, não o conseguirá.

— Sabeis bem que Tausert contornará o obstáculo pretextando que o novo túmulo não está pronto e que a data dos funerais dependerá da sua conclusão.

— Então é preciso que o Lugar de Verdade se apresse!

— Não temos qualquer influência sobre ele, pai.

— Quem tem?

— A própria Tausert, como regente e substituta do Faraó.

— Não há um representante do Estado nessa confraria?

— O escriba do Túmulo.

— Quem é o titular do posto?

— Um velho, Kenhir, que vive na aldeia há muitos anos e não tolera qualquer interferência da administração nas suas prerrogativas.

— Estás espantosamente bem informado, meu filho!

— Há muito tempo que me interesso pelo Lugar de Verdade. Sem ele, os nossos reis teriam apenas uma existência terrestre; graças às Moradas de Eternidade criadas pelos artesãos, continuam a refulgir para além da morte. Tentando utilizar a confraria em seu proveito, Tausert executa uma manobra hábil contra a qual não nos podemos erguer.

— O homem forte de Tebas é o general Mehi... Qual será a sua atitude, na tua opinião?

— Sempre obedeceu ao poder legítimo.

— Portanto, será fiel a Tausert!

— É provável, pai.

Sethnakht sentiu-se muito cansado.

— Tudo o que construí parece-me de repente tão frágil... No entanto, não subestimei esta Rainha, mas ela revela-se ainda mais temível do que eu imaginava. Nunca reage como seria de prever.

— Precisamente porque é uma verdadeira Rainha.

— Então tu também a admiras...

— Quem não sente um profundo respeito por essa mulher excepcional?

— Portanto, estamos vencidos.

— Claro que não.

— O que esperas ainda?

— Definimos uma linha de conduta, sigamo-la. Não desejamos abater a Rainha Tausert mas salvar o Egito de um perigo bem real. Esse desejo não deve deixar de nos habitar; se não estivermos enganados, dar-nos-á a vitória.

Sethnakht sentiu menos o peso dos anos; as palavras do filho mais velho davam-lhe um novo vigor.

— Tausert está enganada e põe o nosso país em perigo. É por isso que ela se deve afastar.

— Estás satisfeito? - perguntou Aperti ao pai, mostrando-lhe a pequena casa de Imuni que lhe fora atribuída pelo escriba do Túmulo e que rejuvenescera um pouco.

— Contentaste-te com o mínimo - observou Paneb.

— Considerando o pouco tempo de que dispunha, não está assim muito mal!

— Precisas de gessar a parte de cima das paredes, reparar a porta de entrada e renovar a cozinha. Deves tornar a tua mulher feliz começando por lhe oferecer uma bela casa.

Graciosa, a moreninha arrumava a roupa cantarolando.

— Não tinha tenções de me casar...

— Agora, já está. Eis-te um esposo responsável.

— Precisamente, não desejo ficar gesseiro toda a minha existência!

— Ora vejam... E o que desejas então?

— Tu és o mestre-de-obras e eu sou teu filho. Nomeia-me assistente do chefe de equipa.

— Só isso!

— Saberei dirigir os operários tão bem como tu!

— É um facto que são operários, mas são sobretudo artesãos e, mais ainda, Servidores do Lugar de Verdade cujo apelo ouviram. É por isso que não gostam de ser dirigidos por qualquer um.

— Não sou qualquer um!

— Sabes traçar um plano, construir, desenhar e pintar?

— A cada um a sua especialidade! Eu nasci para comandar.

— Para comandar aqui é preciso ter obedecido muito e compreendido o sentido da obra. Ainda estás longe disso, meu filho.

— Todos têm medo de mim aqui! Isso não basta?

— Seria preferível que todos gostassem de ti e te respeitassem. Começa por pôr esta casa em perfeito estado; depois, veremos.

Enquanto o mestre-de-obras se afastava, Aperti olhou com desdém o seu modesto alojamento, mobilado com duas esteiras, três arcas de arrumação, uma arca para trigo e jarras para o óleo. A esposa limpava a panela e as escudelas antes de preparar a refeição.

Ele não desejava aquela existência medíocre! Já começava a estar farto da moreninha: andava a arrastar a asa à filha de um talhador de pedra da equipa da esquerda que tencionava contratar como empregada doméstica, sem esquecer duas mulheres casadas que, quando iam buscar água, não deixavam de pôr em evidência os seios soberbos para lhe atrair o olhar.

Aperti decidira divertir-se e gozar a vida. E não seria o pai, cuja ligação com Turquesa era notória, que lhe iria dar lições de moral!

— O que queres comer, querido? - perguntou a moreninha.

— Almoça só. Eu vou passear.

Paneb ocupou-se do selo provisório que fechava a porta do túmulo de Siptah. Não pronunciara uma única palavra ao longo do percurso entre a aldeia e o Vale dos Reis. E como Ched o Salvador evitara qualquer comentário irónico, o ambiente era sinistro.

O mestre-de-obras lançou um olhar para o cimo das falésias onde estavam localizados os polícias de Sobek.

— O que receias? - perguntou Unesh o Chacal. - Nada de preciso.

— Tive um pesadelo esta noite, mas não falei dele a Kenhir...

Senão, ele tê-lo-ia interpretado durante horas! Tal como tu, não estou tranqüilo.

O frágil selo de lama seca resistia.

— Devíamos renunciar - sugeriu Karo o Mal-Humorado, que procurava sinais da presença do mau-olhado.

— Está a ceder, finalmente! - constatou Nakht.

— Compete ao mestre-de-obras entrar primeiro - lembrou Pai o Bom-Pão - mas antes é preciso iluminar isto.

Acenderam uma dezena de tochas.

Nada parecia ter perturbado a paz do túmulo. As esculturas brilhavam, as pinturas viviam, os hieróglifos falavam.

— O Rei Siptah não deveria ficar descontente com a sua eternidade - considerou Ched o Salvador. - Certamente lhe parecerá mais risonha do que a sua existência terrestre. Vamos?

Paneb avançou primeiro na descida e deteve-se em cada pormenor, como se receasse uma deterioração.

Mas a decoração simbólica estava intacta.

— É impossível alargá-lo - considerou Ched. - Seria necessário destruir a obra, afastar as paredes e recomeçar tudo. Semelhante destruição nunca foi feita no Vale!

— Resta-nos portanto escavar para prolongar o túmulo para além do seu limite actual - concluiu Fened o Nariz.

— A harmonia será quebrada e as proporções tornar-se-ão inexactas - objectou Gau o Exacto.

— Todos temos consciência disso - precisou Karo o Mal-humorado- mas a ordem do Faraó não pode ser discutida!

— Trata-se apenas da ordem da regente - lembrou Casá o Cordame.

— Age como Rainha do Egipto e a sua palavra tem para nós força de lei - interveio Tuti o Sábio.

Fened o Nariz tateou a parede do fundo durante mais de uma hora.

— Qual é a tua opinião? - perguntou o mestre-de-obras.

— Tivemos razão em parar aqui. Escavar mais longe seria um erro. Ou a rocha nos reserva más surpresas, ou há um poço funerário abandonado e cairemos num buraco. Do meu ponto de vista, é impossível executar a ordem da Rainha.

O mestre-de-obras enfrentava o escriba do Túmulo e o assistente.

— Não posso escrever à regente que te recusas a ampliar o túmulo de Siptah! - irritou-se Kenhir.

— Não se trata de uma recusa, mas de uma dificuldade técnica inultrapassável.

— Tausert nunca aceitará que um mestre-de-obras do Lugar de Verdade se exprima nesses termos. As dificuldades não são feitas para serem ultrapassadas?

— Em certos casos, é preciso saber curvar-se diante da matéria.

— Não é o teu estilo, Paneb!

— Fened o Nariz é peremptório. Nunca se enganou. O argumento perturbou o velho escriba.

— A sua intervenção convém-te, visto que não querias modificar o equilíbrio desse túmulo!

— Quer me convenha ou não, é assim. Perfurando a parede do fundo, prejudicaria a Morada de Eternidade do Rei Siptah. É essa a vontade da Rainha?

Kenhir fez um gesto de irritação.

— Tenho medo que não fiquemos atolados nos pântanos da política... Como a Rainha precisa de tempo para reforçar o seu clã e fazer frente a Sethnakht, exige trabalhos suplementares que prolongarão o período de luto.

— Por outras palavras, ela utiliza-nos.

— E porque não? - interveio Niut a Vigorosa. - Visto que a sua causa é justa, sejamos seus aliados! Todas as mulheres que reinaram neste país foram excelentes soberanas. Tausert é fiel ao marido defunto, constrói a paz e todos constataam que a sua gestão é excelente. Por que tomar o partido de um velho cortesão ambicioso que faria melhor em submeter-se? Esse Sethnakht é misógino, aí está!

Embora considerasse a análise da sua assistente um tanto apressada demais, Kenhir evitou fazer-lhe frente.

— Tenho que falar com a Rainha - declarou o mestre-de-obras.

— É utópico - retorquiu Kenhir. - Nas actuais circunstâncias, ela não pode deixar Pi-Ramsés, onde a situação deve evoluir de hora a hora.

— Sou então eu que tenho que me deslocar. Parto imediatamente para a capital e exporei os factos a Tausert.

O treino dos batalhões de elite do exército tebano prosseguia a um ritmo intensivo. A maior parte dos militares de carreira estavam encantados por saírem do seu torpor habitual e os jovens recrutas descobriam com espanto as armas recentes postas à sua disposição.

A presença de Mehi dinamizava os mais lentos e o general não hesitava em manejar pessoalmente o arco e a espada a fim de provar que não receava ninguém. Prestava uma atenção especial aos carros de combate, cujo conjunto era o melhor do país, e cada dia se alegrava mais por comandar uma força de tal amplitude.

Segundo as informações provenientes da capital, o destino ainda não escolhera o vencedor. A nomeação do vizir Hori fora um golpe de mestre e muitos cortesãos hesitavam ainda entre Tausert e Sethnakht, tal como a maior parte dos oficiais superiores.

— General - avisou-o o seu ajudante-de-campo -, um polícia da brigada fluvial deseja falar-vos.

— Ele que venha.

O polícia era um quadragenário bronzado e seguro de si. - General, haveis-nos ordenado que assinalássemos qualquer movimento pouco habitual no rio. Acaba de verificar-se um: o escriba do Túmulo fretou um barco rápido.

— Com que destino?

— Pi-Ramsés.

— Foi ele que partiu?

— Não, foi um colosso que era mais alto do que eu pelo menos duas cabeças.

O mestre-de-obras dirigia-se à capital... Mas qual a razão?

Tausert tinha-o convocado, com certeza, a fim de lhe confiar um lugar importante no seu governo!

Mehi tinha que intervir o mais depressa possível.

Finalmente, fora a mulher de um desenhador da equipa da esquerda a ceder ao encanto de Aperti. Estava calor, ela varria diante da sua porta com os seios nus e os cabelos soltos e ele passara na ruela deserta. Carregados de desejo, os seus olhares tinham-se cruzado. Ela tirara o saíote de junco que usava durante as tarefas domésticas, ele enlaçara-a.

De regresso a casa, Aperti pensava ainda na amante quando a sua jovem esposa lhe sorriu.

— Preparei-te um bom almoço.

— Come sozinha.

— Garanto-te que está excelente, querido! Prova, pelo menos.

— Tenho que sair.

— Onde vais?

— É a festa dos barqueiros, em Tebas. Participo no torneio e hei-de ser vencedor.

— Levas-me?

— Com certeza que não! O papel de uma dona de casa consiste em ocupar-se do seu interior.

— Aperti, eu... Ele esbofeteou-a.

— Pára de me importunar. Detesto as mulheres tagarelas.

De pé à proa de um barco, com uma longa e pesada vara na mão, Aperti enfrentava o seu quarto adversário. Com uma raiva assustadora, ferira seriamente os três precedentes.

Mais duas vitórias e seria o herói da festa! E não era o zé-ninguém que tinha à frente que o impediria de alcançar o seu objectivo.

Quando as embarcações movidas por catorze remadores se cruzavam, Aperti soltou um grito enraivecido, visando a cabeça do inimigo.

Muito ágil, este esquivou-se. A vara roçou-lhe a cabeça, mas com a sua conseguiu tocar o jovem colosso no ventre.

Desequilibrado, Aperti caiu à água, para grande satisfação da assistência.

Apesar da dor, nadou até à margem onde duas jovens mulheres o ajudaram a tomar pé.

— Sou enfermeira - disse a mais bonita. - Deixa-me examinar o teu ferimento.

— Com o maior prazer...

— De onde vens?

— O meu nome é Aperti e sou assistente de um chefe de equipa do Lugar de Verdade.

— A aldeia secreta dos artesãos?

— Essa mesma.

— Então, conheces todos os mistérios?

— Todos.

— Os outros artesãos são tão fortes como o tu?

— Sou o seu campeão. Ninguém me venceu.

— Excepto aquele barqueiro magrizona...

— Usou a manha, a arma dos covardes! Se voltar a encontrá-lo no meu caminho, quebro-o em mil bocados.

— Constatemos os estragos...

Quando a enfermeira se curvou, Aperti agarrou-lhe um seio com a mão direita, E com a mão esquerda reservou a mesma sorte à amiga.

— Basta, meu rapaz! Somos casadas, tanto uma como outra.

— Nesse caso...

Aperti deixou-se guiar até uma cabana provisória erguida na margem. Deitou-se sobre uma esteira, com os olhos no céu.

— Dói-me muito... É grave?

— A pancada foi violenta e provocou um soberbo hematoma! Vou atenuar a dor com ervas. Mas precisas de consultar um médico.

— Vou pensar nisso... Uma boa massagem não bastaria?

— A minha amiga vai ajudar-me.

As duas mulheres ocuparam-se cada uma de um ombro. Não podendo resistir mais ao que considerava carícias, Aperti apertou as duas contra si.

— Basta! - protestou a enfermeira.

— Tu desejas-me, eu desejo-te... Não compliquemos a existência! Furiosa, a amiga tentou resistir. Com um gesto da mão, ele afastou-a.

— Cada uma por sua vez, pequena; encarregar-me-ei de ti depois.

Aperti rasgou o vestido da enfermeira e deixou a nu dois seios redondos, pequenos mas muito apetitosos.

— Deixa-me, bruto, não quero!

— Mas claro que sim, queres.

Quando o violador se estendia sobre a sua vítima, a amiga gritou por socorro.

Aperti devia tê-la feito calar, mas estava demasiado entusiasmado com o corpo encantador da enfermeira, que se debatia em vão.

No instante em que ele ia abusar dela, vários barqueiros entraram na cabana e precipitaram-se sobre o rapaz.

Durante toda a viagem, Paneb permanecera silencioso, pensando na que tinha realizado em companhia de Néfer quando o mestre-de-obras o fizera descobrir as três pirâmides do planalto de Guiza.

Hoje, só, no topo da sua hierarquia, partia para enfrentar a regente num mundo cujas leis ignorava.

Graças a uma forte corrente e à habilidade dos marinheiros que tinham aceite navegar de noite, o percurso fora realizado num tempo recorde, menos de seis dias.

No desembarcador de Pi-Ramsés tinham-se entreposto alguns soldados.

— Sou Paneb o Ardente, mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

— A vossa chegada não foi anunciada - espantou-se o oficial que comandava o destacamento.

— Desejo ver a Rainha Tausert com a máxima urgência.

— Vou avisá-la... Enquanto esperais, residireis nesse barco.

Da soberba capital construída por Ramsés o Grande, Paneb apenas vira o grande canal bordejado de jardins luxuriantes e o porto onde fundeavam os navios de guerra. A atmosfera era febril e as patrulhas percorriam o cais e as ruelas adjacentes.

O mestre-de-obras perguntava a si mesmo se aquela viagem não se traduziria por um fracasso estrondoso. Tausert, envolvida numa batalha feroz pela sua própria sobrevivência, teria tempo para o receber e ouvir?

Inquieto, Paneb isolou-se na sua cabina para se restaurar, mas a carne seca pareceu-lhe insípida e o vinho tinto ácido. Voltou portanto para a ponte que os marinheiros limpavam com abundante água. Ao pé da passarela, o capitão discutia com um colega.

Quando regressou a bordo, o colosso interpelou-o:

— Sabem o que se passa na cidade?

— Está tudo calmo, mas o exército está presente por todo o lado.

— A Rainha Tausert continua a ser a regente?

— A sua autoridade não foi abalada e acaba de celebrar um ritual de apaziguamento da deusa Sekhmet, como se quisesse provar a sua capacidade para repelir a desordem.

— Sethnakht ter-se-á submetido?

— Não, e os seus partidários continuam a ser numerosos e determinados. Se quereis a minha opinião, imitai-me contentando-vos em deixar correr. Eu vou dormir.

Recusando-se a aumentar o título de Siptah, o mestre-de-obras do Lugar de Verdade talvez modificasse o destino do Egito. Mas a profissão tinha as suas exigências e ele devia ser o primeiro a defendê-las.

O Sol começava a declinar.

Estendido sobre a sua esteira de viagem, Paneb pensou de novo em Néfer o Silencioso, Naquele género de circunstâncias, este não teria cedido nem uma polegada de terreno. Nem as ameaças nem as falsas promessas o teriam feito desviar-se do caminho de Maet. Ele, o filho espiritual, jurou a si mesmo respeitar o exemplo do pai.

Quando estava quase a adormecer, bateram à porta da sua cabina.

— Há soldados a reclamar a vossa presença - disse a voz pastosa do capitão.

Paneb abriu.

— Quem os manda?

— A regente.

Embora mais robusto do que Imuni, o oficial a cargo de quem ficou o mestre-de-obras, tinha a mesma cara de fuinha que o escriba-assistente.

— Apressemo-nos - exigiu em voz trémula. - A regente está impaciente por ver-vos.

O oficial caminhava à frente, dois soldados enquadravam Paneb e dois outros avançavam atrás dele.

— Poder-se-ia jurar que sou prisioneiro - observou o mestre-de-obras.

— Simples medida de segurança.

— O palácio fica longe daqui?

— Não muito, se andarmos depressa.

Embora ignorasse a topografia da capital, Paneb sentiu-se intrigado com o percurso, de ruela em ruela em direcção a um bairro cada vez menos povoado. Quando viu casas em construção, imobilizou-se.

— Feri-me... Deve ter sido uma lasca de pedra.

O colosso fingiu sentar-se para examinar o pé direito, mas levantou-se com tal vivacidade que os dois soldados da retaguarda não tiveram tempo de reagir quando os agarrou pelos cabelos para fazer com que as suas cabeças chocassem violentamente. Desmaiados, caíram largando os cacetes.

O oficial tentou bater com o seu na nuca de Paneb, mas este, com um coice, enfiou-lhe o calcanhar no baixo ventre, antes de saltar para o lado a fim de evitar o assalto conjugado dos dois últimos soldados, que bateram no vácuo. Com a mão em cutelo, o colosso atacou o primeiro antes de quebrar as costelas do segundo com o cotovelo.

— Quem vos enviou? - perguntou Paneb ao falso oficial, que se torcia com dores.

— Somos... mercenários...

Era evidente que o patifório não permitiria ao mestre-de-obras chegar até ao comanditário.

— Qual é a direcção do palácio?

— Mete pela última ruela à tua esquerda... Depois, segue para o norte...

Indiferente aos gemidos dos vencidos, o colosso afastou-se em passo vivo.

Ao ver o colosso aproximar-se, o guarda da primeira porta do recinto do palácio soube que se arriscava a ter problemas. Apontou portanto a lança ao ventre do inquietante visitante, ao mesmo tempo que chamava outros soldados em seu socorro.

— O meu nome é Paneb o Ardente, sou o mestre-de-obras do Lugar de Verdade e desejo ver a Rainha Tausert com a máxima urgência.

Se o artesão não tivesse evocado a misteriosa confraria de que mesmo o mais ignorante dos militares já ouvira falar, o guarda tê-lo-ia feito passar um mau bocado.

Aproximou-se um graduado.

Paneb declinou de novo o nome e o título.

— Sois realmente quem pretendeis ser?

— Juro-o pelo Faraó.

— Vou prevenir o secretariado de Sua Majestade.

— É ela que é necessário alertar e imediatamente.

— Impossível! Deveis esperar uma audiência oficial e...

— Acreditai que não tenho tempo para esperar.

O graduado observou nos olhos do colosso um estranho brilho que quase nada tinha de humano.

— Esperai aqui... Vou tentar.

Os soldados sentiram-se tranquilizados. Também eles tinham sentido que o colosso tentaria forçar a passagem e que os seus punhos seriam devastadores.

Calmo, Paneb sentou-se à maneira de escriba. As lanças ergueram-se umas a seguir às outras.

Decorreu uma longa hora sem que o colosso manifestasse o mínimo sinal de impaciência. Depois apareceu um escriba acompanhado por quatro guardas de elite armados com espadas curtas.

O mestre-de-obras levantou-se.

— Tende a bondade de me seguir. Sua Majestade acede a receber-vos.

Estupefactos, os soldados renderam-se à evidência: o poder mágico do Lugar de Verdade não era uma lenda.

Enquanto subia uma escadaria monumental e depois percorrendo um longo corredor, Paneb pensava na maneira como Néfer o Silencioso se teria comportado ao abordar uma soberana: ir direito ao essencial e não engolir as palavras. Mas ele possuía uma calma que não era a principal qualidade do Ardente.

O alto tecto da sala de audiências era sustido por duas colunas de pórfiro e as paredes decoradas com palmas e espirais de um azul-suave.

Sentada numa cadeira de madeira de ébano cujos pés tinham a forma de patas de leão, a

Rainha envergava uma austera túnica castanha. Os cabelos presos num carrapito seguro por agulhas de ouro deixavam livre o rosto de um oval perfeito. Uma ligeira maquiagem punha em evidência a delicadeza das feições que fazia de Tausert a mulher mais bela do Egito.

Subjugado, Paneb curvou-se.

— Qual a razão desta longa viagem sem solicitação oficial de audiência, mestre-de-obras?

— Porque a ordem que me haveis dado não tem em consideração as realidades do terreno.

— Sê mais claro!

— A Morada de Eternidade do Faraó Siptah está pronta para receber o seu corpo de luz. Como é de regra, parecerá inacabada, mas está fora de questão ampliá-la ou prolongá-la, porque a rocha não é segura. Temos quase a certeza que provocaríamos uma catástrofe.

— Quase a certeza-, dizes tu... Porquê essa restrição?

— Simples prudência de linguagem. Nem Fened o Nariz nem eu próprio temos qualquer dúvida: não se deve perfurar mais à frente. Queria transmitir-vos esta informação de forma oral para que permanecesse confidencial.

A Rainha levantou-se e encostou-se graciosamente a uma coluna.

— Fico-te grata, Paneb. Mas estarás a avaliar correctamente o alcance de uma ordem emanada do topo do Estado?

— Não ignoro que o Faraó é o chefe supremo da confraria e que lhe devo obediência.

— Talvez consideres que as decisões de uma regente podem ser negligenciadas!

— Certamente que não, Majestade; e foi por isso que fiz questão de defender a minha causa em Pi-Ramsés onde, logo que cheguei, tentaram assassinar-me.

Tausert ficou estupefacta.

— Quem se atreveu?

— Pus em fuga um bando de mercenários, mas ignoro o nome do comandante.

— Sethnakht, sem dúvida... Durante a tua estadia na capital residirás no palácio e dois soldados guardar-te-ão o quarto. Deves compreender que preciso de tempo, Paneb, e que o único meio de o conseguir consiste em aumentar o período de luto. E a melhor maneira de o conseguir é retomar os trabalhos no túmulo de Siptah. Se recusares, condenas-me à morte.

— Majestade...

— Os setenta dias da mumificação não me bastam. Preciso de muito mais.

— Destruir a obra realizada seria uma falta imperdoável.

— Não te peço nem que destruas nem que construas outro túmulo.

Essa tarefa levaria demasiado tempo e devo permanecer dentro dos limites do aceitável para os meus adversários.

— Quais são esses limites, Majestade?

— Cem dias, no máximo. Se tomares as precauções necessárias, conseguirás.

— Temos a certeza de cair num poço funerário e causar graves prejuízos ao túmulo, sem evocar a ruptura da harmonia que esses trabalhos provocariam. O corpo de luz do Rei Siptah deixaria de encontrar-se no crisol alquímico que foi concebido especialmente para ele e a sua

sobrevivência tornar-se-ia incerta.

A Rainha fechou os olhos alguns instantes.

— Não podias apresentar melhor argumento, mestre-de-obras. Sentia uma profunda afeição pelo defunto Faraó e não realizarei qualquer gesto susceptível de o prejudicar. A minha ordem está portanto anulada e o vizir Hori escreverá para confirmar esta decisão.

Tausert contemplou o colosso.

— O Lugar de Verdade sai sempre vitorioso dos combates que trava, não é verdade? Deveria oferecer-me um pouco da sua força.

— Tencionava propor-vos isso mesmo, Majestade.

A regente ficou intrigada.

— Se me é impossível modificar a arquitectura e a decoração do túmulo de Siptah, porque não incidir sobre o mobiliário funerário? Encomendai-nos leitos, tronos, vasos e outros objectos de primeira qualidade que não teremos tempo de fabricar durante os quarenta dias que nos separam do final da mumificação. Sem vos mentir e sem trair o espírito da confraria, responder-vos-ei que precisamos de um prazo suplementar. Um prazo de pelo menos três meses.

— A ideia é sedutora, Paneb. Mas Sethnakht sabe que o equipamento funerário de Siptah já está pronto e conhece a competência dos membros da confraria. Fabricar algumas peças suplementares não vos demoraria tantos dias.

A objecção da Rainha era pertinente. Esta voltou a sentar-se, com o rosto grave.

— Graças à Pedra de Luz, criais ouro, não é verdade?

O mestre-de-obras demorou a responder.

— Em certas condições...

— Eis então o que anunciarei à corte: serão efectuados trabalhos de última hora no túmulo de Siptah e serão criados diversos objectos excepcionais, particularmente ceptros, coroas e uma grande capela de ouro. A quantidade necessária será retirada do Tesouro e entregue logo que possível à aldeia em barco especial.

— Nesse caso, é inútil proceder a uma fabricação alquímica.

— Pelo contrário, mestre-de-obras! A fim de provocar a reacção de Sethnakht, exigirei uma grande quantidade de ouro. Ele protestará alto e bom som, afirmando que o Tesouro em breve terá que financiar um esforço de guerra e que não deve ser delapidado das suas riquezas. Depois de uma discussão, curvar-me-ei, sem no entanto renunciar às minhas exigências referentes ao equipamento funerário de Siptah. Ficaremos então num impasse.

— E devereis então revelar que a confraria pode mesmo assim realizar essa tarefa, mas necessitando de um prazo suplementar.

— Por outras palavras, Sethnakht compreenderá que o Lugar de Verdade possui a capacidade de produzir ouro. Mas aceita o seu mestre-de-obras que a regente revele esse segredo?

— Se a regente se tornar Faraó e continuar a proteger a aldeia, porque não?

— Mesmo aplicando esta estratégia, não tenho a certeza de triunfar.

— Obrigado pela vossa franqueza, Majestade.

— Que decisão tomas, mestre-de-obras?

— Visto que me pedis que embeleze o equipamento funerário do Faraó defunto, não tenho qualquer razão para recusar.

Tausert disfarçou a sua emoção.

Uma vez mais viu Paneb como um homem de Estado de envergadura, mas não o era já no lugar que ocupava?

— Majestade,... Qual será a vossa sorte em caso de fracasso?

— Ignoro-o e não me preocupo com isso. Tudo o que desejo é evitar ao país uma guerra preventiva que seria um desastre. Não tenho nenhuma outra razão para lutar pelo poder.

Paneb soube que a Rainha Tausert era sincera. Naquele instante, ela pareceu-lhe frágil, de tal forma tinha necessidade de reconforto.

Se a tivesse tomado nos seus braços, sem dúvida ela não teria resistido. Mas era a Rainha do Egito e a regente das Duas Terras e ele o mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

O que tinham a construir juntos era mais importante do que uma paixão sem futuro, visto que ele nunca abandonaria a aldeia nem a confraria.

Depois de ter batido os pés de impaciência durante vários dias por causa das avarias sofridas pelo seu barco rápido e que o estaleiro naval demorara um tempo louco a reparar, Paneb estava enfim prestes a partir de regresso a Tebas.

Um oficial da guarda de elite interpelou-o.

— O vizir Hori quer ver-vos.

— O vizir? Mas o meu barco está à minha espera e...

— Segui-me.

O tom era imperioso. Com certeza a Rainha Tausert ordenara ao seu primeiro-ministro que fornecesse alguns esclarecimentos ao mestre-de-obras.

Hori, que estava a trabalhar desde a madrugada, era uma personagem austera e fria que não se alargava em fórmulas de delicadeza. Desde a sua nomeação, que lamentara, o novo vizir tinha estudado a totalidade das pastas que lhe foram confiadas pela Rainha e conversara a sós com cada ministro, incluindo Sethnakht, para tomar conhecimento dos problemas específicos de cada sector de actividade.

— Sois realmente o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, Paneb o Ardente?

— Sou.

— Considerais-vos responsável pelos artesãos colocados sob as vossas ordens?

A pergunta abalou Paneb como um soco.

— Como ousais duvidar?

— Como não duvidar de um chefe que nomeia um bandido para um posto importante?

O colosso estava estupefacto.

— Um bandido... Mas de quem falais?

— As autoridades judiciais tebanas fizeram chegar às minhas mãos uma pasta com as faltas graves cometidas por um artesão da vossa confraria durante a festa dos barqueiros. Esse malandrim seqüestrou duas mulheres, bateu-lhes e tentou violá-las. Reconheceu ser casado e enganar a sua jovem mulher com as esposas dos seus colegas. Considerando que pertence ao Lugar de Verdade e tendo em conta o papel que a regente pretende fazer desempenhar pela vossa confraria, desejo uma investigação profunda e discreta, tanto mais que o culpado é um dos vossos braços direitos.

— O nome dele - exigiu Paneb, consternado.

— É assistente de chefe de equipa e chama-se Aperti.

O colosso julgou que o palácio real desabava sobre os seus ombros.

— Aperti é meu filho - revelou. - Não é assistente de chefe de equipa mas um simples gesseiro.

Nenhuma emoção animou o rosto do vizir Hori.

— Considerando a gravidade dos factos, este assunto não será abafado, tanto mais que a interpelação do vosso filho se verificou fora do território do Lugar de Verdade. É claro, no

entanto, que a responsabilidade deste não pode ser comprometida.

— Ele não deve comparecer diante do nosso tribunal?

— Estais no direito de o exigir, com efeito; mas aviso-vos em relação a essa atitude. Ao procurar circunstâncias atenuantes, mais não faríeis do que atrasar o processo, mas o assunto chegaria apesar de tudo ao meu tribunal. Não conteis principalmente com a minha indulgência.

— Seja ou não meu filho, Aperti é um artesão gesseiro e deve ser julgado por aqueles que o formaram.

Hori levantou-se.

— Fazeis mal em desafiar-me, mestre-de-obras.

— Respeito simplesmente a nossa lei.

Logo que foi anunciado o barco rápido a bordo do qual devia vir Paneb, que escapara aos mercenários pagos por um dos seus agentes em Pi-Ramsés, o general Mehi abandonou a caserna principal de Tebas e dirigiu-se ao desembarcadorio, ansioso por ver surgir um mestre-de-obras dotado de novos poderes. Talvez a regente lhe tivesse mesmo atribuído adjuntos.

Mas Paneb desceu sozinho a passarela e não tinha a expressão satisfeita de um dignitário ao qual acabam de ser concedidas honrarias inesperadas.

— Haveis feito boa viagem?

— Podeis acompanhar-me à prisão, Mehi? Talvez precise do vosso apoio.

— À prisão... Mas porquê?

— Porque devo tirar de lá o meu filho para o conduzir à aldeia onde será julgado.

— Trata-se sem dúvida de um equívoco que vamos dissipar imediatamente.

— Foi porque ele provocou perturbações durante a festa dos barqueiros.

— Ah... O caso é sério, porque o incidente fez grande barulho.

Gostaria de vos ajudar, mas...

— O vizir Hori está ao corrente.

Mehi ficou com uma expressão perturbada.

— Espero que o vosso filho compreenda que agiu mal e que se emende.

Quando os dois homens se aproximavam da prisão, Mehi atreveu-se a fazer a pergunta que lhe queimava os lábios:

— Viste a regente? -Tive essa honra.

— Como está Sua Majestade?

— Governa.

— Tranquilizais-me, Paneb.

Como o mestre-de-obras não parecia demonstrar o mínimo interesse pelos assuntos de Estado, Mehi concluiu que a sua viagem se saldara por um fracasso. Com certeza, apresentara em vão à regente uma solicitação referente ao Lugar de Verdade.

Tranquilizado, o general abordou com altivez o director da prisão e ordenou-lhe que entregasse o prisioneiro Aperti a fim de ser transferido para o Lugar de Verdade. A presença do mestre-de-obras sossegou o funcionário.

O filho de Paneb foi retirado da sua cela. Não parecia de forma alguma alquebrado pela detenção.

— Até que enfim, pai! Começava a impacientar-me...

— A polícia vai conduzir-te até à aldeia. Permanece em casa e, sobretudo, não saias de lá com nenhum pretexto.

— Sabes, não fiz nada de grave e...

— Obedece.

Pelo tom do pai, Aperti sentiu que mais valia adiar a discussão para mais tarde.

— Preciso da pasta de acusação completa - disse Paneb ao general.

O mestre-de-obras expôs o resultado da sua entrevista com Tausert à Mulher Sábia, ao escriba do Túmulo e ao chefe da equipa da esquerda.

— Tomei uma decisão sem vos consultar - reconheceu - mas tinha que responder à Rainha.

— Agiste bem - considerou Kenhir. - É ela que governa o país e reconhecemo-la como nossa soberana.

Hai estava inquieto.

— Estaremos em condições de produzir a quantidade de ouro necessária?

— Não será fácil - admitiu a Mulher Sábia. - O processo é complexo e queimar etapas conduzir-nos-ia ao fracasso.

— Então, não percamos tempo!

— É preciso em primeiro lugar convocar o tribunal - decidiu Paneb.

— Li a pasta referente ao teu filho - afirmou Kenhir. - É muito pesada. Aperti não tem qualquer desculpa.

— Mas ele pertence à confraria - lembrou o chefe da equipa da esquerda - e é um bom gesseiro. Quem não cometeu disparates durante a juventude?

— Já não se trata de disparates - lembrou o escriba do Túmulo - mas de adultérios, de agressões e de tentativas de violação! Aperti está dominado por uma violência bestial e faz troça das nossas regras de vida. Várias esposas de artesãos apresentaram queixa contra ele. Talvez algumas tenham sido provocadoras, mas a maior parte delas foram importunadas, ou seja, brutalizadas por esse malandro.

Paneb não apresentou nenhuma objecção.

— Reuniremos o tribunal amanhã de manhã.

Uabet a Pura estava lavada em lágrimas.

— Porquê... porquê agiu ele assim? A esposa adora-o, está pronta a tudo para o fazer feliz e ele maltrata mulheres casadas! Oh, Paneb... O nosso filho tortura-nos!

A frágil Uabet refugiou-se nos braços do colosso.

— Os deuses infligem-te dolorosos golpes - disse-lhe ele -, mas deram-te Selena que talvez seja a nossa futura Mulher Sábia.

— Tens razão... Esta garota é tão luminosa como a Clara.

— São horas, Uabet.

— Prefiro ficar aqui.

Paneb dirigiu-se para o pilone do templo de Hathor e de Maet, diante do qual os aldeões se tinham reunido. Aperti estava enquadrado por Nakht o Poderoso e Karo o Mal-humorado.

— Como mestre-de-obras do Lugar de Verdade, compete-me presidir ao tribunal. Mas o acusado é meu filho e poderiam acusar-me de parcialidade. Pela pluma da deusa Maet, juro que assim não acontecerá. No entanto, algum de vocês me recusa?

Ninguém se manifestou.

— Queira o escriba do Túmulo ler a acta de acusação.

Lentamente, Kenhir enumerou as culpas de Aperti e referiu as queixas apresentadas contra ele. O rapaz sorria, certo de que o tribunal da aldeia pronunciaria contra ele uma pena muito mais leve do que a de Tebas este e que sairia vencedor da longa questão jurídica prestes a iniciar-se. A sua qualidade de membro da confraria conferia-lhe uma espécie de imunidade face ao mundo exterior.

— Que o acusado se defenda - ordenou Paneb.

— Não passam de patranhas de mulheres com os calores! - protestou Aperti, trocista. - Tiveram o que procuravam, não? Não vale a pena fazer tantas histórias por causa disso!

— O acusado reconhece os factos?

— Quanto a isso, sim! Todas tiveram prazer. As mulheres gostam dos verdadeiros machos e tenho a sorte de ser um deles.

Um doloroso silêncio pesava sobre a assembleia, chocada com a arrogância de Aperti.

— Eis o castigo que proponho - declarou o mestre-de-obras: - filho de Uabet A Pura e de Paneb o Ardente, o gesseiro Aperti, tendo sido reconhecido culpado de violências graves contra a pessoa humana e de violação da regra de Maet, deixou de ser digno de pertencer à nossa confraria. Em consequência disso, deve ser expulso do Lugar de Verdade. A sua esposa obtém o divórcio que solicita e que é pronunciado contra o marido. Aperti nunca mais franqueará a porta da aldeia e o seu nome será riscado do Diário do Túmulo, como se nunca tivesse existido. Nenhum artesão o reconhecerá como membro da tripulação. Para finalizar, o pai e a mãe renegam-no e não tem mais direito à qualidade de filho.

O grande conselho ouviu com espanto a proposta da regente. Sethnakht foi o primeiro a reagir.

— A quantidade de ouro que exigis é demasiada, Majestade!

— Recusareis honrar a memória do Faraó Siptah?

— Claro que não, mas devemos preservar as nossas riquezas para financiar um esforço de guerra que muitos, a começar por mim, consideram inevitável!

— Os últimos trabalhos no túmulo do nosso Rei defunto em breve estarão terminados - revelou Tausert - e o seu mobiliário funerário será digno de um grande Rei. Mas faço questão que disponha de ceptros e de coroas em ouro, bem como de uma ampla capela do mesmo metal sobre a qual serão inscritas as fórmulas de ressurreição. Reflecti na minha proposta e tornaremos a falar disso no próximo conselho.

A regente levantou-se.

— Quero ver-vos em particular, Sethnakht.

O velho dignitário seguiu a Rainha até uma pequena sala de audiências, ao abrigo de ouvidos indiscretos.

— Majestade, oponho-me formalmente a qualquer saída de ouro das nossas reservas.

— Estareis pronto a bloquear pela força o acesso ao Tesouro?

— Majestade...

— Semelhante insubordinação conduzir-vos-ia à prisão.

— Os meus partidários reagiriam com violência! E vós não desejais de forma nenhuma uma guerra civil, não é verdade?

— Admito que sim.

— Então, renunciái! De momento, o Egito deve preservar integralmente a sua reserva de ouro.

— Admito isso igualmente. Aceitais, no entanto, que o equipamento de eternidade de Siptah seja completado como eu referi?

— Aceito o princípio, mas...

— Não tocarei no Tesouro - prometeu a Rainha - mas os objectos em ouro serão feitos mesmo assim. Tenho a vossa aprovação?

— Com que magia tencionais conseguir isso?

— Pedirei ao Lugar de Verdade que faça o necessário. O olhar de Sethnakht ensombrou-se.

— Tencionais entregar-lhe ouro em segredo?

— Sabeis bem que isso é impossível.

— Acreditais então na lenda! A confraria será verdadeiramente capaz de fabricar ouro?

— Ouso esperá-lo.

— De facto, Majestade, apenas procurais ganhar tempo.

— Procuo tornar a Morada de Eternidade de Siptah tão eficaz e poderosa como deve ser, de acordo com os nossos rituais e símbolos. Se estais em desacordo com este dever, considerado essencial pelos nossos antepassados, proclamai-o diante do grande conselho.

— Quanto tempo exige o mestre-de-obras?

— Compete-lhe a ele dizer.

— Dir-mo-á, Majestade, podeis ter a certeza!

A Mulher Sábia tratava Uabet a Pura de uma grave depressão, mas o melhor remédio era a presença atenta da pequena Selena, que cuidava da mãe como uma experiente auxiliar de enfermagem, seguindo à letra as prescrições de Clara.

— Onde está o teu pai? - perguntou Uabet quando conseguiu finalmente falar.

— O papá foi trabalhar - respondeu a garotinha. - A Mulher Sábia disse que logo que pronunciasses algumas palavras começarias a curar-te.

— Curar-me... Como posso curar-me? O teu irmão foi-se embora!

— Não, foi expulso da aldeia porque cometeu crimes. Uabet não tivera a coragem de explicar a Selena que aquela decisão equivalia a uma condenação à morte. Não sendo já membro da confraria, Aperti seria julgado por violação como qualquer outro criminoso e seria pronunciada contra ele a pena capital.

Uabet nunca pensara que o marido fosse tão severo. Mas era também o mestre-de-obras e escolhera a via da sua função e não a do pai... Como podia a mãe de Aperti admiti-lo? É verdade que Paneb não era o único responsável, visto que o tribunal teria podido moderar a sentença; mas nenhum dos seus membros detectara circunstâncias atenuantes. E como Aperti deixara a aldeia injuriando os artesãos e as mulheres que seduzira, ninguém lamentara a severidade do julgamento.

Um monstro... Sim, Aperti era um monstro, mas continuava a ser seu filho e ela não perdoaria a Paneb tê-lo enviado para a morte. Se o colosso tivesse defendido a causa do seu filho, os jurados ter-lhe-iam dado ouvidos.

— Tens que comer um pouco de puré de favas, mamã... Fui eu que o preparei.

Uabet sorriu.

— Não tenho fome, querida.

— Faz um esforço... Fazes, diz lá? A doente cedeu.

— Tu és já uma pequena feiticeira!

Finalmente uma noite sombria, graças à lua nova e a algumas nuvens! Munido de um cinzel, o traidor saiu da aldeia passando pela necrópole a fim de evitar Besta Terrível que, como era seu hábito, devia dormir junto da grande porta de entrada.

Era o momento ideal para alcançar o Vale das Rainhas antes da distribuição das tarefas que Paneb anunciaria na manhã seguinte.

A expulsão de Aperti alegrara e entristecera simultaneamente os aldeões. Alegrara porque aquele rapaz “com mau fundo”, segundo a expressão de Niut a Vigorosa, teria acabado por prejudicar gravemente a confraria; entristecera porque Paneb e a esposa tinham sido atingidos na sua carne. Mas todos tinham apreciado o rigor do mestre-de-obras, que soubera esquecer que

Aperti era seu filho para salvaguardar o Lugar de Verdade.

Os que acreditavam que Paneb o Ardente seria um mestre-de-obras fraco e manipulável enganaram-se pesadamente, pensou o traidor; nada nem ninguém o fará desviar do seu caminho e será para mim um inimigo implacável.

O traidor meteu pelo carreiro que passava perto do santuário de Ptah, o patrono dos construtores, e da deusa do silêncio, e depois dirigiu-se para a extremidade meridional da necrópole tebana, ocupada pelo Vale das Rainhas.

Era guardada por polícias que vigiavam o conjunto das Moradas de Eternidade onde residiam as rainhas, as filhas de rei e os príncipes. Mas o traidor conhecia os locais onde eles se colocavam e contorná-los-ia sem dificuldade.

Desconfiado, penetrou no acampamento onde se alojavam os artesãos quando trabalhavam muito tempo naquele lugar. Construído em setecentos metros quadrados, era composto por pequenas casas de pedras soltas e oficinas de pintura e escultura. O traidor receava que um ou dois artesãos da equipa da esquerda tivessem decidido dormir ali, mas o local estava deserto.

Graças às informações recolhidas pela esposa, conhecia a localização do pequeno túmulo de princesa onde fora depositada a gansa de ouro contendo a Pedra de Luz. O caminho estava livre, mas no entanto avançou com cuidado, como uma fera à caça.

E a sua prudência, uma vez mais, evitou-lhe ser surpreendido.

Num lugar pouco habitual, não longe do túmulo, havia um guarda adormecido. Que fazer? Suprimir o polícia era uma solução... Mas se este resistisse, se alertasse os camaradas, o traidor não lhes escaparia. Enquanto procurava em vão outro meio, a sorte sorriu-lhe. O guarda espreguiçou-se, escarrou e foi colocar-se mais longe.

Desta vez o caminho parecia realmente livre. E se se tratasse de uma nova cilada? O polícia talvez tivesse fingido afastar-se para melhor o atrair a uma rede.

Depois de ter descrito círculos em redor do seu objectivo, o traidor sentiu-se tranquilizado.

Não detectando nada de insólito, quebrou o selo de lama seca e empurrou a porta de madeira leve que, no fim dos trabalhos de reparação, seria substituída por outra, de acácia maciça.

Tal como esperava, a gansa de ouro tinha sido colocada perto da entrada.

Uma peça magnífica. Cinzelada com tanta perfeição que se poderia julgar que o animal estava vivo!

Por um instante, o artesão lamentou ter de destruir uma tal obra-prima, mas era obrigado a fazê-lo. Utilizando o cinzel, arrancou a cabeça à gansa.

No interior, uma espécie de embrulho.

O traidor abriu o ventre da escultura a fim de extrair a riqueza oculta. Cortou sem dificuldade o fio de linho e descobriu finas placas de ouro, prata e cobre, símbolos dos metais celestes destinados a favorecer a vida luminosa da ressuscitada que a gansa tinha como missão guardar e conduzir ao céu.

Um pequeno tesouro digno de interesse, mas não era a Pedra de Luz!

Mais uma esperança que se desmoronava... O traidor fizera mal em seguir aquela pista. O verdadeiro esconderijo da Pedra só podia ser no templo de Hathor e de Maet.

Desdenhando o saque ilusório, saiu do túmulo cuja porta tornou a fechar. Teve que

ultrapassar a decepção e manter o sangue-frio a fim de abandonar o Vale das Rainhas sem ser detectado.

— Um roubo no Vale das Rainhas? - espantou-se Kenhir, que o chefe Sobek recebia no seu modesto gabinete do quinto fortim.

— Alguém penetrou no túmulo de uma princesa, visto que o selo foi quebrado.

Alertado, o mestre-de-obras dirigiu-se imediatamente ao local em companhia do chefe da equipa da esquerda. Juntos, constataram os estragos.

— Que estranho ladrão! - espantou-se Hai. - Esventrou a gansa para saber o que ela continha, mas não levou as plaquinhas de metal!

— Elas não lhe interessavam, porque procurava a Pedra de Luz.

— Aqui, neste túmulo de princesa?

— Deve ter suposto que a gansa guardiã escondia o mais importante dos nossos tesouros. Alguns artesãos da tua equipa dormiram no acampamento a noite passada?

— Que eu saiba, não, mas vou-me certificar.

Hai fez todos os artesãos da equipa da esquerda comparecer diante do chefe Sobek e do mestre-de-obras, que os interrogaram sem cerimónias. Os seus testemunhos, tal como o inquérito realizado no interior da aldeia, conduziram a uma certeza: na noite do roubo, o acampamento do Vale das Rainhas estava completamente vazio de qualquer ocupante.

— Os meus homens demonstraram uma negligência terrível - lamentou Sobek -, e sou eu o responsável!

— Pára de te torturares - recomendou Paneb. - O traidor seguiu uma falsa pista porque julgou que tínhamos tirado a Pedra de Luz da aldeia. Agora que tomou consciência do seu erro, vai retomar as investigações.

— Os polícias colocados no Vale das Rainhas não eram os melhores, confesso, mas de qualquer forma não são principiantes!

— O traidor é hábil e desconfiado - lembrou o mestre-de-obras.

— Já reparaste que nos escapa há muitos anos e que estou diariamente a seu lado sem conseguir identificá-lo?

— Como pode um homem, por muito hábil que seja, evitar cometer o mínimo erro há tanto tempo? Só pode tratar-se de um demónio surgido das caldeiras do inferno, que devorou um artesão por dentro e assumiu o seu rosto, - Não te enganas.

O polícia núbio ficou petrificado.

— Também tu acreditas nisso?

— Considero os humanos capazes de todas as baixezas, mas este ultrapassou os limites conhecidos. O Lugar de Verdade iniciou-o, educou-o, alimentou-o, ofereceu-lhe a visão dos mistérios, permitiu-lhe viver a fraternidade... E ele só procura destruí-lo! Tens razão, Sobek só um demónio tem o coração tão podre.

O guarda da porta principal da aldeia inclinou-se diante do mestre-de-obras.

— O escriba do Túmulo espera-vos em sua casa.

Nem uma dona de casa à conversa em frente da porta, nem uma criança a brincar...

A porta da casa de Kenhir estava aberta. Sentada num tamborete, Niut a Vigorosa abandonara a vassoura e os espanadores.

— No gabinete - murmurou ela.

Kenhir estava prostrado no seu cadeirão.

— O teu filho, Paneb... O carteiro trouxe-nos uma cópia da condenação: trabalhos forçados perpétuos numa mina de cobre do Sinai. Fez apelo ao tribunal do vizir, mas Hori não modificará a pena de imediato. No nosso país, a violação é um crime severamente castigado.

Paneb permaneceu longamente imóvel.

— Visto que já não é membro da confraria, não temos qualquer forma de o defender.

— Já o sabeis, Kenhir. tal como todos os que aprovaram o castigo que eu propus.

— Não te censuro nada, mas era um rapaz, poderia ter mudado...

— Bem sabeis que não.

Kenhir baixou os olhos.

— Mesmo assim, interviremos implorando a clemência da justiça.

E havemos de acabar por consegui-la.

— Depois do almoço, reunirei as duas equipas no templo para determinar as suas tarefas futuras.

A solidez do colosso fascinava o velho escriba; Paneb o Ardente controlara numerosos fogos a fim de os colocar ao serviço da obra. Quando Kenhir pressentira no jovem animal fogo um ser excepcional, não se enganara; e Néfer o Silencioso, apesar das aparências e de tudo o que opunha e diferenciava os dois homens, também não se enganara ao escolhê-lo como sucessor.

No chão do primeiro compartimento havia alguns grãos de areia. Eram dificilmente visíveis, mas a casa era em geral tão bem mantida por Uabet a Pura que saltaram aos olhos de Paneb. Desde o seu casamento que ela não cometia uma tal negligência.

— Estás aí?

Uabet saiu do quarto vestida como sacerdotisa de Hathor, esguia e frágil.

— Vais a uma cerimónia?

— Não, Paneb. Pedi à Mulher Sábia que me nomeasse guardiã dos oratórios.

— Não é uma tarefa demasiado pesada para uma mãe de família?

— O meu filho desapareceu, a minha filha vive em casa de Clara onde se inicia na arte de curar... Deixo esta casa e deixo-te a ti, Paneb.

— Queres... divorciar-te?

— Amei-te, à minha maneira, tanto quanto podia amar. Mas tu condenaste Aperti e eu não posso nem perdoar-te nem continuar a ser tua esposa. Se ficasse junto de ti, acabaria por te odiar.

— Reflectiste profundamente?

— As minhas palavras não to provam?

O colosso conhecia suficientemente a mulher para saber que não voltaria atrás.

— Concede-me um favor, Uabet: que o divórcio seja pronunciado contra mim.

— Mais vale que a justiça seja aplicada. Visto que sou eu que parto, mantém esta casa que é digna do mestre-de-obras da confraria. Eu habitarei na que Aperti ocupava. A esposa dele regressou a Tebas e o Estado pagar-lhe-á uma pensão. Doravante, assegurarei a manutenção dos oratórios da aldeia e prepararei as oferendas. Haverá existência mais invejável?

— Uabet...

— Não me toques, Paneb. O meu vestido de cerimónia é novo e não suportaria que ficasse amarrotado.

Depois de uma tentativa vã de conciliação, o divórcio foi pronunciado por Kenhir num clima sereno e digno. Foi atribuída ao mestre-de-obras uma empregada doméstica, igualmente apta para cozinhar; Uabet a Pura optou por se desembaraçar sozinha. O ex-marido comprometeu-se a entregar-lhe metade do seu salário e os rendimentos dos seus campos. Como a divorciada permanecia na aldeia, todos constatariam facilmente que nada lhe faltava.

Faltava determinar a sorte de Selena, que foi chamada perante o júri.

— Em casa de quem preferes residir - perguntou-lhe Kenhir com a sua voz mais calorosa -, na do teu pai ou na da tua mãe?

Concentrada, a rapariguinha demorou um longo tempo de reflexão.

— Agora tenho três casas: a do papá, a da mamã e a da Clara. Tenho sorte, não é verdade? Prefiro manter as três.

Nem Paneb nem Uabet apresentaram objecções.

— Experimentemos assim - aceitou Kenhir. - Se surgirem dificuldades, o tribunal reunir-se-á de novo.

— Para começar, vou ajudar a mamã a arrumar as suas coisas. Depois, ajudarei Clara a lavar frascos.

Selena afastou-se com Uabet.

— Esta pequena não cessa de me surpreender - considerou Kenhir. - Não se assemelha a nenhuma outra criança.

— Não imaginais a que ponto gosta de rir - precisou Clara - mas quando aprende, abre as orelhas de tal forma que o ensinamento circula em todo o seu ser e a toca no coração. Sem deixar de ser uma garota, é já mais profunda do que a maior parte dos adultos.

— Será portanto ela a suceder-te - avançou Paneb.

— Se os deuses quiserem... E tu, como suportas esta provação?

— As coisas estão bem assim. Talvez tenha feito mal em não confiar a Uabet a posição que adoptaria no processo de Aperti, mas sabia que iam estar em desacordo. Sem mim, e mais próxima das sacerdotisas de Hathor, conseguirá uma espécie de felicidade.

Clara sentiu que a força interior do colosso não fora afectada. Pelo contrário, o drama que enfrentava obrigava-o a viver a sua função ainda mais intensamente.

A Mulher Sábia e o mestre-de-obras avançaram lentamente em direcção ao templo.

— Quanto mais capacidades um homem possui - diziam os Antigos - mais terríveis são as

provações que enfrenta... Devo estar cheio de inumeráveis dons!

— O caminho do mestre-de-obras é simultaneamente vasto como o universo e apertado como o carreiro da sua própria existência. Conforme o lugar onde o teu olhar poisar, tens a sensação que o templo se edifica ou que os fracassos se acumulam.

— Por outras palavras, não me concedes nem um segundo para me entristecer com a minha sorte.

— Por um lado, é um exercício fútil para o qual não possuis qualquer talento; por outro, deves dirigir os trabalhos do Lugar de Verdade. Seria razoável hesitar entre essas duas opções?

O colosso beijou com respeito as mãos da mãe da confraria.

Depois dos golpes que o mestre-de-obras sofrera, alguns artesãos esperavam vê-lo enfraquecido ou hesitante. Mas a voz continuava a ser potente e o porte imperioso.

— A Rainha Tausert ordenou-nos que preparássemos a Morada de Eternidade do Faraó Siptah e o seu equipamento, tendo em vista a cerimónia dos funerais. A equipa da direita partirá amanhã para o Vale dos Reis a fim de verificar o túmulo nos seus mínimos pormenores e a equipa da esquerda fabricará os objectos cuja lista lhe será comunicada por Hai.

— Isso vai demorar pouco tempo - considerou Karo o Mal-Humorado.

— O material funerário de Siptah está completo - acrescentou o marceneiro da equipa da esquerda.

— Dei-vos a versão oficial que foi comunicada à corte de Pi-Ramsés - esclareceu o mestre-de-obras. - O nosso verdadeiro trabalho anuncia-se mais delicado. Precisamos de criar ceptros, coroas e uma capela coberta de hieróglifos.

— Em que materiais? - interrogou Gau o Exacto.

— Em ouro.

— Em ouro! - repetiu Tuti o Sábio, estupefacto. - Mas será fornecido por quem?

— Produzi-lo-emos - afirmou a Mulher Sábia -, desde que consigamos o apoio do nosso antepassado fundador, Amen-hotep I. Sem ele, seria o fracasso.

O traidor exultava. Para fazer o ouro, o mestre-de-obras teria de tirar a Pedra de Luz do seu esconderijo e trabalhar numa oficina especial guardado por determinados artesãos. E ele seria certamente um de entre eles.

Nesse caso, competir-lhe-ia desembaraçar-se de um ou dois colegas, fosse por que meios fosse, e apoderar-se do tesouro.

Amen-hotep I era honrado no decurso de diversas festas, na mais importante das quais se realizava uma procissão e um banquete memorável. Mas a que a aldeia se preparava para celebrar era de outra natureza, visto que cada aldeão era convidado a recolher-se diante da estátua do antepassado fundador. Não era ele o juiz supremo e, de acordo com a inscrição gravada na base da estátua, Aquele que “sabia como ver”?

Quando a Mulher Sábia se apresentou em frente da efigie, os artesãos retiveram a respiração. Da reacção do antepassado à oração silenciosa da mãe da confraria dependeria o seu futuro imediato: ou iniciar o processo de fabricação do ouro alquímico, ou informar a regente de que o Lugar de Verdade renunciava a fazê-lo, deixando assim o campo livre a Sethnakht.

Fosse qual fosse o desejo de Paneb, não podia evitar aquela consulta.

Clara permaneceu longamente em meditação, como se expusesse ao fundador os motivos daquela conversa capital. No momento em que ela se retirou, a estátua não tinha dado qualquer sinal visível de aprovação e Paneb pensou no desgosto de Tausert quando lhe dissesse que a confraria estava impossibilitada de a satisfazer.

Mas no instante em que Clara se inclinou respeitosamente, a cabeça do antepassado inclinou-se também de trás para a frente para expressar o seu consentimento.

O vigia que, do alto do primeiro fortim, observava a pista que conduzia à aldeia, engoliu um bocado de bolo inteiro.

— Corre a prevenir o chefe! - gritou, despertando o seu colega em sobressalto. - São pelo menos uma centena de soldados.

— E tu, vais fazer-lhes frente sozinho?

— Bem... Não. Vou a correr contigo.

— Abandonamos o fortim?

— Não o podemos defender só nós os dois!

Os polícias não tinham falta de coragem, mas a gravidade da situação exigia a presença de Sobek e de nada serviria fazerem-se massacrar.

Por pouca sorte, aquela vaga de assalto verificava-se no único dia de repouso depois de mais de um mês e a guarda fora aligeirada; felizmente, o chefe Sobek encontrava-se no segundo fortim, onde examinava o estado das paredes de tijolos.

— Chefe, chefe, um verdadeiro exército, com carros!

— Coloquem os blocos atravessados no caminho.

Os polícias apressaram-se e Sobek instalou-se em frente da modesta barragem.

À vista do atleta negro, o carro da frente abrandou antes de parar, a menos de um metro dele. Pelo capacete e pela couraça, o núbio reconheceu Mehi.

— Onde pretendeis ir, general?

— Recebi a ordem de conduzir o mestre-de-obras a Tebas.

— Ordem de quem?

— De Sethnakht em pessoa.

— Não conheço.

— Estás a brincar com quem, Sobek?

— Não recebo ordens senão do Faraó, do mestre-de-obras e do escriba do Túmulo.

— Sabes bem que os teus polícias não terão qualquer peso diante dos meus soldados.

— Veremos no terreno.

— Não esqueças que eu também sou obrigado a obedecer!

— Se Sethnakht quer falar com o mestre-de-obras, ele que venha à zona dos auxiliares. E se o mestre-de-obras aceitar recebê-lo, tudo correrá bem.

— É a tua última palavra?

— Se atacardes, Mehi, defender-nos-emos.

Instalado na luxuosa mansão de Mehi, Sethnakht não suportava a tagarelice de Serketa e não era sensível ao seu encanto. Isolara-se portanto num gabinete que dava para o jardim.

— O general acaba de regressar - avisou o intendente. Nervoso, o velho cortesão dirigiu-se ao átrio de entrada.

— Regressastes só, general?

— Como eu tinha previsto, o chefe Sobek não Ficou impressionado pela exibição de forças.

— Portanto, haveis recuado?

— Se eu tivesse atacado, os arqueiros de Sobek teriam disparado sobre os meus homens e teria havido numerosos mortos. Uma catástrofe para a vossa reputação...

A cólera de Sethnakht esmoreceu.

— Não deixa de ser verdade, general... Mas este Lugar de Verdade assemelha-se a uma fortaleza inexpugnável!

— É essa a vontade dos faraós desde a sua criação.

— O mestre-de-obras não ousaria no entanto recusar-se a receber-me!

— O chefe Sobek sugere que vos dirijais à zona dos auxiliares; talvez Paneb se encontre aí convosco.

Mehi sentiu que o velho cortesão estava profundamente humilhado e que faria a confraria pagar cara a sua arrogância.

— Sois administrador-principal da margem oeste, Mehi; não tendes nenhuma autoridade sobre o Lugar de Verdade?

— O meu papel consiste simplesmente em protegê-lo de agressões externas; por isso o chefe Sobek estava tão seguro de si. Sabe bem que os meus soldados não o atacarão.

— Mesmo que o Faraó lho ordenasse?

— Seria diferente - reconheceu o general.

— A diplomacia não é o teu forte - disse o escriba do Túmulo a Paneb - mas era preferível falares com Sethnakht. Aconteça o que acontecer, e mesmo que Tausert alcance o poder supremo, continuará a ser um homem influente. É na salvaguarda da confraria que deves pensar constantemente, mesmo que algumas actividades te desagradem. Vou organizar tudo e levar pessoalmente o teu convite a Sethnakht.

— Está bem, Kenhir.

O escriba do Túmulo ficou descansado. Não apenas Paneb não sucumbira sob o peso do seu divórcio, como até melhorara, aceitando sem relutância as obrigações do seu cargo.

— Sethnakht é um velho cortesão hábil e manhoso, vai preparar-te ciladas. Sobretudo, não fales demais e procura limitar-te a algumas verdades simples.

— Podeis contar comigo.

Vendo a expressão feroz do rosto do Ardente, Kenhir interrogou-se se a entrevista seria verdadeiramente desejável; mas ofender mais Sethnakht faria deste um inimigo irreductível.

— Promete-me ser comedido, Paneb!

— Algumas verdades simples... Será essa a minha linha de conduta.

— Arriscamo-nos a ser atacados? - perguntou Fened o Nariz a Paneb, quando se cruzou com ele na rua principal da aldeia.

— Estás muito inquieto...

O talhador de pedra, que começava a ganhar peso depois do longo período de magreza

subsequente ao seu divórcio, aceitou mal o comentário do mestre-de-obras.

— Todos temos família e recebemos a violência de um ambicioso como Sethnakht!

— Também eu estou inquieto - insistiu Pai o Bom-Pão. - Porque deseja o rival da Rainha Tausert forçar a porta da aldeia?

— Para conhecer os nossos segredos.

— Despacha-o para Pi-Ramsés - aconselhou Karo o Mal-humorado.

— Pelo contrário, negociemos! - recomendou Renupe o Jovial - Sê firme e claro - exigiu Gau o Exacto.

— Esse fulaninho não tem nada a fazer aqui - cortou Nakht o Poderoso. - O chefe Sobek deve aplicar as ordens que recebeu.

— Falarei com Sethnakht - afirmou o mestre-de-obras.

— Excelente iniciativa - aprovou Ched o Salvador. - Estou convencido que não o desiludirá.

Estava magnífica.

Ocupada a bordar, vivia o seu trabalho com paixão. Os dedos longos e finos pareciam infatigáveis e a postura evocava a de uma bailarina que terminava um movimento, já pronta para esboçar outro. Fosse qual fosse a sua tarefa, conferia-lhe graça e beleza.

— Turquesa...

A soberba ruiva ergueu a cabeça.

— Paneb! Não deves ir encontrar-te com Sethnakht?

— Ainda não chegou.

Turquesa poisou o tecido e as agulhas.

— A minha resposta é não, Paneb.

— Mas não te fiz nenhuma pergunta!

— Ousas afirmar que não desejavas falar-me da tua nova situação de homem livre? Quer sejas divorciado ou não, pouco me importa. Um voto é um voto: nunca me casarei.

— Eu tinha esperado...

— Quando renunciarás a essa esperança?

— O que pensas da decisão de Uabet?

— Uabet a Pura é sacerdotisa de Hathor, encarregada da manutenção dos oratórios. O resto não me diz respeito.

— E o que pensas da minha própria decisão referente ao meu filho?

— Apenas a atitude do mestre-de-obras me interessa. E a confraria considerou-a justa.

O colosso tomou Turquesa, impetuosamente, nos braços.

— Não tens um encontro muito importante?

— Sim, contigo.

Por ordem de Beken o oleiro, os auxiliares tinham evacuado a zona onde trabalhavam. Apenas Obed fora autorizado a permanecer na sua forja, na condição de não sair de lá. Sobek e uma dezena de polícias núbios vigiavam o local.

Sethnakht espantou-se com a ausência do mestre-de-obras.

— Não estou habituado a esperar - disse ao escriba do Túmulo.

— Paneb não demorará.

— Deveríeis preveni-lo da minha presença!

Abanando a cabeça, Kenhír dirigiu-se lentamente para a grande porta. O guarda cumprimentou-o, empurrou um dos batentes para o deixar passar e depois tornou a fechar a porta.

Embora não fosse medroso, Sethnakht sentiu-se bruscamente muito só e de forma alguma tranquilizado pela presença dos policias negros de olhar hostil. Estava convencido que, se os

artesãos o agredissem, o chefe Sobek não levantaria o dedo mindinho.

Tentar fugir ou pedir simplesmente para regressar às instalações da administração cobri-lo-ia de ridículo. Mas não teria Tausert previsto a sua reacção e organizado uma emboscada de onde ele não sairia vivo? O velho dignitário tentou tranquilizar-se pensando na Lei de Maet que a regente devia respeitar... Mas porque não aparecia o mestre-de-obras?

Quanto mais os minutos passavam, mais Sethnakht se rendia à evidência; por ordem da regente, a confraria suprimiria o último adversário que impedia uma mulher ambiciosa de tomar o poder.

Pelo menos, morreria de pé e olharia de frente o que tivesse a cobardia de o atacar.

Quando a grande porta se abriu, não pôde no entanto impedir-se de estremecer.

Paneb o Ardente, que não julgara que fosse tão colossal, dirigiu-se para ele. O mestre-de-obras estava vestido apenas com um saiote de cabedal de operário e parecia tão indestrutível como uma montanha. Sethnakht compreendeu os rumores que pretendiam que era capaz, sozinho, de derrotar uma dezena de adversários.

Ainda sob o fascínio de Turquesa, com a qual acabava de fazer amor, Paneb observou o adversário, visivelmente pouco à vontade.

— Desejáveis ver-me?

Sethnakht recompôs-se rapidamente.

— O vosso acolhimento não é dos mais calorosos, mestre-de-obras.

— Como deveis saber, a confraria está sobrecarregada de trabalho e não tenho tempo para perder em conversas. Dizei o que quereis e tentarei satisfazer-vos.

— Já que desejais ir direito ao assunto... A regente deu-vos ordem para fabricar vários objectos em ouro, mas nem uma onça desse precioso metal vos será entregue, pois que as nossas reservas devem permanecer intactas prevendo um eventual conflito. Ou não sereis capazes de obedecer à Rainha Tausert, ou produzireis vós mesmo esse ouro!

— Obedecerei à regente.

— Então a lenda será realidade?

— Em certas circunstâncias, sim.

— Quais?

— É o segredo do Lugar de Verdade.

— E se o Faraó em pessoa vos ordenasse que produzissem permanentemente ouro para alimentar o Tesouro?

— Explicar-lhe-ia que é impossível. Apenas trabalhamos para adornar a eternidade da alma real.

Sethnakht não revelou desprezo pelas afirmações do mestre-de-obras. Muito poucos seres tinham tido oportunidade de as ouvir.

— Teríeis podido mentir-me, Paneb.

— Não faz parte da minha natureza.

— Continuai então a dizer a verdade! Dentro de quanto tempo estará pronto o equipamento funerário do Rei Siptah?

— Cerca de três meses.

— É demasiado.

— A capela de ouro é uma obra complexa e a gravação dos hieróglifos exige uma elevada precisão que exclui qualquer precipitação.

— Haveis tomado o partido da regente, mestre-de-obras. e podereis vir a lamentá-lo.

— Quem censuraria ao Lugar de Verdade ter desempenhado a sua função e aos seus artesãos terem feito o seu trabalho?

— Não existe nenhum meio de completardes mais rapidamente essa encomenda?

— Nenhum.

— Reflecti melhor, Paneb.

— Só tenho uma ideia na cabeça: fabricar os objectos de eternidade para dar ao Faraó a sua plena capacidade de acção no outro mundo.

— Haveis compreendido que não sou um intriguista entre muitos? Essas manobras não me impedirão de subir ao trono do Egito e salvar o país. E quando a minha tarefa estiver cumprida, aniquilar-vos-ei.

Unesh, o Chacal, limpava nervosamente uma paleta.

— Isto tudo não me diz nada de bom.

— Não é a primeira vez que o Lugar de Verdade fabrica ouro - retorquiu Gau o Exacto, que trabalhava no desenho preparatório da capela destinada ao Rei Siptah.

— Tens razão - reconheceu Pai o Bom-Pão - mas apesar disso estamos entre a espada e a parede! E quem vai ser trespassado?

— O mestre-de-obras sabe para onde vai - afirmou Gau.

— E se não soubesse? - inquietou-se Unesh.

Nakht o Poderoso entrou na oficina dos desenhadores.

— Terminou a entrevista!

Os três desenhadores seguiram o talhador de pedra até à morada do escriba do Túmulo, diante da qual se tinham reunido outros artesãos.

— Paneb está a falar com Kenhir - referiu Tuti u Sábio.

— Não é bom sinal - considerou Casá o Cordame. - Sethnakht deve ter-lhe feito um ultimato, - Simples agitação de um conquistador de pacotilha - observou Ched o Salvador.

— Certamente que não! - objectou Karo o Mal-humorado. - Um homem cujo nome está marcado pelo deus Seth é inevitavelmente perigoso.

— A sua fúria quebrar-se-á de encontro ao nosso mestre-de-obras - prometeu Ipuí o Examinador. - Ele é que possui a verdadeira força de Seth.

— A porta da aldeia está fechada a profanos e assim permanecerá - confirmou Didia o Generoso. - E não será certamente um velho cortesão que conseguirá forçá-la.

— Se o tivesse tido à minha frente - afirmou Userhat o Leão - ter-lhe-ia retalhado a cabeça para a tornar menos pretensiosa! Mas por quem se toma esse intriguista?

— Achas talvez que a Rainha Tausert nos será mais favorável? - interrogou Casa, agressivo.

— É ela a regente e é tudo!

— Tal como Casa, eu desconfio - disse Fened o Nariz com ar sombrio.

— É isso mesmo que eu penso - repetiu Unesh o Chacal: -isto tudo não me diz realmente nada de bom.

O mestre-de-obras saiu da casa de Kenhir. Os artesãos rodearam-no.

— O que queria Sethnakht? - perguntou Pai o Bom-Pão, impaciente.

— Simplesmente conseguir os nossos segredos e a nossa obediência absoluta.

— Tu não... Tu não cedeste? - interrogou Ipui o Examinador em voz pouco firme.

— Qual é a tua opinião?

Nakht o Poderoso arvorou um largo sorriso.

— Posso dar um abraço ao mestre-de-obras?

— Nada me poderia encorajar mais a preservar a nossa liberdade.

Todos imitaram Nakht e partilharam assim uma fraternidade que, para além das vicissitudes do quotidiano, unia os artesãos como as pedras de uma pirâmide.

— Previste uma oficina especial para a fabricação do ouro? - perguntou Unesh o Chacal.

— Será preparada no templo uma Morada do Ouro.

— Quem de entre nós a guardará? - perguntou Casá o Cordame.

— Tereis suficientemente que fazer. Por isso confio essa tarefa a Trigueiro, a Besta Terrível e às sacerdotisas de Hathor.

O traidor estava furioso.

Não só o mestre-de-obras modificara o costume não escolhendo os guardas da Morada do Ouro entre os artesãos, como ainda os confinara a suas casas para que venerassem os antepassados na manhã em que se iniciava a obra alquímica.

Esse luxo de precauções impedia o traidor de se aproximar da Pedra de Luz. Não havia menos de quatro sacerdotisas de Hathor diante do pilone e outras tantas para proibirem o acesso ao templo coberto.

— Espero que não tenhas concebido um projecto insensato, pois não? - perguntou-lhe a esposa.

— De momento, o tesouro está fora de alcance; vou trabalhar, como os outros.

— O mestre-de-obras é tão desconfiado que nunca conseguirás apoderar-te da Pedra!

— Enganas-te, mulher. Em primeiro lugar, Paneb talvez não consiga produzir a quantidade de ouro necessária e, nesse caso, não continuará a ser mestre-de-obras; em segundo, supondo que satisfaz a Rainha, a sua atenção forçosamente abrandará depois desse sucesso e as medidas de segurança serão reduzidas.

— Quando acabarás por renunciar?

— Já fui longe demais... E sei onde está escondida a Pedra!

Conseguiremos, prometo-te.

— Tenho medo... Paneb não acabará por te identificar?

— Quando souber quem eu sou, será demasiado tarde, tanto para ele como para a confraria.

— Sethnakht regressou de Tebas - anunciou o vizir Hori à Rainha Tausert. - Segundo informadores dignos de confiança, vem muito descontente. A sua iniciativa saldou-se por um fracasso e o mestre-de-obras mantém os seus compromissos.

— Não duvidava disso.

— Eu sim, Majestade. Haveis-me nomeado para este posto para duvidar de toda a gente.

— Mas encontrei Paneb.

— As minhas impressões não entram em linha de conta. Na feroz batalha que vos opõe a um cortesão tão hábil como Sethnakht, podem verificar-se alterações de alianças a qualquer momento.

— Parece-me muito pessimista, Hori.

— Apenas realista, Majestade.

— Teremos perdido terreno nestes últimos dias?

— Até ganhámos.

— Nesse caso, porque estais tão sombrio?

— Porque, mesmo vitoriosa, seríeis vencida.

Tausert apreciava a franqueza de Hori. Felicitava-se por ter escolhido um homem do templo, desligado das realidades deste mundo, a fim de que ele não se alargasse em lisonjas.

— Qual é a chave desse enigma?

— Estudei as personalidades da corte e dos que estão próximo de Sethnakht. O filho mais velho situa-se nitidamente acima de todos e só ele possui a estatura de um homem de Estado. Ora, ele apoia a acção do pai, que tem certamente consciência das qualidades do filho.

— Pensas realmente que eu me curvaria sem dizer uma palavra?

— Luto todos os dias para diminuir a influência do clã de Sethnakht, Majestade, e os resultados estão longe de ser maus. Mas estou persuadido que o filho será muito mais de temer do que o pai. Afestar este apenas vos proporcionará uma satisfação de amor-próprio, não um autêntico triunfo.

As previsões do vizir Hori perturbaram a regente.

— O que me aconselhas?

— A perseverar, se pensais estar no caminho certo, mas tendo em consideração a realidade e recordando-vos que, sejam quais forem as circunstâncias, é o Egito que é essencial e não a vossa pessoa.

A porta do templo coberto fechara-se sobre a Mulher Sábia e sobre o mestre-de-obras depois deste ter retirado a Pedra de Luz do seu esconderijo e de o escriba do Túmulo lhe ter confiado o Livro da Realização da Obra, caído do céu por uma janela do espaço e guardado na biblioteca da confraria. Esta obra continha as fórmulas que dissipavam as forças negativas, assim como o processo de construção dos templos que os Antigos tinham concebido.

Clara trouxera frascos, boiões e vasos. Várias tochas iluminavam a sala onde os dois oficiais iam tentar criar o ouro alquímico. A Mulher Sábia estava vestida com um longo vestido vermelho, Paneb com um saiote branco. A passos lentos, percorreu a sala de um lado a outro, imobilizando-se em cada ponto cardeal. Tornava assim presentes os quatro orientes pelos quais passavam quatro tipos de luz: nascente a Este, potente a Sul, realizada a Oeste, secreta a Norte.

Ao centro, a Pedra.

— Tu, que não podes ser subjugada - disse a Mulher Sábia - tu, que és indomável e que nenhuma mão poderia nem talhar nem gravar, dá-nos a tua Luz.

A Pedra assumiu um tom verde-claro e, do conjunto das suas faces, emanou uma suave claridade. A obra podia começar.

— Prepara o leito de Osiris - ordenou a Mulher Sábia ao mestre-de-obras.

Paneb utilizou cinco cruces egípcias, os “signos da vida”, e dez ceptros com cabeça de Seth para formar a plataforma sobre a qual poisou uma forma contendo grãos de cevada. Uma forma que era o corpo de Osiris.

— Agora, abramos o cofre misterioso.

Colocando-se de um lado e de outro da Pedra, a Mulher Sábia e o mestre-de-obras levantaram a parte superior, como se se tratasse de uma tampa.

— Conheço esta Luz que está no interior - afirmou Clara - conheço o seu nome secreto, sei que ela é simultaneamente o Verbo e o acto.

— Vi o cofre do conhecimento - prosseguiu Paneb - sei que contém as partes do corpo desmembrado de Osiris que é simultaneamente o Egito e o Universo. Apenas a Luz os reúne.

Da Pedra, a Mulher Sábia retirou um vaso selado.

— Eis as linfas de Osiris, o líquido misterioso que dá origem à cheia e a todas as formas de energia. Graças a ele, a matéria pode ser transmutada em espírito. Demos forma à Pedra Divina.

Dos recipientes trazidos pela Mulher Sábia, Paneb conseguiu extrair pequenas quantidades de ouro, prata, cobre, ferro, estanho, chumbo, safira, esmeralda, topázio, hematite, cornalina, lápis-lazúli, jaspes vermelho, turquesa e outras substâncias preciosas que esmagou antes de os deitar num caldeirão contendo betume e resina de acácia. Vinte e quatro minerais, correspondendo às doze horas do dia e às doze horas da noite, unir-se-iam sob o efeito do fogo, libertando as suas qualidades essenciais.

— Estás agora ao abrigo da morte súbita - disse a Mulher Sábia à forma de Osiris. - O céu não se desmoronará, a terra não se voltará.

Começou a longa e delicada regulação do fogo que era necessário ora alimentar, ora acalmar. No fim do primeiro dia, Clara acrescentou à matéria obtida extracto de benjoeiro e depois, no dia seguinte, Paneb coou-a e deixou-a repousar durante dois dias. Quando voltou a colocá-la no caldeirão, completou-a com resina de terebintina e aromas; depois, moeu a mistura e secou-a num pano antes de retomar a cozedura.

No fim do sétimo dia, um olho de Hórus apareceu à superfície do magma que ocupava o caldeirão.

— Estamos no bom caminho - constatou Clara com alívio. - Precisamos agora de dissociar esta matéria para obter de um lado um pó muito fino e do outro uma pasta resinosa. Apenas as linfas de Osiris garantirão o êxito da operação.

Clara quebrou os selos do vaso e deitou algumas gotas de um líquido prateado no caldeirão. Quase de imediato, o magma separou-se em dois. Paneb recolheu o pó que sobrenadava e deixou a pasta no fundo.

— Deposita-o na forma.

O pó odorífero era de uma fineza incrível. O mestre-de-obras teve a sensação de agir como um semeador que espalhava uma nova forma de vida.

A Mulher Sábia colocou outro selo no vaso que tornou a introduzir na Pedra, cuja parte superior fechou.

O clarão verde desapareceu para dar lugar a uma irradiação de um vermelho-intenso. Por um instante, a viúva de Néfer o Silencioso vacilou.

— Clara!

A Mulher Sábia recuperou o equilíbrio.

— Continuemos.

Paneb recolheu no caldeirão um unguento negro, “a Pedra Divina”, que seria exclusivamente utilizada na Morada do Ouro para barrar as estátuas mais preciosas e conferir-lhes uma força indestrutível. Ao primeiro nascimento, dado pela mão do escultor, acrescentar-se-ia o segundo, o do unguento onde se ocultava a Luz da transmutação.

Mas esse longo trabalho permaneceria inútil e a Pedra Divina sem eficácia enquanto a última fase da obra não tivesse sido concluída com êxito.

— Deixemos passar a noite, Clara, e aproveitemos para dormir.

— É impossível, o mínimo instante de distração ser-nos-ia fatal.

A Mulher Sábia estendeu as mãos por sobre a cabeça de Osiris.

— As partes do teu corpo representam as forças secretas do Universo; reunidas, fazem-no viver. Que o oleiro acrescente a água original, que triture a matéria-prima e que o céu coloque no mundo o ouro do ressuscitado.

O mestre-de-obras decidiu-se.

— Possa nascer o espírito cintilante - prosseguiu a Mulher sábia. - Osiris é vida, uno e múltiplo. Que a Grande Obra se realize.

Clara e Paneb já não tinham nenhuma possibilidade de intervir Depois de terem seguido à risca as prescrições dos Antigos, deviam esperar o veredicto da própria matéria.

Em silêncio, oraram a Néfer o Silencioso, que vivera na sua carne e no seu espírito o processo de transmutação que tentavam reproduzir.

Osiris permanecia inerte.

Quando Paneb receava já o fracasso, uma primeira haste de ouro saiu do coração de Osiris, logo seguida por outras duas brotando-lhe dos olhos.

E o corpo inteiro ressuscitou.

A cabeleira do deus transformou-se em turquesa, o topo do crânio em lápis-lazúli, os ossos em prata e a pele em ouro.

— Começa a demorar muito - considerou Karo o Mal-humorado lançando os dados.

— Não se faz ouro como se respira - afirmou Casá o Cordame. - Sou eu a jogar.

— Perdeste outra vez - constatou Gau o Exacto.

— Não é realmente a minha noite!

— Ontem à noite também perdeste. E já nos deves um jantar.

— Viram Unesh o Chacal? - perguntou Userhat o Leão. - Andam à procura dele há um bocado.

— Foi para o lado do templo - respondeu Karo.

— Aquele é sempre curioso! Se pensa que vai saber alguma coisa antes dos outros... Enfim, pode-se sempre sonhar.

— Não há maneira de subornar as sacerdotisas de Hathor - lamentou Ched o Salvador, que se contentava em observar os jogadores. - Tenho que me convencer que o meu encanto já não funciona.

— Eu não estou nada preocupado - garantiu Renupe o Jovial. - A Mulher Sábia e o mestre-de-obras hão-de estar à altura.

— Talvez isso não baste - inquietou-se Pai o Bom-Pão. - A matéria-prima nunca é dominada! E como é livre de se comportar como lhe apetece, nada prova que o ouro seja produzido dentro dos prazos impostos.

— Faz como os que não jogam - preconizou Ched - dorme.

— Tenho medo dos pesadelos!

— Não terás a consciência tranqüila?

— Mas... Isso não tem nada a ver!

— Pára de o espicaçar, Ched - recomendou Userhat.

— Também estás ansioso? - Ansioso e irritável.

— Olá, olá! - interveio Karo. - De que vos serve excitarem-se assim?

Ched assobiou uma área lânguida, Userhat encolheu os ombros e serviu de beber.

Tanto os calmos como os sanguíneos estavam à beira da crise de nervos. Começava mais uma noite e a porta do templo coberto permanecia fechada.

A esposa do traidor acordou-o.

— Já saíram, vai depressa ver!

Emergindo de um sonho onde se vira coroadado de ouro e manejando os ceptros de Faraó, o traidor endireitou-se com dificuldade.

— De quem estás a falar?

— Da Mulher Sábia e do mestre-de-obras!

Completamente acordado, vestiu-se à pressa e correu para fora de casa. Outros artesãos e

várias sacerdotisas de Hathor estavam já reunidos diante do pilone vigiado por Turquesa, assistida por Trigueiro e Besta Terrível.

— Acabaram realmente? - perguntou uma voz de mulher.

— A obra foi realizada de madrugada.

— Isso quer dizer... que o ouro foi produzido?

— Eles próprios vos dirão.

A porta do pilone abriu-se e Clara e Paneb apareceram. A Mulher Sábia estava visivelmente esgotada e o rosto do colosso revelava alguns traços de fadiga.

— Haveis conseguido? - perguntou Fened o Nariz.

— Os antepassados foram-nos favoráveis - respondeu Clara.

Por ocasião das grandes manobras realizadas sob o comando de Mehi, os condutores de carros tinham-se lançado a toda a velocidade, sem se preocuparem em evitar os soldados de infantaria.

Houvera vários feridos e até mesmo um morto, mas era preciso tornar as tropas aguerridas tendo em conta um eventual conflito.

Satisfeito por ter verificado no terreno a competência dos seus corpos de elite e a qualidade do respectivo material, Mehi regressou a casa a triplu galope. Gostava de esgotar os seus cavalos até fazer-lhes estoirar o coração; não passavam de animais e apenas os velhos sábios do Egito acreditavam que um animal incarnava uma força divina.

Logo que o general pôs pé em terra, o seu intendente precipitou-se para ele.

— Senhor, a vossa esposa... O criado tremia.

— O que tem a minha esposa?

— Foi dominada por uma violenta cólera e quebrou muitos objectos preciosos... Ninguém se atreveu a impedi-la e eu...

— Onde está ela?

— Nos seus aposentos.

Mehi avançou sobre os cacos de vasos e cerâmicas que se tornavam cada vez mais numerosos à medida que se aproximava do quarto de Serketa. Os uivos que dali saíam eram os de uma histérica em plena crise.

A esposa do general sujava as paredes decoradas de delicadas pinturas com unguentos de elevado preço. Saltava como um gafanhoto e nem sequer se apercebeu da presença do marido.

Mehi agarrou-a pelos cabelos e esbofetou-a com tal violência que a face direita estalou.

O sangue que lhe maculava o vestido assustou Serketa.

— O que é... Quem se atreveu... Tu, Mehi, és tu?

O general agarrou-a pelos ombros e abanou-a até o seu olhar se tornar normal.

— A crise terminou, Serketa!

— Terminou... - constatou ela com voz de garotinha apanhada em falta, antes de se deixar cair sobre as almofadas.

— Porque ficaste nesse estado?

— Já não sei... Ah, sim, lembro-me agora! Uma carta... uma carta do nosso aliado do Lugar de Verdade. Informou-me que o mestre-de-obras e a Mulher Sábia conseguiram fabricar o ouro. São agora todos poderosos e nós nada podemos contra eles, nada...

— Pelo contrário, são excelentes notícias! Agora sabemos de fonte segura do que é capaz essa confraria. Mais do que nunca, os seus segredos são-nos indispensáveis.

— Tenho medo, Mehi... Seres que realizam semelhantes prodígios dilacerar-nos-ão como os grifos do deserto.

— Pára de delirar, Serketa! Droga-te com uma infusão de flores de papoila e acalma-te. Mas começa por te lavar e mudar de vestido.

Submissa, a esposa do general refugiou-se na sala de água.

Quanto a Mehi, interrogava-se sobre a forma como deveria negociar aquela nova viragem, particularmente perigosa. A confraria satisfaria portanto a regente, que ficaria orgulhosa com esse sucesso e se afirmaria mais ainda como uma mulher de poder. Mas esse sucesso passageiro não intimidaria Sethnakht nem o filho mais velho, demasiado empenhados na sua conquista do trono. Curvar-se agora perante Tausert equivaleria a assinar a sua sentença de morte.

A guerra civil era inevitável.

Mas em que campo colocar-se para, em seguida, melhor abater o vencedor?

— Estou melhor, meu querido amor, muito melhor.

Envergando um vestido novo, perfumada, com a ferida da cara tratada com um unguento, Serketa parecia de novo senhora de si.

— Não gosto muito que alguém se deixe dominar pelo desencorajamento, minha doce rolinha.

— Tens razão - reconheceu ela - mas apenas me enervei. E podes contar comigo para combater essa confraria até ao seu aniquilamento.

Depois de ter passado a manhã na companhia da pequena Selena, que aprendia com gravidade a arte de curar, Clara recolhera-se sob a persea plantada no jardim funerário de Néfer o Silencioso. O crescimento da árvore fora excepcional e dava agora uma sombra suave. Aqui, a Mulher Sábia sentia a presença do marido, vivendo nos paraísos celestes. As folhas em forma de coração da sentia brilhavam ao sol, que fazia igualmente resplandecer as fachadas brancas das casas da aldeia.

As aldeãs iam buscar água às grandes jarras e aproveitavam para trocar confidências, as crianças brincavam com bolas de trapos, os artesãos trabalhavam nas respectivas oficinas. A vida corria como o Nilo, calma, ensolarada e majestosa. O espírito do mestre-de-obras desaparecido impregnava os gestos das duas tripulações e a barca comunitária continuava a vogar no rio que, ano após ano, recolhia as lágrimas de Ísis a fim de formar a cheia e depositar nas margens a terra negra onde a vida ressuscitava.

Porque razão sobrevivia Clara tanto tempo a Néfer o Silencioso a não ser para velar para que nenhuma catástrofe, por muito grave que fosse, pusesse em perigo o Lugar de Verdade? Continuava a ser a garante dessas alegrias quotidianas às quais, no entanto, já não tinha acesso.

Trigueiro lambeu-lhe a mão e contemplou-a com os olhos cor de avelã, risonhos e confiantes.

— Tens fome?

Uma longa e ágil língua rosada lambeu os beiços.

Clara dirigiu-se para a cozinha onde a criada assava codornizes, cujo cheiro há já muito tempo pusera o olfacto do cão em alerta. Servidas em cama de favas e ladeadas com tiras de toucinho, satisfariam todos os apetites.

— Uma urgência! - avisou a esposa de Karo o Mal- Humorado. - A filha da minha vizinha acaba de se cortar na sola do pé.

— Dá de comer ao Trigueiro - pediu Clara à cozinheira.

— E vós, quando ides almoçar?

— Quando for possível - respondeu a Mulher Sábia sorrindo.

Sim, a vida continuava.

— Sentai-vos, Sethnakht, e sede breve - disse Hori. - Tenho uma manhã mais do que carregada.

Desde a sua entrada em funções, o vizir emagrecera muito e tinha a pele pergaminhada. Seguindo os passos do chanceler Bai, trabalhava de dia e de noite, aprofundava cada pasta e servia a causa da Rainha com uma absoluta fidelidade, para desespero dos adversários de Tausert.

— Exijo ver a Rainha.

O vizir encaixou-se melhor no seu cadeirão de costas direitas.

— Não sois o único.

— Não finjais ignorar quem eu sou e porque estou aqui.

— Não o ignoro, com efeito.

— Ousaríeis mesmo assim barrar-me a passagem?

— O meu papel não consiste em proteger a Rainha?

— A regente não pode dissimular-se atrás de vós, vizir Hori. Para ela, chegou a hora de prestar contas.

— As vossas pretensões não são exorbitantes?

— A minha paciência está a chegar ao limite e quero respostas claras. Recusar-se a receber-me só agravaria a situação.

O vizir levantou-se.

— Acompanho-vos então até junto de Sua Majestade.

— Aprecio muito o vosso comportamento, vizir Hori; quando eu for Faraó, terei necessidade de um homem como vós para dirigir o meu governo.

— Estou às ordens da Rainha Tausert; se ela tivesse de abandonar o poder, eu regressaria ao templo de Amon sem qualquer mágoa.

O vizir guiou Sethnakht até ao soberbo lago que ocupava o centro do jardim do palácio real.

Sentada à sombra de um sicômoro que a protegia de um sol já ardente, a Rainha parecia absorvida pelo estudo de uma estratégia que lhe permitiria vencer um jogo de senef⁶ contra um adversário invisível.

— Majestade - disse o vizir - Sethnakht deseja falar-vos.

— Que ele se instale à minha frente e jogue.

O velho dignitário obedeceu e Hori eclipsou-se.

Escoaram-se longos minutos.

— Só vejo três jogadas possíveis - concluiu Sethnakht -, mas nenhuma me evitará uma derrota rápida.

— Também é a minha opinião - declarou a Rainha.

Embora a beleza e a elegância da Rainha fossem fascinantes, o seu adversário não se deixou

deslumbrar.

— O Rei Siptah morreu há cento e sessenta e cinco dias, Majestade, e a sua mumificação apenas demorou setenta dias, de acordo com a tradição. Haveis conseguido um adiamento para lhe oferecer um esplêndido equipamento funerário, na esperança de que o Lugar de Verdade seria capaz de produzir o ouro destinado ao fabrico das obras-primas. Como estão as coisas agora?

— Recusareis deslocar uma peça?

— Esta entrevista não é um jogo. Majestade. Preciso de respostas claras.

— Acabo precisamente de receber uma do escriba do Túmulo: a capela em ouro dedicada a Siptah está terminada.

A Rainha avançou um peão.

— Isso significa... que haveis finalmente marcado a data dos funerais?

— Visto que está tudo pronto, porque havemos de adiar?

— Quereis ter a gentileza de a precisar, Majestade?

— Daqui a dez dias.

Curvando-se sobre o tabuleiro. Sethnakht aguentou o ataque de Tausert.

— Quando a porta do túmulo se fechar, o período de regência estará terminado. E deveis anunciar ao povo o nome do novo Faraó.

— Estou de acordo - admitiu a Rainha, quebrando a última defesa do velho dignitário.

— Renunciais ao poder, Majestade?

— Seria razoável? O meu defunto marido concebera um programa ambicioso de construção e de renovação dos edifícios sagrados e tenho a intenção de o levar a cabo para honrar a sua memória.

Com o rosto rígido, Sethnakht levantou-se.

— Portanto, haveis decidido desencadear uma guerra civil!

— Quem vos falou de semelhante horror? Acabemos este jogo.

— Estava de antemão perdido para mim, visto que haveis sido vós a dispor as peças. Mas a conquista do trono é um jogo muito mais cruel, do qual não sois a única a fixar as regras.

— É exacto, e tomei consciência disso graças aos conselhos do meu vizir, que me evitou que cometesse um erro trágico.

Sethnakht acedeu a voltar a sentar-se.

— Então... Renunciais?

— Considerando as convicções que nos animam, nem vós nem eu podemos renunciar.

— Escolheis portanto o confronto!

— Estais obcecado pelo desejo de combater? Existem outros caminhos para evitar que atitudes inconciliáveis conduzam a um conflito devastador.

— Não vos compreendo...

— Parto amanhã para Tebas a fim de presidir aos funerais de Siptah. O meu reinado começará no fim da cerimónia... E o vosso também.

Sethnakht ficou de boca aberta.

— Haveria... dois monarcas?

— O ser do Faraó não foi sempre formado por um par real? Tornando-me Rei ao mesmo tempo que permaneço mulher, poderia governar só, como Hatchepsut; mas não disponho das forças necessárias. É por isso que vos proponho um reinado comum. Se o vosso único objectivo é a felicidade do Egito, não recusareis.

— Teremos que... decidir tudo em conjunto?

— Residirei em Tebas e vós em Pi-Ramsés. Ocupar-me-ei de construir e vós de garantir a segurança do país. E se tivermos de entrar em guerra, precisareis do meu acordo.

— Recusá-lo-eis sempre!

— Não se os vossos argumentos forem decisivos, Sethnakht. E conto com a vossa honestidade para não disfarçardes a realidade.

— Que estranha solução...

— Pensemos no interesse das Duas Terras e nele apenas.

— A vossa confissão de fraqueza não deveria incitar-me a recusar a vossa proposta?

— Tal como eu, também não sois capaz de reinar só. Incarno uma forma de legitimidade que não podeis pisar.

Sethnakht levantou-se e contemplou o lago onde desabrochavam lótus azuis.

— Gostaria de acreditar tanto na paz como vós, Majestade, mas os acontecimentos não me autorizam a isso.

— Talvez vos enganéis... Os pessimistas nem sempre têm razão.

Quando me dareis a vossa resposta?

— Antes da vossa partida para Tebas.

Quando o velho dignitário se afastou, Tausert fez uma última jogada vitoriosa que pôs termo à partida.

Trigueiro, de cabeça poderosa, pelagem curta e sedosa e olhos cor de avelã muito vivos, brincava à bola com a pequena Selena. Intuitivo, adivinhava a direcção na qual a garotinha ia atirá-la e esticava as longas pernas antes mesmo de a criança ter terminado o gesto.

Prudentemente instalado num terraço, Encantador, o enorme gato de Paneb, assistia à cena em companhia do pequeno macaco verde que raramente permanecia no mesmo lugar mais de alguns segundos. Besta Terrível, a gansa guardiã, dormia à sombra de um alpendre, esperando a mistura de grãos de cevada e espelta que em breve Uabet a Pura lhe serviria.

Observando o cão, Selena aprendia a descobrir o mundo do instinto. Trigueiro ensinava-lhe o acto justo no momento justo e a pureza do gesto; comunicando com o animal, alimentava a sua sensibilidade e percebia melhor ainda os ensinamentos da Mulher Sábia.

De repente, as orelhas do cão endireitaram-se.

Desinteressando-se da bola, partiu a toda a velocidade em direcção à porta principal da aldeia.

Vendo-o passar, a esposa de Userhat o Leão compreendeu imediatamente que estava prestes

a verificar-se um acontecimento importante. Trigueiro não tinha o hábito de desperdiçar a sua energia em vão.

Alertado, o chefe-escultor saiu de casa e preveniu os colegas. Em poucos minutos, o Lugar de Verdade ficou em ebulição e até mesmo o escriba do Túmulo abandonou o seu gabinete onde escrevia uma nova página da sua Chave dos Sonhos-.

— Qual a razão desta barafunda? - espantou-se.

— Trigueiro foi a correr para a porta - respondeu Renupé o Jovial.

— E é por causa desse cão que me incomodam?

— O poder central tem que responder à vossa carta! - lembrou-lhe Ipui o Examinador. - Temos a certeza que Trigueiro pressentiu a chegada do carteiro.

— Voltem para vossa casa e...

— O carteiro! - exclamou Nakht o Poderoso. - Todos para a porta grande!

— Se os cães começam a fazer a lei... - resmungou Kenhir, obrigado a seguir o movimento.

Uputi apresentou um papiro selado ao escriba do Túmulo.

— Correio proveniente do palácio real de Pi-Ramsés - anunciou.

Os artesãos afastaram-se para deixar passar Paneb.

— Lede - pediu o mestre-de-obras a Kenhir.

Com mão ainda firme, o velho escriba quebrou o selo.

— A Rainha Tausert estará em breve entre nós a fim de dirigir os funerais do Faraó Siptah. Tudo deverá estar pronto para a cerimónia.

Prevenido da chegada da regente, Mehi colocara as suas tropas em estado de alerta. O general receberia uma Rainha vencida ou o novo Faraó? Os seus informadores de Pi-Ramsés nem sequer lhe tinham conseguido dar resposta àquela questão essencial. Sabiam apenas que Sethnakht e Tausert tinham conversado longamente, sem testemunhas, antes da partida da Rainha para Tebas. Mas não tinha transpirado nenhuma indiscrição e seria necessário esperar as declarações de Tausert, na sequência dos funerais do Rei Siptah, para saber se ela renunciava ao trono ou se se preparava para desencadear uma guerra civil.

Róido pela incerteza, Mehi fora caçar para o deserto do oeste. Massacrar as suas presas acalmar-lhe-ia os nervos e devolver-lhe-ia a lucidez de que teria a maior necessidade durante o seu encontro com a regente. Como responsável pela sua segurança, tentaria arrancar-lhe a sua última decisão e precisaria então de tomar partido, por ela ou contra ela.

Se se tornasse o fiel servidor de Sethnakht, pelo menos por algum tempo, entregar-lhe-ia a regente. De preferência morta, a fim de que não pudesse revelar nada do seu comportamento. Em contrapartida, se alinhasse no campo de Tausert, deveria persuadi-la a lançar uma ofensiva relâmpago contra o seu inimigo, utilizando as armas de que dispunha.

Depois de ter trespassado com as suas flechas várias lebres, um cabrito-montês e duas gazelas, Mehi ainda não estava satisfeito. Que caçador emérito cantaria suficientemente o prazer de matar? Senhor da vida e da morte, o general fulminava com a sua omnipotência criaturas aterrorizadas que não conseguiam escapar-lhe.

Foi então que a viu.

Uma magnífica raposa das areias, dotada de uma soberba cauda onde alternavam o branco e o alaranjado. Sentindo-se descoberta, a pequena fera refugiou-se debaixo de uma pedra plana, ao pé de um montículo de areia formado pelo vento.

Mehi sorriu.

Julgando abrigar-se, a raposa condenara-se à morte. O general não teria qualquer dificuldade em deslocar a pedra, alargar a toca e atingir a vítima no fundo do seu antro. E trespassar-lhe-ia o pescoço antes de a acabar com o punhal.

Mas um pormenor insólito chamou a atenção de Mehi: uma pluma de avestruz quebrada.

Aquele estúpido volátil não era raro nessas paragens, mas aquela pluma possuía uma particularidade: estava pintada de cores vivas. Escavando a areia, o general encontrou os restos de uma fogueira.

Só os líbios tinham o costume de usar aquele género de emblema, preso na cabeleira, quando partiam para a guerra.

Batedores vindos da Líbia tinham ousado aproximar-se até tão perto de Tebas... Mehi deveria ter-se dirigido imediatamente à caserna principal e desencadear uma operação de limpeza. Mas, naquele clima perturbado, tinha coisa melhor a fazer. Apesar do ódio que sentia pelo Egito, um líbio cedia sempre à oferta mais alta: juntar mercenários sem fé nem lei à sua panóplia de guerreiros aumentaria as hipóteses de vitória de Mehi. É um facto que o contacto com esses combatentes muitas vezes ébrios e drogados se anunciava particularmente delicado; mas o general já tinha um plano para evitar qualquer recaída em caso de fracasso.

Restava a raposa, que devia julgar que a sua medíocre artimanha lhe garantia a vida salva.

Enganava-se.

Mehi ergueu a pedra, alargou o orifício da toca onde penetrou a violenta luz do dia. No fundo do seu esconderijo, a pequena fera contemplava o seu assassino.

Mehi já enfrentara aquele olhar. Estava imbuído de uma dignidade e de uma coragem mais fortes do que o medo. No entanto, o caçador permanecia-lhe insensível.

A flecha partiu, mas cravou-se na terra, no lugar ocupado pela raposa um instante antes.

Estupefacto, o general constatou que o animal escavara outro orifício, mais profundo, onde se refugiara depois de ter corrido o risco de desafiar o seu predador.

Furioso, Mehi quebrou o arco.

— Ei-la! - exclamou o vigia núbio que, desde o começo da manhã, não afastava os olhos da pista que conduzia ao Lugar de Verdade.

Do alto do primeiro fortim, agitou os braços a fim de alertar o colega do segundo fortim que o imitaria, e assim sucessivamente até ao quinto.

Envergando um traje de cerimónia, o chefe Sobek saiu do seu gabinete. Penteado na véspera pelo barbeiro, barbeado, perfumado de fresco, com o torso atravessado por um boldrié, a espada curta ao lado, avançou em direcção à soberana.

Mehi insistira em conduzir pessoalmente o carro de Tausert. Mas a regente permanecera ativa e muda e o general continuava a não saber as suas intenções.

— Bem-vinda ao território do Lugar de Verdade, Majestade - declarou Sobek curvando-se.

Soldados e polícias estavam fascinados pela presença da Rainha, vestida com um longo vestido verde-claro e cujo colar e as pulseiras de ouro cintilavam ao sol.

— Considerando as circunstâncias - avançou Mehi - devo acompanhar Sua Majestade para garantir a sua segurança.

— Até à zona dos auxiliares, de acordo; mas só vós, não as vossas tropas. Aqui, sou eu o encarregado da segurança dos nossos hóspedes. E nem vós nem eu penetraremos no interior da aldeia.

— Chefe Sobek, esse regulamento não pode...

— É o do Lugar de Verdade, general, e todos devemos respeitá-lo - lembrou a Rainha.

Mortificado, Mehi foi obrigado a obedecer.

Encantados, os polícias núbios viram a soberana avançar lentamente até à grande porta da aldeia.

— Podeis regressar ao vosso carro - disse Sobek a Mehi.

— Mas eu devo...

— O regulamento, general, lembrai-vos do regulamento! Sua Majestade mesmo acaba de sublinhar a necessidade de o respeitar. Nesta aldeia de que ela é a Rainha, que risco pode correr?

— Nem sequer sei quanto tempo a regente tenciona demorar!

— Que importância tem? Vós e eu somos os servidores da Coroa. Quando Sua Majestade decidir deixar o Lugar de Verdade, informar-vos-ei.

Todos os aldeões se tinham reunido para formar alas de honra e as crianças mais novas haviam oferecido um ramo de flores de lótus à Rainha logo que ela dera os primeiros passos na rua principal.

Os artesãos tinham vestido os saíotes de cerimónia e até mesmo Kenhir, graças aos cuidados atentos de Niut a Vigorosa, estava de uma rara elegância.

O escriba do Túmulo, o mestre-de-obras e o chefe da equipa da esquerda inclinaram-se diante da regente.

— Majestade - disse Kenhir - esta aldeia é vossa.

— Residirei no palácio de Ramsés o Grande até ao fim dos funerais - anunciou Tausert. - Estais prontos para celebrar a cerimónia?

— Os sarcófagos foram descidos para a Morada de Eternidade do Faraó Siptah - respondeu Paneb. - A capela de ouro está terminada, o equipamento funerário do defunto está à vossa disposição.

— Portanto, haveis realmente conseguido...

— Os deuses foram-nos favoráveis, Majestade, e respeitámos os ensinamentos dos Antigos trabalhando na Morada do Ouro.

— A múmia de Siptah será transportada amanhã para o Vale dos Reis, Serão as duas equipas de artesãos, e só elas, que participarão no ritual e depositarão no túmulo os objectos que realizaram.

Esta decisão inquietou a pequena comunidade. Não significaria que Tausert perdera todo o poder e que o seu último refúgio seria o Lugar de Verdade?

— No fim dos funerais - revelou ela com solenidade - serei coroada Faraó em Karnak, como “amada da deusa Mut” e “Filha da Luz Divina”; no mesmo momento, em Pi-Ramsés, Sethnakht será também coroado. Aceitando a minha proposta de partilhar a Coroa, evita mergulhar as Duas Terras no caos.

Kenhir estava estupefacto. Como sobreviveria o Egito naquelas condições?

— A minha decisão surpreenderá - continuou Tausert - mas o essencial não seria preservar a paz? Sethnakht provou-me que se preocupava mais com a felicidade do nosso país do que com a sua ambição pessoal. Selando esse pacto, deu a sua palavra de não agir sem o meu acordo. De inimigos, tornámo-nos aliados, no interesse superior do reino.

A grandeza de alma da Rainha perturbou Paneb. Pelo tom da sua voz, sentiu que ela se destacara dos imperativos materiais do poder a fim de contemplar outras paisagens. Mas continuava a ser a guardiã inflexível do ideal faraónico e talvez conseguisse, apenas pela sua magia, estrangular as pulsões de um monarca que corria o risco de colocar o seu reinado sob a perigosa protecção do deus Seth.

— Desejais restaurar-vos, Majestade? - perguntou Kenhir.

— Mais tarde... Desejo primeiro recolher-me no templo.

Precedidas por Trigueiro, duas sacerdotisas conduziram a Rainha, enquanto Niut a Vigorosa se precipitava para o pequeno palácio de Ramsés a fim de se certificar que não havia ali nenhum grão de poeira e que os aposentos tinham flores.

No limiar do templo coberto estava Clara, superiora das sacerdotisas de Hathor.

— A morada da deusa esperava a vossa vinda, Majestade.

— Somos viúvas, vós e eu, e fiéis ao único homem que amámos e cuja recordação não nos abandona um só instante. Foi aqui e em mais nenhuma parte que compreendi o verdadeiro sentido do amor; uma total comunhão de espírito com o caminho de Maet. E o Lugar de Verdade vive todos os dias esse momento de graça. Ramsés o Grande tinha razão: não há nada mais importante do que preservar a sua existência.

— Entrego este templo entre as mãos da sua verdadeira superiora - disse Clara.

— Sois a Mulher Sábia e sereis vós que continuareis a celebrar os rituais. Tenho apenas uma exigência: contemplar a Pedra de Luz.

— Vê-la-eis ainda esta noite, Majestade.

— Obtive finalmente a resposta à questão que me obceca há muito tempo: porque razão não conseguíeis encontrar a localização do meu túmulo no Vale das Rainhas? Porque, desde o nosso primeiro encontro, sabíeis que a confraria deveria, mais cedo ou mais tarde, escavar e decorar a Morada de Eternidade do Faraó Tausert no Vale dos Reis. E esse momento chegou.

No fim de um mês de regozijo, Pi-Ramsés, ainda aturdida pelas festividades da coroação de Sethnakht, retomava pouco a pouco uma vida normal. Portanto, o novo Faraó não ficou surpreendido por ver o vizir Hori forçar a porta dos seus aposentos privados pouco depois do nascer do Sol.

— Lamento incomodar-vos tão cedo, Majestade, mas devemos examinar juntos numerosas pastas para que eu possa tomar medidas concretas.

O trabalho não assustava Sethnakht. Abandonou portanto o seu suculento pequeno-almoço para se sentar em frente do primeiro-ministro.

— Tenho excelentes novidades - continuou Hori. - Tebas celebrou com entusiasmo a coroação do Faraó Tausert, que se instalou no palácio depois dos funerais do Rei Siptah. Tenho aqui o programa dos grandes estaleiros a iniciar, em especial o do Delta, que certamente vigiáveis com atenção.

— Julgava que pediríeis a demissão se eu fosse nomeado para ficar à frente do Estado...

— Tal como vos prometera, Majestade, permaneço fiel à Rainha Tausert. Também ela foi encarregada de governar as Duas Terras e continuo portanto a servi-la... ao lembrar-vos os vossos compromissos.

Se o Rei se tivesse abandonado à fúria de Seth, de boa vontade teria esmagado a seus pés aquele vizir insolente, sólido como um obelisco! Mas à parte o seu filho mais velho, Sethnakht não tinha confiança em ninguém... excepto naquele Hori, honesto e intransigente. Pensara em diversos cortesãos para o substituir, mas nenhum desempenharia aquela difícil função com tanta competência.

Uma vez mais Tausert jogara bem ao nomear aquele vizir e pressentindo que Sethnakht não o despediria.

— Tenho a impressão que deveremos realmente trabalhar juntos...

— Alegro-me com isso, Majestade. Vou então apresentar-vos vários problemas, ouvir as vossas soluções e pedir a opinião da Rainha Tausert que, não duvido, procurará sempre um terreno de entendimento. Com um mínimo de boa vontade e muita paciência, deveremos conseguir excelentes resultados.

— Como estais, meu pai?

— Esgotado e encantado - respondeu Sethnakht ao filho mais velho. - Esgotado porque o vizir Hori não me concede um só dia de repouso. Encantado porque me ouve com atenção e não se opõe de forma sistemática às minhas decisões. No entanto...

— No entanto, é os olhos e os ouvidos de Tausert na capital e impede-vos de agir à vontade.

— Não se pode dizer isso melhor, meu filho.

— Como esta situação vos irrita, tencionais apresentar-me uma solução que acabará com isso.

— Lerás no meu pensamento?

— Conheço o vosso carácter íntegro e sei que essa partilha do poder não vos convém de maneira nenhuma.

— A quem conviria?

— Qual é a vossa solução?

— Não a imaginas?

— Receio que sim, pai. Mas destituir Hori e substituí-lo por um homem de palha seria um grave erro. Esse vizir é um homem respeitado e respeitável, cuja gestão não é criticada por ninguém.

— É a eminência cinzenta de Tausert!

— O que importa, visto que haveis concluído um pacto com ela e que respeitareis a vossa palavra? Esse acordo é um bom acordo, pai; não tenteis quebrá-lo.

Sethnakht respirou melhor.

A opinião do filho mais velho era exactamente a que ele esperava, e nomeá-lo-ia portanto, como estava previsto, comandante-chefe dos exércitos egípcios.

O banquete oferecido por Mehi em honra de Tausert, que acabava de se instalar no palácio situado próximo de Karnak, deslumbrara os mais cépticos. É um facto que a Rainha-Faraó não tinha assistido às festividades senão durante alguns minutos, o tempo de receber as homenagens dos dignitários tebanos. Mas esta breve aparição bastara para os seduzir a ponto de os transformar em admiradores incondicionais.

— Que mulher sublime - disse o governador ao general - e que inteligência política! Não ficaria surpreendido se Tausert conseguisse reduzir progressivamente as prerrogativas de Sethnakht e reconquistar a totalidade do território.

— Não tereis caído sob o encanto da nossa soberana?

— Quem não caiu? Um faraó que estabelece a sua residência em Tebas, que honra para a nossa cidade! Pi-Ramsés perde assim um pouco da sua soberba. Mas tendes um ar adoentado, Mehi...

— Uma fadiga passageira.

— Deveríeis repousar mais! O comando das vossas tropas, a administração da margem oeste, o vosso trabalho incessante para manter a prosperidade da nossa província... Uma verdadeira façanha! Tanta dedicação ao bem público conquista-vos a admiração geral, mas tendes que pensar na vossa saúde.

— Tranquilizai-vos, ela é excelente.

— Não receais: os notáveis não poupam elogios a vosso respeito, e é evidente que a Rainha vos reconduzirá nas vossas funções. Eu próprio falei com fervor das vossas qualidades de homem de Estado.

— Agradeço-vos.

— Era o mínimo que eu podia fazer, Mehi! Ouvei o meu conselho e poupai-vos.

O general esboçou um sorriso crispado. Logo que o governador se afastou para despejar o seu rio de palavras melosas noutras orelhas, Mehi abandonou a sala de recepção onde a embriaguez dominara já a maioria dos convidados. Depois dos dias de angústia, os ricos tebanos podiam finalmente descontraír-se. Tal como lhes prometera Tausert, o novo regime não modificaria as hierarquias estabelecidas.

Com os nervos num feixe, Mehi bebeu um copo de álcool de tâmaras que lhe queimou a garganta. A fadiga... Pouco se ralava com ela, quando se sentia preso na armadilha como uma dessas presas pelas quais não tinha a mínima piedade! Até então senhor incontestado da região, o general tinha agora que se submeter à vontade da Rainha-Faraó que, era evidente, não tinha intenção de lhe conceder uma onça de soberania. Depois dos funerais de Siptah, Tausert trocara o Lugar de Verdade pela margem este onde, na grande sala de audiências do palácio outrora utilizado por Ramsés o Grande, convocara as dez personalidades tebanas mais influentes, na primeira fila das quais figurava Mehi.

O discurso fora breve e preciso: a Rainha-Faraó pretendia supervisionar todos os sectores de actividade, incluindo o exército. Mehi vira-se obrigado a fazê-la inspeccionar imediatamente a caserna principal onde a Rainha se encontrara com os oficiais superiores antes de assistir a manobras dos carros de combate e da infantaria.

Profundamente humilhado, o general tivera de se comportar como bom e leal servidor de Sua Majestade que, a partir de agora, seria a única a dar ordens que Mehi deveria executar sem discussão.

— Estás a pensar nessa maldita Rainha, meu doce amor - murmurou Serketa, acariciando-lhe a face.

— Não tardará a meter o nariz nos arquivos do Tesouro e a controlar as minhas actividades... Ao menor atrito, lesmas como o governador não hesitarão um instante em vomitar calúnias a meu respeito!

— Se eu lhes der tempo, meu terno leão.

— Não tomes qualquer iniciativa sem o meu acordo! - ordenou Mehi.

— Não seria necessário pensar em suprimir essa tigresa?

O general agarrou a esposa pela cintura e apertou-a de encontro a si.

— Talvez, meu cordeiro, talvez... Mas quando eu decidir. Entendeste?

— Não seria melhor o mais cedo possível?

— Espero que a ofensiva de Tausert não passe de um fogo de palha destinado a deslumbrar os cortesãos e que ela rapidamente se remeterá a uma existência cómoda que me esforçarei por lhe assegurar. Porque não me há-de ela conceder a sua confiança, como os outros?

— Porque ela é Faraó e, além disso, uma mulher de poder! Desconfia dela, é uma adversária temível.

Mehi levou a sério o aviso de Serketa.

— Se for preciso, interviremos antes que ela compreenda como eu manipulo Tebas.

Encantada, Serketa imaginava já o momento delicioso em que assassinará um Faraó.

— Daktair já chegou?

— Espera-te no teu gabinete.

O homenzinho gordo e barbudo não parava no mesmo lugar. Quando Mehi apareceu, a sua cólera estoirou.

— Eis-vos, enfim! Por que não fui convidado para esta recepção e por que me fizeram entrar para aqui com um carapuço na cabeça?

— Porque esta entrevista deve permanecer secreta.

A animosidade de Daktair esvaiu-se num ápice. A atitude de Mehi significava que o general estava decidido a retomar a iniciativa.

— Tereis necessidade dos meus serviços? - interrogou o sábio em voz adocicada.

— Detectei um acampamento líbio no deserto do Oeste. Daktair empalideceu.

— Líbios! Terão a intenção... de atacar Tebas?

— São apenas batedores, mas há muito tempo que não ousavam aventurar-se tão perto.

— Suponho que haveis enviado um destacamento para os prender.

— Tausert cria-me muitas dificuldades e talvez vá ter necessidade de novos aliados.

— Os líbios vossos aliados... Mas são os inimigos hereditários do Egipto!

— Tudo depende das circunstâncias, meu caro Daktair. Partirás com polícias do deserto que conhecem perfeitamente a região e interceptareis os batedores.

— Os polícias matá-los-ão!

— As minhas ordens serão formais e tu ficarás encarregado de velar pela sua escrupulosa execução: primeiro interrogá-los, depois entregar-lhes uma mensagem da minha parte.

O sábio ficou estupefacto.

— Por outras palavras... vamos libertar os prisioneiros líbios! Os polícias nunca aceitarão isso.

— Ordens são ordens... E depois, tu terás as tuas.

O general revelou a Daktair o que esperava precisamente dele.

— Os riscos...

— Não tens escolha, meu amigo.

O olhar glacial de Mehi dissuadiu o sábio de protestar.

— Consegue, Daktair. Caso contrário, não te perdoarei.

Correspondendo à urgência, Paneb propusera a Tausert que construísse o seu Templo dos Milhões de Anos entre os de Merneptah e de Tutmés IV. Como a Rainha-Faraó tivesse aceitado, o mestre-de-obras desenhara imediatamente um plano num rolo de cabedal antes de o apresentar a Hai, chefe da equipa da esquerda, encarregado de construir o mais depressa possível o edifício. Seria ele, com efeito, que proporcionaria à soberana a energia necessária para reinar e combater as forças nocivas.

Nenhum profano teria podido decifrar as indicações em côvados e as grelhas de proporções que o arquitecto utilizava a fim de tornar o templo vivo. Encomendados às pedreiras desde o anúncio da coroação de Tausert, os primeiros blocos chegavam ao estaleiro, irregularmente talhados de maneira a que a sua força não se perdesse na altura da junção; a simetria teria originado a uniformidade e a morte. Colocados sobre trenós e pranchas de grande tamanho, que facilitariam o transporte e colocação, foram examinados um por um. O mestre-de-obras rejeitou três deles.

— Preparaste a argamassa? - perguntou Paneb a Hai.

— Escolhemos um excelente gesso que reagiu bem à cozedura e as juntas horizontais serão de pequena espessura. Os ensaios de lubrificante para o deslizamento dos blocos deram-me plena satisfação.

Com amor, Hai poisou a mão sobre uma das pedras destinadas aos primeiros fundamentos.

— Este grés vibra de forma harmoniosa - considerou ele - e construiremos paredes grossas sem nos esquecermos de lhes dar o fruto que garantirá a circulação da seiva mineral.

O próprio Paneb abriu a primeira cauda-de-andorinha graças à qual dois blocos se uniriam para sempre. Hai preencheu-a com o pedaço de um ramo de acácia e depois distribuiu o trabalho pelos artesãos da equipa da esquerda e cada um colocou a sua marca nas pedras que trabalharia.

Quando Paneb ouviu assobiar os primeiros compassos da canção que celebrava a beleza da obra, soube que o estaleiro decorreria sem problemas.

Ao lado do mestre-de-obras do Lugar de Verdade, os guardas do palácio real pareciam quase franzinos. O seu capitão fez-se portanto acompanhar por seis homens para conduzir o colosso até ao vasto gabinete onde Tausert trabalhara durante toda a manhã em companhia dos responsáveis pela irrigação.

A Rainha-Faraó afastou a fadiga perfumando-se e bebendo uma taça de leite fresco com coentros antes de receber Paneb.

— A construção do vosso Templo dos Milhões de Anos começou, Majestade. A entrega dos últimos blocos de grés será efectuada antes do fim da semana e podeis consagrar o naos dentro de menos de dois meses. A partir desse instante, o santuário ficará em actividade e os ritualistas officiarão ali todas as manhãs em vosso nome.

— Que agradáveis notícias, mestre-de-obras!

— Falta fazer o mais difícil, Majestade.

— Referes-te à minha Morada de Eternidade... Que localização me propões?

Embora ignorasse a angústia, Paneb sentia uma certa apreensão ao revelar o seu projecto, com medo de decepcionar a soberana.

Tausert não podia confessar-lhe que ela própria se sentia dominada pela inquietação. Em que local do Vale desejava a confraria abrir o crisol alquímico no qual ressuscitaria a sua alma de Faraó?

— Não seria preferível que o descobrisseis no próprio local, Majestade?

Os guardas núbios afastaram-se diante de Tausert e do mestre-de-obras que penetraram em silêncio no Vale dos Reis sobrevoado por um casal de falcões peregrinos. O calor era intenso, as falésias brilhavam com uma luz violenta.

Precedendo a soberana, Paneb passou próximo do túmulo de Ramsés o Grande, deixou à direita o do seu filho Mérenptah e à esquerda o de Amenmés antes de meter pelo carreiro que seguia para o sul, depois de bifurcar para oeste.

O mestre-de-obras não se deteve diante da Morada de Eternidade de Siptah, situada quase em frente da do chanceler Bai. Continuando para sul, imobilizou-se pouco antes do túmulo do primeiro dos Tutmés, na proximidade do qual fora escavado o de Seti II.

— Eis a localização escolhida pela Mulher Sábia - declarou Paneb. - Segundo Fened o Nariz e eu próprio, é excelente.

— O coração de um triângulo cuja base é formada por Bai e Siptah e o vértice ocupado pelo meu defunto esposo... É essa a razão da vossa escolha?

— A rocha é pura e responde bem ao cinzel. Escavaremos muito profundamente sem grande dificuldade.

Tausert tocou na falésia.

— Então, é aqui!

— Se agradar a Vossa Majestade.

— Este lugar é magnífico, Paneb.

O mestre-de-obras sentiu que Tausert tinha necessidade de meditar sozinha, face àquela rocha ainda inviolada onde a sua alma residiria para a eternidade. Afastou-se portanto a fim de a contemplar, imóvel sob o Sol e indiferente à sua mordedura.

E o mestre-de-obras soube que a Rainha-Faraó e ele tinham nascido do mesmo fogo.

O tempo imobilizou-se, o espírito do Vale dos Reis penetrou no coração de Tausert e fez de uma mulher e de uma Rainha um Faraó do Egito.

— Paneb...

O colosso aproximou-se.

— Quando começarás os trabalhos?

— Só esperava o vosso acordo.

— Mostra-me o plano previsto.

O mestre-de-obras traçou-o na areia. Aquele simples gesto recordou-lhe a sua adolescência e o seu desejo insaciável de desenhar a vida e os seus segredos.

— Mas... prevês um túmulo imenso!

- Não apenas imenso, como também decorado com pinturas inéditas.
- Não será um estaleiro demasiado ambicioso?
- A confraria é formada por artesãos suficientemente experientes para o realizarem com êxito.

O soberbo rosto de Tausert ensombrou-se.

— Não creio que o destino me conceda um longo reinado... E estou impaciente por regressar para junto de Seti.

Comovido, Paneb não conseguiu pronunciar umas fórmulas insípidas que a soberana nem sequer teria escutado.

— Majestade...

— Estou a ouvir-te, mestre-de-obras.

— A confraria dará o melhor de si mesma e pintarei noite e dia. Nem um instante será perdido e será este o projecto realizado. Tausert esboçou um sorriso grave.

— Confio em ti, Paneb.

Seriam outras as palavras que o colosso gostaria de pronunciar, mas os deuses não lho permitiam. Tudo o que obteria daquela mulher sublime seria aquele olhar de uma pureza mais ardente do que a da brasa.

Mehi e Serketa organizavam banquete sobre banquete a fim de poderem falar em privado com os principais notáveis da província tebana. O general constatara que o seu prestígio permanecia intacto, embora a autoridade da Rainha-Faraó não fosse discutida por ninguém.

Mas Tausert não tardaria a identificar os membros da rede de Mehi e a compreender a forma como ele os utilizava para manter o seu domínio sobre a cidade do deus Amon. Em troca da sua fidelidade, estes tinham exigido mais privilégios, que o general era obrigado a consentir-lhes.

Enquanto ele se entregava à melancolia, Serketa exibia os seus encantos junto do guarda dos arquivos do Tesouro, um funcionário tacanho e enfezado, apreciador de lindas mulheres inacessíveis. A esposa do general era um pouco avantajada para o seu gosto, mas deixava de boa vontade os olhos vaguearem sobre as suas apetitosas curvas. E quando Serketa usava o seu tom de garotinha tola, ele sentia crescer dentro de si estranhas pulsões.

— Haveis provado este vinho branco, querido amigo? - perguntou Mehi aproximando-se do par.

— Receio ter já cometido alguns excessos...

— Não pensem nisso, é preciso saber aproveitar os prazeres da existência! - afirmou o general servindo generosamente o seu convidado.

— O nosso amigo é encantador - acrescentou Serketa. - E tem tanto humor!

— Lisonjeais-me, senhora Serketa.

— Para ser franca, há muitos altos funcionários que não têm piada nenhuma! Vós sois tão diferente... Estou convencida que o meu marido não tardará a fazer-vos conseguir uma bela promoção.

— Excelente ideia - aprovou o general. - O que pensaríeis de um lugar de subdirector da administração central da margem oeste?

O guarda dos arquivos foi agradavelmente surpreendido.

— Seria... é...

— Com uma remuneração duplicada, bem entendido.

— Não sei se as minhas competências...

— Não vos inquieteis com isso. Há apenas uma pequena condição a satisfazer: tirar dos arquivos os papiros de contabilidade cuja lista aqui tendes e trazeremos amanhã de manhã.

O funcionário teve um sobressalto.

— Não tenho o direito, eu... Serketa pendurou-se-lhe no braço.

— Sois tão gentil, fareis certamente isso por nós, não é verdade?

— Deveis-me o vosso posto - lembrou-lhe Mehi - e deveis-me a vossa promoção. Posso contar convosco?

O olhar glacial do general tetanizou o guarda dos arquivos.

— Sim, sim... podeis.

O funcionário tinha ficado de tal forma assustado que figurava entre os primeiros visitantes a solicitarem para ser recebidos, logo de manhã, pelo administrador-principal da margem oeste. Para evitar alertar os que o rodeavam, permitindo-lhes que adivinhassem que tinha pressa de se encontrar com o guarda dos arquivos, Mehi só o fizera entrar em terceiro lugar.

Apesar da relativa frescura matinal, o homem suava em grossas bagas.

— Senta-te disse-lhe o general, fechando hermeticamente a porta.

— Não vale a pena... Trouxe-vos tudo.

— Mostra.

O funcionário abriu um cesto quadrado de onde retirou cinco papiros que Mehi examinou um a um. Se tivessem caído nas mãos de Tausert, ela teria podido compreender como, há vários anos, o general desviava fundos públicos em seu favor. É um facto que seria necessário possuir conhecimentos de contabilidade e ter o faro de um cão de caça. Mas mais valia não correr qualquer risco.

— Apaguei o número desses papiros na lista geral - acrescentou o guarda dos arquivos, cujas mãos tremiam. - Actualmente, é como se nunca tivessem existido.

— Perfeito, meu amigo.

— E... o meu novo posto?

— Apoiarei a tua candidatura a partir do próximo mês e entrarás em funções pouco tempo depois. Permite que mande entregar-te alguns vasos cretenses muito coloridos que não deverão desagradar-te.

— É demais, realmente demais!

— Alguma vez se é bom demais com os amigos? Podes ter a certeza que fizeste a opção correcta.

Graças ao seu novo salário, o ex-guarda dos arquivos do Tesouro ia primeiro mudar de casa e depois tentar a conquista de uma mulher agradável que não resistiria aos seus atractivos. Por ter manuseado demasiados documentos de contabilidade, o funcionário já não acreditava nos sentimentos mas tinha plena confiança no irresistível poder dos números.

Foi com desgosto que contemplou a sua pequena casa de dois andares, situada no bairro norte de Tebas. Como tinha ele, apto para altas funções, podido contentar-se durante tanto tempo com tão pouco? E aquele minúsculo jardim, invadido por duas velhas palmeiras, não era realmente digno de um homem da sua condição! Em breve passearia à sombra de árvores magnificas plantadas na beira de um lago privado.

Apresentou-se uma portadora que baixava humildemente os olhos.

— Vasos preciosos... São realmente para vós?

— Claro que sim! Poisa imediatamente o teu cesto naquela mesa baixa.

Impaciente por descobrir o pequeno tesouro oferecido por Mehi, o funcionário desatou o fio e levantou a tampa.

Furiosa pela longa reclusão, uma víbora negra saltou para morder a vítima no pescoço.

Dominado pelo pânico, o infeliz levou as mãos ao ferimento.

— Um médico, depressa!

— É inútil - considerou Serketa, que o funcionário quase nem reconheceu, de tal forma a sua maquiagem era hábil. - Daqui a menos de três minutos estarás morto.

— Ajudai-me, suplico-vos!

— O general sabia que tu não segurarias a língua... Deixo-te com a víbora. Eu, recupero os meus vasos.

Serketa escapou ao funcionário, cujos movimentos desordenados só conseguiram acelerar a difusão do veneno no sangue.

Ao assistir à rápida agonia, a criminosa pensou que, graças ao desaparecimento dos documentos comprometedores, o general estava fora de perigo; mas Tausert continuaria o seu inquérito e acabaria por se aperceber de que Mehi reinava em Tebas pela corrupção e a ameaça.

Antes que ela atacasse o marido, Serketa reduzi-la-ia à impotência.

Reunidos no seu local de encontro pintado de novo, os artesãos da equipa da direita tinham ouvido com atenção o breve discurso de Paneb o Ardente.

Karo o Mal-Humorado, indignado, exprimiu-se com veemência.

— Não nos tinhas prometido que respeitarias os horários de trabalho habituais e que não suprimirias nenhum dia de descanso? E eis que nos pedes um esforço de forçados a fim de terminar o mais depressa possível a Morada de Eternidade de Tausert!

— Não renego os meus compromissos -- admitiu o mestre-de-obras - e não tenho intenção de ir contra a vossa vontade.

— Se recusarmos - avançou Pai o Bom-Pão - não poderás escavar e decorar esse túmulo sozinho!

— Assim terá de ser, se nenhum de vocês consentir em realizar esforços excepcionais.

— Quais são as verdadeiras razões da tua iniciativa? - perguntou Ched o Salvador, em cujos lábios flutuava um sorriso irónico.

— Visto que falamos sob o selo do segredo, sabei que o reinado de Tausert se arrisca a ser breve e que ela espera da nossa confraria qualidade e rapidez para lhe darmos simultaneamente um Templo dos Milhões de Anos e uma Morada de Eternidade.

— Porque a haveis concebido tão ampla? - espantou-se Gau o Exacto. - O túmulo do primeiro dos Ramsés, que ocupou o trono durante menos de dois anos, é pequeno mas esplêndido.

— As dimensões dos túmulos reais não dependem da extensão dos reinados - retorquiu Paneb. - Depois de tantos anos de experiência, vocês são todos mestres na vossa profissão e capazes de realizar com êxito uma obra dessa envergadura.

— De onde recebes as tuas informações? - inquiriu Unesh o Chacal.

— Um simples pressentimento da própria Tausert.

— E o que diz a Mulher Sábia? - interrogou Fened o Nariz.

— Permanece muda.

— Mau sinal - constatou Ipuí o Examinador.

— Considero exaltante o projecto do mestre-de-obras! - declarou Nakht o Poderoso. - Trabalhámos muito para o exterior, nestes últimos meses, e é tempo de nos consagrarmos ao essencial.

— Não consiste o mais excitante em tentar o impossível? - sugeriu Ched o Salvador. - Dispomos de um longo período para criar um túmulo como o de Siptah não nos permitiu explorar as nossas reservas e exigir das nossas mãos o que elas ainda não tinham dado. Não tenho a força nem a saúde de Paneb, mas participarei na aventura tão intensamente quanto me permitir a minha energia.

— Seremos pelo menos dois - afirmou Dídia o Generoso, plácido.

— Trégua de tagarelice - cortou Tuti o Sábio. - Quem se opõe ao mestre-de-obras?

— Ora! - exclamou Karo o Mal-humorado. - Aqui nunca há maneira de discutir... Em vez de perdermos horas preciosas, fariamos melhor em nos prepararmos para partir para o Vale dos Reis.

Descontraída e satisfeita com o assassinio que acabava de cometer, Serketa dormira até ao meio-dia. Mas a sua beatitude esfumara-se quando, contemplando-se num espelho, descobrira, horrorizada, o nascimento de uma ruga na comissura dos lábios.

Soltando gritos estridentes, chamara imediatamente a criada de quarto e a cabeleireira para que elas lhe trouxessem cremes e unguentos.

— Despachem-se, despachem-se, é necessário impedir esta monstruosidade de me desfigurar! E convoquem imediatamente o meu médico!

Perfeitamente maquilhada, Serketa sentiu-se um pouco consolada. O intendente dirigiu-lhe a palavra com deferência.

— Espera-vos um visitante desde o começo da manhã, senhora Serketa.

— Como se chama?

— Recusou dizer-me. Tentei mandá-lo embora, mas pretendeu que vos tinha que entregar uma mensagem importante. Nessas circunstâncias, só a vossa decisão...

— Descreve-o.

— Estatura média, entroncado, cabeça redonda, cabelos pretos...

— Instala-o no quiosque e diz-lhe que já vou.

O intendente não ousara dizer que o visitante, de aspecto vulgar, se parecia muito com o general Mehi. Quanto a Serketa, estava persuadida que se tratava de Tran-Bel, o pequeno traficante de móveis que ela manipulava a seu bel-prazer.

A esposa do general verificou a maquiagem antes de ir ao encontro daquele visitante tão inesperado como indesejável.

Era realmente o mercador, com o seu sorriso falso e as expressões hipócritas.

— Que moscardo do deserto te mordeu, Tran-Bel? Não te autorizei a vir importunar-me em minha casa!

— Perdoai a minha insolência, senhora Serketa, mas era urgente. Espero que ninguém nos possa ouvir.

— Ninguém.

— Tebas fervilha com mil boatos... É difícil separar o verdadeiro do falso, mas é certo que a Rainha Tausert se comporta como um verdadeiro Faraó e que a posição do vosso esposo se encontra... fragilizada. Ora nós somos muito unidos, ele, vós e eu.

— Onde foste buscar isso?

— Lembrai-vos, senhora Serketa... Um dos artesãos do Lugar de Verdade figura no número dos vossos amigos muito próximos e eu conheço esse artesão. Uma informação como essa não valeria ouro se a vendesse a Tausert?

Os olhos de Serketa flamejaram.

— Oh! - exclamou ele - já sei em que estais a pensar! Este bom Tran-Bel está a tornar-se incómodo e se desaparecesse não ficaríamos aborrecidos, o meu marido e eu. Sobretudo, não penseis mais nisso porque tomei as minhas precauções. E depois, tenho confiança em vós e estou persuadido que o general Mehi tem um grande futuro.

— O que queres?

— Em primeiro lugar, o preço do meu silêncio; em seguida, ser associado a um dos vossos negócios. Um dos melhores, bem entendido.

Serketa contemplou longamente o mercador.

— Entendido - decretou ela.

— Como, doente? - espantou-se Paneb.

— Sim, doente - repetiu a pequena morena agressiva, esposa do talhador de pedra Casá o Cordame. - É assim mesmo e tem de ficar em casa.

— Partimos esta manhã para o Vale dos Reis e preciso de todos os membros da equipa.

— Passarás sem o Casa! Está a dormir e não o acordarei.

— Fá-lo-ei então pessoalmente.

— Por muito mestre-de-obras que sejas, proibo-vos de franquear o limiar da minha casa!

— Não abuses, caso contrário podes enervar-me.

— Se não me acreditas, vai ver a Mulher Sábia. Ela examinou o meu marido e considerou-o demasiado fraco para se levantar.

Intrigado, Paneb avançou em passo rápido até à sala de consultas onde Clara tratava do tornozelo esfolado de um rapazinho demasiado fegoso.

— Casá está-se a fazer frágil - acusou o colosso.

— Sofre de uma infecção renal que tratarei em alguns dias - explicou a Mulher Sábia.

— Não me digas que está incapaz de se levantar, de andar e de trabalhar!

— Infelizmente, assim é.

— Se me deixares agir, curo-o mais rapidamente do que tu.

— A nossa regra proíbe-te de utilizar um doente num estaleiro.

Não podendo fazer outra coisa senão curvar-se, Paneb passou em casa do escriba do túmulo a fim de que ele inscrevesse no Diário o nome de Casa e as razões da sua ausência.

Ficou surpreendido por encontrá-lo vestido com uma túnica grosseira, tendo o material de escrita ao alcance da mão.

— Tencionais trepar até ao desfiladeiro, Kenhir?

— Mas... com certeza! Imaginaste um só instante que eu não assistiria ao escavar de um novo túmulo real? A caminho.

Vento do Norte, o burro de Paneb, colocara-se com autoridade à cabeça do cortejo. Tão robusto como o seu mestre, aceitara transportar a bagagem do escriba do Túmulo e era ele que imprimia o seu ritmo à subida, deplorando a lentidão dos bípedes e a falta de segurança dos seus pés.

Não era sem emoção que o mestre-de-obras retomava o caminho do desfiladeiro onde tinham sido construídos oratórios e cabanas de pedra. Ali dormiam os artesãos durante os períodos de trabalho, ali sentiam-se mais próximos do céu. Para preservar a serenidade do local, era proibido fazer ali fogo e cozer alimentos; mas as aldeãs estavam autorizadas a entregar excelentes refeições.

As noites passadas no desfiladeiro eram inesquecíveis, Paneb sentava-se sobre o telhado da cabana, formado por grandes blocos de calcário seguros por argamassa, e admirava a Ursa Maior rodeada das estrelas imortais.

— Tu também não consegues dormir? - constatou Kenhir.

— O dia que passamos a restaurar as estelas consagradas aos antepassados tirou-me o sono. Nem por um instante deixei de pensar em Néfer, cuja presença aqui é quase palpável.

— Tranquiliza-te, tu preserva-lo e prolonga-lo... Mas reflectiste bem na obra que tencionas empreender?

— O fogo que me habita desde sempre ditou o plano da Morada de Eternidade de Tausert.

— Não mudaste, Paneb... Desde o instante em que falei em teu favor, diante do tribunal de admissão da confraria, sabia que ultrapassarias todos os obstáculos. E nem mesmo a mais alta função te fez perder nada da tua determinação e do teu desejo. Mas sê prudente: os outros artesãos não são talhados na mesma madeira.

Kenhir regressou à sua cabana, a única com o luxo de três compartimentos: o primeiro comportava um banco com um assento em U marcado com o nome do seu proprietário e jarras de água fresca, o segundo um leito em pedra coberto com uma esteira e o terceiro era um gabinete onde o velho escriba redigia o Diário do Túmulo.

Naquela modesta casa, Kenhir esquecia a sua idade e as suas dores porque revivia as grandes horas da confraria nas quais tivera a sorte de participar. Como tinha tido razão em renunciar a uma carreira tão brilhante como banal para se colocar ao serviço do Lugar de Verdade! Onde, aliás, se teria aproximado tão de perto do mistério da vida, onde teria vivido uma fraternidade que as provações reforçavam cada vez mais?

Pembu, o policia núbio encarregado de vigiar o depósito de material à entrada do Vale dos Reis, deixou passar Vento do Norte, o burro mais célebre da margem oeste, mas observou os artesãos com olhar inquiridor.

— Há um ausente - notou.

— Casá o Cordame está doente - explicou o escriba do Túmulo.

— Juntar-se-á a nós na próxima semana.

O mestre-de-obras chamou Tusa, o colega núbio de Pembu, e deu-lhe ordem para vigiar a entrada do túmulo de Tausert logo que fosse escavado. Armado com uma espada curta, um punhal, um arco, flechas e uma funda, o policia estava autorizado a abater qualquer suspeito que tentasse aventurar-se no local.

Com o auxílio do carpinteiro Didia, Ched o Salvador instalava já uma oficina numa profunda anfractuosidade da rocha. Equipá-lo-iam com pranchas para poisar potes, cadinhos, vasos e pães de cor, abrigados do sol por um pano branco. Considerando o tamanho do túmulo, tanto os desenhadores como os pintores teriam necessidade de abundante material.

Face à rocha ainda intacta, a Mulher Sábia entregou ao mestre-de-obras o avelal dourado, o malho e o cinzel de ouro com os quais ele arrancou o primeiro fragmento de calcário que Fened o Nariz examinou.

— Perfeito - declarou.

Paneb manejou a grande picareta na qual o fogo do céu traçara o focinho e as duas orelhas de Seth e depois os talhadores de pedra secundaram-no com ardor. Começou o bailado bem ritmado das ferramentas, enquanto os outros artesãos recolhiam os pedaços de calcário em sólidos cestos de vime e os levavam para fora do local.

— Esta parede é uma verdadeira felicidade! - exclamou Nakht o Poderoso. - Poder-se-ia jurar que estava mesmo à nossa espera.

— Economiza a saliva - aconselhou-lhe Karo o Mal-Humorado - senão o teu braço vai-se fatigar.

— E tu, bate com cadência, senão vais dar cabo de um músculo!

Com Casa, ficávamos com um segundo alfenim.

Sem dizer uma palavra, Paneb interpôs-se imediatamente.

E as ferramentas cantaram em uníssono com a rocha.

— É preciso suprimir imediatamente esse Tran-Bel - decidiu o general Mehi. - Suponho que essa missão não te desagradará, meu doce amor?

Serketa massageava as costas do marido, estendido junto do lago de lótus.

— Divertir-me-ia muito, mas é cedo demais, meu terno leão. - Queres dar mais um tempo a esse insecto?

— Ainda nos pode ser útil.

— Nada mais tenho a recear de Tausert; porque havia de querer saber de um mediocre que só pensa em nos trair?

— Precisamente porque ele possui essa bela qualidade! Não encontraremos melhor aliado para levar a bom termo o pequeno plano que imaginei.

Intrigado, o general voltou-se.

— Tran-Bel, um aliado? Enlouqueceste, Serketa! Para ele apenas conta o engodo do lucro.

Ela passou lentamente o indicador pelo largo torso de Mehi.

— Precisamente, meu crocodilo, precisamente! Será graças a esse delicioso defeito que o verme desse sírio não desconfiará de nada. Ficará mesmo de tal forma cativado que não tomará quaisquer precauções.

— Excitas a minha curiosidade... Estarás a tornar-te estratega?

— Avalia tu...

À medida que Serketa expunha o seu plano, Mehi salivava de prazer. Não apenas a ideia era excelente, como ainda lhes proporcionaria uma vantagem decisiva sobre a confraria.

Paneb nunca julgara que o estaleiro avançasse tão depressa. Mas o entusiasmo dos artesãos e a precisão das suas mãos tinham permitido abrir largamente a rocha e fazer avançar a descida a uma velocidade fora do habitual.

Curada a afecção renal, Casá o Cordame juntara-se aos seus camaradas e demonstrara que o seu vigor permanecia intacto.

Na oficina de desenho, o programa iconográfico tomava forma; e os escultores não ficavam para trás, sem que o mestre-de-obras tivesse necessidade de intervir para estimular a sua inspiração.

Kenhir sentia uma intensa alegria, de uma profundidade insuspeitada; graças ao seu fulgor e à força da sua magia pessoal, Paneb o Ardente conseguira dar um novo entusiasmo à tripulação cujas qualidades pareciam inesgotáveis.

Todas as noites, no acampamento do desfiladeiro, reinava a felicidade. Alegravam-se com o

trabalho realizado, previam o do dia seguinte e discutiam acaloradamente o menor pormenor técnico até o mestre-de-obras cortar a discussão. A Morada de Eternidade de Tausert parecia ter-se apoderado de toda a equipa da direita, e mesmo Ched o Salvador, em geral tão distante, se apaixonava pela elaboração daquela nova Grande Obra.

Alimentado pela sede de criação, Paneb ignorava a fadiga e dormia apenas duas horas por noite. Na contemplação das estrelas bebia as forças para o dia seguinte.

O primeiro a levantar-se, o mestre-de-obras ajoelhava-se diante de uma estela gravada por um dos seus antecessores e pronunciava as fórmulas rituais de saudação ao Sol ressuscitado antes de acordar os que tinham o sono mais pesado.

Kenhir espreguiçava-se com dificuldade.

— Estas loucuras não são para a minha idade... Mas que momentos maravilhosos vivemos!

— Com efeito, assim parecem.

— Pensas no traidor, não é verdade?

— E no assassinato de Néfer, como todas as manhãs.

— Receio que nem tudo tenha sido dito... O olhar do mestre-de-obras tornou-se fixo.

— Alguém sobe o carreiro que conduz ao desfiladeiro.

— Tens a certeza?

— Creio que se trata de uma mulher.

Paneb não se enganava.

Reconheceu Uabet a Pura pela silhueta esguia. Como não trazia nenhum cesto de comida, o Ardente receou que tivesse feito aquela ascensão para lhe dirigir censuras de carácter privado.

Mas a jovem mulher rapidamente desfez o engano do mestre-de-obras.

— Uma mensagem urgente proveniente de Pi-Ramsés. Como o carteiro insistiu, achei preferível que tu e o escriba do Túmulo tomassem dela conhecimento o mais depressa possível.

— Muito agradecido, Uabet.

— Volta para a aldeia.

Kenhir leu a correspondência do vizir Hori.

— Esta missiva não deveria ter passado pelas mãos da Rainha Tausert? - espantou-se Paneb.

O velho escriba estava muito contrariado.

— Uma ordem de Sethnakht: exige que escavemos a sua Morada de Eternidade no Vale dos Reis.

— Tebas não está sob a sua autoridade!

— Sethnakht é Faraó - lembrou-lhe Kenhir - e as suas exigências são legítimas. Devemos obedecer.

— Dois túmulos ao mesmo tempo... Impossível! Já peço mais do que o máximo à tripulação do Lugar de Verdade.

— No entanto, temos de encontrar uma solução.

— Retardar a construção da Morada de Eternidade de Tausert? Está fora de questão! Negociai com Sethnakht, Kenhir, tenho a certeza que o convencereis a esperar.

— Não sobrestimeis as minhas capacidades. Segundo esta correspondência, o Rei está com pressa e tem uma ideia muito precisa sobre a localização da sua Morada de Eternidade: no centro do Vale, a fim de ficar relativamente próxima dos faraós que venera, Ramsés I, Seti I e Ramsés II.

— Não compete à confraria dirigir-lhe uma proposta, tendo em conta os imperativos do terreno? Até agora, nenhum monarca se comportou como um tirano e sempre tivemos a iniciativa da escolha!

— Aceitas pelo menos estudar esta hipótese? - perguntou Kenhir, que se sentia preso numa tala.

— Os artesãos estão fatigados, é altura de regressar à aldeia.

A reunião estava agitada; no entanto, tendo em consideração o carácter sagrado do lugar colocado sob a protecção dos antepassados e da presença invisível de Néfer o Silencioso, cujo assento permanecia desocupado, cada um se expressava com dignidade.

— A situação é perfeitamente clara - resumiu Userhat o Leão: - dois Faraós reinam ao mesmo tempo, cada um quer o seu túmulo e nós só podemos criar um! Visto que o de Tausert está iniciado e que a Rainha-Faraó reside em Tebas, o debate parece-me encerrado.

— De maneira nenhuma! - objectou Unesh o Chacal. - A nossa Regra obriga-nos a obedecer a uma ordem do Faraó, sobretudo quando diz respeito à sua Morada de Eternidade.

— És capaz de te desdobrar para trabalhar em dois lugares ao mesmo tempo? - ironizou Tuti o Sábio. - Temos de tomar partido!

— Sethnakht far-nos-ia pagar caro uma eventual recusa -inquietou-se Renupé o Jovial.

— A Rainha Tausert que se entenda com ele! - avançou Karo o Mal-humorado.

— O papel do escriba do Túmulo não consiste em nos tirar deste mau passo? - interrogou Pai o Bom-Pão.

— Serremos fileiras e não nos dividamos - preconizou Ched o Salvador.

— Existe portanto apenas uma solução - cortou o mestre-de-obras: - satisfazer os dois Faraós.

— E como farás isso? - interrogou Ipuí o Examinador.

— Em primeiro lugar, concedendo-vos três dias de repouso. Em seguida, nomeando uma equipa restrita que começará a escavar um túmulo para Sethnakht na parte central do Vale.

— Farás parte dela? - inquietou-se Dídia o Generoso.

— Não, ocupar-me-ei do estaleiro principal.

— Quem nomeias?

— Nakht o Poderoso, Fened o Nariz e Ipuí o Examinador trabalharão segundo a cópia do plano do Vale que lhes entregarei.

Esperando aquelas palavras, o traidor concebeu um projecto que apresentava um mínimo de riscos para um máximo de vantagens, a começar pela inevitável destituição do mestre-de-obras.

Afastado Paneb, a confraria ficaria abalada e as suas defesas enfraquecidas.

Então, a Pedra de Luz estaria acessível.

Foi a meio da noite, e sob o olhar atento de Besta Terrível e de Trigueiro, que Kenhir retirou os três ferrolhos da casa-forte de que era o único, juntamente com o mestre-de-obras, a conhecer o mecanismo.

— Nada de anormal? - perguntou Paneb.

— Nenhum sinal de arrombamento.

Com o auxílio de uma tocha, o velho escriba deslocou cinzéis de cobre de primeira qualidade e depois desatou o grosso cordão que fechava um cofre em madeira de ébano.

Não foi sem inquietação que soergueu a tampa, mas o tesouro não desaparecera. Com delicadeza, Kenhir desenrolou o papiro sobre o qual estava desenhado o plano do Vale dos Reis revelando a localização das Moradas de Eternidade.

— Copio a parte que nos interessa - informou Paneb - e entrego-a a Fened amanhã de manhã.

Enquanto o mestre-de-obras trabalhava com mão segura, Kenhir apurava o ouvido. Mas a gansa e o cão, que montavam uma guarda vigilante, não manifestavam qualquer sinal de nervosismo.

Quando Kenhir fechou a porta da casa-forte, não ocorrera nenhum incidente. Tranquilo, a aldeia dormia.

- Não gosto disto - disse o mestre-de-obras.
- Esperavas uma agressão do engolidor de sombras?
- Não, falo das exigências de Sethnakht.
- Encontrei a boa solução, todos a aceitaram.
- A boa solução... Não estou assim tão certo disso.
- O que receias, Paneb?
- Eu próprio gostaria de saber! Vamos dormir.

Saiotes pelo chão, loiça suja numa cozinha em desordem, um leito ameaçando ruína... O interior da casa de Fened o Nariz estava pouco cuidado. Desde o seu divórcio, o talhador de pedra não tinha qualquer interesse pelas tarefas domésticas.

Paneb abanou-o. - Acorda, Fened!

— Ah, és tu... Mas é um dia de repouso!

— Eis o plano de que te servirás depois de eu ter dado o primeiro golpe de picareta.

— Antes de o estudar, é preciso que eu abra os olhos.

— Uma empregada doméstica não seria supérflua...

— Ah, não, não quero mais nenhuma mulher em minha casa! Eu mesmo usarei a vassoura.

— Se te comprometes a isso...

— Um Servidor do Lugar de Verdade só tem uma palavra! - lembrou Fened levantando-se. - Mas olha lá... Porque me confias uma tarefa tão pesada?

— Porque as circunstâncias me impedem de a assumir pessoalmente. Descansa: se ocorrer um incidente, serei o único responsável.

— Bem... Vou-me arranjar e vamos os dois até ao Vale.

Daktair sentia-se pouco à-vontade.

Por causa dos seus atormentados intestinos, tivera que se isolar por diversas vezes, atrasando o avanço dos polícias do deserto, aborrecidos com a presença de um sábio pouco habituado a expedições daquele género. Mas como o general Mehi em pessoa lhes ordenara que obedecessem a Daktair sem discutir, o comandante do esquadrão impusera silêncio aos seus homens.

— Continua a não haver sinal dos líbios? - perguntou Daktair, que acalmava os seus espasmos colocando uma pedra quente sobre o ventre.

— Parece que sim... E deveríeis reflectir.

— Em quê, comandante?

— A situação em breve se tornará perigosa. Os líbios são mais temíveis do que animais ferozes e o confronto arrisca-se a ser violento. Um homem como vós não está preparado para isso.

Daktair inchou como um sapo.

— O general Mehi confiou-me uma missão e entendo por bem cumpri-la, sejam quais forem os riscos. Sou eu o chefe desta expedição e mais ninguém! E lembro-vos que quero esses líbios

vivos.

— Bem se vê que não conheceis nem o terreno nem a caça que perseguimos!

— Ao que parece, este comando é formado pelos melhores especialistas... Provem-no.

O desafio espicçou o oficial.

— É verdade, somos os melhores e prová-lo-emos.

— É exactamente o que eu espero. Quando deitaremos a mão a esses líbios?

— O mais tardar, daqui a dois dias... Começam a andar à roda e deixam marcas atrás de si. Por outras palavras, estão fatigados e têm falta de instruções exactas. Por muito manhosos que sejam, não nos escaparão.

Seis Dedos conhecia perfeitamente o deserto. Tinham denominado assim o chefe dos batedores líbios porque era dotado de um dedo suplementar em cada pé que fazia com que o considerassem como um demónio sem fé nem lei. Para sobreviver num meio hostil, Seis Dedos sabia que era necessário nunca ceder à indolência e estar permanentemente em estado de alerta, mesmo durante o sono.

Vinte vezes, ao aproximar-se de Tebas oeste, escapara às patrulhas da polícia egípcia, formadas por guerreiros tão temíveis como ele próprio. E sentia-se quase invulnerável, com vontade de fazer pagar caro aos súbditos do Faraó as humilhações que tinham infligido ao seu povo.

É certo que ainda era cedo para desencadear um ataque massivo contra a rica cidade do deus Amon, bem defendida pelos soldados do general Mehi; era preciso primeiro identificar a posição dos postos avançados para preparar a ofensiva.

— Podemos acender o fogo, chefe? - perguntou o seu braço direito.

— Ao abrigo do montículo, lá adiante, com as brasas de ontem.

— Isso vai ser difícil...

— O que queres dizer?

— As brasas de ontem ficaram no nosso acampamento de ontem.

Seis Dedos esbofeteou o compatriota.

— Mas eu tinha-te ordenado que as trouxesses! O batedor brandiu uma faca.

— Ninguém me trata assim!

— Pobre idiota! Para a polícia egípcia, uma pista como essa é...

Uma flecha veio cravar-se entre os dois homens e uma voz rude fê-los ficar imóveis.

— Os vossos vigias são nossos prisioneiros. Não tentem nem resistir nem fugir, caso contrário sereis abatidos.

Tortura e depois execução sumária: eis o que os esperava. Seis Dedos de boa vontade se teria lançado na luta, mas os polícias estavam demasiado próximos. Ao mínimo gesto ameaçador, o líbio seria trespassado por flechas.

— Amarrem-nos - ordenou Daktair.

As cordas enterraram-se nas carnes e o adjunto de Seis Dedos fez uma careta de dor.

— O teu nome e o objectivo da tua missão - perguntou Daktair a este último, cuja arrogância revelava a posição de chefe.

O líbio cuspiu, sujando a barba do sábio que se limpou com as costas da mão.

— Deixai que me ocupe desse insolente! - exigiu o comandante.

— Nada de violências!

— Mas ignorais com quem tendes de vos haver!

— Este bandido chama-se Seis Dedos - informou um polícia que olhava para os pés do líbio. - Parece que é um dos melhores batedores deles... Uma presa de monta!

— Quero ficar só com ele - exigiu Daktair.

— Desconfiai - recomendou o oficial, afastando-se. Espantado, Seis Dedos encarou Daktair.

— Tu não és um soldado...

— Não, sou um negociador.

— Se inventaste uma nova forma de tortura, despacha-te! De qualquer maneira, não te vou dar nenhuma informação.

— Eu tenho uma, e de peso: o general Mehi quer falar com um dos teus chefes no maior segredo.

— Estás a troçar de mim!

— A entrevista está marcada no coração da noite, dentro de três luas novas, perto do poço abandonado ao sair do "wed" das gazelas.

— E tu acreditas que os líbios cairão numa cilada tão grosseira?

— O general virá apenas com alguns polícias do deserto, não com o seu exército. Poderás verificá-lo facilmente. Que o teu chefe se comporte da mesma maneira, caso contrário a entrevista não se realizará. E podes acreditar que vocês teriam muito a perder, porque o general tem intenção de se mostrar particularmente generoso com os seus futuros aliados.

— Os seus futuros aliados... - repetiu Seis Dedos, estupefacto.

— Mehi deseja confiar-vos uma missão e pagará muito caro.

Por uma fracção de segundo, o engodo do lucro ultrapassou a incredulidade.

— Tu estás a mentir!

— Vou libertar-vos, a ti e aos teus homens, para que a mensagem seja transmitida.

— Libertar-nos... É impossível!

Daktair voltou para junto dos polícias.

— Libertem os líbios e deixem-nos partir.

Como picado por um moscardo do deserto, o comandante perfilou-se em frente do pequeno homenzinho barbudo.

— Está fora de questão! Todos estes criminosos são passíveis de pena de morte.

— Não compreendeis, comandante?

— Compreender o quê?

— Estes batedores não interessam ao general Mehi - disse Daktair em voz baixa. - Ele deseja deitar a mão aos seus chefes e só uma cilada bem organizada permitirá consegui-lo. Aliás, vós sereis os actores principais.

— Isto agrada-me e não me agrada - concluiu Fened o Nariz.

Nakht o Poderoso poisou a picareta e limpou a testa.

— E se fosses mais claro?

— A rocha é acolhedora, o calcário de qualidade, mas a localização assemelha-se a uma mulher que não tem vontade para nada.

— É o teu divórcio que te continua a roer o cérebro! - considerou Ipuí. - Esquece a tua esposa

de uma vez por todas e vais ver que a vida vale a pena ser vivida.

Fened arqueou o peito.

— Nunca confundi os meus problemas pessoais e os meus deveres profissionais...Já que te apelidam o Examinador, deverias sabê-lo.

— As histórias de mulheres dão cabo da mão dos mais robustos - afirmou Nakht.

— Em vez de inventares provérbios sem interesse, maneja antes o malho e o cinzel para que possamos avançar.

— Há uns que falam, há outros que trabalham - observou Ipuí, limpando a grande picareta.

— Tu lamentas é não estar no túmulo de Tausert! - observou Fened.

O Examinador poisou a ferramenta com delicadeza e encarou o colega.

— O mundo dos humanos divide-se em duas categorias: os imbecis e os outros. E receio que tenhas entrado na primeira. Ao designar-nos aos três para esta tarefa exploratória, o mestre-de-obras honrou-nos com a sua confiança e eu sinto-me particularmente orgulhoso por isso.

— Acabas de me chamar imbecil, não é verdade?

— Ainda não é a hora da pausa para o almoço - interveio Nakht.

— Continuam a discussão mais tarde.

O Poderoso continuou a escavar o corredor. Observando-se pelo canto do olho, os dois companheiros coadjuvaram-no.

— Um pouco mais para a direita - exigiu Fened, que seguia escrupulosamente o plano desenhado pelo mestre-de-obras.

— Estranho...

— O que se passa?

— A rocha ressoa de forma diferente.

— Deixa-me ver.

Fened utilizou um cinzel comprido.

— Tens razão, dir-se-ia que tem falta de espessura.

— Consulta o teu plano outra vez.

— Não há erro possível, estamos na direcção certa.

— Então, continuemos!

Os três Servidores do Lugar de Verdade puseram ainda um pouco mais de entusiasmo no trabalho. Sem poderem rivalizar com os seus colegas que avançavam a uma velocidade espantosa no estaleiro consagrado a Tausert, mostrar-lhes-iam que uma pequena equipa era capaz de conseguir resultados excepcionais.

E a picareta de Nakht abateu-se uma vez mais, com a força necessária para atacar o obstáculo sem danificar a ferramenta. Mas a ponta enterrou-se tão profundamente que o talhador de pedra se desequilibrou a ponto de largar o cabo.

— O que é que te deu? - irritou-se Ipuí. - Aposto que bebeste nas nossas costas!

Dorido, Nakht levantou-se com raiva.

— Pára de divagar! É a primeira vez que eu caio num osso destes... O lugar é maldito, é a única explicação.

Ipui curvou-se para a fenda aberta pela picareta.

— Não há o menor malefício nestas paragens... Abriste apenas uma falha numa espécie de caverna.

Fened aproximou uma tocha do orifício.

— Alarguemos o buraco.

Nakht não se fez rogado.

Com grandes esforços, o Poderoso abriu uma passagem suficiente para que Ipui o Examinador conseguisse introduzir-se na anfractuosidade.

— O que vês? - interrogou Fened.

— Outra passagem... Tenho que trepar.

— Sê prudente!

— Isto vai. não te inquietes.

Ipui desapareceu apenas alguns minutos, mas a sua ausência pareceu interminável.

Quando o Examinador reapareceu, estava lívido.

— Vocês não vão acreditar... Acabamos de desembocar no túmulo do Faraó Amenmés!

— Parece grave - disse Ched o Salvador A Paneb. - O trio que está a escavar o túmulo de Sethnakht reclama-te.

O mestre-de-obras subiu para o ar livre.

— Algum aborrecimento, Fened?

— Diz antes uma catástrofe! Seguindo o teu plano, caímos em cheio na Morada de Eternidade de Amenmés!

— Impossível!

— No entanto, é a verdade - lamentou Ipui u Examinador, Paneb dirigiu-se imediatamente ao local e constatou que Ipui não exagerava.

— O que devemos fazer? - interrogou Nakht que estava muito abalado.

— Tornem a tapar hermeticamente o corredor que haveis escavado.

— Abandonamos o local?

— Não há outra solução.

— Isto não me agradava - lembrou Fened o Nariz - Isto não me agradava mesmo nada!

— Protestarás mais tarde - interveio Nakht. - De momento, tapamos.

A equipa tomara o caminho do desfiladeiro num silêncio pesado. Paneb avançava à frente e os outros tinham dificuldade em segui-lo. Chegado antes de todos ao acampamento, fixou o Sol poente como se não existisse mais nada. Os artesãos começaram a jantar sem pronunciar uma palavra e apenas Kenhir ousou aproximar-se do Ardente, cuja sombra gigantesca cobria uma parte da montanha.

— Tenho que redigir o Diário do Túmulo, Paneb.

— Quem vos impede?

— Toda a equipa está ao corrente deste terrível acidente e sou obrigado a referi-lo por escrito.

— Desempenhai a vossa função, Kenhir.

— Infelizmente, não bastará...

— O que há mais?

— O mestre-de-obras não está acima das leis da confraria, antes pelo contrário; tendo em vista a gravidade da falta, sou obrigado a convocar o tribunal.

Paneb voltou-se para Kenhir.

— É a mim que quereis julgar?

— Ou o tribunal te absolve, e tu continuarás a dirigir os trabalhos da confraria, ou serás considerado culpado deste erro e condenado a te retirares.

Um longo silêncio sucedeu à declaração do escriba do Túmulo.

— Não me apresentarei diante do tribunal - anunciou Paneb - porque conheço de antemão o resultado das deliberações. Sou o único responsável e portanto o único culpado.

Alertados pela voz poderosa do mestre-de-obras, os artesãos tinham parado de comer para aguçarem o ouvido.

— Não reajas assim - recomendou o escriba do Túmulo. -Sabes bem que gozas da estima geral.

— Uma estima que conduzirá à minha destituição... Viveis num país de Sol mas não suportais o seu fulgor. Vós e eu não somos feitos do mesmo material. Aquilo que procurais é o vosso conforto, a vossa segurança, mas não aceitais que a luz do pleno Verão inunde o vosso coração. Amanhã, regressareis à aldeia e elegereis um outro mestre-de-obras.

Todos os artesãos se levantaram.

— O que tencionas fazer? -- inquietou-se Kenhir.

— Ir respirar o ar do cume e queimar-me no seu fogo.

Ninguém ousou protestar, de tal forma o rosto do colosso se tornara imperioso. Mas quando Paneb saiu do acampamento, Nakht o Poderoso seguiu-o.

— Não regressarás vivo lá de cima!

— Que importa, visto que sou excluído da confraria?

— O tribunal ainda não se pronunciou!

— A minha falta é pior do que um crime e nenhum artesão pretenderá o contrário. Assim, peço justiça ao cume.

— Se ele inocentar Paneb - precisou Tuti o Sábio - ele continuará a ser o nosso chefe de equipa e o mestre-de-obras.

Kenhir permanecia com a cabeça baixa. Sabia bem que, no passado, o cume nunca concedera o seu perdão aos culpados. Mais teria valido a Ardente comparecer diante da "assembléia do esquadro e do ângulo recto" que teria reconhecido a sua boa-fé.

Mas Paneb não era um ser de meias medidas; de mestre-de-obras, não voltaria a simples artesão. Enfrentando o fogo devorador do cume, queria ser purificado da sua falta pelas próprias potências divinas e continuar a criar a Morada de Eternidade de Tausert, na qual tencionava exprimir toda a sua arte.

Como escriba do Túmulo, Kenhir não tinha o direito de se mostrar indulgente para com um mestre-de-obras, fossem quais fossem as suas qualidades, porque a obra a realizar passava antes do homem. Era essa a lei do Lugar de Verdade desde a sua fundação e, se não fosse aplicada, a confraria desapareceria. Considerando a popularidade adquirida por Paneb, o escriba do Túmulo seria odiado pelos artesãos por se ter mostrado tão intransigente, mas não se preocupava com isso; graças ao seu rigor, era a aldeia inteira que ele protegia.

— Suponho que repousaremos em casa, esperando o julgamento do cume, não? - sugeriu Unesh o Chacal, mordaz.

— A menos que Kenhir decida tomar em mãos os trabalhos -ironizou Casá o Cordame.

O velho escriba não respondeu à provocação e, ajudando-se com a bengala, iniciou a descida. Tinha os ossos doloridos e nem sequer sentia vontade de admirar o esplêndido panorama que tantas vezes o fascinara. A partir de agora, seria considerado o perseguidor de Paneb o Ardente e sem dúvida deveria reformar-se finalmente fora de uma aldeia que continuaria no entanto a amar. Pelo menos morria com a consciência satisfeita por ter cumprido as suas obrigações de escriba do Túmulo, tarefa ingrata entre todas; mas por que razão um desenhador

tão experiente como Paneb cometera um erro tão grosseiro ao recopiar o plano original?

Turquesa esbarrou com Niut a Vigorosa, que barrava o acesso ao gabinete de Kenhir.

— É verdade que o escriba do Túmulo mandou Paneb para a morte?

— Claro que não! Foi o Ardente que decidiu enfrentar o cume, ninguém o obrigava a isso.

— Mas era Kenhir que queria arrastá-lo diante do tribunal!

— Era esse o seu dever, Turquesa, devido à falta grave cometida pelo mestre-de-obras. Fica a saber que dei as mesmas explicações a Uabet a Pura e que nem um artesão nem uma sacerdotisa de Hathor podem criticar o rigor da nossa Regra. O meu marido simplesmente a aplicou e devemos felicitá-lo por isso.

— Porque não se mostra?

— Porque está esgotado e deprimido. Achas que a escolha de Paneb o alegrou? Não vale a pena atormentar mais o escriba do Túmulo, que não fez mais do que o seu dever.

Impressionada pela determinação da jovem esposa de Kenhir, Turquesa retirou-se e dirigiu-se para a casa da Mulher Sábia. Nunca a soberba ruiva imaginara que o colosso pudesse desaparecer; sentia o calor do seu desejo, como se ele a apertasse nos braços sem nunca a ter deixado.

Desde o primeiro encontro, no decurso do qual os seus corpos febris tinham vivido uma comunhão que permanecia igualmente intensa de cada vez que faziam amor, Turquesa nunca enganara Paneb. Continuava no entanto a ser uma mulher livre, pronta a encantar quem lhe apetecesse, mas nunca mais sentira outra paixão depois de se ter tornado a amante do colosso.

Ela, apaixonada àquele ponto... O jovem insubmisso, elevado à dignidade de mestre-de-obras da confraria, emanava uma estranha magia de que ela ainda não conhecia todos os segredos. Não, não o queria perder!

A Mulher Sábia estava em grande conversação com a pequena Selena, que lhe pedia notícias do pai.

— É verdade que ele partiu sozinho para a montanha?

— É, Selena.

— Ele quer atingir o cimo e ver a deusa?

— É o seu objectivo, com efeito.

Sabendo que a Mulher Sábia nunca lhe mentia, a pequenita ficou pensativa.

— Bom, vou ler o papiro sobre as doenças dos pulmões. Selena retirou-se para a biblioteca de Clara.

— Ela não compreende a gravidade da situação - afirmou Turquesa.

— Enganas-te.

— Selena parece tão calma, tão indiferente!

— Conhece igualmente o cume e o pai.

— Deixa-me subir, Clara, a fim de ajudar Paneb!

— Tarde demais, Turquesa. Ele tem de enfrentar sozinho esse julgamento.

— Bebei pelo menos um pouco de caldo de legumes - recomendou Niut a Kenhir, afundado

num cadeirão baixo.

— Não tenho fome nem sede.

— Não é corroendo-vos por dentro e privando-vos de alimento que fareis regressar Paneb.

— Toda a aldeia me detesta.

— Que importância tem isso, visto que estais em paz com vós mesmo?

— Em paz, em paz... É fácil de dizer! Niut a Vigorosa franziu as sobrancelhas.

— O que censurais a vós mesmo?

— Não sei, mas parece-me que omiti um pormenor importante...

Dá-me um pouco de vinho.

— Julgais que vos clarificará o espírito?

— Sabe-se lá!

Niut encheu apenas o fundo de uma taça.

E foi ao esvaziá-la que Kenhir encontrou finalmente a realidade que lhe fugia.

— Tenho demasiadas dores nas pernas para me deslocar... Vai buscar Fened o Nariz e diz-lhe que venha imediatamente com o plano desenhado por Paneb.

Trepando para o cume, Paneb lembrava-se do aviso de Ched o Salvador, “A existência reserva-nos fatalmente provações que nos fazem cair de alto. E para ti, a queda será ainda mais dura do que para os outros; lembra-te então da vitória sobre o dragão das trevas.”

Esmagada de Sol, a montanha de Tebas ocultava verdadeiramente um monstro contra o qual era necessário lutar? O colosso pensava antes na queda inesperada que acabava de o privar da função de mestre-de-obras na qual fora investido sem contar. O Ardente sentia-se pronto a combater os adversários mais decididos, mas o acontecimento apanhara-o desprevenido e fora vencido sem travar batalha.

As sacerdotisas de Hathor afirmavam que não se devia subir ao cume sem oferecer ramos de flores à deusa do Ocidente, a fim de acalmar a sua eventual cólera; no entanto, Paneb tinha as mãos vazias possuindo, como única oferenda, uma cólera capaz de fazer tremer as colinas circundantes.

O Ardente não queria nem o nascer nem o pôr do Sol; apenas a plena luz do meio-dia teria valor de julgamento. Foi por isso que esperou que o calor estivesse no seu apogeu para enfrentar o cume, ao mesmo tempo protector do Lugar de Verdade e chama implacável que aniquilava imprudentes e vaidosos.

Ao atingir o oratório do cume, Paneb brandiu o punho.

— Tu, que tanto amas o silêncio, responde-me! Visto que és a encarnação de Maet, a senhora do céu, dos nascimentos e das transformações, diz-me se me consideras digno de dirigir a confraria dos teus servidores! A falta que cometi é tão grave que me impeça de criar a Morada de Eternidade do Faraó Tausert?

A princípio, houve apenas silêncio.

Um silêncio implacável, tão pesado que mesmo os ombros de Paneb por pouco não vergaram sob o seu peso. Mas agüentou e interrogou de novo a deusa, com a mesma veemência.

Então, a montanha moveu-se.

Não era um tremor de terra, mas uma espécie de dança muito lenta que, no entanto, fez vacilar o colosso.

— Falas, finalmente! Não hesites, fala mais forte, que eu oiça bem o teu veredicto!

Paneb reencontrava o equilíbrio quando as rochas do cume se fenderam, deixando brotar uma luz vermelha.

Soltou um grito de dor levando as mãos aos olhos, mas permaneceu de pé.

Quando reabriu as pálpebras, estava cego.

— Queres impedir-me de pintar porque és uma deusa cruel! Esqueceste-te de distinguir o bem do mal? Prestei algum falso juramento, ou maculei o nome de Ptah, o patrono dos construtores? Porque me revoltou contra o teu mutismo, tentas destruir-me humilhando-me, mas fracassarás! Que o leão que há em ti me devore e que o vento furioso me leve!

A voz de Kenhir tremia.

— É um equívoco terrível... Não, uma sórdida manipulação... Paneb não cometeu nenhuma falta... Olha o plano, Clara, olha bem!

A Mulher Sábia examinou o documento com atenção.

— Este traço não é o de Paneb. O escriba do Túmulo rejubilou.

— É exactamente a minha conclusão! O traidor roubou o desenho do mestre-de-obras de casa de Fened o Naríz, fez uma cópia voluntariamente errada e foi ela que Fened utilizou... Eis a causa real deste terrível acidente! Se eu não tivesse tido a ideia de voltar a esse desenho falsificado, ainda acreditaria que Paneb errara.

— Haveis interrogado Fened?

— Claro que sim! Afirma que nada era mais fácil do que roubar este documento e substituí-lo por outro. Fened, o engolidor de sombras suficientemente perverso para cometer uma falsificação e se fazer passar por vítima... Absurdo!

— Vou buscar o mestre-de-obras - decidi a Mulher Sábia.

— Se o cume o tivesse poupado, há muito que teria regressado...

Era essa a evidência, com efeito, e o traidor conseguira suprimir o mestre-de-obras pela astúcia. Mas Clara queria ainda manter a esperança.

— Não corras nenhum risco - implorou Kenhir. - Temos tanta necessidade de ti!

Quando a Mulher Sábia enveredava pelo carreiro que conduzia ao cume, uma pequena mão apertou a sua.

— Já que vais buscar o papá, vou contigo.

A Mulher Sábia deveria recusar, mas o rosto de Selena era tão determinado que aceitou. A garotinha saberia mostrar-se suficientemente forte se, como era provável, o pior tivesse acontecido.

Treparam lentamente e, a alguns metros do topo, descobriram o mestre-de-obras sentado num rochedo e contemplando o cume.

— Papá!

Selena correu a aninhar-se nos braços do colosso.

— O braço do cume feriu-me - confiou-lhe ele - e senti o seu sopro depois de ele me ter feito ver a sua força. Deu-me olhos novos no momento em que, para mim, a obscuridade reinava em pleno dia. Abre bem os teus ouvidos, Selena: o cume será generoso se souberes falar-lhe.

A Mulher Sábia abraçou o mestre-de-obras.

— Não cometeste nenhuma falta, Paneb; foi o traidor que roubou de casa de Fened o plano que tinhas desenhado. Modificou-o na esperança de que os talhadores de pedra cometessem um erro fatal de que tu serias considerado o único responsável.

Apertando a pequenita de encontro a si, o mestre-de-obras ergueu-se em toda a sua altura.

— Isso significa que sou confirmado em todas as minhas funções?

— A deusa considerou-te inocente e o tribunal da confraria confirmará o seu julgamento. Esta prova ter-te-á permitido conhecer o fogo do cume, que animará a partir de agora as tuas mãos e as tuas obras.

Quando o traidor se cruzou com Turquesa na rua principal da aldeia, espantou-se com o seu ar feliz.

— O que há que tanto te alegre? - perguntou.

— Paneb está de regresso!

— Uma sacerdotisa de Hathor acaba de dizer-me que o cume o deixou doente para sempre?

— Pelo contrário, inocentou-o! A Mulher Sábia levou o mestre-de-obras ao oratório da deusa do silêncio para que ele lhe preste homenagem e amanhã organizaremos um banquete em sua honra. Se soubesses como estou feliz!

— Vê-se, Turquesa, vê-se... Também estou muito feliz por Paneb ter sobrevivido a esta prova.

— O seu coração é um vaso imenso que contém ainda muitas obras-primas que em breve veremos, graças ao cume.

Mais deslumbrante do que nunca, dirigiu-se para o oratório em passo de dança, enquanto o traidor, com os ombros curvados, regressava a casa onde a mulher preparava porco com lentilhas.

Ao ver o seu rosto descomposto, compreendeu.

— Paneb está são e salvo? -A montanha poupou-o.

— Não é um homem como os outros, goza dos favores de Seth!

— Também julgávamos Néfer o Silencioso protegido pelos deuses e eu assassinei-o! Essas superstições não me impedirão de agir.

— Tenho medo, cada vez mais medo...

— Pára de lamuriar! Não renunciaremos à fortuna que nos espera no exterior. Pensa numa grande e bela casa, em criados, terras que cultivarão os nossos camponeses, e esquece o medo. Paneb não passa de um homem, abatê-lo-ei como abati o seu pai espiritual, apoderar-me-ei da Pedra de Luz e conseguiremos o que sempre desejámos.

Bateram à porta.

Aterrorizada, a esposa do traidor encostou-se à parede.

— Identificaram-te e vêm buscar-nos!

Inquieto, o traidor entreabriu a porta e descobriu Niut a Vigorosa, - O escriba do Túmulo convoca para sua casa os membros da equipa da direita.

— Já vou.

Niut foi prevenir outro artesão.

— Não vás, é uma cilada! - suplicou a mulher do traidor. - O velho Kenhir prender-te-á diante dos teus colegas.

O traidor estava perplexo. Se a esposa tivesse razão, a única solução consistia em fugir imediatamente. Mas que falha tinha cometido?

Mesmo tendo a deusa do silêncio recusado tomar a vida de Paneb, restava o seu erro profissional, aquele plano inexacto que conduziu a uma catástrofe indigna de um mestre-de-obras... E o traidor recordá-lo-ia com firmeza ao escriba do Túmulo, a fim de que Paneb fosse condenado.

— Abandonemos imediatamente a aldeia! - recomendou a mulher.

— Vou a casa de Kenhir - decidiu o traidor.

Face aos artesãos da equipa da direita, Paneb examinou o plano que Fened u Nariz utilizara.

— É uma falsificação - concluiu - e não é difícil prová-lo, por três razões: em primeiro lugar, não é a tinta que utilizei para copiar o original; depois, a grossura das linhas não corresponde à que obtenho com o meu pincel; finalmente, a qualidade do papiro, que podeis comparar com o pedaço que resta na reserva do escriba do Túmulo, não é idêntica.

— Confirmo-o - declarou Kenhir - e não é necessário convocar o tribunal, visto que o mestre-de-obras não cometeu qualquer erro.

Todos os artesãos se mostraram aliviados e Karo o Mal-Humorado foi o primeiro a felicitar Paneb.

Ched o Salvador dirigiu-se a Fened o Nariz.

— Não terás algumas explicações a dar-nos?

Fened o Nariz ficou transtornado.

— Explicações... Mas a que propósito?

— É muito simples - considerou Ched: - ou alguém te roubou o plano confiado pelo mestre-de-obras para o substituir por esta falsificação, ou és tu o autor da maquinação.

— Eu, ter cometido um acto semelhante? Divagas! Sentindo pesar sobre si os olhares acusadores de todos os artesãos, o talhador de pedra perdia pé.

— Enganais-vos, estou inocente!

— Vem comigo - ordenou Paneb.

— Onde me levas?

— Se és culpado, o castigo será severo; se és inocente, nada tens a temer.

Compreendendo que não havia escapatória, Fened o Nariz seguiu o mestre-de-obras, que o conduziu até um dos oratórios de cuja manutenção Uabet a Pura se encarregava.

A sacerdotisa afastou-se para deixar os dois homens penetrar num compartimento em abóbada, fracamente iluminado.

Entre as estátuas do fundador da confraria, Amen-hotep I, e da sua mãe de pele negra, símbolo da obra alquímica, estava a Mulher Sábica que elevava nas mãos juntas uma estatueta da deusa Maet.

— Face à eterna rectidão e aos nossos santos patronos, juras, pela vida do Faraó e pela do mestre-de-obras, que tens o coração e as mãos puros?

Sem desviar os olhos de Maet, Fened o Nariz ajoelhou.

— Juro.

Paneb fê-lo levantar.

— Deixa-me abraçar-te.

As notícias que Tausert recebia do vizir Hori não eram nada agradáveis. Baseando-se nos relatórios feitos pelo filho mais velho, cuja honestidade ninguém contestava, Sethnakht intensificava o esforço de guerra. As perturbações políticas na Ásia faziam com que o Egito surgisse cada vez mais como uma presa tentadora e os fracos resultados da diplomacia conferiam crédito à hipótese de uma tentativa de invasão.

Como não se verificara nenhum incidente grave nos protectorados, Sethnakht não exigia ainda a indispensável aprovação da Rainha-Faraó para lançar a ofensiva destinada a sufocar no ovo as veleidades do inimigo. E o vizir Hori continuava a gerir com cuidado a economia do país.

Tausert gostava de Tebas, onde gozava de uma serenidade que lhe parecera inacessível em Pi-Ramsés. Ia muitas vezes a Karnak, celebrava rituais no grande templo de Amon-Ré e passava horas demasiado breves no jardim do palácio.

A Rainha-Faraó deixava o gabinete onde recebera o superior dos celeiros quando o seu secretário particular lhe apresentou uma inesperada solicitação.

— O mestre-de-obras do Lugar de Verdade desejaria ver Vossa Majestade com toda a urgência.

Tausert teve uma espécie de deslumbramento que, durante um instante, a fez vacilar.

— Majestade... Sentis-vos bem?

— Sim, sim, não vos inquieteis.

— Mando embora o mestre-de-obras para que possais descansar.

— Não, aceito recebê-lo... Ele que venha ter comigo ao jardim.

Tausert nunca antes sentira tal sensação de lassitude; foi com dificuldade que saiu do palácio para ir sentar-se à sombra de um grande sicômoro.

Esgotada, fechou os olhos e pensou no marido defunto, cada noite mais presente nos seus sonhos. Por vezes, ao ouvir os relatórios dos administradores que convocava, espantava-se com as suas distrações, como se o exercício do poder já não a interessasse; mas não seria isso consequência de uma fadiga passageira?

Presentindo uma presença, Tausert saiu da sua letargia.

Paneb o Ardente estava diante dela, em pleno Sol.

— Que urgência te traz aqui, mestre-de-obras?

— Sabeis que o Rei Sethnakht me ordenou que escavasse a sua Morada de Eternidade no Vale dos Reis.

— O que tem isso de estranho?

— A confraria não está em condições de lhe dar satisfação.

— O que devo compreender?

— Que a tripulação do Lugar de Verdade está ocupada a construir o vosso Templo dos Milhões de Anos e a preparar a vossa Morada de Eternidade. A vastidão da obra prevista não deixa lugar para nenhum outro trabalho de envergadura.

— Não sois obrigados a obedecer?

— Não quando a ordem é absurda e se impõe uma melhor solução.

— Qual?

— Surpreender-vos-á, Majestade, e preciso da vossa total aprovação. Considerando que concebi um túmulo muito vasto e que dois Faraós reinam ao mesmo tempo, porque não associá-los para sempre?

— Isso significa... que deverei acolher Sethnakht na minha Morada de Eternidade?

— Com efeito, se fordes a primeira a regressar à Luz Divina de onde haveis saído. Caso contrário, será o Rei Sethnakht que vos acolherá.

Tausert estava chocada.

— Surpreendente proposta, com efeito! Pensavas realmente que eu aceitaria?

— Sim, Majestade, porque vos falo de uma obra onde as querelas pessoais e os assuntos temporais não têm lugar. Nem uma cena, nem um texto evocarão, nem de perto nem de longe, as vicissitudes quotidianas ou os aspectos humanos do vosso reinado; serão o vosso diálogo com os deuses e a vossa ressurreição na luz a ser incarnados. Apenas o ser do Faraó viverá para sempre

naquelas paragens.

O túmulo de Tausert e de Sethnakht... A Rainha fechou de novo os olhos para encarar essa estranha realidade.

— Pela deusa Maet, Majestade, vos juro que trabalharei sem parar para fazer da vossa Morada de Eternidade a mais bela do Vale dos Reis. Transmitirei na minha pintura tudo o que a confraria me ensinou e tudo o que descobri no decurso dos meus anos de trabalho. O vosso rosto resplandecerá junto das deusas e a magia das cores torná-lo-á inalterável.

Mais jovem, mais vigorosa, Tausert teria rejeitado a proposta de Paneb; mas sabendo que nunca mais abandonaria Tebas e que o mestre-de-obras era sincero, cedeu.

— Aceito, mas não sou a única em causa. Sethnakht recusará.

— Não conseguireis convencê-lo, Majestade?

— Sou certamente a mais mal colocada para realizar semelhantes negociações.

— Se me autorizades, encarrego-me delas. Parto para a capital a fim de falar com o Rei.

— O meu secretário dar-te-á uma carta de creditação, mas receio que esta iniciativa se traduza por um fracasso.

— Quero ser optimista, Majestade.

— E se a recusa de Sethnakht for definitiva?

— Aconteça o que acontecer, consagrar-me-ei à vossa Morada de Eternidade.

— Continuai assim - disse o mestre-de-obras aos talhadores de pedra que avançavam na rocha a uma velocidade notável.

— É o nosso estaleiro mais belo! - exclamou Nakht o Poderoso. - Nunca tinha trabalhado com tanto entusiasmo... Tudo se passa como se este lugar estivesse à espera da nossa vinda! Não encontramos nenhuma dificuldade.

— Porque tu não tens reumatismo - objectou Karo o Mal-humorado.

— Tenho uma dor no meio das costas - queixou-se Casá o Cordame.

— Encosta-te ao meu peito - ordenou Paneb.

O colosso colocou a ponta do seu esterno sobre a vértebra dolorosa, rodeou Casa com os seus poderosos braços e apertou-o a si como se o quisesse sufocar.

— Expira a fundo!

No momento em que os pulmões do talhador de pedra se esvaziavam, Paneb apertou ainda com mais força e todos ouviram um estalido.

— Estou muito melhor - constatou Casa, liberto.

— Há mais algum doente no estaleiro? - perguntou o mestre-de-obras.

— Nada a assinalar - respondeu Kenhir, sentado à sombra da falésia.

— Ched o Salvador e Gau o Exacto ocupar-se-ão da execução dos planos que lhes confiei e que verificareis com cuidado, Kenhir.

O escriba do Túmulo levantou-se e apoiou-se na bengala.

— É uma viagem perigosa, Paneb.

— Não vos inquieteis, voltarei.

— Pi-Ramsés é mais temível do que um ninho de víboras! Sethnakht considera-te como um dos principais apoios de Tausert e não te perdoa. Estou persuadido que recusará a tua proposta e te manterá prisioneiro.

— Não poderá sozinho impor um novo mestre-de-obras ao Lugar de Verdade. E conto convosco para fazer respeitar a nossa Regra.

— Se desses ouvidos aos conselhos de um homem experiente, não partirias.

— Sem me encontrar com Sethnakht, como hei-de fazê-lo admitir a necessidade de um túmulo único?

Com os cabelos ruivos dissimulados por uma peruca negra, os olhos delicadamente maquiliados, Turquesa estava em pé diante da grande porta da aldeia.

Com um saco ao ombro, Paneb imobilizou-se.

— Serás hostil a esta viagem?

— Quem, mesmo a mulher que te ama, poderia impedir-te de a empreenderes?

O colosso contemplou Turquesa com um olhar de tal intensidade que ela estremeceu.

— Parte, mestre-de-obras, e desempenha a tua função, mesmo se ela deve queimar a tua vida. Caso contrário, deixaria de te amar.

Habitado a levantar-se cedo, Sethnakht permanecera preso ao leito por atrozes dores nos rins que o seu médico pessoal não conseguira acalmar senão prescrevendo-lhe um poderoso calmante à base de papoila. Pouco antes do meio-dia, o Rei submetera-se a uma série de exames.

— Então, médico?

— Teria gostado de poder dizer-vos que se tratava de um banal lumbago, mas não tenho o hábito de mentir. Desejais ouvir a verdade?

— Não me oculteis nada.

— Como quiserdes, Majestade... Esta verdade é muito simples: sois um homem idoso e os vossos órgãos vitais estão gastos. Como sois dotado de uma energia superior à média, conseguis ainda esquecer isso, mas essa bravura em breve se esgotará. É evidente que tomareis fortificantes, mas terão apenas uma eficácia restrita e não farão mais do que retardar o prazo.

— Quereis dizer... a morte?

— Deveis preparar-vos, Majestade.

— Quanto tempo?

— Se vivêsseis mais de um ano seria uma espécie de milagre. Recomendo-vos vivamente que reduzaís a partir de hoje as vossas actividades e façais o máximo de repouso. Caso contrário, o meu prognóstico será muito mais pessimista.

— Obrigado pela vossa franqueza, médico.

— Mais um pormenor, este mais agradável: graças à vastidão da nossa farmacopeia, não sofrereis, E estou naturalmente à vossa disposição dia e noite.

Apesar da sua falta de apetite, Sethnakht forçara-se a comer costeletas de borrego e uma salada. Com as costas menos dolorosas graças aos remédios, recebera o vizir Hori durante meia hora antes de o seu secretário particular lhe trazer as mensagens confidenciais.

— Uma carta da Rainha Tausert, Majestade. Foi o mestre-de-obras do Lugar de Verdade que a trouxe.

— Paneb o Ardente, tens a certeza?

— É um colosso que ultrapassa bem uma cabeça o capitão da vossa guarda de elite.

— Então é mesmo ele! Mas por que se deslocou para me trazer correio?

Intrigado, Sethnakht percorreu a missiva que era uma simples carta de recomendação, pedindo ao Faraó para receber o mais depressa possível o mestre-de-obras.

— Quantas entrevistas há esta tarde?

— Quatro, Majestade; o responsável pelo arsenal, o...

— Adia-as para amanhã e manda entrar Paneb.

Sethnakht lavou a boca com água fresca cortada com natrão e sentou-se numa cadeira cujo encosto era adornado com ceptros "força" em ligação simbólica com Seth, o seu protector divino

que o abandonava no momento em que finalmente exercia o poder.

Tal como Seti, segundo do nome, Sethnakht mostrara-se presunçoso ao escolher ser um servidor de Seth, esse fogo celeste que apenas Seti I, o pai de Ramsés o Grande, soubera dominar para viver um dos reinados mais grandiosos da história egípcia. Ninguém deveria ter tentado imitá-lo.

Encontrar-se com Paneb o Ardente reconfortou o monarca.

— Segundo a carta de Tausert, tens pressa de me consultar.

— A localização que desejáveis para o vosso túmulo não é conveniente, Majestade.

— Ah... Desejas propor-me outra?

— Exactamente.

— E efectuaste esta viagem para me falar disso...

— Sim. Majestade, por causa do carácter excepcional dessa localização.

— Está bem situado no Vale dos Reis? - inquietou-se Seth-nakht.

— Penso que o vasto túmulo em curso de construção poderia abrigar os dois Faraós que governam actualmente o Egito.

A voz grave de Paneb não tremera.

— Um mesmo túmulo para mim e para Tausert...

— A Rainha aceitou.

Sethnakht não dissimulou a sua estupefacção.

— Tens... a certeza?

— Sem qualquer dúvida, Majestade.

— Tausert e Sethnakht associados para a eternidade... E solicitas o meu acordo?

— Espero-o de todo o coração.

O velho teria gostado de se levantar, tomar ar, reunir os seus conselheiros, mas já não tinha força para isso. Alguns dias antes, teria coberto Paneb de injúrias por ter ousado desafia-lo assim. Mas hoje tudo era diferente, tão diferente...

— Os trabalhos estão muito avançados?

— Progredimos depressa - afirmou Paneb - e em breve começarei a incarnar as divindades na minha pintura. Desejais que vos mostre os meus projectos?

— Não será necessário, a tua competência é conhecida. Também eu aceito a proposta, mas tenho uma exigência a formular: apressa-te, mestre-de-obras.

Acompanhado pelo esquadrão de polícias do deserto que permitira a Daktair interceptar os batedores líbios, Mehi era fiel ao encontro nocturno que lhes marcara.

Embora um tanto tranquilizados pela presença do general, os polícias receavam aventurar-se em plena noite no deserto. Para além das serpentes, tão numerosas como temíveis, estava povoado de génios maus que nem os mais aguerridos conseguiam vencer.

Única consolação: os líbios e outros corredores das areias deviam estar tão aterrorizados como eles.

— Somos demasiado pouco numerosos - considerou o comandante do esquadrão.

— Esta expedição deve permanecer secreta - lembrou Mehi.

— Correis demasiados riscos, general.

— Deitar a mão a um chefe de clã líbio é particularmente difícil, sabes tão bem como eu. Seja qual for o perigo, a ocasião era bela demais! E estou feliz por provar que não passo a minha existência num gabinete. Imaginas a alegria da nossa soberana quando lhe levamos este rebelde?

— Seria uma bela presa - reconheceu o comandante.

Logo que se internaram no "ued" das gazelas, os cinco avançaram um atrás do outro, redobrando a vigilância. O polícia da frente martelava o solo com o seu longo cajado bifurcado e o de trás transportava um pesado alforje que Mehi lhe confiara.

À vista do poço abandonado, os polícias ficaram nervosos.

— Não vamos mais longe, general. Vou mandar um dos meus homens verificar os arredores.

— É inútil, os líbios comparecerão ao encontro.

— Se não tomarmos nenhuma precaução, seremos abatidos como caça!

— Não te angusties, comandante; eles vão querer ver primeiro o que temos para lhes oferecer.

A serenidade de Mehi não tranqüilizou os polícias, que receavam cair numa cilada.

A alguns metros do poço, os líbios apareceram.

Oito guerreiros, dispostos em semicírculo e brandindo lanças.

— Nem um gesto - ordenou o general aos polícias egípcios.

Mehi avançou.

— Pedi para encontrar um chefe de tribo. Teve a coragem de vir?

Seis Dedos avançou por sua vez.

— Não sou um simples batedor, mas também o chefe de uma tribo que não receia nenhum soldado egípcio. E tu, és realmente o general Mehi, chefe do exército tebano?

— Sou.

— Porque me querias encontrar?

— Aproximaste-te muito do nosso território nestes últimos tempos.

— Um dia, o Egito inteiro pertencer-nos-á!

— Enquanto esperas, proponho-te um negócio.

Seis Dedos ficou tão espantado como os polícias egípcios.

— Não me ocupo de comércio!

— Se continuares a atacar caravanas, lançarei as minhas tropas em tua perseguição e não terás qualquer hipótese de me escapar. Tenho muito melhor para te oferecer.

Mehi fez sinal para se aproximar ao polícia que transportava o alforje.

— Abre-o e espalha o conteúdo no chão.

Seis Dedos não queria acreditar nos seus olhos. A fraca luminosidade nocturna devia enganá-

lo.

— É precisamente o que tu pensas - disse Mehi. - Não hesites em tocar.

O líbio ajoelhou-se.

Ouro... Vários pequenos lingotes de ouro que representavam uma verdadeira fortuna!

Seis Dedos ergueu os olhos interrogativos para Mehi.

— O que pedes em troca?

— Nenhuma pilhagem na região tebana e um comando líbio que eu possa contactar livremente e que me obedecerá ao mínimo sinal.

— Estás a fazer troça de mim! Como posso ter confiança num general a soldo do Faraó?

Com uma vivacidade que espantou Seis Dedos, Mehi desembainhou um punhal e cortou a garganta do comandante do esquadrão egípcio e depois a do polícia que transportara o ouro.

— Matem os outros! - ordenou aos líbios.

Lançadas com violência e precisão, duas lanças cravaram-se no peito do terceiro polícia. O quarto, ferido no ombro, tentou fugir.

Mehi agarrou numa lança cravada na areia e não falhou o alvo.

Ferido nas costas, o egípcio caiu.

— Ter confiança em mim proporcionar-te-á ainda muito ouro - anunciou Mehi a Seis Dedos.

Daktair engordara ainda mais: era impossível resistir aos pratos da sua cozinha egípcia. E quanto mais preocupado estava, mais comia. Naquela manhã, tinha devorado um pernil de porco, queijo fresco e vários cachos de uva sem conseguir reencontrar uma aparência de serenidade.

Ele, o brilhante cientista tornado director do laboratório central de Tebas, atolara-se num conforto imbecil em vez de lutar encarniçadamente contra as velhas superstições que impediam o Egito dos faraós de enveredar pela via do progresso.

O responsável pela sua degradação tinha um nome: Mehi, Esse maldito general fizera brilhar diante dele um futuro radioso sem manter as suas promessas. Não conseguira apoderar-se da Pedra de Luz, o segredo principal do Lugar de Verdade, e a sua vontade de conquistar o poder supremo não passava de ilusão.

Na hora presente, o general traidor devia estar morto, assassinado pelos líbios com quem se encontrara no deserto. Esta diligência provava que Mehi enlouquecera.

— Senhor, posso alisar e perfumar a vossa barba? - perguntou-lhe a sua cabeleireira.

— Despacha-te que tenho de sair.

Daktair não se dirigiria ao laboratório onde dormitavam as suas invenções recusadas pelos templos, mas ao palácio real para saber notícias de Mehi.

Ou tinham trazido o seu cadáver, ou ele tinha desaparecido. E se, por infelicidade, o general tivesse regressado ferido ou incólume, Daktair decidira denunciá-lo à Rainha-Faraó Tausert, contando-lhe tudo o que sabia sobre aquele monstro. O sábio explicaria que fora ameaçado e manipulado e que a sua única preocupação era a verdade.

Vingar-se-ia assim daquele demente que o arrastara para o fracasso.

Daktair acabava de se vestir quando o seu intendente lhe anunciou uma visita.

— O general Mehi está na vossa sala de recepções. Tem pressa.

O sábio empalideceu.

A única solução não seria fugir, passando pelo jardim? Mas o general não tardaria a compreender e agarraria a sua presa antes dela ter tido tempo de passar para a margem oeste e atingir o palácio.

Mehi não ousaria apesar de tudo suprimi-lo em sua própria casa! Os criados acusariam o general de crime, e os seus tentumunhos fariam com que fosse condenado à pena capital. Não, não tinha nada a temer enquanto não saísse de casa... E se Mehi esboçasse o menor gesto ameaçador, gritaria por socorro.

Com o estômago apertado, o sábio penetrou na sala de recepções onde o seu visitante andava de um lado para outro.

— Tive que esperar, Daktair!

— General... Sois realmente vós?

— Receavas que eu desaparecesse no deserto?

— Esta aventura apresentava muitos riscos e eu...

— Tranquiliza-te, meu fiel amigo, sou indestrutível! Passou-se tudo muito bem e disponho actualmente de um comando líbio que, dentro de algum tempo, me será muito útil.

— Mas... Como reagiram os polícias egípcios? Mehi cravou o olhar no do sábio.

— Estão mortos, evidentemente.

— Não quereis dizer que...

— Não há dez maneiras de estar morto, meu caro Daktair, e não podia ficar nenhuma testemunha do meu encontro com os líbios.

Daktair engoliu com dificuldade.

— Tu, é diferente... Tu és meu aliado!

— Podeis ter a certeza disso, general!

— Tenho excelentes notícias: a Rainha Tausert anulou as audiências porque a sua saúde declinou bruscamente. Já não é capaz de examinar as pastas e de manter o leme da barca do Estado. Por outras palavras, volto a ser o senhor de Tebas e o Lugar de Verdade é privado do seu principal apoio. Que melhor ocasião para lhe desferir um golpe fatal?

— Que notícia maravilhosa, com efeito...

— Preciso de uma arma especial, meu muito querido amigo, e és tu que ma vais arranjar.

Embora dispusesse de plenos poderes para gerir a vasta mansão do Egipto Médio que pertencia a Mehi, o escriba Imuni nem sempre admitia a sua exclusão do Lugar de Verdade. Era a ele e a mais ninguém que competia dirigi-lo. Não tinha reunido os documentos que provavam o correcto fundamento das suas reivindicações?

Terminada a sua longa depressão, Imuni passava finalmente à ofensiva. Graças a uma argumentação pormenorizada, faria anular a decisão do tribunal da aldeia, obteria a destituição de Kenhir e a sua nomeação como escriba do Túmulo. Em seguida, expulsaria Paneb o Ardente e impor-se-ia como patrono da confraria.

Restava a Mulher Sábia, sobre a qual não tinha qualquer poder! Precisar-se-ia do acordo do tribunal local para suprimir esse posto. Questão de paciência...

Imuni cumprimentou calorosamente o adjunto do governador de Tebas, um excelente jurista a par das legislações mais complexas.

— Obrigado por ter arranjado tempo para estudar a minha pasta e por ter vindo até mim.

— Gosto muito desta região e o vosso caso interessa-me. As feições de Imuni crisparam-se.

— O que pensais da minha argumentação?

— Não deixa de ser interessante, mas não bastará para vencer os vossos adversários.

— Então, não tenho qualquer hipótese!

— Não disse isso - objectou o jurista - mas a melhor solução consiste em encontrar um vício de forma e, sobretudo, em não abordar o fundo. Considerando a especificidade do tribunal do Lugar de Verdade, seria indeferido.

— Mas fui vítima de uma injustiça, afinal! Não reconheceram o meu valor, ignoraram as minhas competências e recusaram-me o posto ao qual tinha direito!

— Sem dúvida, caro amigo, mas coloco-me num terreno estritamente jurídico, onde as

vossas afirmações não terão qualquer valor.

Imuni acalmou-se.

— Esse vício de forma... Tê-lo-eis encontrado?

— Creio que sim. Segundo o calendário dos dias fastos e nefastos que a confraria, cuja função religiosa é inegável, deveria respeitar, a vossa expulsão da aldeia foi decidida num dia desfavorável. Agindo assim, colocou-vos em perigo e deve-vos uma reparação, ou seja, a vossa reintegração. Em seguida, colocareis oficialmente e do interior a vossa candidatura à direcção do Lugar de Verdade.

— A Rainha-Faraó Tausert aprovará a minha iniciativa?

— A saúde da nossa soberana vacila... Será sem dúvida Sethnakht a proceder à vossa nomeação.

Pela primeira vez desde que tinha sido expulso da aldeia, Imuni sorriu.

O frasco de longo gargalo continha um unguento composto por óleo dito "estável", flores de acácia e gordura fundida; tinha a aparência de um gel, perfumava a pele e escurecia-a ligeiramente para a proteger do Sol.

Nua no seu terraço banhado pela poderosa luz do meio-dia, Turquesa untava com ele os seios usando as pontas dos dedos.

Junto dela, Paneb não perdia um segundo do maravilhoso espectáculo.

— Talvez me pudesses ajudar na parte de baixo dos rins, não? - sugeriu ela.

Deitou-se de barriga para baixo e a mão do colosso tornou-se doce e precisa para desencadear na amante vagas de um prazer ao qual ela se entregou sem reserva.

E quando ele a beijou no pescoço, Turquesa não resistiu mais ao desejo de o atrair para cima dela a fim de que fizessem amor com aquele entusiasmo inesgotável de que nunca se cansaria. Cúmplice dos seus amplexos, o Sol oferecia-lhes uma carícia ardente que alimentava o seu desejo.

— Continuas a recusar casar comigo?

— Mais do que nunca - respondeu a sacerdotisa de Hathor. - Que loucura trocar um amante como tu por um marido banal! Quebrar o meu voto conduzir-nos-ia a ambos à infelicidade. Expulsa definitivamente essa ideia da tua cabeça e pensa antes no discurso que tens de pronunciar diante das duas equipas.

De regresso de Pi-Ramsés, Paneb fizera um curto relatório oral ao trio formado pela Mulher Sábia, o escriba do Túmulo e o chefe da equipa da esquerda, para lhes anunciar o acordo de Sethnakht; mas a confraria, que via cada vez mais o mestre-de-obras como um herói capaz de ultrapassar as piores dificuldades, esperava mais pormenores.

O colosso preferira ir visitar Turquesa, cujo acolhimento estivera à altura das suas esperanças.

— Odeio discursos... Visto que o caminho está livre, só nos resta trabalhar e tornar incomparável o túmulo de Tausert e Sethnakht.

— Não estás em competição com os teus antecessores, Paneb.

A reflexão de Turquesa fê-lo saltar como uma chicotada.

— Estou comigo mesmo; caso contrário, adormeceria sobre a minha técnica. Por isso exigirei das minhas mãos tudo o que elas ainda não deram.

Durante vinte horas, Paneb vigiara a cozedura de um silicato duplo de cobre e cálcio ao qual acrescentara um sal de potássio como fundente. Na mufla, a temperatura podia atingir os mil graus e o colosso regulava o fogo a fim de obter um pigmento, reduzido a pó, que seria humidificado e compactado de forma a proporcionar um azul inimitável.

Não entregara a ninguém o cuidado de esmagar aquele pó antes de o aglomerar em pães discoidais cujas parcelas dissolveria à medida das suas necessidades. E fora com sementes de pistácia que o mestre-de-obras preparara um verniz de primeira qualidade, indispensável para fixar a pintura.

Quando penetraram na Morada de Eternidade onde residiriam Tausert e Sethnakht, todos os artesãos sentiram que uma etapa essencial da obra ia ser franqueada. Até mesmo Ched o Salvador tinha a garganta apertada.

— A iluminação está conveniente para ti? - perguntou o pintor ao mestre-de-obras.

Sabiamente dispostas, trinta lâmpadas de três mechas espalhavam uma luz intensa no corredor descendente.

— Excelente. As lâmpadas de substituição?

— Kenhir concede-nos um cofre cheio.

O mestre-de-obras verificou uma última vez a qualidade do suporte. O calcário tinha sido correctamente recoberto com uma fina camada que formava uma superfície ideal para o pincel.

— Este trabalho está uma maravilha - constatou.

— Os planos pormenorizados estão prontos e podemos proceder à sua quadriculação.

— Não será necessário.

Ched o Salvador ficou espantado.

— Não é necessário... Tencionas dispensar o quadriculado que te dará o sistema de proporções?

— Ou estão vivas na minha mão, ou fracassarei.

— Corres um grande risco!

— Eu sei, Ched, A visão desta Morada de Eternidade obceca-me há várias noites; vejo cada uma das suas figuras, sinto a sua intensidade, a dos sinais de força que transmitem a luz nas trevas. Quando fecharmos a porta do túmulo, iniciar-se-á um ritual e as divindades falarão. Pintando-as, desenhando o Verbo que as impregna, desejo ser digno do Lugar de Verdade.

A voz grave do colosso encheu um lugar que era ainda apenas um vazio inanimado. E todos os artesãos da equipa da direita, apesar de julgarem conhecê-lo bem, descobriram de repente nele uma nova estatura.

— Néfer o Silencioso ressuscitou no seu filho espiritual - murmurou Didia o Generoso.

— E é sempre o mesmo mestre-de-obras que dirige a confraria - acrescentou Tuti o Sábio.

Paneb permaneceu um longo momento imóvel em frente da parede lisa.

— São horas de irem repousar para o desfiladeiro - lembrou-lhes. - Eu passarei aqui a noite.

Logo que o cortejo dos artesãos abandonou o Vale dos Reis, Paneb começou a trabalhar. Tal como o Sol moribundo penetrava nas trevas para se regenerar no decurso das doze horas rituais, também o artesão enfrentaria a prova do silêncio do túmulo, só face à obra nascente.

De regresso ao local, a equipa encontrou o mestre-de-obras sentado perto da entrada da Morada de Eternidade com os olhos semicerrados. O Sol triunfava já no céu.

— Posso entrar? - pediu Ched o Salvador.

Paneb abanou docemente a cabeça.

Seguido pelos outros artesãos, o pintor penetrou no corredor ainda iluminado pelas lâmpadas que enfraqueciam.

E descobriram as figuras fantásticas dos guardas das portas mais Além, armados com facas. Desses seres temíveis, cujos nomes era necessário conhecer para franquear o limiar de cada hora da noite sem se ser destruído, Paneb tinha feito outras tantas obras-primas de cores vivas, chocando a alma e despertando-a para as realidades invisíveis.

— Sem quadrícula preliminar, que incrível precisão nas formas e nos pormenores! - espantou-se Gau o Exacto.

— Se não conhecêssemos os textos que acalmam estas criaturas, ficaria aterrorizado - confessou Pai o Bom-Pão.

— O fogo do cume anima as mãos de Paneb - considerou Unesh o Chacal.

Embaraçados, os irmãos do mestre-de-obras não conseguiam afastar os olhos daqueles guardas implacáveis, garantes da rectidão.

— Ao trabalho - ordenou Paneb juntando-se aos seus companheiros.

— Não deverias dormir um pouco? - sugeriu Renupe o Jovial.

— Kenhir chamar-me-ia preguiçoso! Continuemos a escavar e preparemos novas cores.

Como de costume, o banquete organizado por Mehi e Serketa fora um grande sucesso apreciado pelos notáveis tebanos, entre os quais figurava o médico-chefe do palácio. A esposa do general, com generoso decote, mostrava-se particularmente amável com ele.

— Toda a província elogia os vossos méritos, médico - felicitou-o Mehi. - Muitos afirmam que o vosso sentido do diagnóstico é excepcional.

O médico segurou a sua taça cheia de um vinho tinto de Khargeh.

— Lisonjeais-me, general.

— De maneira nenhuma, meu caro! O ciúme dos vossos colegas não será a melhor prova do vosso êxito?

— Tereis ouvido algumas críticas? - inquietou-se o médico.

— Detesto os invejosos e desencorajei-os.

— Como poderei agradecer-vos, general?

— Felizmente, gozo de perfeita saúde! Ao mínimo problema, chamar-vos-ei.

— Ficarei muito honrado. Essas críticas... ameaçavam a minha posição?

— Numerosos terapeutas desejariam ocupar o vosso lugar e beneficiar das importantes vantagens que lhe estão ligadas. Mas tranquilizai-vos: não tendes melhor defensor do que eu e Tebas não negligencia as minhas opiniões.

— Tenho plena consciência disso, general, e podeis considerar-me vosso devedor.

Mehi arrastou o seu convidado para o jardim, longe do zunzum da grande sala de recepções onde dezenas de notáveis apreciavam as delicadas iguarias.

— Conheceis a minha profunda afeição pela nossa soberana, que ilumina Tebas com a sua presença - disse o general em voz surda - e confesso-vos a minha inquietação na sequência de rumores contraditórios. Uns pretendem que ela sofre de uma indisposição passageira, outros de uma doença grave, mesmo incurável... Como não consigo falar com Sua Majestade há três semanas, várias decisões permanecem em suspenso e já não sei o que pensar.

O médico pareceu incomodado.

— Compreendo-vos, mas o segredo médico...

— Felicito-vos pelo vosso rigor e sentido de deontologia, médico; mas não deveríeis admitir que se trata de um assunto de Estado? A nossa soberana encarregou-me de garantir a segurança da cidade e da província e, sem directivas precisas, a minha tarefa anuncia-se difícil. Por isso conto convosco.

Dominado por uma profunda luta interior, o médico mordida os lábios.

— Posso exigir de vós uma total descrição, general?

— Deverei repetir que se trata de um assunto de Estado e que tendes todo o meu apoio?

— Vou ter necessidade dele...

— Serão as vossas dificuldades mais graves do que eu suponha?

— A Rainha sofre de uma doença do sangue, incurável, general. Quando os meus colegas constatarem o meu fracasso, acusar-me-ão de incompetência e perderei o meu lugar, embora não tenha cometido qualquer erro.

— Quereis dizer que a nossa bem-amada soberana está a morrer?

— O seu caso é desesperado, com efeito.

— Que terrível notícia! Mas haveis tido razão em confiar em mim; proteger-vos-ei.

— General, não sei o que dizer e...

— Ide distrair-vos um pouco, meu amigo.

Logo a seguir à morte de Tausert, Mehi despediria aquele incapaz e mandá-lo-ia apodrecer para uma terriola da Núbia.

Restava o essencial: em breve, apenas teria como adversário o velho Sethnakht.

— Uma mensagem urgente, general.

O intendente entregou a Mehi um papiro selado proveniente de Pi-Ramsés.

Serketa viu o marido isolar-se para ler o relatório escrito por um oficial fiel a Mehi e encarregado de lhe transmitir informações confidenciais.

O rosto de Mehi enrubescou e a esposa aproximou-se.

— É incrível, Serketa, incrível! O mestre-de-obras do Lugar de Verdade dirigiu-se a Pi-

Ramsés, conversou com Sethnakht e só esta noite o sei! Podíamos ter organizado uma emboscada, interceptar Paneb...

O general abriu largamente a boca como se lhe faltasse o ar, largou o papiro e levou as mãos ao peito.

— O que tens, meu doce amor?

— Uma dor terrível... Sinto-me mal...

O intendente interveio precisamente a tempo para amparar o patrão que se desmoronava, com os olhos fixos.

— Um médico, depressa! - berrou Serketa. - O general está com uma crise cardíaca!

Em peso e com indumentária de festa, a tripulação do Lugar de Verdade esperava a chegada da Rainha-Faraó Tausert que vinha presidir ao ritual de inauguração do seu Templo dos Milhões de Anos. O Sol atingiria em breve o zénite, banhando de luz o pequeno edifício de admiráveis proporções.

Num céu calmo voavam ibis e flamingos rosa, enquanto Vento do Norte saboreava uma orgia de luzerna.

— Vamos passar todo o dia aqui? - inquietou-se Karo o Mal-Humorado.

— Porque não, se for necessário? - retorquiu Renupé o Jovial.

— Tu não sofres com o calor, pois não? - protestou Gau o Exacto.

— Agora que o dizes...

— Podíamos pedir autorização para beber - sugeriu Casá o Cordame.

Sentado à sombra num taborete, o escriba do Túmulo velara pela organização de uma cerimónia que deveria ter começado de madrugada. Quanto mais os minutos passavam, mais ele se inquietava.

— Tausert não virá - murmurou Paneb.

— Talvez seja apenas um atraso...

— Bem sabeis que não.

— A inauguração não foi adiada! Mais um pouco de paciência...

— Os artesãos têm fome e sede, Kenhir.

O velho escriba levantou-se com dificuldade e falou com o sacerdote encarregado de fazer as oferendas, diariamente, ao la da soberana. O ritualista acedeu a ir ao palácio para saber notícias.

Quando ele abandonava o local, esbarrou com uma delegação vinda da capital. Depois de uma breve troca de palavras, regressou para junto de Kenhir.

— Sua Majestade ficou retida - declarou ele. - Procederemos à inauguração deste templo sem ela.

— Porque não adiamos a cerimónia? - sugeriu o mestre-de-obras.

— As ordens de Sua Majestade são formais.

A confraria dirigiu-se para o santuário a fim de o tornar vivo e de fazer irradiar a sua energia graças à intervenção da Mulher Sábida; mas seria aquele início suficiente para restaurar a saúde da soberana?

A grande mansão do general Mehi não tinha a sua animação habitual. O cozinheiro não sabia que pratos preparar e ninguém ousava pedir instruções a Serketa, porque a dona de casa estava num estado de nervos próximo da loucura.

A porta do quarto de Mehi abriu-se finalmente e apareceu o médico-chefe do palácio.

— Então, doutor?

— O vosso marido está salvo.

— O seu coração foi atingido gravemente?

— Não creio. Tratou-se de um simples alerta que deve no entanto incitá-lo a restringir as suas actividades e repousar mais. Receitei-lhe remédios que tornarão a pô-lo de pé, desde que não cometa nenhum excesso.

Sem agradecer ao terapeuta, Serketa irrompeu no quarto, angustiada com a ideia de encontrar um marido diminuído, incapaz de prosseguir o seu caminho para o poder. Nesse caso, era lamentável que o médico o tivesse salvo e ela arranjaría forma de se desembaraçar daquele peso inútil.

Mas Mehi estava em pé, com a tez rosada, a comer figos.

— Como te sentes, meu doce amor?

— Perfeitamente bem e tenho fome! Tranquiliza-te, o meu coração é tão sólido como granito e não vai ser um momento de fadiga que abrandará o meu ritmo.

Serketa meneou-se como uma garotinha.

— Não tens vontade de mo provar?

Mehi amarfanhou-lhe os seios.

— Nunca terás macho melhor do que eu, mas tenho uma coisa urgente a tratar. Preciso de ouro para o comando líbio e recebo-o hoje da Núbia.

— Não tens de ir ao templo de Karnak?

— Claro que sim e não faltarei aos meus deveres.

— Mas então...

— O nosso amigo Daktair é um sábio notável. Ajudar-me-á a resolver este pequeno problema.

Foi sob o comando do general Mehi em pessoa que um destacamento militar escoltou até ao Tesouro de Karnak os lingotes de ouro e de prata destinados ao embelezamento do santuário. O Sumo Sacerdote recebeu o general durante alguns instantes e felicitou-o pelas precauções tomadas; desde que ele velava pelo transporte daqueles metais preciosos entre todos, não se tinham verificado roubos nem incidentes.

O ouro destinava-se a adornar as portas monumentais e as estátuas, a prata a recobrir o chão de um santuário que se tornaria assim semelhante ao lago primordial de onde emanavam as forças essenciais da vida.

Como de costume, um ourives de Karnak verificou a qualidade dos metais. Em geral, era um velho artesão próximo da reforma que se encarregava rapidamente daquela tarefa; nunca os controladores egípcios que trabalhavam na Núbia teriam expedido para Tebas ouro e prata de má qualidade.

Mas naquela manhã o verificador estava doente e um jovem ourives, conhecido pelo seu carácter minucioso, substituíu-o. Obstinou-se portanto em examinar cada lingote antes de imprimir a marca "bom".

— Vem almoçar - disse-lhe um colega. - Há mais de cinco horas que trabalhas sem levantar a cabeça!

— Já vou... Ah, mais um instante!

- Despacha-te, tenho fome.
- Não, não é possível...
- O que há?
- É preciso avisar o ourives-chefe.
- Não o vamos incomodar agora!
- Esqueçamos o almoço... É demasiado grave.

O escriba do Túmulo conversava com o mestre-de-obras quando Niut a Vigorosa o interrompeu.

— O ourives-chefe de Karnak chama-vos à porta grande.

Kenhir e Paneb entreolharam-se, espantados; a importante personagem não saía muitas vezes da cidade santa de Amon e não passava por ser um ardente defensor do Lugar de Verdade.

O mestre-de-obras ajudou o escriba do Túmulo a levantar-se e deu-lhe a bengala.

— Precisaís de repetir o tratamento feito pela Mulher Sábia e tomar correctamente os vossos remédios - afirmou Niut. - Caso contrário, acabareis realmente por envelhecer.

Preferindo não iniciar uma polémica da qual não tinha qualquer hipótese de sair vencedor, Kenhir apressou-se a sair de casa.

O ourives-chefe de Karnak continuava a ostentar a importância do seu título, mas Paneb detectou no entanto a inquietação sob a arrogância. E era visível que tinha dificuldade em abordar de forma directa o tema de preocupação que o conduzia até à zona dos auxiliares.

— Ninguém deve ouvir a nossa conversa - declarou, nervoso.

— Sentemo-nos na base da colina, a uma centena de metros daqui - decidiu Paneb. - Ali estaremos tranqüilos.

Kenhir tinha um ar divertido. Com certeza que a orgulhosa personagem tinha necessidade dos serviços da confraria; e era essa a razão pela qual as palavras saíam da sua boca com tanta dificuldade.

— Temos um problema - confessou.

— Um artesão indelicado? - sugeriu Kenhir.

— Não, claro que não... Mas uma entrega suspeita.

— Proveniente da Núbia?

— Precisamente.

— Impossível! - exclamou o escriba do Túmulo. - Os verificadores são implacáveis!

— É igualmente o que eu penso e foi o que sempre constatámos... Mas desta vez temos uma dúvida e gostaria... de uma opinião exterior.

— Por outras palavras, desejais consultar Tuti o Sábio, o ourives do Lugar de Verdade.

— Se o conseguísseis convencer... Porque ele e eu não nos entendemos lá muito bem.

De facto, Tuti abandonara Karnak sem saudades por já não suportar ser obrigado a obedecer

a um carreirista menos competente do que ele.

— A resposta pertence ao nosso ourives - precisou o escriba do Túmulo, não sem satisfação. - O mestre-de-obras fará o pedido, mas não vos prometo nada.

Tal como Kenhir, Paneb não tinha nenhuma vontade de baixar a cabeça diante do seu visitante, mas teve a sensação que este era o instrumento do destino e que não podiam de maneira nenhuma negligenciar um sinal daqueles.

Tuti saía de casa da Mulher Sábia que, em algumas sessões de magnetismo, conseguira desentupir-lhe os canais do fígado. Liberto finalmente de uma enxaqueca tenaz, o ourives pensava no suculento almoço que tencionava oferecer a si próprio quando esbarrou com o mestre-de-obras.

— Preciso de uma peritagem, Tuti.

— Tudo bem... Qual é o objecto em causa?

— Lingotes de metal precioso.

— Verifiquei os que nós possuímos: a sua qualidade é perfeita.

— Tratam-se dos do templo de Karnak que o ourives-chefe trouxe.

Tuti o Sábio enfureceu-se.

— Esse tiranete, tão gabarola como incapaz? Ele que se desembarace sem mim!

— Para ele, vir até nós foi uma dura prova.

— É insuficiente! Ele que trepe de joelhos todos os caminhos da montanha e depois se verá.

— Sou eu que te peço essa peritagem, Tuti.

— Queres dizer... Como mestre-de-obras?

— Exactamente.

— Nesse caso, é diferente... E não terei que conversar com esse medíocre?

— Servirei de intermediário.

— Os lingotes de ouro pareceram-nos perfeitos - declarou o ourives-chefe com voz hesitante - excepto este.

Tuti pesou-o, raspou-o com um cinzel miniatura e poisou-o sobre o coração.

— Contém prata, o que nada tem de anormal. Se me convocaram para troçarem de mim, saio daqui imediatamente.

— Não, não! - suplicou o ourives-chefe. - Somos da mesma opinião e repreendi o nosso jovem verificador que tem tendência para exagerar no zelo. Em contrapartida, no que se refere a este lingote de prata, receio que a sua apreciação...

— Nem mais uma palavra - exigiu Tuti. Desta vez, o seu exame não o deixou satisfeito.

— Tenho que ir à minha oficina.

Tuti regressou uma hora mais tarde e cravou o olhar no do seu ex-superior.

— O que pensa o vosso jovem verificador?

— Esse lingote parece-lhe estranho, hesita em qualificá-lo como "bom".

— Com o faro que ele tem, deveriam fazê-lo subir rapidamente na hierarquia, porque possui

o sentido do metal! Sois vítimas de um falsário de génio, especialista de uma manipulação complicada que eu julgava ser um dos únicos a conhecer. Limpa-se quatro vezes estanho branco e macio, misturam-se seis parcelas com cobre branco de Galácia, e obtém-se uma falsa prata de primeira qualidade, cuja aparência enganaria qualquer técnico, mesmo experiente.

Enquanto a Mulher Sábia reanimava o ourives-chefe de Karnak, que desmaiara, Kenhir avisou o chefe Sobek.

O escriba do Túmulo, o mestre-de-obras, Tuti o Sábio, o policia núbio e o seu visitante, cujas mãos trémulas traíam a perturbação, reuniram-se no gabinete do quinto fortim.

— É preciso enviar alguém de confiança à mina de onde provém este lingote de prata - preconizou Kenhir - e sem prevenir a hierarquia de Karnak, que talvez esteja implicada no tráfico.

— Nem penseis nisso! - indignou-se o ourives-chefe.

— Parai de cacarejar como uma galinha velha - recomendou o escriba do Túmulo. - Ou há cumplicidade entre a mina e Karnak, ou os lingotes entregues por essa mina são correctos.

— Nesse caso - considerou Paneb - terá havido roubo e substituição durante o transporte.

— Será então necessário verificar as condições do mesmo e interrogar os responsáveis - afirmou Sobek.

— É por isso que deves partir imediatamente com dois dos teus homens e Tuti o Sábio - decidiu Kenhir. - E não regresse sem teres certezas!

— Desperta em paz, potência divina - implorou o mestre-de-obras no silêncio do santuário iluminado por uma luz fraca.

Paneb tirou do seu naos a estátua da deusa Maet. perfumou-a, adornou-a, vestiu-a e ofereceu-lhe as essências subtis dos alimentos a fim de concluir uma vez mais o pacto entre a confraria e o universo divino, na madrugada de uma nova criação.

Pronunciadas as fórmulas de conhecimento, Paneb elevou Maet para ela mesma apresentando à protectora da confraria uma estatueta em ouro de um côvado, feita na Pedra de Luz.

Especialmente perturbado pelo que acabava de viver, o colosso fechou as portas do Santo dos Santos, depois de ter apagado os vestígios dos seus passos.

O Sol, deslumbrante, nascia da montanha do Oriente. E o doce sorriso de Clara era igualmente luminoso.

— Nunca me habitarei - confessou-lhe Paneb quando iam a sair do edifício. - Como pode um ser humano encontrar Maet sem desaparecer de imediato?

— É a tua função de mestre-de-obras que comunica com a deusa - observou a Mulher Sábia. - Confortemos a presença de Maet neste mundo e tornemo-lo assim habitável.

Em breve a aldeia estaria quase deserta, porque cada um aproveitaria o dia de descanso concedido por Paneb para efectuar as compras visando a grande festa de Ptah, o patrono dos artesãos.

Enquanto a esposa comprava tecidos num mercado tão colorido como animado, o traidor fingia interessar-se pelas ervas aromáticas vendidas por uma mercadora cujo rosto, sabiamente maquilhado para modificar as feições, estava em parte oculto por uma peruca pesada e grosseira.

— Recebi a vossa correspondência em código - murmurou o traidor.

— Fizeste progressos? - perguntou Serketa.

— Penso conhecer o esconderijo da Pedra de Luz, mas é de muito difícil acesso e não quero correr nenhum risco.

— Não modifiques a tua atitude. Dentro de pouco tempo, ajudar-te-emos de forma mais activa.

— O que haveis previsto?

— Logo verás. De momento, temos um aborrecimento.

— Diz-me respeito? - inquietou-se o traidor.

— Não, descansa; mas preciso de uma informação que só tu me podes fornecer e que me permitirá resolver esta dificuldade.

O traidor satisfez Serketa.

Turquesa aplicara sobre a pele produtos de beleza misturados numa concha nacarada e

penteara-se com agulhas de dentriçar e um pente de madeira de dentes finos antes de utilizar um perfume que Paneb comprara num laboratório do templo de Karnak. Tratava-se de um produto de síntese⁷, obtido ao fim de cinquenta dias de trabalho e cuja mistura de aromas tornava Turquesa ainda mais atraente.

Só lhe faltava envergar o longo vestido vermelho das sacerdotisas de Hathor e adornar o pescoço com um colar de pérolas em cornalina alternando com pendentos que representavam granadas.

Quando saiu de casa para seguir pela rua principal em direcção ao templo, mesmo as aldeãs mais azedas ficaram mudas de admiração. Aos quarenta e sete anos, a beleza de Turquesa era deslumbrante.

A soberba ruiva não foi a última a juntar-se à confraria reunida diante do pílone, já que a esposa de Casa tivera de mudar de roupa no último momento por causa de uma alça defeituosa.

— Ipui o Examinador e Uabet a Pura foram encarregados de organizar a festa - anunciou o mestre-de-obras. - Indicar-vos-ão as diferentes etapas da sua evolução, que se iniciará, como de costume, por uma homenagem a Ptah.

Userhat o Leão mostrou uma impressionante estátua do deus, encerrada numa indumentária branca de onde saíam as suas mãos segurando o pilar "estabilidade" e o cetro "força". A uma só voz, os artesãos entoaram um hino à harmonia da criação, seguido por um concerto dado pela orquestra das sacerdotisas de Hathor. Liras, flautas e harpas uniram as suas sonoridades.

— A festa começa bem - considerou Karo o Mal-Humorado -, mas todos se inquietam por Tuti. Não deveria já ter regressado da Núbia?

— Tendo em consideração o número de verificações que tem de efectuar, não há razão para alarme. E não esqueças que Sobek está encarregado da sua protecção.

Tranquilizados, os artesãos prepararam com entusiasmo o primeiro banquete.

Ao cair da noite, foi Besta Terrível que deu o alerta, imediatamente seguida por Trigueiro. Alguém se aproximava da aldeia.

— Vai ver, Nakht - ordenou o mestre-de-obras.

Por sorte, o ritual do fim do dia que celebrava a realização da Grande Obra de que dependia a serenidade da confraria acabava de terminar.

Nakht o Poderoso correu até à porta grande. Regressou poucos minutos depois, com o rosto radioso.

— É Tuti! Espera por ti no gabinete de Sobek.

Paneb levou consigo a Mulher Sábia e o escriba do Túmulo.

— Querias certezas - disse-lhe o ourives - e nós temo-las. Os mineiros receberam-nos bastante mal mas, quando revelei que pertencia ao Lugar de Verdade, o tom mudou. Pude verificar os lingotes e Sobek interrogou os controladores. Estava tudo em regra.

— Haveis-vos portanto interessado pelos transportadores.

— São soldados colocados sob a autoridade directa do vice-rei da Núbia. O seu chefe exclui qualquer manobra fraudulenta e fez questão de vir até aqui para prestar juramento diante de Maet e redigir um depoimento. Se desejas falar com ele, está no segundo fortim.

Então a gansa e o cão não se haviam enganado: tinham sentido realmente uma presença estranha.

— A quem entregou ele o seu carregamento? - perguntou Paneb.

— Ao general Mehi em pessoa - respondeu Sobek - E houve um pormenor que o espantou: em vez de o entregar imediatamente a Karnak, o general guardou-o um dia inteiro na margem oeste. Além disso, de acordo com o testemunho de um guarda, viram Mehi penetrar na reserva em companhia de Daktair, o chefe do laboratório central.

— Daktair, um excelente químico...

— A conclusão impõe-se por si mesmo - cortou Tuti: - o general ordenou ao seu cúmplice Daktair que fabricasse um falso lingote de prata e procederam juntos à substituição.

— Isso significa que Mehi tinha necessidade daquela pequena fortuna para subornar esbirros de forma oculta - avançou Paneb.

— Esse tráfico dura provavelmente há muito tempo - acrescentou Sobek - O general é um ladrão e um corruptor que compra as consciências a fim de manter o seu domínio sobre Tebas.

— Não temos infelizmente nenhuma prova concreta.

— Esse conjunto de indícios concordantes não basta? Redigi um relatório pormenorizado ao qual se juntam os diversos testemunhos recolhidos.

— Tudo converge para Mehi - reconheceu o escriba do Túmulo - e não esqueçamos a sua última tentativa para desacreditar o mestre-de-obras.

— Não esqueçamos também as nossas múltiplas suspeitas - recomendou Sobek com animosidade. - Esse ladrão não será também um criminoso? É preciso fazê-lo comparecer diante de um tribunal e extorquir-lhe uma confissão. Quando Mehi for privado das suas prerrogativas e face aos juizes, a sua verdadeira natureza revelar-se-á: a de um cobarde.

— Considerando a sua eminente posição - precisou Kenhir - só uma pessoa pode dar ordem de detenção ao general: a Rainha-Faraó Tausert.

— Irei amanhã de manhã ao palácio - prometeu Paneb - e expor-lhe-ei o que descobrimos. Mesmo de cama, saberá tomar a decisão correcta.

Pela primeira vez em numerosos anos, Sobek sentiu uma certa alegria de viver: finalmente, o general Mehi ia deixar de fazer mal!

Graças à sua insistência e faculdade de persuasão, o mestre-de-obras do Lugar de Verdade tinha ultrapassado quase todos os obstáculos. Restava apenas um: o médico-chefe do palácio, que interdizia o acesso ao quarto de Tausert.

— O que devo revelar à nossa soberana é da maior importância - disse Paneb ao médico.

— Ela não vos pode receber.

— Trata-se da salvaguarda de Tebas - afirmou o mestre-de-obras. - Autorizai-me a falar-lhe, médico, ou sereis considerado responsável por um desastre!

— É-me impossível ajudar-vos - lamentou o terapeuta.

— Por que razão?

— Sua Majestade está em coma e não acordará.

— Uma carta para vós - anunciou Niut a Vigorosa a Kenhir, que saboreava um pequeno-almoço reconstituente, composto por leite fresco, peixe seco, figos e pão quente a sair do forno.

— Lê-ma.

Ao escutar a missiva, o escriba do Túmulo quase se engasgou.

— Vai buscar Paneb!

A leitura do incrível documento provocou no mestre-de-obras a mesma estupefacção.

— É uma provocação - considerou ele.

— E se esse delator nos dissesse a verdade? Neste género de situação, há muitas vezes alguém que quebra, com medo das consequências.

— O que preconizais, Kenhir?

— A solução mais simples. E talvez saibamos finalmente quem nos persegue!

Foi uma Serketa irreconhecível que penetrou no armazém de móveis de Tran-Bel, ocupado a fazer as contas.

Desde que o traidor do Lugar de Verdade não lhe fornecia modelos a partir dos quais ele fabricava numerosas réplicas, cada uma delas vendida como objecto único e original, o volume de negócios de Tran-Bel diminuira. Ora, a única religião deste era precisamente esse volume de negócios, cuja evolução seguia como uma mãe a curva de peso do seu bebê.

Apesar do seu apreciável número de clientes e da sua habilidade para os explorar, o comerciante entristecia. Sendo apenas um contabilista, não possuía qualquer sentido da criação em marcenaria e as suas raras ideias haviam-se saldado em fracassos. Tinha portanto de, o mais rapidamente possível, endireitar a sua situação financeira; fora por isso que se decidira a explorar a informação mais do que confidencial que lhe permitia chantagear o general Mehi e a esposa.

— Começava a impacientar-me, senhora Serketa, e interrogava-me se teríeis realmente intenção de me associar aos vossos grandes projectos.

— Ao maior de todos, meu amigo. Tran-Bel enrolou o papiro de contabilidade.

— Estais... a falar a sério?

— O mais possível. Visto que o destino nos obriga a ser aliados, porque não havemos de juntar as nossas forças?

— Qual é esse projecto?

— Quando eu falar, já não poderás recuar e agiremos em conjunto, sem pensamentos reservados. Estás de acordo?

— Falai, senhora Serketa.

— Depois de longos anos de investigação, sabemos finalmente onde se encontra o túmulo de Amen-hotep I, o fundador do Lugar de Verdade. E vamos pilhá-lo.

— Mas... Como penetrareis no Vale dos Reis?

Serketa esboçou um sorriso de desprezo.

— A manha dos artesãos consistia em fazer crer que essa sepultura, que contém inestimáveis tesouros, fora escavada no Vale interdito. Ora, hoje sabemos que não é esse o caso.

— E conheceis a localização exacta?

— Apoderar-nos-emos das riquezas de Amen-hotep na próxima noite. Se desejares, participarás na expedição.

— Desejo muito mais ser eu mesmo a organizá-la, com os homens que escolher.

Serketa pareceu reticente.

— Vou ter dificuldade em convencer Mehi...

— São as minhas condições, e não mudarão. Onde está escondido o túmulo?

— Dirigi-vos ao sopé da colina de Tot depois do pôr do Sol.

Entregar-te-ei um plano e esperarei lá por ti para partilhar o saque.

— De acordo, mas vinde só.

Acompanhado pelos seus três empregados mais antigos, tão excitados como ele com a miragem do lucro, o mercador inspeccionara os arredores. O local isolado parecia perfeito para dissimular um túmulo de semelhante importância.

E o vigia vira chegar Serketa sozinha.

— Tendes o plano? - perguntou-lhe Tran-Bel, nervoso.

— Ei-lo.

Estendeu-lhe um estojo de cabedal fechado por um cordel grosso, que o mercador desatou com dificuldade antes de retirar de lá um papiro.

A luz da Lua iluminou-o.

— O túmulo não fica longe daqui... Mesmo por trás da segunda colina, para oeste.

— Tendes o material necessário para escavar até à porta?

— É evidente, e forçá-la-emos facilmente.

— Despachai-vos!

Em passo apressado, os quatro ladrões dirigiram-se para o seu objectivo, certos de se apoderarem de uma imensa fortuna com total impunidade. Tran-Bel pensava já em ficar com a maior parte da pilhagem.

Logo que o bando ficou fora do seu campo de visão, a esposa de Mehi apressou-se a abandonar o local. Se Tran-Bel tinha efectivamente redigido uma carta de denúncia que punha em causa o general, cometera o erro de a dirigir ao substituto do vizir, um dos melhores apoios de Mehi. Em troca da destruição desse documento difamatório, o alto funcionário fora pago chorudamente.

E Tran-Bel já não constituía uma ameaça, mas um peão útil no jogo que opunha o general à confraria.

— É aqui - sussurrou Tran-Bel. - Cavemos.

As picaretas rasgaram o solo com grande ardor, e os quatro homens puseram a descoberto um lanço de escadas.

Perante os olhos exorbitados do mercador, a porta de um túmulo, selada.

— Estamos ricos, rapazes!

Tran-Bel ergueu a sua picareta para quebrar os selos quando a voz imperiosa de Sobek interrompeu o seu gesto e imobilizou os ladrões.

— Foram apanhados em flagrante delito de violação de sepultura - declarou o polícia núbio. - Não tentem fugir, caso contrário os meus homens abater-vos-ão.

Todos sabiam que um delito tão grave podia ser castigado com a pena capital e que nenhum juiz se mostraria indulgente.

Um dos ladrões tentou escapar, correndo para o deserto. Cravou-se-lhe uma flecha no pescoço e ele caiu, morto.

— Fiquem quietos, os outros, ou terão a mesma sorte!

Portanto, a carta de denúncia enviada a Kenhir e assinada com o nome de um dos empregados de Tran-Bel não era uma cilada. Mandatado pelo escriba do Túmulo, Sobek optara por um processo de flagrante delito e congratulava-se com isso.

— Sou Tran-Bel, um comerciante honrosamente conhecido! Sobretudo, não me toquem!

— É um pouco tarde para ter medo, meu caro! Algemem todos.

— Eu... Não sou eu... É...

Com os cabelos negros colados ao crânio redondo, as feições deformadas pelo sofrimento e o ventre em fogo, Tran-Bel estendeu os braços para Sobek e caiu com a cara no chão.

— Não lhe tocámos, chefe - espantou-se um polícia.

Do cadáver evolava-se já um cheiro pútrido. Serketa escolhera um veneno possuidor de um efeito retardado que impediria o chantagista de revelar o que quer que fosse às forças da ordem que Kenhir, informado pela carta que ela escrevera, não deixaria de alertar a fim de que prendessem um bando de ladrões.

Tal como previsto, Tran-Bel manipulara o cordel impregnado da substância mortal antes de o atirar para a areia. A partir desse instante, não lhe restava mais de meia hora de vida, o tempo de chegar à porta da sepultura e agonizar em poucos segundos.

Kenhir estava perplexo.

— Era portanto esse mercador de móveis que procurava destruir o Lugar de Verdade...

— Certamente que não - objectou o chefe Sobek - Este fulano não passava de um comparsa.

A Mulher Sábia aprovou, tal como o mestre-de-obras.

— Este incidente não passa de uma tentativa de diversão - continuou o polícia. - Não podemos largar Mehi. Tran-Bel foi envenenado e quem domina essa ciência terrível melhor do que Dakair, o chefe do laboratório central de Tebas oeste e amigo do general?

— Não passam de suposições - respondeu Kenhir.

— O meu faro garante-me que Mehi em breve estará com a corda na garganta - insistiu o núbio.

— Também é a minha opinião - disse a Mulher Sábia com calma - e com isso tornar-se-á mais perigoso.

- O que havemos de fazer - interrogou Kenhir, angustiado - se Tausert já é incapaz de o colocar em estado de não fazer mal?
- Alertemos o Rei Sethnakht - propôs o mestre-de-obras.
- Sem qualquer prova formal?
- Tomo pessoalmente essa responsabilidade.
- Se Mehi se sentir acossado, reagirá de forma violenta - afirmou Sobek.
- Mesmo assim, não ousará atacar-nos! - exaltou-se o escriba do Túmulo. - Os soldados tebanos não obedecerão a uma obra tão insensata.
- Apesar disso, tomarei as minhas precauções - prometeu o núbio.
- E o traidor tentará ajudá-lo do interior - lembrou Paneb.

Niut a Vigorosa, a ditado de Kenhir, redigia o longo relatório destinado ao Faraó Sethnakht para lhe expor as suspeitas do Lugar de Verdade sobre o general Mehi. Hai, o chefe da equipa da esquerda, interpelou-os:

— O carteiro Uputi deseja ver o escriba do Túmulo.

— É realmente indispensável?

— Segundo ele, é muito importante.

— Quando é que me deixarão finalmente em paz... - resmungou o velho. - Em primeiro lugar, este relatório interminável em que não posso cometer nenhum erro e depois a minha partida iminente para o Vale dos Reis! Quem respeita ainda a minha idade?

— Apenas o trabalho vos mantém de boa saúde - afirmou Niut.

Apoiando-se pesadamente na bengala, o velho escriba dirigiu-se com lentidão à zona dos auxiliares. A insistência do carteiro tinha atiçado a sua curiosidade e franqueou rapidamente os últimos metros do percurso.

— Sabíeis que Imuni está de regresso à região? - perguntou-lhe Uputi.

— Essa pequena serpente, em Tebas?

— Infelizmente sim, Kenhir; e fez questão de me entregar em mão própria o texto de um processo que visa anular a sua expulsão da confraria. Graças ao apoio de um adjunto do governador de Tebas, um excelente jurista, está convencido que obterá a sua reintegração e se tornará o próximo mestre-de-obras.

Kenhir consultou imediatamente o texto da intimação.

— É grave? - inquietou-se Uputi.

— Receio que sim... Tratam-se apenas de argúcias jurídicas, mas que convém levar a sério.

— Não me digam que esse verme vai ganhar!

— Lutaremos com afinco - prometeu o escriba do Túmulo. - Mas esqueçamos esse parasita, porque tenho de te confiar uma missão.

Uputi adoptou uma atitude muito digna.

— Estou pronto.

— Dentro de alguns dias, entregar-te-ei um correio dirigido ao Faraó Sethnakht e levá-lo-ás pessoalmente a Pi-Ramsés.

— É uma grande honra. Mas tenho que referir essa deslocação à minha hierarquia.

— Sê muito prudente, Uputi.

— Seguirei no barco postal reservado às mensagens urgentes; o que poderia acontecer-me?

Daktair devorava uma enorme coxa de ganso cozinhada em molho de cominhos quando o general Mehi irrompeu na sua sala de refeições.

— A caminho, Daktair.

O sábio por pouco não se engasgou.

— Onde... onde vamos?

— Tu partes para o Gebel el-Zeit com o meu ajudante-de-campo e cinco dos meus servidores capazes de ter tento na língua.

— Uma viagem esgotante...

— Conheces o lugar e sabes o que deves trazer-me o mais depressa possível.

— Talvez eu não seja o homem adequado à situação e...

— Pelo contrário, meu caro Daktair, pelo contrário! És mesmo o único que pode desempenhar essa missão delicada com toda a discrição. Quando regressares, agiremos. Tu, que há tanto tempo desejas que eu corte a direito, devias estar encantado.

Enquanto as duas equipas do Lugar de Verdade, sob a direcção de Paneb, trabalhavam no acabamento do vasto túmulo de Tausert, o chefe Sobek punha em funcionamento um novo sistema de segurança em redor da aldeia. Receando cada vez mais uma agressão, estava convencido que os esbirros de Mehi não seguiriam pela pista oficial, mais vigiada; por isso, dispusera vigias em locais pouco habituais.

O polícia núbio retomara com prazer o conjunto da pasta Mehi, começando por verificar um pormenor que não lhe era acessível à época dos factos. Munido de uma ordem de investigação assinada pelo escriba do Túmulo e subscrita pelo delegado do vizir, que não ousara recusar esse favor a Kenhir, Sobek estava actualmente autorizado a investigar nos arquivos referentes às mudanças no interior dos diversos corpos de policia.

Segundo um documento explícito, classificado nas propostas recusadas pelo vizir, não fora o defunto Abri, então administrador-principal da margem oeste, que desejara mudar Sobek para a policia fluvial, mas precisamente o general Mehi!

Assim, aquele hipócrita quisera afastar o núbio, fazer nomear em seu lugar um homem de palha e privar o Lugar de Verdade de protecção próxima. Afastando Sobek, impedia-o sobretudo de investigar sobre o assassinato de um policia... Um assassinato de que era o autor!

Com o coração a bater, Sobek atravessou o Nilo numa barca e depois forçou o cavalo a fim de chegar à aldeia o mais depressa possível.

Prevenidos do seu regresso, o mestre-de-obras, o escriba do Túmulo e a Mulher Sábia não tardaram a reunir-se com ele no seu gabinete.

— Já não tenho qualquer dúvida sobre a culpabilidade do general - concluiu, depois de ter exposto a sua descoberta - e o Faraó Sethnakht também ficará convencido! Mehi é um assassino, eliminou os importunos que o teriam podido denunciar, como o administrador Abri, os soldados líbios pagos para se introduzirem na aldeia e ainda outros.

— Descreves-nos um verdadeiro monstro! - fez notar Kenhir.

— Ainda há algo mais atroz - continuou o policia. - Eis a carta anónima que acusava Néfer o Silencioso de ser o assassino do meu jovem subordinado e eis o correio de Mehi preconizando a minha transferência.

— A letra é idêntica! - constatou Paneb. - Mas, então...

Clara empalidecera.

— O general Mehi tentou fazer-nos crer que o assassino de Néfer era um auxiliar - lembrou Sobek - Porquê, senão para proteger o seu cúmplice, o artesão que traiu a confraria? Este foi o braço armado de Mehi, que não tem outro objectivo que não seja destruir o Lugar de Verdade e apoderar-se dos seus tesouros.

Um longo silêncio sucedeu a estas declarações. A Mulher Sábia fechou os olhos.

— Sobek não se engana - declarou.

— Matarei Mehi com as minhas próprias mãos! - prometeu Paneb.

— Não é a ti que compete fazer justiça - objectou Kenhir. - Acrescentarei estes elementos ao meu relatório e Sethnakht ordenará a prisão do general.

Mehi passara a manhã a caçar pássaros com pau de arremesso nos maciços de papiros; considerando a sua magra colheita, regressara à mansão de muito mau humor e, uma vez mais, descarregara os nervos sobre o pessoal.

O rosto radioso de Serketa, estendida à beira do lago, tranqüilizou-o.

— O nosso pequeno problema está resolvido - anunciou ela.

— Tran-Bel está morto?

— Já alguma vez falhei, meu doce querido? Olha... Um graduado trouxe-te um relatório de polícia.

O general leu-o com satisfação.

— De acordo com as tuas previsões, o chefe Sobek apanhou em flagrante delito um bando de ladrões comandados por Tran-Bel. Ele e um dos seus empregados morreram, os outros dois foram presos e metidos nas masmorras.

— Para Sobek e para o Lugar de Verdade, não restam nenhuma dúvida: o seu pior inimigo foi eliminado. Baixarão portanto a guarda e...

O intendente curvou-se.

— O vosso secretário particular pergunta por vós, general.

— Ele que venha ter comigo à sala de audiências - ordenou Mehi, intrigado.

O funcionário estava com um ar sombrio.

— Tenho notícias alarmantes, general.

— A propósito de quê?

— O chefe Sobek está a realizar um inquérito profundo a vosso respeito, com o acordo do palácio. Retirou o documento que prova que haveis sido vós a solicitar a sua transferência, há muitos anos.

— Deplorável, com efeito.

— Talvez tenha descoberto outra coisa...

— Qual o motivo dessa inquietação?

— É que o carteiro Uputi deve partir em breve para Pi-Ramsés em missão especial. Por outras palavras, está encarregado de uma mensagem importante destinada ao Rei Sethnakht.

— Há suspeitas sobre o seu conteúdo?

— Pode referir-se a vós, general...

— Previne-me imediatamente se souberes coisas novas.

Mehi regressou para junto da mulher.

— Novos aborrecimentos, minha pomba. Ainda estendida, ela arregalou uns olhos ávidos.

— Quem mais tenta prejudicar-te?

— Sobek ainda não desistiu... Eu próprio tratarei desse núbio depois do regresso de Daktair. Encarrega-te tu do carteiro Uputi.

— Não será muito difícil...

— O correio pelo qual ele é responsável não deve chegar a Sethnakht. Substituí-lo-ás por outro que encontrarão no seu cadáver e que será imediatamente levado ao Rei. Nessa carta, assinada pela minha mão, denunciarei Paneb e os artesãos da confraria como perigosos conspiradores que se opõem ao nosso bem-amado monarca.

— Deliciosa ideia - apreciou Serketa.

Violentemente espancada por Mehi por ter virado uma taça de vinho, a pequena criada núbia, a chorar, refugiara-se no estábulo. Enquanto o intendente a procurava em vão, tomara a decisão de abandonar aquela casa onde sofria tantas sevícias.

Mas ela, ao contrário das suas colegas, aterrorizadas pelo general, teria a coragem de revelar a verdade. A criada ouvira falar do polícia que assegurava a segurança da aldeia dos artesãos, um compatriota que passava por incorruptível. Fessar-lhe-ia tudo a ele.

Quando o caminho ficou livre, a pequena núbia saiu da propriedade e passou pelos campos para chegar à orla do deserto. Ali, perguntou o caminho a uma camponesa.

Ignorando a fadiga, a criada seguiu até ao primeiro fortim. Um polícia núbio deteve-a.

— Onde vais, pequena?

— Ver o teu chefe.

— O que tens para lhe contar?

— Quero apresentar queixa contra o general Mehi.

O polícia deveria ter rebentado a rir, mas a rapariga parecia tão convicta que ele levou-a a sério.

— Vou preveni-lo. Espera aqui.

— Desejas falar-me de Mehi? - perguntou Sobek, cuja elevada estatura impressionou a núbia, que no entanto conseguiu ultrapassar os seus receios, decidida a ir até ao fim.

— O general bateu-me várias vezes. Ainda tenho as marcas.

Sobek constatou que a vítima não mentia.

— É um delito extremamente grave que mandará o general para a prisão.

— Tanto melhor!

— Terás a coragem de o enfrentar cara a cara no tribunal e repetir esta acusação?

— Dez vezes em vez de uma!

— Vou então registrar o teu depoimento e iremos juntos a um juiz para registrar a queixa.

O general seria encarcerado antes mesmo de o Faraó examinar a pasta redigida pelo escriba do Túmulo.

— Não é só ele que merece ser condenado - acrescentou a núbia.

— Ah... Quem mais?

— A mulher dele... Uma louca! A senhora Serketa tem fúrias de fazer tremer as paredes, estrebucha no meio do chão, come durante horas ou berra! Ele acalma-a fazendo amor com ela como um animal no cio. E, além disso, ela disfarça-se...

— Não compreendo.

— Ela, que é tão rica, guarda roupa de camponesa numa arca e já a vi sair pobremente vestida.

Sobek lembrou-se que uma camponesa fora suspeita de assassinio... Uma assassina que não

era se não Serketa, a executora das baixezas de Mehi!

— Uma vez - continuou a criada - falaram do Lugar de Verdade e de vós com um pequeno escriba com voz melosa e cara de roedor.

— Lembras-te do nome dele?

— Imuni, acho eu.

Então era realmente ele o traidor! A confraria estava portanto livre, mas Sobek não podia perder um minuto para impedir o maléfico casal de fazer mal de novo.

— Vamos dar-te de beber e de comer e serás protegida.

A pequena núbia beijou o polícia na face. Mais perturbado do que deixava transparecer, o chefe Sobek correu até à aldeia.

Logo que Kenhir saiu, deu-lhe parte das revelações capitais da criada.

— Desta vez, o general está perdido - considerou o escriba do Túmulo. - É pena que Uputi já tenha partido para Pi-Ramsés, pois teria acrescentado ao meu relatório as acusações desta rapariga... Mas é só um adiamento.

— Já partiu... Mas está em perigo de morte! Nunca desconfiará de uma camponesa!

O carteiro Uputi envergara a sua mais bela indumentária, encerara pessoalmente o pesado bastão de Tot, sinal visível do seu cargo, e metera na mochila de cabedal branco o relatório do escriba do Túmulo.

No caminho que conduzia ao embarcadero, cruzou-se com dois jovens escribas que o cumprimentaram respeitosamente.

Junto de uma velha tamargueira, uma camponesa de rosto parcialmente dissimulado por uma peruca grosseira torcia-se com dores.

Uputi não deveria parar, mas não podia deixar aquela mulher a sofrer assim. E depois, o barco não partiria sem ele.

— O que tens?

— Acho que parti a perna - gemeu Serketa em voz chorosa.

— Vou chamar socorros.

— Não, não, tenho muito medo de ficar só... Ajuda-me a levantar!

— Não é prudente, arriskas-te a agravar o teu ferimento.

— Por favor, ajuda-me...

A estratégia de Serketa era tão simples como eficaz. Quando o carteiro lhe estendesse a mão, servir-se-ia do punhal escondido por baixo da túnica e trespassar-lhe-ia o coração. Mas para se levantar e conseguir um bom ângulo de ataque, teve de apoiar-se no bastão de Tot.

— Não toques aí! - indignou-se Uputi, recuando com vivacidade.

Em pé, com o punhal na mão, Serketa falhara o ataque-surpresa.

— Mas... Tu és louca!

Soltando um grito de raiva, a esposa de Mehi lançou-se sobre a sua presa.

Considerando o correio em perigo, Uputi não hesitou. Serviu-se do bastão de Tot como de

uma maça e fracturou o crânio da histérica.

Com o rosto coberto de sangue, os olhos revirados, os dedos crispados no cabo da arma, Serketa vacilou antes de desabar sobre si mesma, morta.

— Tot, o deus do conhecimento e das palavras sagradas, não permite que os seus carteiros sejam atacados - declarou Uputi à laia de oração fúnebre.

Havia Hathor, com uma peruca azul encimada por um sol vermelho de onde saía uma cobra vermelha e preta; Ptah, com a sua túnica justa e colada de um branco deslumbrante envolvida pelas asas de Maet; Osiris, adornado com um colar de ouro e envergando uma capa vermelha, sentado no seu trono em frente de um grande lótus sobre o qual se encontravam os seus quatro filhos; e tantas outras divindades que Paneb pintara com um génio incomparável.

Mas a sua obra-prima mais extraordinária, na qual dava os últimos retoques, era a imensa sala do sarcófago, com os pilares decorados com figuras elegantes e os envasamentos dos diversos elementos do mobiliário funerário e a grande parede com uma cena gigante evocando a transmutação alquímica e a preparação do novo Sol. Por cima de um gigantesco carneiro dotado de duas grandes asas verdes e vermelhas, dois homens, acompanhados por almas-pássaros, seguravam um disco solar vermelho talhado por um escaravelho preto; e formava-se uma criança solar, protegida pela deusa Céu que a faria surgir na luz da madrugada, concebida no regaço do Universo.

O colosso utilizara uma enorme quantidade de lâmpadas sem que Kenhir se permitisse a mínima censura; e Uabet a Pura mostrara-se particularmente activa na fabricação das mechas. Aliando a força de trabalho à delicadeza da execução, Paneb iluminara o túmulo com cores vivas que transmitiam a força espiritual dos símbolos que manteriam a alma de Tausert no coração da eternidade.

Dormindo apenas uma hora de vez em quando, Paneb queria ganhar o combate contra a morte que rondava em torno da Rainha-Faraó. Convencido que a manteria em respeito graças à sua pintura, não concedera a si próprio o mínimo descanso.

O som característico da bengala de Kenhir batendo nos degraus ressoou na galeria.

Deslumbrado, o velho escriba imobilizou-se no limiar da sala do sarcófago.

— Quem és tu realmente, Paneb, para teres criado semelhantes maravilhas?

— Nem mais nem menos que um Servidor do Lugar de Verdade.

— No decurso da minha longa existência, não admirei muita gente e não to deveria confessar... Mas agradeço aos deuses terem-me concedido a graça de contemplar estas pinturas.

— Venceremos a morte uma vez mais!

— Sobek espera-nos à entrada do Vale. Acabam de verificar-se acontecimentos graves.

— O carteiro Uputi matou Serketa, a esposa do general Mehi - revelou o polícia núbio. - Estava disfarçada de camponesa e tentou apunhalá-lo para destruir o relatório do escriba do Túmulo destinado ao Rei Sethnakht e substituí-lo por uma carta assinada por Mehi, acusando a confraria de conspirar contra o Faraó. Dirigi-me à mansão do general e ao seu gabinete de administração da margem oeste, mas ele não estava lá.

— Deve ter-se refugiado na caserna principal de Tebas, na margem este - alvitrou Kenhir.

— Com certeza, e não estou infelizmente autorizado a prendê-lo.

— Redijo imediatamente os complementos indispensáveis ao meu relatório e vais entregá-los a Uputi.

— O carteiro está colocado sob a protecção da polícia e só espera as vossas ordens para partir. Outra boa notícia: graças ao testemunho da criada que Mehi maltratava, conhecemos o nome do traidor: o ex-escriva-assistente Imuni.

— Imuni, o assassino de Néfer o Silencioso... - balbuciou Kenhir. - Como pôde ele cometer um acto tão abominável?

Paneb permaneceu imperturbável.

— Aconselho-vos a regressar à aldeia e pegar em armas - declarou Sobek com gravidade. - Receio que o general, como qualquer fera prestes a ser capturada, redobre de ferocidade.

— O Lugar de Verdade está sob a autoridade directa do Faraó - lembrou o comandante de infantaria. - Sem uma ordem explícita de Sua Majestade, nenhum soldado tebano se lançará ao assalto da aldeia nem fará correr o sangue da confraria.

Esta tomada de posição não surpreendeu o general Mehi. E não iria ser Sethnakht a dar uma ordem daquelas.

— Devemos sentir-nos orgulhosos com a lealdade dos nossos homens - fanfarroneou Mehi. - É graças a ele que o Egito permaneceu uma grande força. Em breve procederemos a um exercício com as novas armas que o arsenal fabricou. Que elas sejam colocadas na primeira reserva.

O comandante curvou-se e saiu do gabinete.

Logo que Mehi soubera da morte de Serketa, atravessara o Nilo para se refugiar na caserna principal de Tebas este, onde se encontrava momentaneamente fora de alcance. Mas quando o decreto real promulgado por Sethnakht chegasse a Karnak, a policia teria o direito de o prender.

O Lugar de Verdade não era ainda vitorioso. A violência permitiria ao general triunfar.

Daktair só tinha um dia de atraso sobre o horário previsto. Estava tão esgotado como o ajudante-de-campo do general e os cinco servidores, fatigados pela marcha forçada.

— Tens o que é necessário?

— Sim, general: uma grande quantidade de óleo de pedra!

— Verificaste-lhe as propriedades?

— Não ficareis desiludido.

— Resta-nos retirar as armas da primeira reserva e reunirmo-nos aos líbios que se ocultam num fortim em ruínas.

O guarda ficou espantado por ver Mehi em pessoa, o seu ajudante-de-campo e alguns civis carregarem espadas, lanças, arcos e flechas em burros e abandonar a caserna a toda a pressa, mas um simples soldado não tinha nada a dizer.

Seis Dedos apreciava como conhecedor o fio das espadas, a leveza das lanças e a dureza das pontas de flecha.

— O nosso melhor material - referiu Mehi - e não é tudo! Dispostemos também de uma arma inédita com a qual destruiremos o Lugar de Verdade depois de termos matado os polícias núbios, que tentarão em vão defendê-lo.

— Onde está ela?

— Nessas jarras.

O líbio abriu uma.

— Mas... É apenas um óleo espesso e malcheiroso!

— Possui uma qualidade notável, como te vai provar o meu amigo Daktair.

O químico espalhou um pouco de líquido sobre um dos cofres que tinham servido para

transportar as armas e, com o auxílio de um acendedor de sílex, pegou-lhe fogo.

A intensidade das chamas e a sua velocidade de propagação espantaram Seis Dedos e os seus homens.

— Com este óleo - afirmou Mehi - queimaremos seja o que for, mesmo pedra!

Agarrando na jarra, aspergiu com ela Daktair.

— General... O que fazem?

— Um sábio gosta de experiências, não é verdade? Vejamos se esta corre bem.

Mehi lançou sobre Daktair um bocado do cofre a arder e o infeliz incendiou-se de imediato. Correu para o deserto soltando urros que gelaram o sangue dos líbios, antes de cair, reduzido ao estado de cadáver enegrecido.

— Será assim que acabarão os Servidores do Lugar de Verdade - profetizou Mehi. - Agora, Seis Dedos, desembaraça-me do meu ajudante-de-campo e destes criados imbecis. Quero apagar qualquer vestígio do passado.

Apenas o ajudante-de-campo tentou lutar, mas um punhal cortou-lhe a garganta.

— Este óleo que arde tão bem não é nada em comparação com o fabuloso tesouro de que nos iremos apoderar - afirmou o general. - Graças a ele, conduzirei a Líbia até à vitória total.

Quando tudo parecia tranqüilo, os pêlos de Encantador, o enorme gato malhado de branco, preto e ruivo, eriçaram-se, Trigueiro rosnou e Besta Terrível percorreu a rua principal batendo as asas.

E o guarda da porta bateu com toda a força.

Os artesãos saíram da aldeia com Paneb e a Mulher Sábia à frente.

— Um dos meus vigias acaba de detectar cerca de trinta homens armados - revelou Sobek - Alertei o estado-maior, mas nenhum graduado assumirá a menor responsabilidade na ausência de Mehi.

— Não somos soldados e não sabemos bater-nos - lamentou Pai o Bom-Pão.

— Que o Silencioso se torne violento se os locais sagrados forem ameaçados, porque Deus não deixará agir o que se rebela contra o templo - preconizou Clara, citando um sábio. - Se for necessário e quando o for, farei intervir os meus aliados da montanha.

Kenhir retirara da casa-forte espadas, lanças e punhais fabricados por Obed o ferreiro.

— Considerando a gravidade da situação - afirmou o escriba do Túmulo - autorizo-vos a que se sirvam destas armas.

— A equipa da esquerda virá comigo - decidiu Paneb - e a equipa da direita ficará na aldeia para garantir a protecção das mulheres e das crianças.

Sobek compreendeu a razão daquela decisão: o mestre-de-obras não acreditava que Imuni, o ex-escriba-assistente, fosse o traidor. Se tinha dado a este uma arma, seria atacado pelas costas durante a batalha.

Paneb chamou o chefe da equipa da esquerda à parte. - Tenho total confiança em ti, Hai; permanecerás perto da Mulher Sábia, protegê-la-ás e obedecer-lhe-ás, seja o que for que ela te peça.

— Tens a minha palavra, Paneb.

Se o traidor tentasse fazer mal no interior da aldeia, detectá-lo-ia Clara a tempo e conseguiria. Hai vencê-lo com a ajuda dos membros da equipa da direita?

— Sigam-me - exigiu Sobek - Explicar-vos-ei como devem agir.

Paneb utilizaria apenas uma única arma; a grande picareta marcada pelo fogo celeste. Quem melhor do que Seth, o senhor da tempestade, para lhe insuflar a força de vencer?

Mehi evitara o caminho de acesso tradicional para optar por um carreiro onde Sobek nunca colocava qualquer vigia. Os líbios suprimiriam os polícias núbios e o general cravaria a espada no ventre do seu chefe, infligindo-lhe uma agonia lenta e dolorosa.

E depois seria o massacre. Nem um aldeão escaparia, os líbios apoderar-se-iam do ouro alquímico, Mehi da Pedra de Luz, e espalharia por todo o lado óleo de pedra a fim de que o fogo não poupasse a mínima parcela do Lugar de Verdade.

O comando seguia ao longo dos campos de cultura quando o primeiro líbio caiu com o pescoço trespassado por uma flecha.

Enquanto Mehi tentava detectar a direcção de onde fora disparada, quatro outros corredores das areias foram abatidos.

— Além, naquele montículo! - berrou Seis Dedos, que partiu imediatamente ao assalto da posição.

Mehi sentiu-se perdido.

Qual a razão daquele ataque, tão longe da aldeia, num local que os polícias não deveriam vigiar?

Quando vários outros líbios morderam o pó, o general compreendeu que a operação falhara. Tentou portanto fugir pelos campos.

Mas três artesãos da equipa da esquerda cortaram-lhe a retirada. Mehi correu para as colinas, na esperança de escalar mais depressa do que os seus perseguidores.

Aproximou-se de Seis Dedos e dos seus homens, que se batiam ferozmente e tentavam voltar a situação em seu favor. Tinham sido mortos dois núbios e vários outros estavam feridos. E dois artesãos iam sucumbir aos golpes do adversário quando várias cobras pareceram surgir da terra para morder os líbios nas pernas.

— Os aliados da Mulher Sábia. - gritou Paneb. - Com eles já não corremos nenhum perigo!

Obstinado, Seis Dedos enfrentou um Sobek em fúria. Tentou ferir o atleta negro no flanco, mas este, mais rápido, enterrou-lhe a espada no peito.

Os artesãos tinham parado de lutar porque as cobras se encarregavam dos últimos líbios.

— Conduzam os feridos para a aldeia - ordenou Paneb aos membros da equipa da esquerda. - Clara tratará deles.

O confronto tinha sido tão breve como violento, e a serenidade regressara às colinas inundadas de sol. Nem um membro do comando líbio escapara à morte.

— Chefe, não encontramos o cadáver do general Mehi - lamentou um polícia.

— Esse cobarde fugiu para a montanha... Mas não nos escapará!

O mestre-de-obras, que salvara vários artesãos repelindo os assassinos líbios, retomava fôlego encostado a um rochedo.

— Paneb, cuidado! - gritou Sobek

Surgindo do seu esconderijo, Mehi cravou nas costas do colosso um punhal de lâmina dupla.

Como se se tratasse apenas de uma picadela anódina, Paneb voltou-se sem um gemido.

Mehi estava lívido.

— Não é possível... Devias estar morto!

— Durante toda a tua maldita existência só soubeste atacar pelas costas... Eu actuo em plena luz, de olhos nos olhos!

Como prometera a Clara, Paneb enterrou com todas as suas forças a ponta da grande picareta no crânio do general Mehi.

Clara saiu finalmente do gabinete de consulta.

— Então? - interrogou Kenhir, rodeado por todos os aldeões.

— Paneb está vivo, apesar da extrema gravidade do ferimento. Vai precisar de um longo repouso.

Com o torso coberto por uma espessa ligadura e o rosto cavado pelo sofrimento, o colosso apareceu.

— Repousarei mais tarde... Depois do que acabamos de saber, tenho um trabalho urgente a concluir. Levemos imediatamente o sarcófago para o Vale.

— É uma loucura! - objectou Hai. - Ouve a Mulher Sábia.

— A caminho!

O carteiro Uputi trouxera duas mensagens dirigidas ao Lugar de Verdade: uma relativa à morte de Tausert, a outra à de Sethnakht. Os dois Faraós seriam inumados na mesma Morada de Eternidade, começava o luto, e o Egito escolheria um novo Rei.

O traidor rejubilava.

Não tentara nada durante o combate no sopé das colinas.

Desaparecidos Serketa e Mehi, não tinha mais contas a prestar a ninguém. Durante o período conturbado que se iniciava, arranjaria ocasião para se apoderar da Pedra de Luz e abandonar a aldeia. Pertencer-lhe-ia a ele e só a ele!

Ninguém o podia denunciar e o assassinio de Néfer o Silencioso permaneceria impune.

Quando ficou só com Clara no túmulo de Tausert, Paneb deu a derradeira pincelada de azul no toucado da deusa Maet, a última deusa que desejava pintar. Das suas mãos saíam duas linhas quebradas, símbolo do fluido vital que concedia aos seus fiéis.

Ao admirar o rosto sublime da divina protectora do Lugar de Verdade, Clara soube que o mestre-de-obras atingira finalmente a serenidade do coração e a beleza absoluta da forma. Tendo trabalhado em sete Moradas de Eternidade no decurso da sua carreira, Paneb tornara-se um dos mais extraordinários servidores de Maet.

— Procedamos à animação do sarcófago - decidiu a Mulher Sábia, que parecia inteiramente vestida de ouro.

À frente da barca de granito onde a alma de Tausert vogaria nos paraísos celestes, ia a Pedra de Luz.

Clara ajoelhou, com as mãos erguidas em sinal de veneração, e pronunciou as fórmulas de potência.

— Aqui se realiza o trabalho misterioso da transmutação, nesta Morada do Ouro onde a Viúva ressuscita Osíris. A mãe Céu estende-se sobre o corpo de luz e coloca o espírito entre as estrelas que não podem perecer. Tu, que conduzirás a nossa soberana pelos belos caminhos do Além, dou-te os teus olhos e tu vês!

Da Pedra brotou uma luz simultaneamente doce e intensa que envolveu o sarcófago. Agora

já não era simplesmente uma escultura monumental, mas também "o fornecedor de vida".

— A energia da Pedra está esgotada - indicou a Mulher Sábia. - pega-lhe e coloca-a perto da grande parede.

O colosso teve a impressão de erguer um bloco sem peso.

— Fixa o escaravelho, Paneb; fixa-o com toda a intensidade do teu olhar.

O mestre-de-obras concentrou-se.

De repente, de todos os sóis que pintara com a matéria alquímica, brotaram feixes luminosos que penetraram na Pedra.

E esta recarregou-se.

— O que tu fazes, faz-te - acrescentou Clara - e o nosso maior segredo é a troca dos fogos. Enquanto soubermos pintar sóis vivos, a Pedra resplandecerá.

Kenhir roía-se interiormente. Em primeiro lugar, inquietava-se com a saúde de Paneb, que corra riscos insensatos regressando ao Vale dos Reis; depois, não cessava de se interrogar: que artesão pudera matar, cometer perjúrio e fingir fraternidade durante tantos anos?

Casá o Cordame, por vezes ácido e reivindicativo; Fened o Nariz, demasiado taciturno e mal recuperado do divórcio; Karo o Mal-humorado, bem digno do seu apelido; Nakht o Poderoso, de reacções excessivas; Userhat o Leão, que o orgulho tornava por vezes pretensioso; Ipuí o Examinador, metuculoso e tão nervoso; Renupé o Jovial, demasiado preso ao seu conforto; Ched o Salvador, altivo e distante; Gau o Exacto, rigoroso mas desprovido de humor; Unesh o Chacal, inquisidor de atitudes inquietantes; Pai o Bom-Pão, cuja ingenuidade talvez fosse apenas aparente; Didia o Generoso, lento e impenetrável; Tuti o Sábio, simultaneamente frágil e resistente... Não, nenhum daqueles homens, fossem quais fossem os seus defeitos, podia ser um monstro comparável ao general Mehi!

No entanto, Kenhir aceitara o plano proposto pela Mulher Sábia e pelo mestre-de-obras para identificar o traidor.

O cortejo dos artesãos imobilizou-se diante do templo de Maet e Hathor.

— A nossa obra presente está terminada - declarou Paneb, que se esgotava na luta contra a dor. - Agora não pesa sobre nós mais nenhuma ameaça.

— E se o novo Faraó nos for hostil?

— O filho mais velho de Sethnakht será em breve proclamado Rei - revelou Kenhir - e sempre declarou abertamente as suas intenções; assistirá aos funerais do pai e de Tausert e garantiu-me por correio que o Lugar de Verdade continuará a ser uma das instituições essenciais do país.

Alegres exclamações pontuaram aquelas excelentes notícias.

Vendo Paneb vacilar, Nakht o Poderoso amparou-o.

— Todos precisamos de repouso - considerou o mestre-de-obras com voz enfraquecida.

— A começar por ti - precisou Ipuí o Examinador.

Os artesãos dispersaram-se, mas o traidor não voltou para casa.

Oculto num canto do templo, viu o colosso erguer uma forma cúbica dissimulada por um véu e colocá-la ao ombro. Seguido por Kenhir, que se voltou diversas vezes, Paneb meteu pelo carreiro que conduzia à necrópole principal da aldeia.

Com que entusiasmo era a Pedra de Luz que ele transportava e o traidor ia finalmente conhecer o seu esconderijo!

Quando Paneb e Kenhir entraram no pátio construído diante do túmulo do velho escriba, o traidor julgou que ia ficar novamente desiludido; mas viu Paneb preparar para a plataforma onde fora erigida uma pequena pirâmide pontiaguda. O mestre-de-obras retirou o véu e a luz da Pedra iluminou furtivamente as trevas antes que ele a enfiasse na cavidade aberta na base do monumento.

Aquela pirâmide, símbolo do raio de luz primordial que criara o universo... Que esconderijo perfeito! De madrugada, a Pedra recebia a claridade do novo sol, da mesma natureza que ela. Tal como os outros aldeões, o traidor olhara muitas vezes o túmulo de Kenhir sem desconfiar de nada!

Os dois homens desceram novamente para a aldeia.

Agora, o traidor já sabia.

— Devias permanecer deitado - disse Clara a Paneb.

— Sabes bem que é impossível... A minha tarefa ainda não está concluída.

Nem toda a magia da Mulher Sábia bastaria para convencer Paneb a poupar-se. Contentou-se portanto com tratar-lhe do profundo ferimento com unguentos, refazer a ligadura impregnada de mel e administrar-lhe calmantes sob a forma de cápsulas.

Tendo em consideração a gravidade das lesões, nenhuma outra pessoa que não o colosso teria podido colocar um pé à frente do outro.

Ao levantar-se, evitou incomodar Encantador que, sentindo o dono doente, dormira na sua cama.

— Aceitas que eu te ajude?

Aquela voz... Não era a de Turquesa? Turquesa, em sua casa!

— És tu... És realmente tu?

— Vou preparar-te um sólido pequeno-almoço. Tens de recuperar forças.

Os polícias núbios rejubilavam. O estado de alerta permanente fora finalmente levantado! Tal como nos tempos felizes, regressavam aos turnos de guarda regulamentares e tinham licenças. Além disso, o escriba do Túmulo oferecera alimentos, roupas e unguentos para lhes agradecer a heróica conduta.

Só faltava saber o nome do novo Faraó, mas os boatos que chegavam da capital tornavam-se preocupantes. É verdade que o filho mais velho de Sethnakht gozava da preferência tanto do grande conselho como do povo. mas supondo que triunfasse das facções, que nome de coroação adoptaria a fim de revelar o seu programa de governo?

— Hoje, serviço mínimo quando terminar o fornecimento de água - anunciou Sobek - Os artesãos e os auxiliares estão de férias e vocês também.

Depois dos burros terem partido, a aldeia não despertou como era habitual. Depois da

tormenta que quase a destruíra, concedia a si mesma uma manhã de descanso, mesmo se Uabet a Pura e duas outras sacerdotisas de Hathor tivessem honrado os antepassados em nome do conjunto dos aldeões.

Para o traidor, era o momento de agir.

Sem a magia de Turquesa, que não abandonara a cabeceira da cama de Paneb durante as horas dolorosas no decurso das quais vagueara entre a vida e a morte, o colosso não teria sobrevivido. Agora, a Mulher Sábia estava descansada e fizera o diagnóstico com segurança: uma doença que conheço e vou curar.

— Turquesa... Porque não ficas aqui, comigo! Hoje sou um homem livre.

— Esqueces o meu voto? Se o quebrasse, deixaria de ser digna do teu amor.

— Eu - afirmou Clara - estou autorizada a libertar-te dessa promessa.

Paneb apertou com mais força a mão de Turquesa.

— Ninguém, e muito menos uma sacerdotisa de Hathor, pode opor-se a uma decisão da Mulher Sábia. - declarou o mestre-de-obras com entusiasmo.

Pelo sorriso de Turquesa e pela nova luz que animava o seu olhar, Paneb soube que passaria finalmente todas as noites com a mulher da sua vida.

Foi um Kenhir rejuvenescido que irrompeu no quarto.

— Duas excelentes notícias! Terminei finalmente a minha "Chave dos Sonhos", de que Niut fará várias cópias. Certos paspalhões podem criticar a minha obra literária, mas mesmo assim ela passará à posteridade.

— E a segunda notícia? - perguntou Clara.

— Ah, a segunda! Não é menos importante, tenho que admitir: um decreto oficial acaba de informar-nos do nome do novo Faraó.

Ficaram todos suspensos dos lábios do velho escriba.

— Ramsés, terceiro de seu nome.

Paneb pôs-se imediatamente de pé.

— Ramsés... Ramsés reina de novo!

Um latido estranho alertou a assembléia. De olhar vivo e cauda a abanar a toda a velocidade, Trigueiro estava no limiar.

— Resta-nos resolver um grave problema - constatou o mestre-de-obras.

É evidente que o traidor corria riscos. Mas a vigilância policial estava reduzida ao mínimo, a aldeia entorpecida, e não arranjaría melhor ocasião para se apoderar da Pedra de Luz. A esposa, que estava à espreita diante da pequena porta de oeste, fugiria com ele por um caminho que passava ao lado do Vale das Rainhas.

Chegou à necrópole e esgueirou-se por entre os túmulos até à estreita plataforma onde se erguia a pirâmide que dominava a última morada de Kenhir.

Uma unhada rasgou-lhe a mão.

— Encantador... Vai-te embora daqui, maldito animal!

Bufando, com as costas em crista de dragão, o enorme felino recuou contra-vontade. A fim de evitar uma pancada, saltou para um murinho.

Indiferente ao ferimento, o traidor retirou a pequena pedra cúbica do seu esconderijo. Era pesada, mas teria a força necessária para a levar até à quinta mais próxima, onde alugaria um burro. Envolveu o seu tesouro num pano de linho e desceu para a aldeia, embriagado por uma perversa alegria.

Paneb observara toda a cena.

Então, era ele... Ele, o artesão da equipa da direita que, no local de reunião da confraria, declarara: “Não se pode retirar o veneno do crocodilo, da serpente e do homem mau”; ele que não cessara de empurrar Aperti para o mal; ele, o desenhador que falsificara os documentos para perder o mestre-de-obras e fazer acusar os seus companheiros; ele, que a Mulher Sábida tratara e que os irmãos tinham amado; ele, que matara Néfer o Silencioso, ele, o homem frio de rosto feio, nariz demasiado comprido e com um grande arcaboço um pouco flácido que cometera permanente perjúrio representando uma diabólica comédia.

Ele, Gau o Exacto.

Diante da pequena porta do oeste, não era a esposa que esperava o traidor, mas o mestre-de-obras em pessoa.

— A tua cúmplice foi presa, Gau. - O que trazes aí de tão precioso?

— São... objectos pessoais.

— Não será antes a Pedra de Luz?

— Estás a divagar!

— Porque assassinaste o meu pai espiritual?

Gau esboçou um sorriso desdenhoso.

— Ninguém senão eu era digno de tomar o seu lugar! Portanto, mais valia que desaparecesse... E como tive razão em tomar o general Mehi por aliado! Graças a ele, poderia tornar-me rico e poderoso.

— Cobarde, hipócrita, ávido e criminoso, O monstro que devora os filhos das trevas, ao pé da balança do julgamento, vai regalar-se.

Gau recuou um passo.

— Não te atreverias a matar-me? Maet proíbe-to!

— E tu, como ousas ainda pronunciar o nome da deusa da rectidão?

A fúria do colosso assustou Gau. Ele ia com certeza esmigalhar-lhe o crânio!

Uma única saída: o carreiro que subia em direcção ao cume.

O traidor iniciou a subida do declive, apertando contra si a Pedra de Luz. Quando sentiu uma sensação de queimadura nas mãos, julgou que fosse consequência do arranhão; mas a dor em breve se tornou insuportável e teve de poisar a Pedra no chão. O sofrimento intensificou-se, como se as suas extremidades estivessem metidas no fogo.

De repente, a vista turvou-se-lhe. As rochas em redor dilataram-se até perderem toda a consistência e se diluírem num espesso nevoeiro, apesar do Sol da manhã reinar como senhor absoluto num céu azul.

— O que se passa comigo? - gemeu Gau o Exacto. - Eu... eu estou a ficar cego!

Levando as mãos aos olhos, ele próprio os queimou e soltou um grito de pavor. Esperando escapar ao suplício, trepou o carreiro a correr tão depressa quanto podia.

Diante dele ergueu-se uma cobra real a toda a sua altura.

E o réptil, incarnação da deusa do silêncio, precipitou-se sobre o traidor para lhe cravar os dentes na garganta.

Nakht o Poderoso e Didia o Generoso abriram a porta principal da aldeia para darem passagem a Ramsés, cuja estatura impressionou os aldeões.

Com o torso ligado, Paneb conseguiu no entanto curvar-se diante do senhor da aldeia.

— As vossas prerrogativas são mantidas - declarou o Faraó - e os grandes trabalhos que projeto exigirão a iniciação de jovens artesãos que tiverem ouvido o apelo. Encarrega-te dessa tarefa, mestre-de-obras.

Avançou para Ramsés uma mulher de tal autoridade e nobreza que ele reconheceu de imediato nela a soberana da confraria.

Clara ofereceu ao monarca um ramo de persea retirado de uma grande árvore que fazia sombra ao túmulo de Néfer o Silencioso, sempre presente entre os seus.

Ao contemplar a Mulher Sábia, Ramsés soube que era realmente naquele local único, o Lugar de Verdade, colocado sob a protecção do cume, que continuava a abrir-se um caminho de Luz.

Fim da Série

[1] Esta descrição baseia-se num recente estudo científico dos olhos do célebre escriba do Louvre-. Veio assim provar os notáveis conhecimentos dos oftalmologistas do antigo Egito.

[2] 0,78 m.

[3] Akhmenu de Karnak, cujos vestígios se podem admirar.

[4] Trata-se de um triângulo retângulo, sendo o cateto menos na medida de 3 (cm, m), o outro de 4 (cm, m, etc), e a hipotenusa de 5 (cm, m, etc). (N.T.)

[5] Recentes análises provaram que os egípcios utilizavam o azul de cobalto como pigmento, três mil anos antes da sua descoberta no ocidente.

[6] Antepassado do nosso jogo de xadrez.

[7] Análises recentes provaram que a arte dos perfumistas egípcios atingira um nível excepcional.